

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E TERRITORIALIDADES

OHANA BOY OLIVEIRA

“O QUE O MUNDO SEPARA, O *ESQUENTA!* JUNTA?”: como representações e mediações ambivalentes configuram múltiplos territórios



NITERÓI
2015

OHANA BOY OLIVEIRA

“O QUE O MUNDO SEPARA, O *ESQUENTA!* JUNTA?”: como representações e mediações ambivalentes configuram múltiplos territórios

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Linha de pesquisa: Mediações, saberes locais e práticas sociais.

Orientadora Prof. Dra. Ana Lucia Silva Enne

Niterói

2015

OHANA BOY OLIVEIRA

“O QUE O MUNDO SEPARA, O *ESQUENTA!* JUNTA?”: como representações e mediações ambivalentes configuram múltiplos territórios

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Linha de pesquisa: Mediações, saberes locais e práticas sociais.

Aprovada em 27 de março de 2015

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Ana Lucia Silva Enne (Orientadora)

Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Marildo José Nercolini

Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Maurício de Bragança

Universidade Federal Fluminense

Prof. Dra. Marina Caminha

Escola Superior de Propaganda e Marketing

Prof. Dr. Wilson Couto Borges (suplente)

Fundação Oswaldo Cruz

*Dedico esta dissertação à Marilete Boy Oliveira,
minha maior diva, inspiração da vida e mãe.*

AGRADECIMENTOS

À minha família Marilete Boy, Bárbara Boy e Francisco Oliveira, pelo amor e apoio incondicionais, por acreditar na minha capacidade em todos os momentos;

À amiga de todas as horas, Elaine CSP, pelo incentivo primordial nas leituras e estudo para as diversas fases do processo seletivo e por saber antes de mim que iria alcançar o primeiro lugar no mestrado, me fazendo acreditar ser possível seguir essa jornada;

À querida Erika Neves, pelas incansáveis gravações dos programas em DVD e de todo material referente ao assunto;

Aos amigos, em especial Francisco Quiorato, Selene Ferreira, Bianca Caetano e Juliana Veiga, pelas conversas sobre a vida e pelos momentos de diversão mais que necessários;

Às flores adoradas Júlia Corrêa Pacheco e Joana D’Arc de Nantes pela amizade e incentivo fundamentais;

A melhor orientadora que eu poderia ter, Ana Enne, por todos os ensinamentos para a vida, pela inteligência e pelo afeto que ampliaram significativamente minha visão de mundo;

Aos meus pares acadêmicos Lia Bastos, Lucio Enrico Attia, Paula Nascimento, Kyoma Oliveira e Bruno Pacheco, sempre caminhando juntos e próximos, que mesmo com as pressões desse universo acadêmico e das angústias do pensamento crítico, continuavam acreditando no lema “foco, força e fé que vai dar tudo certo!”;

À banca de qualificação formada pelos professores Marildo Nercolini e Maurício de Bragança, que tanto contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa com considerações importantes;

Aos colegas do PPCULT, pelo convívio em sala de aula e pelo afeto para além da universidade;

Aos professores do corpo docente do PPCULT, que em sala de aula, nos corredores do IACS ou nas reuniões do colegiado proporcionaram muitos momentos de aprendizado;

Ao GRECOS (Grupo de Estudos em Comunicação, Cultura e Sociedade) pelas tardes de leituras e discussões fundamentais para estimular meu senso crítico;

À disciplina Cultura e Práticas Sociais, ministrada pelas musas inspiradoras Adriana Facina e Ana Enne;

À disciplina Espaço, Memória e Identidade, ministrada pelos queridos professores Ana Enne e Marildo Nercolini;

Aos discentes da disciplina Mídia e Representações da Favela, que através da experiência do estágio à docência em parceria excepcional com Mariana Gomes (que também me ensinou muito) me mostraram um outro universo de sala de aula;

Ao coordenador Luiz Augusto Rodrigues e a vice-coordenadora Ana Enne pelo trabalho incansável e árduo durante esses dois primeiros anos de um programa de pós-graduação multidisciplinar e desafiador;

À secretária do PPCULT Márcia Cristina, sempre solícita no atendimento aos discentes;

À PROAES/UFF que proporcionou minha ida a congressos durante minha trajetória no mestrado;

À FAPERJ que me contemplou com dois anos de bolsa de estudo;

Finalmente, por acreditar que não é possível construir algo sozinha, agradeço pela presença de vocês neste momento tão importante para mim e saibam que estão de alguma forma nas próximas páginas e no meu coração.

Isto agora é límpido e claro: nem as coisas futuras existem, nem as coisas passadas, nem dizemos apropriadamente 'existem três tempos: o passado, o presente e o futuro'. (...) Existem, sim, três tempos: o presente das coisas passadas, o presente das coisas presentes, o presente das coisas futuras. (...) [os] três estão de alguma maneira na alma e eu não os vejo em outro lugar: o presente das coisas passadas é a memória, o presente das coisas presentes é o olhar, o presente das coisas futuras é a expectativa. (Confissões XI)

Santo Agostinho

RESUMO

Através de uma abordagem multidisciplinar, buscamos complexificar a compreensão acerca do programa televisivo *Esquenta!*, apresentado por Regina Casé na Rede Globo, criado em parceria com Hermano Vianna e integrante do Núcleo Guel Arraes. Na perspectiva dos estudos culturais, discutimos as ambivalências deste produto midiático e as múltiplas territorialidades que o mesmo representa. Por meio dos eixos de mediação cultural, representação e conflito, que estão imbricados, procuramos analisar com olhar crítico os processos de configuração, prefiguração e refiguração da narrativa proposta pelo programa, utilizando para isso a metodologia da tríplice mimese de Paul Ricoeur. Dessa forma, relacionamos o objeto às discussões sobre memória, identidade e projeto, via Gilberto Velho, buscando compreender os processos de produção de consensos e conflitos entre produtores e receptores do programa.

Palavras-chave: *Esquenta!*, ambivalência, territorialidades, mediação, representação

ABSTRACT

Through a multidisciplinary approach, we pursue a complex comprehension about the television program *Esquentá!*, performed by Regina Casé at Rede Globo, created in association with Hermano Vianna and integrant of “Núcleo Guel Arraes”. In a cultural studies perspective, we debate about the ambivalences of this media spectacle and his multiple territorialities. By means of cultural mediation, representation and conflict that are interconnected, we search for a critical eye about the processes of configuration, prefiguration and reconfiguration of the narrative proposed by the TV show, using for that a methodology of triple mimesis from Paul Ricoeur. In this way, we related this object to the discussions about memory, identity e project, by Gilberto Velho, trying to understand the processes of production of consensus and conflicts between producers and receptors of the program.

Keywords: *Esquentá!*, ambivalence, territorialities, mediation, representation

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – “Tudo junto e misturado”: a configuração da narrativa ou “o presente das coisas presentes”	23
1.1 <i>O programa domingo Esquenta!</i>	25
1.2 Para além da <i>Regina de janeiro, fevereiro e março</i>	44
1.3 <i>Todo Brasil cabe na festa do Esquenta!</i>	52
CAPÍTULO 2 – Processos de construção do “Tudo junto e misturado”: as prefigurações da narrativa ou “o presente das coisas passadas”	59
2.1 Conjuntura sociocultural da contemporaneidade	60
2.2 Mediações e trajetórias “legais”	70
2.3 Matrizes culturais carnavalizadas	91
CAPÍTULO 3 – “Tudo junto e misturado?”: refigurações ambivalentes ou “o presente das coisas futuras”	99
3.1 Os efeitos pretendidos e as formas de apropriação	100
3.1.1 Reterritorialização: ressignificando espaços estigmatizados	100
3.1.2 “À procura da harmonia perfeita”	102
3.1.3 O mundo separa e o <i>Esquenta!</i> media	103
3.2 Os conflitos e as múltiplas leituras	109
3.2.1 “Me ver pobre, preso ou morto, já é cultural”	110
3.2.2 “Quantos DGs tem que morrer pro nosso povo ser feliz?”	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	144
ANEXOS	154

Introdução

“Sou consciente do rumo pouco acadêmico que toma esta introdução, mas é precisamente contra esse tom que escrevo, ou melhor, contra ele que se rebela, cada dia mais certamente, a minha escrita”
Jesús Martín-Barbero

Essa pesquisa, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense, tem por objeto o programa televisivo *Esquenta!*, apresentado por Regina Casé, exibido aos domingos na Rede Globo, criado pela mesma em parceria com Hermano Vianna e integrante do núcleo Guel Arraes. No ano de 2014, o programa estava em sua quarta temporada, tendo estreado em 2011, sempre no formato de programa de auditório.

Desde seu início, a audiência e a repercussão da atração têm aumentado significativamente, e entendemos que isso está relacionado a uma mudança na proposta inicial de ser apenas um programa especial de verão para se tornar fixo na grade de programação da emissora. A estratégia adotada tem sido eficaz, considerando que o programa está no ar há quatro anos e, mesmo com algumas alterações de horário de exibição, se mantém como sucesso de audiência, alcançando cada vez mais repercussão na internet (redes sociais, sites, blogs), com críticas e opiniões diversas que pretendemos explorar ao longo da dissertação.

Além do amplo alcance proporcionado pela veiculação na televisão e também pelo horário no qual é exibido, este produto midiático suscita questões importantes a serem problematizadas, tais como as discussões acerca das representações, mediações e conflitos entre a cultura popular e massiva e suas imbricações, por exemplo. Acreditamos que o programa permite discorrer sobre processos culturais que são pertinentes aos estudos das mediações, dos saberes locais e das práticas sociais na contemporaneidade.

Tomando como referência o trabalho de Douglas Kellner, um dos objetivos desta dissertação é manter aberto, flexível e crítico o projeto dos estudos culturais, que, como um campo relativamente novo, está em constante processo de construção, desconstrução e reconstrução. Dessa forma, é preciso ler a cultura da mídia politicamente, buscando entender as relações de saber e poder, constitutivas do contexto sociopolítico e econômico. “Ler politicamente a cultura também significa ver como as produções culturais da mídia reproduzem as lutas sociais existentes em suas imagens, seus espetáculos e sua narrativa” (KELLNER, 2001, p. 76).

Levando em consideração a noção de estudo cultural diagnóstico e contextual que Kellner apresenta no livro *A cultura da mídia*, concordamos que “as produções culturais da

mídia devem ser lidas em contextos sociais específicos para que se decifrem seus significados e mensagens e se avaliem seus efeitos” (*ibidem*, p. 122). Mesmo não dando ênfase à questão da recepção do público, pois a mesma não é o foco desta pesquisa, é importante ressaltar que:

Ao avaliarmos os efeitos da cultura da mídia, devemos evitar o extremo de romantizar o público ou de reduzi-lo a uma massa homogênea incapaz de pensar ou agir criticamente. Precisamos compreender uma contradição: a mídia de fato manipula, mas também é manipulada e usada. (*ibidem*, p. 142)

Através da abordagem multidisciplinar e do pensamento crítico ampliado proporcionados por meio da expansão da visão acerca de objetos de pesquisa relacionados aos estudos culturais, afirmamos que a atração é relevante porque influencia simbolicamente a produção de subjetividade, memória e identidade dos sujeitos da sociedade brasileira, tanto no âmbito individual quanto coletivo. Concordamos com Jesús Martín-Barbero quando afirma que olhar a televisão implica propor uma análise sobre “as *mediações* nas quais se materializam as constrições que vêm da lógica econômica e industrial, como articuladoras não só de interesses mercantis mas também de demandas sociais e de diferentes modos de ver” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 173-174).

Partimos do princípio que o programa analisado é polissêmico, por isso buscamos apresentar seus múltiplos ângulos, os quais nos possibilitam análises ricas sobre as questões acerca da cultura popular representada na televisão, no diálogo com a cultura da mídia. Conforme a leitura de Douglas Kellner, “a forma, a narrativa e as imagens constituem um texto polissêmico, com múltiplos significados possíveis, que exige leituras polivalentes capazes de penetrar nas suas várias camadas”. Seguimos essa abordagem crítica apontada pelo autor, pois, “segundo nossa hermenêutica política, o programa deve ser lido como um contexto social a nos dizer algumas coisas sobre a sociedade contemporânea” (KELLNER, 2001, p. 307).

Antes de partirmos para as análises nos capítulos que se seguem, optamos por fazer, nesta introdução, uma breve apresentação acerca do nosso objeto. O *Esquenta!* é um programa de televisão dominical exibido na Rede Globo de Televisão e apresentado por Regina Casé¹. Seu formato é de auditório, com a presença de plateia, e se caracteriza por apresentações artístico-musicais, entrevistas com convidados com os mais variados temas, em

¹ “Em 2011, Regina Casé estreou seu programa de auditório *Esquenta!*, exibido aos domingos na Globo. Com um formato novo e atrações musicais, o programa combina outras experiências da apresentadora na televisão, trazendo convidados de diversos lugares com diferentes costumes, histórias do público com peculiaridades do cotidiano de pessoas comuns e quadros de humor”. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/regina-case/trajetoria.htm> Acesso em 27 de janeiro de 2015.

geral relacionados à ideia principal da “festa”² e do “samba”, representados no palco do estúdio.

A atração possui um roteiro previamente elaborado que acaba sofrendo alterações durante as gravações, devido aos improvisos da apresentadora e dos convidados. A maioria das exibições ao longo das temporadas foi gravada anteriormente, o que torna a edição do programa também específica, por conta dos longos períodos no estúdio (cerca de 6 horas) que precisam ser reduzidos para o tempo de uma hora e meia, em média, para veiculação no horário de almoço dominical.

Inicialmente as ideias de “festa”, “carnaval”, “verão” e “samba” foram agregando novos elementos, e o programa se tornou temático a cada domingo, com a caracterização do cenário e do figurino condizente com o tema abordado. O elenco é formado por crianças e jovens que atuam como assistentes de palco também, comentaristas e colaboradores que interagem com os convidados e a roda de samba composta por artistas renomados na área musical. Podemos ter um panorama geral com a descrição da primeira temporada em 2011 no site Memória Globo³, que disponibiliza as informações das atrações da emissora:

Programa de auditório e variedades que teve sua primeira temporada durante o verão de 2011. A espontaneidade, marca da apresentadora Regina Casé, também esteve presente no *Esquenta!*. Como não havia uma preocupação com a ordem da exibição dos quadros, o tempo de cada momento do programa corria conforme o rendimento deste. Com isso, surgiam circunstâncias engraçadas ou até concursos envolvendo a plateia. Em um dos primeiros domingos, Regina Casé contou suas inspirações: “Imitamos o programa Samba de Primeira (CNT), Almoço com as Estrelas (TV Tupi) e o programa do Chacrinha (TV Globo)”.

O samba era a trilha sonora oficial da atração. A cada domingo, uma escola de samba do Rio de Janeiro era convidada e levava sua bateria, sua velha guarda, sua rainha de bateria e suas passistas para o programa. Além disso, passaram pela roda de samba do *Esquenta!* Alcione, Jorge Aragão, Belo, Dona Ivone Lara, Dudu Nobre, Diogo Nogueira, entre outros. Mas o programa era eclético e também foi palco para apresentações de Caetano Veloso e Maria Gadú, Erasmo Carlos, Fernanda Abreu, Maria Betânia, Marcelo D2, Gilberto Gil, Pixote, Mart’nália e grupo Molejo.

A cada domingo um convidado fazia um prato na cozinha montada em um dos níveis do palco. O chef Anderson Lao ajudava na preparação. No programa do dia 23/01/2011, o chef Lucas, que tem um restaurante na Feira de São Cristóvão, Rio de Janeiro, fez um Baião de Dois que foi servido aos músicos. Alguns outros “chefs” que passaram pela cozinha do *Esquenta!* foram a mãe de Leandro Sapucahy, Dona Jacy, que cozinhou um estrogonofe a pedido do filho, Márcia Black fez um cozido e Virgínia Casé, irmã da apresentadora, preparou um picadinho de filé mignon e ainda deu a receita.

Seguindo a linha de seus programas anteriores, Regina Casé trazia, a cada domingo, personagens populares inusitados. No dia 13/02/2011, ela conversou com Julio Moda, que é caça-talents de modelos e produtor de moda no Jacarezinho, comunidade do Rio de Janeiro. Julio, que também trabalha como zelador em

² O próprio título do programa é um termo que significa aquecimento e preparação para festas, bastante utilizada informalmente pelos jovens do Rio de Janeiro.

³ Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditório-e-variedades/esquenta-/formato.htm> Acesso em 27 de janeiro de 2015.

Copacabana, promoveu um desfile com modelos da sua comunidade no palco do *Esquenta!*. A atração mostrava também grupos divertidos, como cosplayers, e folclóricos, como a Folia de Reis de Valença, no Rio de Janeiro, e o Boi do Oriente, do Maranhão. Enquanto não eram chamados ao palco, todos esses personagens ficavam lado a lado na plateia.

Durante as entrevistas, a apresentadora lembrava, através de um telão, programas que já tinha feito na emissora, como *TV Pirata*, *Programa Legal* e *Brasil Legal*.

O humor também marcou presença. Fábio Porchat, Maria Clara Gueiros, Nelson Freitas, Leandro Hassum, Marcius Melhem, Katiuscia Canoro entre outros apresentaram esquetes no *Esquenta!*. (grifos nossos, destacando elementos que pretendemos desenvolver mais detalhadamente nos capítulos desta dissertação.)

Quando nos debruçamos sobre o programa, é possível perceber que múltiplas representações estão em jogo. Em geral, o que avistamos de forma mais evidente na tela é a representação de uma grande festa⁴, “com muita música – com foco especial ao samba -, dança e diversão para a família toda”⁵. A partir desta representação principal, podemos perceber outras (como as de “negros”, “pobres”, “suburbanos”, “favelados” etc.), construídas por meio de narrativas audiovisuais que foram sendo geradas no decorrer das trajetórias profissionais e pessoais dos envolvidos, que serão analisadas no segundo capítulo desta pesquisa. Partimos da hipótese de que tanto as trajetórias quanto a configuração do programa apontam para um interesse individual e coletivo dos sujeitos em questão, que associamos à ideia de projeto (seguindo o conceito do antropólogo Gilberto Velho), a ser detalhada no terceiro capítulo desta dissertação.

Ao mesmo tempo em que celebra as diferenças como valor positivo, o programa também oferece a possibilidade de interpretações conflituosas, sendo passível de inúmeras críticas ao chegar no mundo do leitor e ser percebido de diversas formas. Acerca desta questão, percebemos opiniões e posicionamentos plurais, que criticam, por exemplo, o enaltecimento de uma ideia de cultura popular em que essa é relacionada ao universos do samba e do funk; a representação de forma estereotipada dos negros do elenco e dos convidados; e o caso mais sintomático, ao qual o programa dedicou uma edição especial, que foi a homenagem ao dançarino Douglas Rafael da Silva Pereira, o DG, a ser discutido no terceiro capítulo. Discutiremos tais problemáticas entendendo que “também se deve prestar atenção ao que fica fora dos textos ideológicos, pois frequentemente são as exclusões e os silêncios que revelam o projeto ideológico do texto” (KELLNER, 2001, p. 149).

Portanto, entendemos que estamos frente a um programa polifônico e polissêmico, envolto em disputas por representações e significados, constituindo um rico objeto de análise.

⁴ Esse termo é frequentemente utilizado para fazer referência ao programa e será explicado posteriormente; Hermano Vianna o utiliza em seus textos e Regina Casé em suas entrevistas e falas durante o *Esquenta!*, enaltecendo o caráter festivo da atração, que será analisado no segundo capítulo da dissertação.

⁵ Essa definição-resumo foi criada a partir dos discursos proferidos pela apresentadora durante o programa e pelas descrições do mesmo no site oficial. Esses elementos serão desenvolvidos ao longo da dissertação.

Cabe discutir como essas representações culturais veiculadas na atração dominical estão ligadas às relações de saber e poder, estabelecidas ao longo dos anos através das narrativas audiovisuais construídas em torno das figuras de Regina Casé, Hermano Vianna e Guel Arraes, principais responsáveis pelo programa, além do próprio desenvolvimento das temporadas do *Esquenta!*.

Pois, se gostamos ou desgostamos da televisão, sabemos que é, hoje, ao mesmo tempo o mais sofisticado dispositivo de moldagem e deformação da cotidianidade e dos gostos dos setores populares, e uma das mediações históricas mais expressivas de matrizes narrativas, gestuais e cenográficas do mundo da cultura popular, entendendo por isto não as tradições específicas de um povo, mas o caráter híbrido de certas formas de enunciação, certos saberes narrativos, certos gêneros novelescos e dramáticos das culturas de Ocidente e das mestiças culturas de nossos países. (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 27)

Tais discussões serão perpassadas pelos conflitos constitutivos dos processos culturais, levando em consideração a mediação cultural como forma de negociar essas complexidades. Conforme Marina Caminha afirma, “entendemos que as mediações da televisão, questão que nos interessa, não se constituem a partir de um lugar vazio, mas de uma permanente releitura de um mundo cultural preexistente, capaz de produzir novas significações” (CAMINHA, 2007, p. 12).⁶

O programa, que poderia ter se chamado *Pagode da Casé* ou *Regina de janeiro, fevereiro e março*, por conta do mote inicial da atração, se transformou no *Esquenta!* em 2011, tendo sofrido várias alterações ao longo de seu período de exibição (e provavelmente continuará se modificando enquanto permanecer no ar). A preocupação central desta pesquisa é complexificar a análise sobre o programa, abordando seus problemas e limitações, mas também reconhecendo sua importância sem reduzir a discussão a diagnósticos simplificados e maniqueístas. Sendo assim, partimos desse princípio para entender que nada no âmbito cultural deve parecer dado; pois está em constante construção, desconstrução e reconstrução.

Afirmamos que a cultura da mídia é um terreno de disputa no qual grupos sociais importantes e ideologias políticas rivais lutam pelo domínio, e que os indivíduos vivenciam essas lutas por meio de imagens, discursos, mitos e espetáculos veiculados pela mídia. (KELLNER, 2001, p. 10-11)

Tais noções são aplicadas ao *Esquenta!* e suas diversas ambiguidades, que precisam ser constantemente discutidas e problematizadas, já que ele ocupa um lugar simbólico relacionado a uma significativa demanda por visibilidade e representação. É preciso intensa

⁶ Na dissertação de mestrado intitulada *Retrato Falado: uma fábula cômica do cotidiano*, a pesquisadora analisa o processo narrativo do quadro Retrato Falado. Exibido no *Fantástico* (Rede Globo de Televisão) e estrelado pela atriz Denise Fraga, o quadro é integrante do Núcleo Guel Arraes.

reflexão para fugir das visões reducionistas e se aproximar da complexidade deste objeto, levando em consideração a sociedade e a cultura como terrenos de disputa, como afirma Douglas Kellner.

Partimos do pressuposto de que sociedade e cultura são terrenos de disputa e de que as produções culturais nascem e produzem efeitos em determinados contextos. Estamos convencidos de que a análise da cultura da mídia em sua matriz de produção e recepção ajuda a elucidar suas produções e seus possíveis efeitos e usos, bem como os contornos e as tendências dentro do contexto sociopolítico mais amplo. Visto que as formas de cultura produzidas por grupos gigantescos de comunicação e entretenimento constituem um aspecto imediato e onipresente da vida contemporânea, e como a cultura da mídia é constituída por uma dinâmica social e política mais ampla – ao mesmo tempo que a constitui –, consideramos que uma excelente óptica consiste em elucidar a natureza da sociedade, da política e da vida cotidiana de nossa época. (*ibidem*, p. 13-14)

Diante das discussões apontadas, pretendemos desenvolver a pesquisa nos capítulos seguintes tendo em vista a complexidade permanente do objeto escolhido. Entendendo o papel desta pesquisa sobre o *Esquenta!*, programa que consideramos polêmico e ambivalente, e a importância da disputa por representação que o mesmo suscita, destacamos as palavras de Néstor García Canclini sobre os estudos culturais:

Na medida em que o especialista em estudos culturais queira realizar um trabalho cientificamente consistente, seu objetivo final não é representar a voz dos silenciados, mas entender e nomear os lugares em que suas questões ou sua vida cotidiana entram em conflito com os outros. As categorias de contradição e conflito estão, portanto, no núcleo desta maneira de conceber os estudos culturais. Porém, não para ver o mundo a partir de um só lugar da contradição, mas para compreender sua estrutura atual e sua possível dinâmica. As utopias de mudança e justiça, neste sentido, podem articular-se com o projeto dos estudos culturais, não como prescrição do modo como devem selecionar-se e organizar-se os dados, mas como estímulo para indagar sob que condições (reais) o real pode deixar de ser a repetição da desigualdade e da discriminação, para converter-se em palco de reconhecimento dos outros (CANCLINI, 2006, p. 24).

Pensando em uma perspectiva multidisciplinar, seguindo as linhas dos estudos culturais e dialogando com a proposta de pensar a territorialidade, que é fundamento central do programa de pesquisa ao qual estamos vinculadas, continuamos nossa análise entendendo território como “lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência” (SANTOS, 2011, p. 13).

Assim, embora o *Esquenta!* seja um programa de televisão e não um “lugar físico”, é possível pensá-lo, simbolicamente, como um território. E, além disso, é preciso ressaltar as inúmeras referências feitas, tanto na narrativa audiovisual do programa quanto nos discursos de seus múltiplos atores, a territórios específicos, tais como favelas, comunidades, periferias e subúrbios do Brasil.

Para essa reflexão, utilizaremos as definições do livro *Do quilombo à favela: a produção do “espaço criminalizado” no Rio de Janeiro*, de Andreino Campos⁷, que apresenta a territorialidade como qualidade subjetiva de um grupo social ou do indivíduo que lhe permite, com base em imagens, representações e projetos, tomar consciência de seu espaço de vida. Segundo suas referências, a territorialidade adquire um sentido mais amplo, revestido de uma ação política do indivíduo, exemplificada pela diferença entre “nós”, membros de determinado grupo, e os “outros” que não pertençam ao nosso grupo.

Dessa maneira, o autor destaca que “a temática da territorialidade, mais abrangente e crítica, pressupõe não propriamente um descolamento entre as dimensões política e cultural da sociedade, mas uma flexibilização da visão do que seja território. Aqui, o território será um campo de força, uma teia ou rede de relações que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre 'nós' (o grupo, os membros da coletividade ou 'comunidade', os *insiders*) e os 'outros' (os de fora, os estranhos, os *outsiders*)” (id., *ibid.*, p.86 apud CAMPOS, 2010, p. 36-37).

Essa questão do território aparece de forma mais enfática nas últimas temporadas da atração, pois podemos perceber um distanciamento do que seria um programa de samba carioca no carnaval (2011) para uma atração que valoriza as culturas das periferias e favelas do Brasil e do mundo (2014). Dessa forma, as ideias iniciais de “celebração”, “alegria” e “festa”, associadas ao “carnaval”, foram paulatinamente equilibradas com a ideia de “encontro”, “mistura” e “construção de pontes”⁸, que fazem parte do discurso acerca da diversidade e da diferença proferido pela apresentadora, destacando cada vez mais a noção de territorialidade das favelas, periferias e comunidades.

Diante do exposto, organizamos a discussão acerca da pesquisa que realizamos a partir de quatro eixos básicos em torno da questão da territorialização, visando construir uma possível cartografia do *Esquentar!*, de forma a pensá-lo como um espaço múltiplo de significações.⁹ O primeiro eixo diz respeito ao programa enquanto território de conflitos e mediações, cujas representações muitas vezes se revelam ambíguas, deslizando para os estereótipos. Essa característica acaba sobressaindo quando percebemos em diversos episódios em que, pelo viés da festa, do humor e do riso, os sujeitos representados, que em um primeiro momento parecem estar ali para romper com os paradigmas estigmatizantes (por diversos motivos, geralmente associados a algo inusitado, que não se espera do participante), acabam sendo ridicularizados.

⁷ Neste livro, o autor utiliza para suas definições as ideias de SOUZA, Marcelo Lopes e CARA, R. B.

⁸ Uma das expressões utilizadas pela apresentadora que faz referência à mediação, temática do segundo capítulo desta dissertação.

⁹ Agradecemos a Maurício de Bragança por essa sugestão metodológica de construção de uma cartografia em torno desses eixos, em nosso exame de qualificação.

O segundo eixo refere-se à reterritorialização de espaços estigmatizados (ruas, periferias, favelas e comunidades), apresentando uma nova abordagem em relação aos mesmos, mostrando como as pessoas que vivem nesses lugares são “legais”¹⁰. Essa percepção pode ser vista desde a escolha de determinados temas, que remetem à rua, tais como praia, feira, cidades, lugares específicos (Bahia, Marrocos, Havaí, por exemplo), programas de lazer associados ao dia de domingo (pipa); até mesmo nos momentos de entrevista com os convidados, no qual a apresentadora pergunta o lugar de origem dos mesmos, enaltecendo os subúrbios, periferias, comunidades, favelas etc. A referência positiva a tais territórios também se dá no momento de interação com a plateia, quando há alguma caravana de bairros estigmatizados geralmente associados a notícias negativas (com reportagens de crimes e tragédias divulgados nos telejornais da própria emissora).

O terceiro eixo relaciona-se à questão marcante do território na trajetória da Regina Casé, enquanto “antropóloga midiática” e “cartógrafa da alteridade”, termos que pretendemos explorar em nossa dissertação, realizando um mapeamento do outro e explorando sua riqueza cultural, apesar das adversidades e desigualdades (que, muitas vezes, não são tratadas de forma problematizadora).¹¹ Esse caráter de deslocamento, que podemos associar aos estudos antropológicos, é reforçado nesse eixo pela construção da apresentadora como sendo uma pesquisadora que vai a trabalho de campo, “descobre” novidades e apresenta o resultado para o público através dos programas na televisão.¹² Nesse sentido, é preciso destacar a relevância do antropólogo Hermano Vianna, parceiro de Regina Casé em diversas de suas produções, como criador e pesquisador de conteúdo para as mesmas.

O quarto eixo enfoca o programa como uma espécie de território dentro da grade de programação da Rede Globo, pois o *Esquenta!* foi se tornando um dos programas mais populares da emissora¹³ durante o processo de ascensão socioeconômica recente da denominada classe C brasileira, representando uma tentativa de aproximação junto a este determinado segmento de público. É possível observar que, nos últimos dez anos, houve um

¹⁰ A utilização desta palavra é recorrente no discurso de Regina Casé no *Esquenta!*, e já aparecia nos títulos dos programas presentes na trajetória profissional, tais como *Programa Legal* e *Brasil Legal*.

¹¹ Podemos fazer um paralelo dessa característica com a proposta desenvolvida no programa *Um pé de quê?*¹¹, também sob o comando de Regina Casé no canal de televisão Futura, no qual a apresentadora atua como um tipo de expedicionária, buscando coisas novas, desvendando lugares “marginais”, dando visibilidade a árvores e plantas muitas vezes desconhecidas, mas que, através do relato de sua história e origem, têm sua importância “revelada”.

¹² Neste sentido, é preciso levar em conta produções anteriores de Regina Casé, como os programas *Brasil Legal* e *Central da Periferia*, sobre os quais falaremos com mais detalhes no capítulo 2.

¹³ A repercussão positiva do programa acabou prolongando as temporadas, até se tornar fixo na grade de programação da emissora, inclusive sendo exibido ao vivo, como os outros programas de auditório veiculados pela mesma.

aumento significativo nas representações acerca desse segmento, que alguns denominam “nova classe média”, como, por exemplo, nas novelas *Avenida Brasil*, *Cheias de Charme*, *Salve Jorge* e *Geração Brasil*; as séries *A diarista*, *Subúrbia*, *Pé na Cova* e *Vai que cola*, esta última exibida no canal pago Multishow.

Este último eixo temático dialoga com o segundo já apresentado, pois aponta para uma alteração de paradigma em relação à representação de determinados territórios estigmatizados, sejam favelas, comunidades, periferias, dentre outros. Para além desse aumento significativo de representações televisivas, é preciso destacar a mudança de vinculação de tais lugares necessariamente à violência e à desigualdade social, agora sendo ampliada para espaços com sujeitos criativos com suas “gambiarras” (gíria que indica o caráter “criativo” da cultura popular), sua alegria pelas festas e sua felicidade alcançada via coisas simples da vida, ideias geralmente divulgadas no desfecho destas narrativas.

Os quatro eixos acima explicitados serão desenvolvidos a partir da análise dos episódios assistidos do *Esquenta!*¹⁴ e as conexões feitas com as referências teóricas escolhidas. Sendo assim, como metodologia para entender a dinâmica que envolve o *Esquenta!*, iremos utilizar a teoria da narrativa¹⁵ (tríplice mimese) de Paul Ricoeur. Seguimos, pois, o destino de um tempo prefigurado em um tempo refigurado, pela mediação de um tempo configurado, como aponta Ricoeur (1994, p. 87).

Esta teoria servirá de base para a construção da estrutura de nossa dissertação, seguindo a orientação de que partindo de um mundo prefigurado, a mimese I representa mais concretamente as dimensões éticas, o mundo social em sua complexidade; a mimese II é o ato de configuração, mas também a mediação entre mimese I e mimese III, que corresponde à refiguração, momento que marca a presença ativa do leitor.¹⁶

Entendendo o *Esquenta!* como uma narrativa e utilizando Paul Ricoeur como inspiração metodológica para a estrutura dos capítulos seguiremos os seguintes questionamentos: como a mediação se dá na configuração narrativa? Que elementos de prefiguração serão destacados como fundamentais? Que possíveis refigurações vamos analisar?

¹⁴ A análise foi feita com base nos episódios veiculados entre 28 de julho de 2013 até dezembro de 2014, principalmente. Comparativamente, a primeira temporada do programa em 2011 foi analisada na monografia apresentada no mesmo ano, que também serve de referência para a pesquisa.

¹⁵ In: *Tempo e narrativa* (tomo 1). Campinas, SP: Papyrus, 1994.

¹⁶ “A tríplice mimese de Paul Ricoeur como fundamento para o processo de mediação jornalística”, por Carlos Alberto de Carvalho Disponível em: http://compos.com.puc-rio.br/media/gt9_carlos_%20alberto_carvalho.pdf Acesso em 04 de julho de 2014.

Iremos trabalhar com as três mimeses no decorrer dos capítulos, mas começaremos, em nosso primeiro capítulo, com a mimese II, ou seja, apresentando a configuração narrativa do programa *Esquenta!*, por entendermos que ela ocupa um lugar central na tríplice mimese e também na nossa dissertação. A partir desse capítulo, pensado como mediação, vamos apresentar, nos capítulos subsequentes, as outras duas mimeses, com os elementos de prefiguração e refiguração.

Intitulando todos os capítulos está presente um dos principais lemas do programa, o “Tudo junto e misturado”, que resume de forma sucinta uma das propostas da atração. Partimos da configuração, tal qual ela se apresenta no primeiro capítulo, “Tudo junto e misturado”, para depois demonstrarmos os processos de construção que proporcionaram esse resultado ao longo do segundo capítulo, questionando no terceiro capítulo até que ponto ele se efetiva.

Assim, no primeiro capítulo, intitulado “*Tudo junto e misturado*”: *a configuração da narrativa ou “o presente das coisas presentes”*, abordaremos a mimese II, que representa o momento de configuração do programa. Neste capítulo, abordaremos como o mesmo é realizado, através de sua descrição detalhada, analisando, dentre outras, primordialmente as seguintes questões: as diferenças percebidas entre as temporadas (desde 2011, quando era um programa especial da grade de exibição, até se tornar fixo na programação da emissora), a performance da apresentadora construída ao longo dos anos e a reterritorialização de lugares estigmatizados através da trajetória de Regina Casé, explicitada no terceiro eixo de análise da questão da territorialidade desenvolvida anteriormente.

Da mesma forma que na teoria da tríplice mimese, mostraremos o entrelaçamento da mimese I e da mimese II nesta configuração, destacando o quanto matrizes culturais fortemente enraizadas são reatualizadas no programa, dentro de um formato de cultura de massa. Dessa forma, os capítulos não serão apresentados de forma estanque, mas simbolicamente como a espiral proposta por Ricoeur, com elementos reaparecendo e sendo tecidos textualmente no entre capítulos.

No capítulo 2, intitulado *Processos de construção do “Tudo junto e misturado”*: *as prefigurações da narrativa ou “o presente das coisas passadas”*, derivado da ideia de mimese I, enfocaremos as prefigurações que irão sustentar a configuração do programa *Esquenta!* (ou os discursos que antecedem, segundo o conceito de dialogismo do teórico Mikhail Bakhtin). Assim, partiremos da análise das trajetórias, pelo viés da mediação, dos atores envolvidos – formação, redes de relações pessoais, familiares e profissionais de Regina Casé, Hermano Vianna e Guel Arraes, bem como suas atuações, buscando compreender que

interseções podemos encontrar entre essas trajetórias e a produção do programa estudado.

Da mesma forma, apresentaremos, inicialmente, além do objeto de pesquisa, outros programas desenvolvidos pelos três nomes enfocados e o contexto globalizado e multicultural da contemporaneidade que serve de referência a algumas das questões evidenciadas no *Esquenta!*. Além disso, destacaremos a importância do formato de auditório, a referência permanente ao carnaval, às festas populares e à cultura popular de uma maneira geral, atreladas à ideia de diversidade cultural.

No capítulo 3, intitulado “*Tudo junto e misturado?*”: *refigurações ambivalentes ou “o presente das coisas futuras”*”, tomando por referência a mimese III, tentaremos responder por que o programa se configurou dessa forma e para quem foi destinado, enfocando a noção de projeto, que detalharemos na dissertação, pensado a partir da relação entre as três mimeses, destacando a importância das matrizes e prefigurações na configuração e reconfiguração das narrativas.

A partir da ideia de projeto, presente nesta terceira parte, iremos discutir como alguns temas são significativos na configuração do programa, como a luta pela promoção da diversidade e a tentativa de diminuição dos estigmas, tanto quanto a promoção de uma ideia festiva de “convivência harmônica de classes” difundida pela atração, analisando como as representações culturais e os discursos que constroem a narrativa do programa fazem parte de um jogo complexo de negociações dos envolvidos na atração, sejam eles a equipe, os diretores, os redatores, a apresentadora, os convidados, o público; ou as diretrizes e os posicionamentos da emissora no qual ele está inserido. Em relação à territorialidade, abordaremos o quarto eixo citado acima sobre a relação do programa enquanto território específico dentro da programação recente da Rede Globo.

Portanto, a dissertação está dividida em três capítulos, a partir da metodologia acima explicitada. Resumindo, pela ordem de apresentação, o capítulo 1 tratará da segunda mimese, mostrando como se configuram as representações construídas ao longo das temporadas do programa, em sua relação com as prefigurações e já buscando compreender suas dimensões projetivas.

O capítulo 2 tratará da primeira mimese, pelo viés da mediação como fator fundamental nas trajetórias de Regina Casé, Hermano Vianna e Guel Arraes, remetendo ao passado profissional dos mesmos, através de suas narrativas audiovisuais ou escritas, e apontará para algumas das matrizes que servirão de base na configuração da narrativa do programa, além de abordar o primeiro e o segundo eixos de análise relacionadas às territorialidades.

O capítulo 3 analisará a complexa rede de negociações, disputas, escolhas e silenciamentos que envolve o programa, baseada na ideia de projeto como “conduta organizada para atingir finalidades específicas”¹⁷, destacando o jogo permanente entre presença e ausência das representações (discutida no primeiro capítulo) e investigando como se dão os conflitos nessas relações. Como indicamos, esta estrutura almejará, como proposto por Ricoeur, uma tessitura entre as mimeses, evitando uma visão estanque sobre cada uma das etapas propostas pelo autor.

Para balizar as questões teóricas e servir de suporte acadêmico, utilizamos variadas obras que dialogam com os estudos culturais, direta ou indiretamente, tais como as reflexões de Stuart Hall, Jesús Martín-Barbero, Néstor García Canclini, Mikhail Bakhtin, Douglas Kellner, Gilberto Velho, Paul Ricoeur, entre outros, cujos trabalhos atravessam e sustentam diversas das discussões que travamos nessa dissertação.

Seguimos entendendo que a cultura veiculada pela mídia não pode ser simplesmente rejeitada como um instrumento banal da ideologia dominante, mas deve ser interpretada e contextualizada de modos diferentes dentro da matriz dos discursos e das forças sociais concorrentes que a constituem (KELLNER, 2001, p. 27). Os textos da cultura da mídia são complexos e exigem leituras polivalentes. No entanto, não são tão polissêmicos que possam significar qualquer coisa, e o público é levado a aceitar certas posições por meio da mobilização de todo o aparato televisivo. (*ibidem*, p. 150)

Dessa forma, os discursos analisados funcionam como fio condutor de ideais e construção de imaginários, pois eles ajudam a exemplificar melhor os sujeitos que falam, de onde falam e para quem falam. Em *A ordem do discurso*, Michel Foucault afirma que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 1996, p. 10). Podemos afirmar então que esses discursos são construções, semelhante à ideia de narrativa, pois através da invenção e da ficção, constroem histórias e representações significativas, autorizando ou não os sujeitos narradores e seus lugares de fala, contribuindo para produção de subjetividade.

A partir desta introdução, começaremos então, em nosso próximo capítulo, pela configuração do programa, para analisar “por que a bateria arreventa e todo mundo comenta que o programa domingo *Esquenta!*”¹⁸.

17 Gilberto Velho, no livro *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*, utiliza a noção de projeto desenvolvida pelo sociólogo austríaco Alfred Schutz. VER VELHO (1994).

18 Referência aos versos da música de abertura do programa.

Capítulo 1 – “Tudo junto e misturado”: a configuração da narrativa ou “o presente das coisas presentes”

Levando em consideração a teoria da narrativa ilustrada pela tríplice mimese de Paul Ricoeur (explicitada na Introdução), apresentamos o momento da configuração, representada pela mimese II, quando se opera a mediação entre as prefigurações (mimese I) e as refigurações (mimese III). Com a mimese II abre-se o reino do *como-se*. (RICOEUR, 1994, p. 101). Segundo o autor, a tessitura da intriga, representada pela narrativa, se constitui por movimentos de tensão e distensão entre o que precede e o que sucede a configuração.

Colocando *mimese* II entre um estágio anterior e um estágio ulterior da mimese, não busco apenas localizá-la e enquadrá-la. Quero compreender melhor sua função de mediação entre o montante e a jusante da configuração. *Mimese* II só tem uma posição intermediária porque tem uma função de mediação. (*ibidem*, p. 102)

Entendendo que essas categorias de mimese não são estanques e se embaralham, seguimos a estrutura da dissertação não pela ordem cronológica da narrativa, mas pelo momento da configuração, que se dá no tempo presente¹⁹. Dessa forma, o capítulo 1 (configuração/mimese II) faz a mediação entre os capítulos 2 (prefiguração/mimese I) e 3 (refiguração/mimese III).

Para entender melhor a dinâmica da narrativa proposta nesta pesquisa, adotamos como análoga à teoria da tríplice mimese a relação que Gilberto Velho estabelece entre memória, identidade e projeto²⁰, no qual pensamos a memória como equivalente ao passado que foi construído (prefiguração/mimese I), a narrativa da identidade dizendo respeito ao presente que está sendo construído (configuração/mimese II) e o projeto almejando o futuro que será construído (refiguração/mimese III).

O *projeto* e a *memória* associam-se e articulam-se ao dar significado à vida e às ações dos indivíduos, em outros termos, à própria *identidade*. Ou seja, na constituição da *identidade* social dos indivíduos, com particular ênfase nas sociedades e segmentos individualistas, a *memória* e o *projeto* individuais são amarras fundamentais. São visões retrospectivas e prospectivas que situam o indivíduo, suas motivações e o significado de suas ações, dentro de uma conjuntura de vida, na sucessão das etapas de sua trajetória. (VELHO, 1994, p. 101)

¹⁹ É importante lembrar que segundo a análise que Paul Ricoeur faz da questão do tempo baseado nos escritos de Santo Agostinho, só existe enquanto tempo o presente, já que tanto o passado quanto o futuro somente seriam possíveis enquanto momentos presentes. (...) “Onde estejam, quaisquer que sejam, [as coisas futuras ou passadas] só estão aí como presentes” (18, 23). (AGOSTINHO apud RICOEUR, 1994, p. 27)

²⁰ *IN*: VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose*: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

Seguindo as ideias de Gilberto Velho, entendemos que a memória permite uma visão retrospectiva mais ou menos organizada de uma trajetória, pois ao fazer a narração de si, o indivíduo seleciona o pré-existente (memória) tendo em vista objetivos (reconfiguração/futuro). Assim, a ideia de projeto se dá como antecipação do futuro, no sentido de organização dos meios para atingir os fins. Sua consistência depende da memória e fornece indicadores básicos sob os quais se constrói no presente o futuro.

Já a definição de identidade, entendida como processo de produção social, tanto simbólica quanto discursiva, envolve consideravelmente disputas, embates e relações de poder. Esse poder de definir o que é identidade move recursos simbólicos e materiais, pois tais ações são constituídas pela dicotomia de incluir e excluir, demarcando fronteiras, classificando e normalizando categorias, o que gera distinções e posições-de-sujeito relacionadas ao saber e ao poder.

Nas duas formas de pensar essa tríplice relação, aplicamos a metáfora da espiral proposta por Paul Ricoeur, que implica na circularidade, pois acreditamos que, apesar das diversas tentativas em definir tais categorias, elas não são fechadas e estanques, mas estão em permanente construção, desconstrução e reconstrução. Articulando tais conceitos, temos a seguinte correlação: a) passado – memória – mimese I – prefiguração; b) presente – identidade – mimese II – configuração; e c) futuro – projeto – mimese III – refiguração.

Assim, neste primeiro capítulo da dissertação, apresentamos o objeto de pesquisa com suas características mais marcantes, ou seja, tudo que percebemos do mesmo ao longo de sua exibição em suas diversas temporadas, no que entendemos como sua configuração em termos de identidade enquanto programa televisivo. Dessa forma, trazemos a perspectiva histórica do *Esquenta!*, tematizando alguns pontos importantes que aparecerão nos capítulos seguintes. Destacamos a configuração atual do programa, com conceitos ligados à linguagem televisiva de programa de auditório, assim como as ideias-chave de performance e carisma da apresentadora do mesmo.

Ressaltamos também as concepções de territorialidade presentes na atração, na tentativa de trazer elementos da “rua” para dentro do estúdio, com referência a territórios específicos (favelas, periferias, comunidades, dentre outros espaços estigmatizados). Dessa forma, abordamos os elementos que configuram o programa, compreendidos como fatores fundamentais para a formatação da narrativa de acordo com o projeto pretendido.

O mote inicial da “festa” está atrelado a um dos lemas do programa, “tudo junto e misturado”, que procura valorizar a diversidade cultural, mostrando a hibridização como valor

positivo. A análise seguinte traz a descrição do objeto com uma perspectiva crítica: como se dá esta proposta do “tudo junto e misturado”, ratificado no discurso do programa?

As discussões acerca desse tema estão balizadas pelas repercussões polêmicas de exposições específicas (como, por exemplo, o programa em homenagem ao dançarino Douglas da Silva Pereira, que será analisado no terceiro capítulo) e também da atração de modo geral, via interação pelas redes sociais, além de publicação de matérias e entrevistas nos meios de comunicação e nas diversas mídias.

O embasamento teórico está alicerçado nos conceitos de representação, identidade e configuração, enquanto produção simbólica. A análise parte da forma como o programa está configurado e como são percebidas as representações construídas ao longo de suas temporadas.

As discussões a seguir buscam complexificar o programa através da análise das diversas ambivalências, conflitos e representações percebidas na atração, evitando uma leitura dualista para fugir do senso comum e ampliar cada vez mais o olhar crítico acerca dos produtos midiáticos contemporâneos.

1.1) O programa domingo *Esquenta!*

Como já apontamos brevemente na introdução e retomaremos no presente capítulo e nos que se seguem, o programa *Esquenta!* é o mais recente produto da longa parceria entre Regina Casé, Guel Arraes e Hermano Vianna, que já haviam trabalhado conjuntamente na produção do *Programa Legal* (1991-1992), *Brasil Legal* (1995-1998) e *Central da Periferia* (2006). Porém, diferentemente das atrações anteriores (embora tenha pontos de convergência com elas, como também abordaremos posteriormente), o *Esquenta!* foi criado a partir de uma encomenda específica da emissora: o mesmo deveria ser um programa dominical de auditório, exibido no horário de almoço (geralmente entre 12h e 15h), durante o verão (nos meses de janeiro, fevereiro e março)²¹.

A partir desses eixos, foi desenvolvida a proposta do programa, com a primeira temporada²² do *Esquenta!* tendo sido exibida de janeiro a março de 2011, sempre aos domingos. A equipe responsável pelo roteiro final era composta por Alberto Renault e

²¹ Tais características explicitadas estão relacionadas às fontes nas quais os idealizadores do programa se inspiraram e serão desenvolvidas no segundo capítulo, enquanto matrizes culturais fundamentais para a configuração do programa.

²² Período de exibição da primeira temporada: 02/01/2011 a 27/03/2011; segunda temporada: 11/12/2011 a 01/04/2012; terceira temporada: 09/12/2012 a 01/12/2013; quarta temporada: 13/04/14 a 28/12/14. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/esquenta-/ficha-tecnica.htm> Acesso em 26 de janeiro de 2015.

Hermano Vianna, a direção era de Estevão Ciavatta, Leonardo Netto, Monica Almeida e a direção de núcleo de Guel Arraes.

De lá para cá, já foram disponibilizadas quatro temporadas do programa, que, mesmo modificando elementos importantes na sua configuração, como indicaremos, mantém desde o início uma mesma estrutura básica²³. Assim, em geral, durante uma hora e meia, o programa se estrutura da seguinte forma, desde a sua primeira temporada: a apresentadora Regina Casé entra ao som da música-tema *Esquentá (Samba da Regina)* e apresenta os convidados participantes²⁴. Há apresentações musicais e artísticas, além de entrevistas variadas no palco com linguagem informal, se aproximando da ideia de um bate-papo. Em um cenário multicolorido, a apresentadora interage com a plateia, com os convidados e com o elenco.

A partir da terceira temporada, a atração tornou-se temática e costuma girar em torno de diversos assuntos, dependendo do dia da exibição. Por exemplo, é comum o tema estar associado a alguma data comemorativa (Páscoa, Consciência Negra, Dia dos Pais, Dia das Mães, Natal, Ano Novo etc.). O cenário no estúdio e o figurino do elenco estão vinculados de alguma forma ao tema da gravação. Especificamente sobre o cenário, podemos destacar a dinâmica da primeira temporada (2011), que, apesar de algumas modificações e aprimoramentos estéticos, se mantém similar atualmente.

Um estúdio no Projac era utilizado por inteiro pelo programa. O cenário e a plateia, feitos por Gringo Cardia, podiam ser vistos de diferentes ângulos. O cenário era composto por figuras geométricas em cores vivas e dividia o estúdio com uma arquibancada em forma de arena para 400 pessoas. Rampas e palcos em diversos níveis facilitavam a interação entre Regina Casé e seus convidados. Um desses palcos era destinado a roda de samba liderada por Arlindo Cruz e Leandro Sapucahy, em outro ficava a cozinha e em um plano inferior, um palco para shows onde as atrações musicais se apresentavam. Um corpo de baile diferente era destaque. Crianças dançavam e o Bonde da Madrugada, grupo de dança do Cantagalo (RJ), animava a atração fazendo passinhos de funk²⁵. (grifos nossos de elementos relevantes que estarão presentes nas discussões apresentadas)

Existem quadros fixos²⁶ e convidados que se tornaram permanentes no elenco, sendo comentaristas e colaboradores nas discussões dos tópicos abordados. Como encerramento, geralmente Regina Casé fala uma mensagem relacionada à temática do programa, logo após

²³ Segundo o site Memória Globo, “o programa é uma miscelânea de assuntos com entrevistas, rodas de samba, culinária e personagens populares”. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/esquentá-/ficha-tecnica.htm> Acesso em: 26 de janeiro de 2015.

²⁴ Eventualmente o programa também começa com alguma apresentação artística de um dos convidados ou alguma música cantada pela roda de samba, de acordo com a temática da edição.

²⁵ Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/esquentá-/cenario.htm> Acesso em 27 de janeiro de 2015.

²⁶ Na primeira temporada havia um quadro de humor e um de culinária com um convidado preparando um prato típico de domingo, que eram fixos, mas que, ao longo das temporadas se tornaram esporádicos.

há uma música final, cantada e dançada pelo elenco e convidados, com chuva de papel picado no palco. Mesmo com as diferenças percebidas entre as temporadas, como analisaremos na dissertação, essa é estrutura básica que se mantém. Para exemplificar o andamento de uma exibição do programa, segue a descrição do primeiro episódio da primeira temporada²⁷:

Ao longo do programa, a apresentadora entrevistava seus convidados e, quando achava um tema interessante, inventava concursos, pedia para que os atores improvisassem uma cena ou que os cantores interpretassem uma música. No dia 09/01/2011, quando o grupo Pixote estava se apresentando, Regina Casé escolheu quatro casais da plateia para encenar a letra do samba *Insatisfação* como se fosse uma declaração de amor. Fazendo alusão aos concursos de calouros de Chacrinha, Regina fez da plateia um júri e escolheu o melhor casal.

Em meio a essa mistura, Regina Casé ainda entrevistou os ex-presidentes Luiz Inácio Lula da Silva, que brincou sobre sua recente aposentadoria, e Fernando Henrique Cardoso, com quem trocou ideias sobre a descriminalização das drogas, além da ex-ministra e candidata à presidência Marina Silva, que contou a história de sua vida e falou sobre o meio ambiente.

O intérprete Gilsinho, da Portela, escola de samba convidada do dia, abriu o programa de estreia com um grito de guerra e chamou Regina Casé ao palco.

Integrantes da escola de samba de Madureira – rainha de bateria, passistas, velha-guarda e baianas – participaram em diversos momentos da atração. Neste episódio, Arlindo Cruz e Leandro Sapucahy tiveram a companhia de Gilberto Gil e Zeca Pagodinho que se apresentaram no palco musical. Os dois levaram seus familiares e deram entrevistas. Depois do bate-papo a apresentadora fez uma comparação entre os modos de samba no pé de Gilberto Gil, Preta Gil, Sheron Menezes, atriz rainha de bateria da Portela, Marcius Melhem e Leandro Hassum.

Regina Casé chamou a Folia de Reis de Valença (RJ) para fazer uma performance no palco e em seguida Marcius Melhem e Leandro Hassum fizeram o momento cômico do programa. Os dois divertiram a plateia com piadas sobre o carnaval. Ao longo do *Esquenta!* a apresentadora exibiu em forma de pílulas uma conversa que teve com Luiz Inácio Lula da Silva. O ex-presidente falou de seus dias de folga depois de oito anos na presidência da República e os planos para o futuro.

O almoço do domingo de estreia foi o tradicional cozido de Márcia Black, comadre de Zeca Pagodinho. No bloco final, Regina Casé disse que todos que estavam no programa faziam parte da sua família e apresentou seus mais novos amigos: Edilson, um pedreiro que conheceu em uma obra em frente a sua casa, seu João, um carregador de malas de 87 anos que trabalha no aeroporto, e seu Fausto, de 83 anos que vende biscoito de polvilho na praia. O primeiro *Esquenta!* terminou com Zeca Pagodinho, Arlindo Cruz e Leandro Sapucahy cantando “Deixa a vida me levar”. (grifos nossos de elementos relevantes que estarão presentes nas discussões apresentadas)

Geralmente o último programa de cada temporada funciona como uma retrospectiva, apresentando os destaques que a atração teve ao longo dos meses de exibição, que variam de acordo com o ano. Na primeira e segunda temporadas, a duração das mesmas era de aproximadamente 3 meses; a partir da terceira e quarta o tempo de exibição foi ampliado, atingindo 12 meses. Segue a descrição do encerramento da primeira temporada (2011):

A apresentadora lembrou os melhores momentos, saudou cada membro de sua equipe e fez uma declaração para seu marido Estevão Ciavatta, diretor da atração. Além disso, ela levou ao palco do programa um motorista de ônibus que fez uma

²⁷ Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/esquenta-evolucao.htm> Acesso em 28 de janeiro de 2015.

versão do samba tema da atração. A música falava dos seus atrasos para chegar ao trabalho aos domingos, pois ele não perdia um *Esquentar!*. Durante o concurso de melhor cantor de samba enredo do programa, Estevão Ciavatta desempenhou o papel de Chacrinha e, com uma buzina, reprovava os piores candidatos. Esses voltavam para a plateia com um abacaxi em mãos²⁸. (grifos nossos de elementos relevantes que estarão presentes nas discussões apresentadas)

Após a primeira temporada, em 2011 ainda, houve um especial de São João, chamado *Esquentão!*²⁹, exibido em junho, devido ao sucesso da primeira temporada. Essa edição foi a primeira a contar com uma temática diferente da usual de festa de samba no verão representada pelo carnaval. O foco ficou nas comemorações de festas juninas, com música sertaneja e forró, elementos da cultura nordestina, figurino com camisa xadrez e chapéu de palha, seguindo as representações usuais dos festejos juninos brasileiros.

A segunda temporada ficou no ar de dezembro de 2011 a abril de 2012 e trouxe novos quadros, como o “Calourão” e a “Biblioteca do *Esquentar!*”. Na brincadeira estilo show de calouros, os candidatos mostravam seus talentos e eram julgados por uma bancada formada por convidados eventuais e fixos, como Preta Gil e a dupla Maíra e Camila – líderes comunitárias do Morro do Cantagalo –, além de Fábio Porchat, também colaborador da redação. Dando início a um projeto de incentivo à leitura, Regina Casé apresentou a “Biblioteca do *Esquentar!*”, que propôs a cada convidado e todo o elenco do programa doar uma cópia de seu livro favorito autografado e com uma dedicatória pessoal que explicasse a importância da escolha do mesmo³⁰.

A terceira temporada durou o ano inteiro, de dezembro de 2012 a dezembro de 2013, e foi marcadamente temática a cada domingo. Podemos observar também que houve inserção mais expressiva de anúncios publicitários no decorrer do programa, com produtos variados, desde financiamento da *Caixa Econômica Federal*³¹, passando pelos produtos da atração

²⁸ Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/esquentar-evolucao.htm> Acesso em 28 de janeiro de 2015.

²⁹ “Para garantir o ritmo de quadrilha foram convidados Luan Santana, Aviões do Forró e Targino Gondin – autor do sucesso Esperando na Janela, tema do filme Eu, Tu, Eles. Além de cantar seus sucessos, Luan Santana foi entrevistado por Regina Casé e ainda participou da Barraca do Beijo. Três participantes da plateia disputaram uma corrida de saco em troca de um beijo do cantor. O cantor Luiz Gonzaga também foi homenageado. Fazendo alusão a Abelardo Barbosa, o Chacrinha, Regina Casé jogou ovos de codorna para a plateia enquanto a música Ovo de Codorna era tocada pelo grupo Aviões do Forró. O momento de humor ficou por conta de Dani Calabresa e Marcelo Adnet. Regina Casé conversou com pessoas da plateia, trouxe ao palco personagens populares inusitados, como um vendedor de pamonha que além de compor músicas para vender seu produto, faz as coreografias e ainda desenha seu figurino (na atração ele estava vestido como uma pamonha), e promoveu um desfile das rainhas de festas agropecuárias na passarela do Esquentar!. Foram ao programa a Rainha da Uva, a Rainha do Leite, a Rainha da Cana, a Rainha do Milho e a Princesa do Açai”. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/esquentar-formato.htm> Acesso em 10 de fevereiro de 2015. (grifos nossos de elementos relevantes que estarão presentes nas discussões apresentadas)

³⁰ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Esquentar!> Acesso em 10 de fevereiro de 2015.

³¹ Fala de Regina Casé exibida no programa de 01 de setembro de 2013: “Há muitos anos eu faço publicidade da

vendidos via *Globo Marcas* pela internet até refrigerantes da marca *Schin*. Dessa temporada em diante, precisamos destacar o aumento significativo também na exibição de vídeos antigos dos programas anteriormente realizados por Regina Casé, Hermano Vianna e Guel Arraes, tais como *Programa Legal*, *Brasil Legal*, *Central da Periferia*, *Muvuca* etc., remetendo à trajetória dos mesmos como parte de um discurso comum ao *Esquenta!*.

A partir desta temporada também ficou mais clara, enquanto discurso, a ratificação dos lemas do programa, repetidos em quase todas as exibições, formando parte importante de nossa análise ao longo da dissertação. Temos como principais os seguintes: “O que o mundo separa, o *Esquenta!* junta”, “Tudo junto e misturado” e “Xô, preconceito”, além de uma frase recorrente sobre o programa dita pela apresentadora diversas vezes: “Aqui no *Esquenta!* a gente gosta de saber o que tá dando certo e o que pode dar certo”. Tais afirmações são fundamentais para o entendimento da dinâmica da atração e serão analisadas ao longo deste capítulo.

A quarta temporada, sobre a qual focaremos mais fortemente nossa análise, foi iniciada em abril de 2014. Durante o período da Copa do Mundo, o programa foi exibido ao vivo³², entre as partidas de futebol da competição. Apesar de ter tido uma previsão de exibição até 30 de novembro do mesmo ano, acabou continuando no ar sem tirar férias até 2015³³, confirmando o sucesso de audiência crescente ao longo do tempo. No final de 2014, a

Caixa Econômica, você já reparou né? Eu fiz uma pra quem nunca teve conta no banco, deu tão certo que todo mundo queria ter coragem de entrar no banco, de abrir uma conta só com a carteira de identidade. Eu faço propaganda da Caixa Econômica porque eu gosto. Não é só pra quem é muito pobre não. Minha irmã Virgínia, de classe média comprou o apartamento dela com o financiamento da Caixa. Eu gosto de explicar como funciona e gosto de dizer que aquilo está disponível pra você. Claro que eu tenho que chamar atenção pra falar: não pode se endividar, tem que fazer a conta antes, se a prestação que você vai pagar é compatível com o mês. Esse é o primeiro cuidado. Juntar o dinheiro pra comprar o que quiser, dar entrada pra comprar uma casa, isso pra mim é cidadania, todo mundo da sociedade poder viver bem. Mônica veio arrumada que eu falei que ia chamar ela nessa hora, trabalha comigo um tempão, faz faxina na minha casa muitos anos, tem dois filhos, é casada, essa é aquela nível guerreira master, top. Eu vou falar e vocês não vão acreditar, nada disso é combinado, eu falei com ela ontem: vou fazer propaganda do Minha Casa Melhor e quero saber se é legal e ela disse: tô doida por esse cartão. Pelo seguinte, ela comprou o apartamento que tá morando pelo Minha Casa, Minha Vida. A casa da Mônica tá linda, mas tem umas horas que tá faltando algumas coisas, por exemplo, no quarto falta o guarda-roupa, na sala falta a mesa. Se você comprou sua casa pelo Minha Casa, Minha Vida e tá com as prestações em dia, já pode arrumar a casa do seu jeitinho”. Destacamos através desse discurso a linguagem informal e acessível no direcionamento da publicidade realizado pela apresentadora. (grifos nossos de elementos relevantes que estarão presentes nas discussões apresentadas)

³² O primeiro *Esquenta!* ao vivo foi exibido no dia 15 de junho de 2014 a partir das 15h, no intervalo dos jogos da primeira fase da Copa, com a temática do campeonato de futebol e cerca de 45 minutos de duração. O cenário e o figurino faziam referência à Copa do Mundo de Futebol, assim como alguns convidados presentes. No total, foram exibidos cinco programas com essa temática. Mesmo seguindo um roteiro, pelo tempo reduzido de programa, o tema específico de futebol e o nervosismo da apresentadora, essas edições se diferenciaram de certa forma da programação habitual da atração. Destacamos, entretanto, a maior interação simultânea com o público pela internet e redes sociais durante tais exibições, inclusive exibindo uma faixa na tela com comentários dos telespectadores publicados no *Twitter*, prática já adotada em outros programas da emissora.

³³ Acompanhamos a quarta temporada até a exibição do dia 28 de dezembro de 2014, com a temática do ano

experiência de exibir o programa ao vivo³⁴ se repetiu, resultando em quatro edições também temáticas e com foco na interação com o público através das redes sociais.

Por focar na temporada de 2014, apresentaremos suas características mais detalhadamente, com os quadros, os convidados, os temas e a dinâmica que foi exibida no palco durante esse último ano. Vamos descrever os elementos que fazem parte do programa, que, reunidos, configuram a atração. Podemos observar como características mais marcantes do cenário o colorido dos elementos do palco e da plateia, como os sofás onde os convidados sentam, as arquibancadas onde fica o público, os telões espalhados pelo estúdio, os objetos de cena, sempre condizentes com a temática da gravação, o que remete diretamente à estética dos programas de auditório do estilo “Chacrinha”³⁵.

O figurino, também de acordo com a temática, é sempre bem colorido e elaborado, colocando todo o elenco de crianças, jovens e músicos no clima da gravação. Vale destacar que o ambiente foi pensado no formato 360 graus, diferentemente da ideia tradicional de palco italiano, presente em alguns programas de auditório, como do apresentador Silvio Santos e de Hebe Camargo, por exemplo. Tal fato ajuda na construção de uma ideia de circularidade na espacialidade da atração.

Os convidados musicais geralmente estão relacionados ao tema do programa de alguma forma, assim como os outros artistas convidados, que também possuem quase sempre alguma relação com o tema tratado. O elenco da atração é formado por crianças e jovens que dançam, interagem com os convidados durante as apresentações musicais, e também atuam como assistentes de palco em determinadas ocasiões, para contribuir para o andamento da gravação. Além deles, existe a banda que faz o acompanhamento das músicas que são apresentadas e o DJ Tartaruga que auxilia em relação aos pedidos musicais da apresentadora de acordo com os quadros e as brincadeiras.

Os integrantes da roda de samba são os músicos Arlindo Cruz, Leandro Sapucahy, Péricles (ex-integrante do grupo musical Exaltasamba) e Xandy de Pilares (ex-integrante do grupo musical Revelação). Desde a primeira temporada, estão Arlindo Cruz e Leandro Sapucahy. Péricles e Xandy de Pilares foram incorporados ao longo das temporadas, até ficarem fixos em 2013. O ator Douglas Silva e o cantor Mumuzinho são parte do elenco e da

novo, com figurino e cenário na cor branca em referência à chegada de 2015. As edições de 2015 iniciadas a partir de 4 de janeiro, novamente com a temática do verão e de preparativos para o carnaval por conta da época do ano, não serão objetos de análise específica desta pesquisa devido o recorte temporal até 2014.

³⁴ Exibidos nos seguintes domingos: temática de academia em 23/11/14; temática de hotelaria em 30/11/14; temática tropical em 07/12/14; temática do rádio em 14/12/14.

³⁵ Essa estética dos programas de auditório do Chacrinha é fundamental enquanto matriz cultural do *Esquenta!* e será retomada no segundo capítulo.

roda de samba, funcionando como coringas e assistentes da apresentadora, assim como destaques nos esquetes e brincadeiras do programa. Completam o elenco o ator Luis Lobianco, a web celebridade Luane Dias, a universitária Nathalia Rodrigues³⁶ e os colaboradores Ronaldo Lemos, Alê Youssef e Zé Marcelo Zacchi, que geralmente se revezam, estando presentes um deles pelo menos em cada gravação³⁷.

Os convidados são bem diversificados³⁸, sendo mais recorrentes os grupos e artistas vinculados ao samba³⁹, ao pagode e ao funk, embora outros estilos musicais também sejam contemplados, como o rap, sertanejo, forró, rock, pop, MPB, entre outros. Em relação aos artistas televisivos, quase todos os presentes são vinculados à Rede Globo e estão divulgando algum trabalho recente do canal (novela, seriado, dentre outros programas). Quanto às outras expressões artísticas que aparecem na atração (dança, teatro, artes plásticas, cinema), os convidados geralmente têm alguma relação com o tema da gravação.

Como mais um elemento de proximidade com a ideia de “festa”, a apresentadora diz adorar receber “penetras”⁴⁰ no palco. Reforçando também a ideia da “mistura”, os encontros, conversas e apresentações musicais conjuntas e inusitadas são estimulados pela apresentadora, ratificando o palco do programa como “lugar de encontro”.

A “família *Esquenta!*”, conforme a apresentadora se refere à equipe, conta com os membros do elenco e os familiares dos mesmos que participam de diversas gravações. Os próprios componentes desse grupo, para além das relações de afeto, possuem relações de parentesco [irmã (o), pai/mãe, filho (a), primo (a), namorado (a), esposo (a), afilhado (a)], tanto anteriores quanto posteriores ao início da atração. Regina Casé, em suas falas durante os programas, incentiva e diz gostar muito quando alguém leva para a gravação algum membro

³⁶ Segundo algumas falas de determinados episódios, Nathalia Rodrigues participou da plateia do *Esquenta!* em uma gravação e, ao ser chamada no palco, foi “descoberta” contando sua história de superação por conta da cegueira. Desde 2013, faz parte do elenco fixo da atração, comentando sobre os mais variados assuntos. Para saber mais: “A menina de todas as cotas”, disponível em: <http://revistatpm.uol.com.br/notas/a-menina-de-todas-as-cotas.html> Acesso em 10 de fevereiro de 2015.

³⁷ Para complementar os créditos da atração, encontram-se em anexo as fichas técnicas da temporadas de 2011 e 2013.

³⁸ No programa exibido em 29 de setembro de 2013 com o tema clássico, a apresentadora finalizou a exibição com a seguinte mensagem: “Pode ser Arlindo Cruz, Beethoven, MC Marcinho, o importante é a gente saber apreciar o que é bom. Mais do que isso, é ter acesso aos bailes, às rodas de samba, aos concertos, às óperas, circular por todos esses lugares, todo mundo tem direito ao conhecimento e todo mundo tem direito à diversão. Quando os dois podem andar juntos, melhor ainda. Esse é o nosso sonho”.

³⁹ No programa exibido em 26 de outubro de 2014 com o tema sertanejo, a apresentadora deixou a seguinte mensagem final: “Nesse quintal cabe de tudo: rock, axé, sertanejo, funk. Agora o *Esquenta!* nasceu no samba, nasceu no fundo do meu quintal”.

⁴⁰ Palavra associada à pessoa que vai a uma festa sem ser convidada. Em algumas gravações alguns artistas da própria emissora que estão em outro estúdio por conta do trabalho acabam indo até o *Esquenta!* para ver e participar da gravação.

da família. Inclusive o fato do programa ser exibido aos domingos⁴¹ no período entre 12h e 15h pode ser considerado um indicativo do público ao qual o mesmo se destina, ou seja, a família como público-alvo, que geralmente se reúne para almoçar junto nesse dia da semana.

Para exemplificar tais relações afetivas que são citadas de forma recorrente ao longo dos programas, podemos elencar: o marido de Regina Casé, Estevão Ciavatta, já foi um dos diretores do programa; uma das assistentes de palco é afilhada de Arlindo Cruz; Regina Casé é “madrinha” de Douglas Silva e Mumuzinho e tia da assistente de direção, Alice Lutz; a atual diretora da atração, Monica Almeida, é madrinha de seu filho Roque; os integrantes da banda que acompanham a roda de samba também possuem relações de parentesco (Láise Sapucahy é irmã de Leandro Sapucahy; um dos músicos é casado com uma das assistentes de palco e assim por diante).

Segundo Hermano Vianna, em artigo publicado em sua coluna semanal no jornal *O Globo*, “não é fácil ser uma família, como todos sabem. Principalmente uma família tão grande, bagunçada e tropicalista assim” (grifos nossos).⁴² Todos esses elementos são fundamentais para a construção da ideia de “encontro”, de acordo com o lema “tudo junto e misturado” que o programa propaga. Ainda de acordo com Hermano Vianna, “cada um vai deixando de lado preconceitos, um ensinando ao outro (incluindo o público de casa) coisas que seriam inacessíveis caso ficássemos em nossos mundinhos”⁴³. Sobre essa ampliação de possibilidades que os encontros proporcionam, ele destaca, no artigo mencionado acima, alguns que já se deram no palco do *Esquenta!*:

FHC conversando sobre drogas com Marcelo D2; José Pacheco, o português da Escola da Ponte; Afrika Bambaataa, o inventor do hiphop; Gustavo Lima com a Folia de Reis dos seus pais e o amigo Neymar; a OSB tocando a Sétima de Beethoven; as performances do Opavivará; Marina Silva explicando o que é desenvolvimento sustentável; um programa com a obra de Glauco Rodrigues no cenário e nos figurinos; a primeira reunião do funk ostentação paulistano com o DJ Marlboro; Kleber Mendonça Filho e Caetano Veloso falando sobre “O som ao redor”; Murilo Mendes lido por Regina Casé e Jorge de Lima por Fernanda Montenegro; Péricles, ex-Exaltasamba, descobrindo maravilhado o filósofo Mangabeira Unger.

⁴¹ No programa exibido em 28 de julho de 2013 com o tema União dos Povos, a apresentadora deixou a seguinte mensagem final: “O *Esquenta!* tem a sorte de ser domingo, porque domingo é dia de comunhão, é dia de partilha. Tem gente que experimenta isso na pelada com os amigos, outros no churrasco em família, na missa, no culto ou simplesmente assistindo televisão. O Papa Francisco disse o trecho de um livro sobre o céu e a terra, ele disse o seguinte: várias vezes mencionei a dificuldade que nós argentinos temos de consolidar essa cultura do encontro, parece que a dispersão e os abismos que a história criou nos reduzem, às vezes chegamos a nos identificar mais com os construtores do que com as pontes. O *Esquenta!* se identifica com as pontes entre todos os credos, raças e povos, inclusive com os argentinos”.

⁴² A referência ao tropicalismo feita nessa afirmação será um elemento importante na análise do segundo capítulo. VIANNA, Hermano. “Bateria arrebenta”. Publicado em 11 de abril de 2014. Jornal O Globo.

⁴³ *Idem*.

Tais encontros explicitados ocorridos ao longo das temporadas exemplificam bastante uma das principais dinâmicas que o programa pretende representar: o de construtor de pontes atuando como espaço de encontro entre pessoas que fazem parte de “mundos diferentes”⁴⁴ (leia-se classe social na maioria das vezes, associado a territórios distintos também). Esse caráter de mediação será mais explorado no segundo capítulo.

Começamos então com o quadro preferido da apresentadora, o “Calourão”, que apresenta calouros através de brincadeiras como se estivessem em um concurso. Os candidatos competem para ganhar prêmios no final, que variam desde o kit *Esquenta!* (composto por produtos da atração vendidos pela Globo Marcas na internet) até convites para shows, cds, dvds, aparelhos eletroeletrônicos etc. Geralmente a plateia escolhe o vencedor e os convidados do programa também opinam sobre as apresentações dos competidores. Na valorização do formato de auditório, houve um maior investimento no quadro, com melhores prêmios para o vencedor e um dos últimos momentos do programa, como a atração mais aguardada.

Os concursos são os mais variados, destacamos as competições exibidas em 2014: melhor versão da música Beijinho no Ombro, de Valesca Popozuda; “gringos” no Lepo Lepo, cantando e dançando o hit do carnaval; sanfoneiros tocando funk; versões de músicas tocadas no ukelele; melhor cover da cantora Beyoncé; melhor dança de festa de 15 anos com pai e filha; merendeiras cantando sambas; participantes cantando no giroscópio em movimento; melhor dupla de lambada; primas chamadas Vera cantando música; covers de Axl Rose cantando músicas de Alcione (de acordo com programas exibidos até 26 de outubro de 2014).

Percebemos que, no geral, são escolhidos temas que dialoguem com a gravação do programa e que tenham marcado o caráter de mistura de situações ou elementos inusitados. Esse é um dos quadros associados diretamente à questão do riso, que por vezes diverte mas por outras ridiculariza, e será abordado com mais detalhes no segundo capítulo.

Outro quadro a ser destacado é a Biblioteca do *Esquenta!*, que funciona como um projeto de incentivo à leitura, abastecida com livros doados pelos convidados do programa, que falam de sua relação com livros em geral, contam a história e divulgam o livro que está sendo doado. “No fim de cada temporada, a biblioteca completa faz a alegria de leitores que têm pouco ou nenhum acesso aos livros”⁴⁵. Os livros possuem os mais diversos temas, passando por clássicos e contemporâneos da literatura brasileira, infantil e mundial.

⁴⁴ No programa exibido em 13 de abril de 2014 com a temática família, a apresentadora comentou que “as ricas e os mendigos adoram o *Esquenta!*”.

⁴⁵ “Visite o acervo da Biblioteca do *Esquenta!*”. Disponível em: <http://gshow.globo.com/programas/esquenta/O->

Algumas das doações: *Mundo Funk Carioca* e *O Mistério do Samba*, de Hermano Vianna; *Abusado*, de Caco Barcellos; *Estação Carandiru*, de Drauzio Varella; *Da favela para o mundo*, de José Junior; *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell; *Dom Casmurro*, de Machado de Assis; *O homem que calculava*, de Malba Tahan; *Meu destino era Nós do Morro*, de Luciana Bezerra; *O Zahir*, de Paulo Coelho; *Bíblia Sagrada; 1808*, de Laurentino Gomes; *Anjos e Demônios*, de Dan Brown; *Harry Potter e a pedra filosofal*, de J.K.Rowling; *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago; *Capitães de Areia*, de Jorge Amado; *Hip-hop: Dentro do Movimento*, de Alessandro Buzo; *Violetas na Janela*, de Zíbia Gasparetto, *A nova classe média*, de Marcelo Neri; *A voz do Alemão*, de Rene Silva; entre vários outros.

No que se refere mais especificamente à estrutura do programa, também percebemos algumas modificações quando comparamos as diversas temporadas. Os quadros de humor e de culinária não são mais fixos, mas ainda se encontram presentes na atração, de forma mais esporádica, principalmente em relação à culinária. Apesar de não figurar como elemento principal, os temas relacionados à gastronomia são lembrados nas entrevistas com os convidados e com a plateia, conforme o tema de domingo. É comum, por exemplo, ver a apresentadora comendo algum prato típico⁴⁶ e oferecendo para os convidados.

No humor, foi incorporada a presença de um comediante junto com os convidados fixos, não mais como elemento externo. A participação varia conforme o tema do programa, mas geralmente gira em torno de comentários acerca das atrações e conversas no palco, além de determinadas esquetes⁴⁷ cômicas condizentes com a temática da gravação, geralmente encenadas por Luis Lobianco, Mumuzinho e Douglas Silva.

A partir da quarta temporada, também foram inseridos novos quadros, alguns deles condizentes com a ideia de projeto que abordaremos no desenvolvimento da pesquisa (“O que queremos para o Brasil” é o mais explícito nesse sentido). Outro quadro novo é o “Batendo ponto”⁴⁸, uma homenagem a alguma profissão que traz alguns profissionais de alguma área para conversar sobre o dia-a-dia do trabalho.

Programa/noticia/2012/06/visite-o-acervo-da-biblioteca-do-esquenta.html Acesso em 31 de outubro de 2014.

⁴⁶ Exemplos: nos programas exibidos nos dias 18 de agosto de 2013 e 10 de agosto de 2014, o momento “culinária” ficou por conta das comidas típicas do inverno, como sopas, caldos e fondue. No programa de 20 de abril de 2014 temático de Páscoa, uma participante da plateia trouxe bolinho de bacalhau para Regina Casé. No programa do dia 9 de novembro de 2014, com a temática do Marrocos, o momento gastronômico foi com comidas típicas do país. No programa de 10 de novembro de 2013 sobre sustentabilidade, o momento “culinária” apresentou o projeto Favela Orgânica, que faz reaproveitamento de alimentos em sua totalidade.

⁴⁷ Exemplos: no programa de 20 de julho de 2014 com o tema Havaí, os três fizeram uma paródia do grupo de axé É o Tchan. No programa de 31 de agosto de 2014 com o tema Peru, o trio fez uma paródia sobre os cantores peruanos.

⁴⁸ No programa exibido em 3 de agosto de 2014, a profissão escolhida foi operadora de telemarketing. No programa de 28 de dezembro de 2014, estiveram presentes profissionais que trabalham na virada do ano, como técnicos de enfermagem, motoristas de ônibus e porteiros.

Um novo quadro, que está projetando cada vez mais a integrante do elenco Luane Dias, famosa por seus vídeos que viralizaram na internet⁴⁹, foi o “HashtagLuane”, no qual ela avalia o visual do público que envia fotos para análise. Luane fazia sucesso ao comentar o visual dos convidados, sendo muito sincera nas avaliações, “mandando o papo reto”.

Uma competição também foi inserida, através do quadro “Roleta Musical”, no qual dois times (Código Máximo e Soldados do Samba) formados pela família *Esquenta!* e convidados, com participação da plateia, cantam uma música com a palavra sorteada na roleta pela assistente de palco. Ao assistir esse último quadro, é possível perceber uma nítida referência aos quadros musicais dos programas do apresentador Silvio Santos no SBT (*Qual é a música?*, de 1976, por exemplo). Também como referência de programa de auditório, são exibidas as letras das músicas na tela para o telespectadores acompanharem a canção durante a apresentação artística.

Outro novo quadro, mas que não teve muito destaque ao longo da temporada mais recente analisada, foi o “Vai pro queijo ou não vai?”. Luis Lobianco e outros integrantes do elenco ficam atentos à plateia e escolhem quem mais se destacou ao longo do programa para subir no queijo - aquele palco famoso de festas – e dançar uma música que a roda de samba canta ou o DJ Tartaruga toca, promovendo uma interação maior com o público presente na gravação.

Com a chegada de novos quadros, não percebemos uma regra específica para exibição dos mesmos, que já não estão presentes em todos os programas devido ao tempo total de exibição. Existe uma alternância que varia conforme o tema e a duração do programa, não configurando uma sequência determinada.

Como diferencial entre as temporadas, podemos destacar a interação com o público através das redes sociais como um elemento bem explorado a partir da terceira temporada (2013), quando exibiram na tela durante o programa uma *hashtag*⁵⁰ para utilização na internet. Ao publicarem fotos e comentários com esse ícone, o assunto é agrupado e pode ser um dos mais comentados no *Twitter*⁵¹, por exemplo, entrando para os *Trending Topics* em

⁴⁹ “Quem é Luane Dias, a menina por trás do vídeo ‘Vergonhas do Facebook?’”. Disponível em: <http://youpix.virgula.uol.com.br/pessoas/quem-e-luane-dias-a-menina-por-tras-do-video-vergonhas-do-facebook/> Acesso em 03 de julho de 2014.

⁵⁰ “Hashtags são compostos pela palavra-chave do assunto antecedida pelo símbolo cerquilha (#). As *hashtags* viram hiperlinks dentro da rede, indexáveis pelos mecanismos de busca. Sendo assim, outros usuários podem clicar nas *hashtags* ou buscá-las em mecanismos como o Google, para ter acesso a todos que participaram da discussão. As *hashtags* mais usadas no *Twitter* ficam agrupadas no menu *Trending Topics*, encontrado na barra lateral do microblog”. Retirado do site: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hashtag> Acesso em 15 de maio de 2014.

⁵¹ Rede social disponível em: <https://twitter.com/> Acesso em 03 de julho de 2014.

vários lugares do Brasil e do mundo, já que a equipe do programa e os telespectadores fomentam a repercussão na internet, contribuindo para o fortalecimento da chamada “segunda tela”⁵². Algumas *hashtags* utilizadas foram: #esquentaclassico, #esquentanaescola, #esquentavinicius100 #esquentacidades etc. Nesse sentido, podemos destacar também a publicação de fotos no *Instagram*⁵³ por parte da equipe e dos convidados, gerando conteúdo para repercussão nas mídias.

Alguns convidados antes esporádicos se tornaram fixos, como colaboradores, apelidados por Regina Casé de “cabeçudos”⁵⁴, por serem “intelectuais”, são eles: Ronaldo Lemos, Alê Youssef e Zé Marcelo Zacchi, que juntamente com Hermano Vianna, apresentam um programa sobre inovação chamado *Navegador*, no canal GloboNews (da televisão paga). Como parte do elenco, desde a primeira temporada, há a presença de comediantes e humoristas de *stand-up*, participando da gravação como atrações ou como comentaristas, dentre eles Leandro Hassum, Marcius Melhem, Fábio Porchat, Victor Sarro (fixo na terceira temporada) e Luis Lobianco (fixo na quarta temporada). Como tais presenças são recorrentes, podemos ressaltar o papel que o humor e o riso têm na atração, que se utiliza desse artifício como complementar às ideias de “diversão” e “festa” presentes no programa.

Podemos perceber nitidamente que ao longo das temporadas houve investimento significativo no palco, no cenário e no figurino, tanto da apresentadora quanto do elenco e dos convidados. O que era mais simples se tornou mais elaborado, conforme podemos observar nas imagens abaixo e também no discurso da apresentadora, ao elogiar com frequência o figurino e o cenário diferente a cada semana, que é realizado em pouco tempo de produção⁵⁵.

⁵² Em entrevista, o diretor geral do *Twitter* no Brasil enfatiza que os brasileiros adoram utilizar a plataforma para se informar e comentar o que estão assistindo na TV – a chamada ‘segunda tela’ – e divulgando que seis entre cada dez usuários brasileiros do *Twitter* o fazem através de *tablets* e *smartphones*. Fonte: “*Twitter*: ‘Somos uma rede de interesses, não uma rede social’.” Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/link/twitter-somos-uma-rede-de-interesses-nao-uma-rede-social/> Acesso em 03 de julho de 2014.

⁵³ Rede social disponível em: <http://instagram.com/> Acesso em 03 de julho de 2014.

⁵⁴ No programa de 01 de dezembro de 2013, a apresentadora fez um comentário sobre os mesmos: “são gatos cabeçudos, galãs bacharéis, eles engrandecem esse sofá”.

⁵⁵ Mensagem final de Regina Casé no programa exibido em 01 de dezembro de 2013 como encerramento da terceira temporada: “Vocês sabem que quando começou o *Esquenta!* a ideia é que fosse só uma temporada, um tempinho, mas a temporada fez tanto sucesso que a gente foi convidado a ficar o ano todo. Na época a gente pensou: será que não é loucura, esse negócio vai dar certo, ficar direto o ano todo, tem uma cara de verão, carnaval... A gente achou que era loucura sim, mas a gente decidiu fazer assim mesmo. Olha, eu vou dizer uma coisa pra vocês, colocar um *Esquenta!* por domingo no ar é quase como colocar uma escola de samba na avenida (vídeos dos programas antigos). É muita gente, enredo, figurino, trabalho, tudo muda, a gente não é normal, os programas normalmente tem quadros, atrações convidadas, a gente pira toda semana. Eu não consigo nem contar os sorrisos, as gargalhadas, as lágrimas, é sempre muita emoção, sempre e a gente gosta disso. A gente trabalha muito, mas a gente se diverte, festeja muito também. Essa equipe inteira se dedica, se joga num nível tão top que a força é a de uma bateria de escola de samba. Essa equipe é feita dessa banda, esse elenco todo, também é feita por um montão de gente que vocês não estão vendo. Eu queria agradecer, obrigada meu amor Hermano Vianna, toda direção, redação, pesquisa, edição, finalização, produção, engenharia, cenografia, produção de arte,

Fotos da primeira temporada em 2011



Fotos da quarta temporada em 2014



A abertura inicial⁵⁶ da atração também foi atualizada, apesar de ter sido mantida a mesma música tema. Na primeira temporada a abertura era feita com a técnica de animação com imagens da apresentadora e representações mais literais da letra do samba, no ritmo originalmente criado. A partir da quarta temporada,⁵⁷ a abertura foi gravada com a apresentadora e o elenco da atração em um estúdio, dançando e interagindo em uma mistura tecnológica de muitas cores vibrantes com preto e branco. Também modificada, a música-tema foi remixada, com um ritmo mais acelerado, se aproximando do funk e tornando-se mais animada enquanto música de festa.

A mistura de muitos elementos visuais tanto de figurino e quanto cenário é tamanha que para alguns espectadores se configura como uma “bagunça”, porém a mesma é realizada

figurino, costureiras, caracterização, iluminação, áudio, as câmeras, cabomen, toda minha gratidão à equipe de montagem, efeitos especiais, contrarregras, segurança, bombeiros, elétrica, todo mundo da limpeza, aos camareiros, motoristas, obrigada geral. Não tem como fazer o *Esquenta!* sem ter muita paixão, vontade que dê certo, não tem no mundo uma equipe mais apaixonada do que essa, é ou não é gente?”

⁵⁶ Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/esquenta-fotos-e-videos.htm> Acesso em: 10 de fevereiro de 2015.

⁵⁷ “Confira a abertura da nova temporada do *Esquenta!*”. Disponível em: <http://globotv.globo.com/rede-globo/esquenta/v/confira-a-abertura-da-nova-temporada-do-esquenta/3284043/> Acesso em: 10 de fevereiro de 2015.

de forma organizada conforme um roteiro específico de cada domingo e seguindo a dinâmica de programa de auditório, elemento fundamental para a configuração do *Esquenta!*. A influência está explícita no discurso da apresentadora, na música de abertura do *Cassino do Chacrinha*, cantada em diversos programas, nos figurinos extravagantes e excêntricos, que se aproximam de fantasias, assim como o de Chacrinha, na brincadeira de jogar objetos variados para a plateia (muitas vezes alimentos, assim como Chacrinha jogava), e também através de vídeos antigos de apresentações musicais no *Cassino do Chacrinha* de convidados presentes no palco do *Esquenta!*.

Há, portanto, referência explícita (seja no figurino, no discurso, nos quadros etc.) aos programas de Abelardo Barbosa: *Discoteca do Chacrinha* (1967), *Buzina do Chacrinha* (1967) e *Cassino do Chacrinha* (1982-1988). Assim, partimos do princípio de que os mesmos funcionam como matrizes culturais reapropriadas pelo programa, se caracterizando como prefiguração e, por conta disso, a análise de tais características será apresentada no segundo capítulo da dissertação.

Outras ideias constantemente reiteradas são o encantamento pelo samba⁵⁸ (que, segundo Regina Casé, “ensina e cura”), a alegria das festas, comemorações e celebrações “características do povo brasileiro”, além da união através da família *Esquenta!*, fazendo paralelo com as famílias que assistem ao programa juntas durante o almoço de domingo e consagrando a ideia de harmonia e comunhão que simbolicamente associamos ao universo familiar.

Diante desses elementos abordados, percebemos que a ideia de “festa popular”, com “a cara do Brasil”, nas tardes da TV, é uma das principais características enaltecidas no programa. Segundo a apresentadora, as gravações, que duram por volta de 6 horas, acontecem como uma festa mesmo. Tal fato, inclusive, se apresenta como uma questão para a equipe de edição do programa, que precisa transformar todo o material em uma hora e meia para exibição aos domingos.

Uma das críticas mais técnicas feitas à atração é justamente a edição truncada, resultado do excesso de material gravado. Segundo Hermano Vianna, isso acontece porque “a edição é como um álbum de fotos de uma festa. Tem a intenção de contar o que aconteceu, não é linear. A ideia é essa mesmo”⁵⁹ (grifos nossos). No início desta quarta temporada, têm sido exibidas algumas cartelas de animação coloridas e associadas ao tema exibido, entre um

⁵⁸ É recorrente nas exibições do programa a apresentadora perguntar aos convidados qual a relação que eles têm com o samba, se gostam, se sabem sambar ou quem os ensinou a sambar.

⁵⁹ Retirado do site: <http://f5.folha.uol.com.br/televisao/2014/04/1440099-tem-que-ser-boa-de-briga-afirma-regina-case-de-volta-com-o-esquenta.shtml> Acesso em 30 de abril de 2014.

quadro e outro, contribuindo para a diminuição do estranhamento em relação à edição e aos antigos cortes secos entre as atrações.

Segundo o antropólogo e criador de TV Hermano Vianna, em artigo publicado antes da estreia da nova temporada em 2014⁶⁰, cada gravação (do *Esquenta!*) foi pensada como uma “grande festa” inclusive, que funciona “quando junta turmas heterogêneas”. Ao falar sobre essas multiplicidades apresentadas, Hermano Vianna define a atração como um “laboratório onde testamos outros mundos possíveis”.

Podemos observar em tal afirmação uma das possíveis origens dos lemas construídos e ratificados frequentemente, sendo celebrados a cada programa, tais como: “O que o mundo separa, o *Esquenta!* junta”⁶¹ - quando pessoas e elementos a princípio muito diferentes e distanciados se aproximam através do programa; “Xô, preconceito”⁶² - quando há algum relato de quem sofre ou sofreu preconceito; e “Tudo junto e misturado”⁶³ - ao mostrar o “caráter de união” de “mundos distintos”.

Em relação ao lema contra o preconceito⁶⁴, em 2013 Mumuzinho e Leandro Sapucahy fizeram uma samba com a repetição desse verso (*Xô, xô, preconceito, xô/E a galera do Esquenta! grita preconceito xô!*), que às vezes é cantado nessas situações para “espantar” o preconceito, tanto numa situação inusitada quanto numa ocasião séria. Esses bordões do programa são pontos fundamentais na análise da configuração do *Esquenta!*, funcionando como elementos importantes de mediação entre o mundo prefigurado e o projeto pretendido, porque fazem parte do discurso principal do programa de “tudo junto e misturado”, que busca celebrar as diferenças e a diversidade cultural⁶⁵.

Dessa forma, diversos elementos da configuração do *Esquenta!*, dentre eles os bordões

⁶⁰ VIANNA, Hermano. “Bateria arreventa”. Publicado em 11 de abril de 2014. Jornal O Globo.

⁶¹ Exemplo: no programa de 28 de julho de 2013 sobre União dos Povos, a apresentadora afirma: “Jardim Angela e Vila Nova Conceição (bairros de São Paulo distintos social e economicamente), dois bairros que parecem tão distantes e estão aqui juntinhos”, ao apresentar determinado projeto social paulista.

⁶² Exemplos: No programa de 13 de janeiro de 2013 com a temática praia, ao falar do aumento de gastos com o turismo pela classe C, a apresentadora comenta que tem gente reclamando que o aeroporto está parecendo uma rodoviária, então diz: *xô preconceito!* No programa de 29 de setembro de 2013 com a temática clássico, a apresentadora comenta: “A origem da etiqueta era pra diferenciar as classes, isso não combina com o *Esquenta!*, que é *xô preconceito!*”.

⁶³ Exemplo: no programa de 10 de novembro de 2013 com a temática da sustentabilidade a apresentadora ressalta o lado bom da mistura, diz que no *Esquenta!* não tem lugar para o preconceito e realça a importância da convivência das diferenças, comentando que no programa tudo é misturado, até água e óleo.

⁶⁴ “Mumuzinho faz música e ganha coro para ‘Xô, preconceito!’.” Disponível em: <http://globotv.globo.com/rede-globo/esquenta/v/mumuzinho-faz-musica-e-ganha-coro-para-xo-preconceito/2340624/> Acesso em 31 de outubro de 2014.

⁶⁵ No programa exibido em 01 de setembro de 2013, a apresentadora terminou a exibição com a seguinte mensagem: “Hoje a gente fez um *Esquenta!* daqueles, com muita festa, muita alegria, mas o mais legal foi reunir pessoas com pensamentos diferentes, sexualidades diferentes, culturas diferentes, mas que não têm preconceito diante das diferenças, isso aí que é legal, isso é o *Esquenta!*, essa é a festa que a gente gosta”.

utilizados, apontam para a discussão presente nos estudos culturais sobre os conceitos de multiculturalismo, hibridização e diversidade cultural; abordaremos então alguns desses referenciais teóricos. Segundo Stuart Hall, o multiculturalismo “refere-se às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais” (HALL, 2011, p. 50). Esse conceito descreve também a existência de múltiplas culturas em uma localidade, reivindicando os direitos de algumas “minorias”, que sempre estiveram à margem, poderem se expressar, defendendo a legitimidade de suas formas de significação.

Para além da noção de diversidade, tal termo constrói um discurso que visa lutar para dar visibilidade aos que antes eram “invisíveis”. Durante alguns anos, inclusive, uma das críticas aos programas apresentados por Regina Casé era querer ser porta-voz e dar visibilidade a pessoas e lugares estigmatizados que, apesar de poderem se expressar enquanto sujeitos, não tinham oportunidade de ampliar a divulgação de seu discurso nos meios hegemônicos de comunicação. Nesse sentido, destacamos as palavras de Hall:

todos sabem (...) que o multiculturalismo não é a terra prometida... [Entretanto] mesmo em sua forma mais cínica e pragmática, há algo no multiculturalismo que vale a pena continuar buscando (...) precisamos encontrar formas de manifestar publicamente a importância da diversidade cultural (...) (WALLACE *apud* HALL, 2011, p. 52).

Outro termo que dialoga com a abordagem do multiculturalismo e contribui para nossa análise é o de hibridismo ou hibridação cultural, discutido no livro *Culturas Híbridas*, de Néstor García Canclini. O autor, partindo de uma primeira definição, entende por hibridação os “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2008, p. 19).

Se falamos da hibridação como um processo ao qual é possível ter acesso e que se pode abandonar, do qual podemos ser excluídos ou ao qual nos podem subordinar, entenderemos as posições dos sujeitos a respeito das relações interculturais. Assim se trabalhariam os processos de hibridação em relação à desigualdade entre as culturas, com as possibilidades de apropriar-se de várias simultaneamente em classes e grupos diferentes e, portanto, a respeito das assimetrias do poder e do prestígio. (*ibidem*, p. 25-26)

Seguindo essa lógica, apresentamos os apontamentos de Marildo Nercolini sobre a noção de hibridez, que podemos observar também no programa e que nos interessa para a análise do mesmo enquanto zona de conflito, dissenso e diálogo, que será abordado no terceiro capítulo.

A hibridez não é o resultado de uma síntese dialética entre culturas, pois supõe o conflito e a negociação estabelecidos no contato e nas trocas culturais. Aponta para o enfrentamento e para a negociação, superando os enfoques maniqueístas e fechados nas oposições dominadores e dominados, exploradores e explorados, colonizadores e subalternos, emissores e receptores. Afinal, as iniciativas sócio-culturais são multifacetadas e o poder tem caráter oblíquo e descentrado e não estritamente bipolar ou vertical. (NERCOLINI, 2005, p. 277)

Essa ideia de mistura presente no discurso do multiculturalismo e do hibridismo, que muitas vezes é visto como valor positivado e construtor de um imaginário de convivência harmoniosa entre classes socioeconômicas, pode ser percebido de forma recorrente no *Esquentá!*. Segundo Canclini, “a simulação de que se desvanecem as assimetrias entre centros e periferias tornam difícil que a arte e a cultura sejam lugares em que também se nomeie o que não se pode ou não se deixa hibridar” (CANCLINI, 2008, p. 40).

Temos presente que neste tempo de disseminação pós-moderna e descentralização democratizadora também crescem as formas mais concentradas de acumulação de poder e de centralização transnacional da cultura que a humanidade conheceu. O estudo das bases culturais heterogêneas e híbridas desse poder pode levar-nos a entender um pouco mais sobre os caminhos oblíquos, cheios de transações, pelos quais essas forças atuam. Permite estudar os diversos sentidos da modernidade não apenas como simples divergências entre correntes, mas também como manifestação de conflitos não resolvidos. (*ibidem*, p. 30)

Essa celebração da diversidade e equalização das diferenças que constroem imaginários importantes para a configuração do *Esquentá!* serão discutidas com suas complexidades no terceiro capítulo da dissertação. Podemos adiantar, entretanto, que “uma teoria não ingênua da hibridação é inseparável de uma consciência crítica de seus limites, do que não se deixa, ou não quer ou não pode ser hibridado” (*ibidem*, p. 27). Conforme Canclini afirma, “ao estudar movimentos recentes de globalização, advertimos que estes não só integram e geram mestiçagens; também segregam, produzem novas desigualdades e estimulam reações diferenciadoras” (*ibidem*, p. 31).

Tais argumentos são chaves importantes de entendimento do programa e da dinâmica de quem está por trás dele nos bastidores e de tudo que acontece no palco, principalmente levando em consideração que um dos criadores da atração é antropólogo com amplo acesso a esse tipo de embasamento teórico. Portanto, para essa configuração, é preciso destacar que as trajetórias desses atores principais são fundamentais para marcar o lugar que as atrações comandadas por eles ocupam na história da televisão, servindo de matrizes para o entendimento deste objeto específico. Tais biografias serão apresentadas e discutidas no segundo capítulo, mas podemos introduzir algumas ideias gerais sobre o que será descrito para contextualizar previamente.

Regina Casé, por exemplo, vem de uma família de artistas (é filha de Geraldo Casé,

que trabalhou no rádio e na televisão) e estudou Comunicação, Filosofia e História (apesar de não ter concluído nenhum dos cursos). Hermano Vianna, autor dos livros *O mundo funk carioca* e *O mistério do samba*, é antropólogo formado pelo Museu Nacional/UFRJ, tendo sido orientado por Gilberto Velho, pioneiro da Antropologia Urbana no país. Em um dos domingos, Regina Casé revelou que a origem do *Esquenta!* está no livro de Hermano Vianna sobre o samba. Guel Arraes é cineasta e diretor de televisão, sendo responsável por um núcleo na Rede Globo, que trouxe uma renovação na dinâmica televisiva brasileira, com os programas *Armação Ilimitada* (1985-1988) e *TV Pirata* (1988-1992).

Essa parceria profissional e pessoal de mais de vinte anos deu origem a esse caráter afirmativo de Brasil, com uma visão positiva do país através dos discursos e narrativas comandadas por Regina Casé, Hermano Vianna e Guel Arraes, evidenciando o quanto as trajetórias desses sujeitos estão diretamente ligadas ao resultado final do conteúdo televisivo por eles produzido. Diante dessas trajetórias e dos trabalhos desenvolvidos ao longo dos anos, consideramos que tais indivíduos são mediadores no sentido apresentado pelo próprio Hermano Vianna em *O mistério do samba*:

Mediadores de todos os tipos, e com projetos os mais variados, transitam pela heterogeneidade, colocando em contato mundos que pareciam estar sempre separados, contato que tem as mais variadas consequências, remodelando constantemente os padrões correntes da vida social e mesmo redefinindo as fronteiras entre esses mundos diferentes. (VIANNA, 1995, p. 155)

Contribuindo para a ideia de mediação e como forma de lembrar os trabalhos antecedentes, a narrativa televisiva de uma hora e meia em média exibida aos domingos é construída também com a apresentação de vídeos de temporadas anteriores do *Esquenta!* e de outros programas, presentes nas trajetórias profissionais desse núcleo de produção, por exemplo: *Programa Legal*, *Muvuca*⁶⁶, *Central da Periferia*, *Brasil Legal*, todos apresentados por Regina Casé, integrantes do Núcleo Guel Arraes e exibidos na Rede Globo de Televisão. Geralmente os vídeos aparecem no telão do palco mostrando os convidados presentes

⁶⁶ “*Muvuca* misturava *talk-show* e reportagens especiais, unindo pessoas de diferentes universos. Famosos e anônimos eram convidados a participarem juntos do mesmo programa. Produzido, gravado e editado em uma casa de 200 m² no alto do Humaitá, bairro na zona sul do Rio de Janeiro, *Muvuca* tinha como característica a espontaneidade e informalidade, marcas da apresentadora. Não havia um tema definido por programa, nem roteiro fixo. A edição final aproveitava as situações espontâneas e as melhores informações dos entrevistados”. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/regina-case/trajetoria.htm>. Acesso em 15 de julho de 2014. O programa, exibido entre 1998 e 2000, apesar de fazer parte da trajetória de Regina Casé, Hermano Vianna e Guel Arraes, não será detalhado nesta dissertação por focar mais em entrevistas, geralmente com pessoas famosas. Os programas escolhidos para análise apresentam um caráter de mediação mais marcado, além da referência a determinadas territorialidades, ao realizar viagens pelo país em regiões periféricas e populares, diferentemente do *Muvuca*, que tem como base uma casa na Zona Sul do Rio de Janeiro. Nesse sentido, o *Muvuca* até se aproximaria do *Esquenta!*, por ter como base um local fixo (o estúdio no PROJAC), porém as discussões abordadas não têm o mesmo viés.

vivenciando outras situações com a apresentadora, em geral inusitadas, cômicas ou emotivas. Tal recurso também é utilizado para retomar a valorização das periferias presente no discurso da apresentadora construído ao longo de mais de 20 anos.

Esses programas anteriores, realizados por Regina Casé, Hermano Vianna e Guel Arraes, se aproximam das ideias de “festa”, “encontro” e “cultura das periferias” – “tudo junto e misturado”, propagadas pelo *Esquenta!*. Tais narrativas televisivas são fundamentais para a construção do que é o *Esquenta!* atualmente, por isso vamos apresentar as características gerais das atrações mencionadas com o objetivo de contextualizar e destacar as informações mais relevantes para a pesquisa nesse momento, que serão aprofundadas no próximo capítulo.

O *Programa Legal*, exibido entre 1991 e 1992, inaugurou a participação de Regina Casé como apresentadora de programas de televisão, trazendo uma maneira particular de contar diversas histórias, utilizando ainda seu lado atriz, para mostrar anônimos e famosos de todo o país. Em parceria com o ator Luiz Fernando Guimarães, o *Programa Legal* “surpreende com muitos elementos novos na tela brasileira. Mistura documentário, dramaturgia, jornalismo, etnografia – tudo permeado por grandes doses de comicidade e humor, que já eram marcas características dos apresentadores/atores” (CHAVES, 2007, p. 17).

Tanto Regina Casé quanto Luiz Fernando Guimarães encaram personagens que visam representar alguns grupos presentes no Brasil e seus respectivos membros, além de abordar as características mais significativas dos mesmos. Toda essa mistura de ficção com realidade é feita com humor e dinamismo, trazendo a cada episódio uma temática diferente, passando por futebol, sertanejo, Brasília, brega, corpo, dentre outros⁶⁷.

O *Brasil Legal*, exibido entre 1995 e 1998, possui muitas referências do *Programa Legal*, apresentando de forma divertida as características dos brasileiros, através de viagens pelo país e pelo mundo em busca de pessoas que narrem suas histórias e revelem o Brasil para o Brasil. Os episódios são temáticos, apresentam uma narrativa fragmentada e mesclam personagens, situações, cidades e imagens. “A partir de seus personagens, do território percorrido, de sua edição, *Brasil Legal* parece retratar a própria fragmentação e hibridez do país” (*ibidem*, p. 28)⁶⁸.

Através das conversas e entrevistas com pessoas de vários lugares do Brasil, mistura-se realidade e ficção, pois Regina Casé interpreta diferentes personagens que interagem com

⁶⁷ OLIVEIRA, Ohana B. *Esquenta!* - Mediação Cultural: tudo junto e misturado. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção Cultural) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

⁶⁸ OLIVEIRA, *Idem*.

os entrevistados-anônimos, em situações cômicas. Para tanto, ela viaja para diversas cidades brasileiras, em geral do interior, mostrando figuras do cotidiano, comumente invisibilizadas.

Nesses programas já podemos observar a construção da valorização da cultura popular, ao serem mostradas histórias diferentes de pessoas comuns. Podemos destacar também a presença de pessoas negras falando de suas manifestações culturais e a atenção especial ao samba e ao funk como movimentos artísticos importantes, apontando para a questão de invisibilidade que costuma ser combatida nos discursos de Regina Casé. Sendo assim, podemos afirmar que uma das ideias centrais do programa é mostrar um Brasil que seja legal, através das representações construídas ao longo do período de exibição, e que constitui em grande medida um dos lemas comuns a todos esses programas citados, inclusive o *Esquenta!*.

Em *Central da Periferia*, exibido em 2006, com o foco nas periferias brasileiras, podemos observar influências de outros trabalhos, como a série *Cidade dos Homens* e o próprio *Brasil Legal*. De certa maneira, fica mais clara a “militância” pela visibilidade e reconhecimento das pessoas que moram nas periferias de diversos locais do país, ao apresentar atrações musicais de muito sucesso nesses lugares, mas que não apareciam nos meios hegemônicos devido a diversas questões, dentre eles de comunicação e distribuição.

O programa “resume-se a um grande palco montado em bairros periféricos das capitais do Brasil, onde foram gravadas previamente entrevistas e pequenas reportagens que são intercaladas com as imagens dos shows no produto final editado” (*ibidem*, p. 48). A produção desse projeto era responsável pelo quadro exibido semanalmente no *Fantástico*, *Minha Periferia*. Em 2007, o mesmo se transformou em *Minha Periferia é o Mundo*, apresentando periferias ao redor do mundo – Paris, Luanda, Moçambique - mostrando a vida e a produção cultural desses lugares⁶⁹.

Após essa breve análise das trajetórias e de algumas matrizes culturais do *Esquenta!*, percebemos que um dos elementos-chave dessa dinâmica está na figura da apresentadora Regina Casé e em uma representação específica da mesma que vem sendo construída há mais de 20 anos de carreira, por ela própria enquanto figura pública e pela Rede Globo, que analisaremos a seguir.

1.2) Para além da *Regina de janeiro, fevereiro e março*

Um dos eixos principais de entendimento e análise do *Esquenta!* diz respeito às

⁶⁹ OLIVEIRA, *Idem*.

representações e sua importância enquanto produção de sentido, conceito fundamental para discutir a sociedade contemporânea e a disputa que a mesma gera nos discursos e narrativas atuais. Esse conceito também é imprescindível para a compreensão da figura central que a apresentadora representa, levando em conta sua trajetória e sua atuação no programa.

Enquanto categoria polissêmica, a representação trata da relação entre a significação, a realidade e sua imagem. Dessa forma, tal conceito desempenha papel identitário configurando narrativas e discursos sociais, sendo, portanto, considerada forma de conhecimento, já que as representações são socialmente elaboradas e partilhadas. A representação social, sempre se referindo a algo ou alguém, demonstra um jogo de ausência e presença de características que ratifica um processo de relação entre o mundo real e as ideias a serem configuradas sobre ele. Por circular nos discursos, tais representações podem acabar fechando os sentidos, o que proporciona a criação e o reforço dos estereótipos. Por outro lado, por ser construído na linguagem, possui também brechas e astúcias proporcionadas pela ambivalência de seus significados, possibilitando as disputas semânticas e de identidade.

Seguindo as ideias de Tomaz Tadeu da Silva (SILVA, 2012) entendemos que a representação é, como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido. Como tal, a representação é um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder. Sobre como se dão essas representações culturais, utilizamos as discussões teóricas de Douglas Kellner. Segundo o autor, a produção midiática serve para reproduzir os interesses das forças sociais poderosas, promovendo a dominação ou dando aos indivíduos força para a resistência e a luta (KELLNER, 2001, p. 64).

De acordo com esses teóricos, as representações também são posições dos sujeitos na sociedade, elas tornam possível aquilo que somos e aquilo que podemos nos tornar. As discussões sobre o poder de definir e determinar identidade e diferença problematizam o processo de construção das mesmas ao questionar o sistema e as formas de representação, dando sustentação ou oferecendo resistência.

Falar de representação na sociedade nos remete à questão da identidade que, de acordo com nossa metodologia, está diretamente relacionada na analogia feita entre a tríplice mimese de Paul Ricoeur e as ideias de Gilberto Velho, explicitadas no início deste capítulo. Como afirma Tomaz Tadeu da Silva, tal como a diferença, a identidade é uma relação social. Isso significa que sua definição - discursiva e linguística - está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas (SILVA, 2012, p. 81).

Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas. (...) A identidade é uma construção, um efeito, um processo de

produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder (*idem*).

Conforme o exposto, essa dinâmica entre identidade e diferença é uma das ideias-chave para tentar entender como se dão as relações sociais e de poder na contemporaneidade. Consideramos que as identidades são construídas e processuais, baseado em contextos pré-estabelecidos, por isso não podem ser consideradas naturais, inerentes ou essenciais.

Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente. Isto, de todo modo, é o que significa dizer que devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas. Elas são o resultado de um processo de identificação que permite que nos posicionemos no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem ou que nos subjetivemos (dentro deles). Nossas chamadas subjetividades são, então, produzidas parcialmente de modo discursivo e dialógico. (HALL, 1997, p. 26-27)

Para além da representação e da identidade, destacamos o conceito de performance e encenação, além da noção de carisma, como outros pontos importantes para entender a figura-chave da Regina Casé como apresentadora enquanto figura pública ambivalente. Aliado a isso, vale ressaltar a abordagem carnavalesca e espetacularizada da apresentadora, assim como a utilização do riso e do humor como elementos fundamentais, que serão apresentados no segundo capítulo enquanto matrizes culturais carnavalizadas. Por ora entendemos que:

Performance é a teatralização da palavra pelo corpo, aparecendo no uso da voz que a interpreta, criando um gestual que faz dela o lugar da significação. Essa voz, segundo Zumthor, não atua só pela boca, mas através das mãos, gestos e ouvidos. Desse modo, diz ele: “Quando a comunicação e a recepção coincidem no tempo, temos uma situação de performance”. (CAMINHA, 2007, p. 98)

Utilizaremos o conceito de performance de Paul Zumthor⁷⁰ para entender a dinâmica presente na figura de Regina Casé enquanto apresentadora do programa. Segundo o autor, a performance implica competência, um saber-ser que implica e comanda uma presença e uma conduta, é uma forma de reconhecimento, “comportando coordenadas espaço-temporais e fisiopsíquicas concretas, uma ordem de valores encarnada em um corpo vivo” (ZUMTHOR, 2007, p. 31).

A performance se situa num contexto ao mesmo tempo cultural e situacional: nesse contexto ela aparece como uma "emergência", um fenômeno que sai desse contexto ao mesmo tempo em que nele encontra lugar. Algo se criou, atingiu a plenitude e, assim, ultrapassa o curso comum dos acontecimentos. (*idem*)

⁷⁰ No livro *Performance, recepção e leitura*, o autor aplica a noção de performance à percepção do texto literário, que utilizamos aqui porque nos ajuda a entender a dinâmica performática da apresentadora.

Lembrando que a performance no caso da apresentadora está vinculada não só à postura (gestos) e discurso (fala, entonação de voz, linguagem popular), mas também ao figurino e acessórios, além da própria ideia de encenação, levando em consideração o fato da mesma já ter sido atriz de teatro, televisão e cinema. “A performance não apenas se liga ao corpo mas, por ele, ao espaço. Esse laço se valoriza por uma noção, a de teatralidade” (*ibidem*, p. 39).

Termo antropológico e não histórico, relativo, por um lado, às condições de expressão, e da percepção, por outro, *performance* designa um ato de comunicação como tal; refere-se a um momento tomado como presente. A palavra significa a presença concreta de participantes implicados nesse ato de maneira *imediate*. (*ibidem*, p. 50)

Assim como a performance, compreendemos que as imagens da cultura da mídia, segundo Kellner, são importantes tanto pelo modo como são construídas e tratadas formalmente, quanto pelos significados e valores que transmitem (KELLNER, 2001, p. 317-318), por isso esses elementos são tão importantes para a análise crítica da atração. Nesse sentido podemos destacar, por exemplo, a música de abertura do programa, chamada *Esquentando (Samba da Regina)*⁷¹, que traça um perfil da apresentadora e ilumina o que comentamos sobre representação e performance:

Alô Regina!
 É tão gente fina que sabe chegar
 Em qualquer esquina
 Lá na cobertura, na laje ela está
 É quem domina.
 Porque tem a sina de ser popular... alô
 Alôôô rainha
 Se vai ter churrasco, feijão, vatapá
 Vai pra cozinha.
 Tem coisa gostosa de todo lugar
 Traz a farinha!
 O camarão seco, o jambu e o fubá
 E faaaaaaz verão
 E hoje é domingo
 Dia que o povão... agita!
 Se liga, se encontra, faz conexão, twita
 Ou pra se dar bem,
 Ou pra botar alguém na fita.
 Bateria arreventa, todo mundo comenta,
 Que feito pimenta, o programa domingo esquentando. (2x)
 Regina de janeiro, fevereiro e março... (2x)
 Alô, alô...

Pela música-tema, composta por Arlindo Cruz e Gilberto Gil, podemos destacar diversos elementos que constroem determinadas representações da apresentadora. A circularidade por diferentes territórios é uma delas, quando é afirmado que ela “sabe chegar

⁷¹ Disponível em: <http://letras.mus.br/arlando-cruz/1834406/> Acesso em 15 de julho de 2014.

em qualquer esquina” e está presente tanto na “cobertura” (associada a apartamentos de classe socioeconômica alta) quanto na “laje” (espaço comumente encontrado nas favelas e periferias brasileiras). Outro elemento importante é a “sina de ser popular”, que reforça a ideia de alguém que circula por diferentes lugares, e é bem recebida em todos eles, porque faz sucesso, é reconhecida e, mesmo assim, “gente fina”.

As comidas típicas, que podem ser consideradas populares em várias regiões (churrasco, feijão, vatapá, farinha, camarão seco, jambu, fubá), remetem a esse universo de almoço de domingo, com a família reunida e a refeição como fator agregador. Outro elemento reforçado na canção é o caráter de encontro do domingo, “dia que o povão agita!”, ao se ligar, se conectar e *twitar*, fazendo referência também à interação realizada na internet.

Como último destaque, fica a frase “Regina de janeiro, fevereiro e março”, apontando a ideia inicial do programa e que poderia ter sido o nome do mesmo, pois foi exibido nos meses mencionados. Tal frase faz referência também à outra música de Gil, no samba *Aquele abraço*⁷², com o trecho “O Rio de Janeiro, fevereiro e março”, que em sua letra remete a Chacrinha, o “velho guerreiro”, figura fundamental para entendermos a performance de Regina Casé no programa.

De alguma maneira todos esses elementos estão presentes também na descrição de Regina Casé no site oficial do programa: “Consagrada por sua versatilidade como apresentadora, atriz e humorista, Regina Casé está à frente do *Esquenta*, desde 2011. A comunicadora transita com maestria pelos mais diferentes meios, do popular ao intelectual. A identificação com a periferia é sua marca registrada” (grifos nossos)⁷³. Diante de tal descrição, destacamos como características principais atreladas à representação construída da mesma a “espontaneidade” e a “informalidade” com as quais a apresentadora direciona seus programas, difundindo a ideia de “circulação” por diferentes campos sociais e territórios.

Essa questão do território, também relacionada à trajetória de Regina Casé, tem aparecido de forma mais enfática nas temporadas mais recentes da atração dominical, pois podemos perceber um distanciamento do que seria um programa de samba carioca no carnaval (2011) para uma atração que valoriza as culturas das periferias e favelas do Brasil e do mundo (2014). Dessa forma, as ideias iniciais de “celebração”, “alegria” e “festa”, associada ao carnaval, foram paulatinamente equilibradas com as ideias de “encontro”,

⁷² Disponível em: <http://musica.com.br/artistas/gilberto-gil/m/aquele-abraco/letra.html> Acesso em 16 de maio de 2014.

⁷³ Disponível em: <http://gshow.globo.com/programas/esquenta/regina-case/index.html> Acesso em 01 de julho de 2014.

“mistura” e “construção de pontes”⁷⁴, que já fazem parte do discurso de diversidade e diferença proferidos pela apresentadora, destacando cada vez mais a noção de territorialidade das favelas, periferias e comunidades ao longo de sua carreira.

Na análise da trajetória de Regina Casé entre 1991 e 2006 realizada por Sarah Chaves, destaca-se como característica marcante de diversos trabalhos a “rua como cenário” e “tomada de passantes como personagens” (*ibidem*, p. 44), o que já não acontece na atração mais recente. Um contraponto que pode ser feito em relação ao *Esquenta!* e as atrações descritas acima é o fato dele modificar a dimensão das incursões às ruas, se comparado aos outros, pelo fato de tentar representar a diversidade dentro de um estúdio com ar-condicionado, cenário, plateia, convidados etc. Tal elemento acaba colocando em maior evidência a atuação da apresentadora como mestre de cerimônias.

A configuração do *Esquenta!*, apesar de apresentar elementos comuns às atrações anteriores (*Programa Legal*, *Brasil Legal*, *Central da Periferia*), traz também várias diferenças, dentre elas a mudança em termos de territorialidade. Antes os programas eram gravados nas ruas, fazendo essa proximidade com as pessoas no espaço público. Na atração atual, o movimento é inverso, com a tentativa de trazer a rua para dentro de um estúdio de gravação, deslocando o espaço público para o espaço privado, transformando a rua em cenário.

Essas características serão discutidas ao longo da dissertação, principalmente no terceiro capítulo, mas podemos adiantar o processo de reterritorialização da cultura da rua para ambientação de programa de auditório, através da representação de cenários com elementos urbanos e “personagens”: garis⁷⁵ (que possuem um tipo de “camarote” fixo no programa⁷⁶), vendedores ambulantes de praia etc.

Destacamos para tanto a performance de Regina Casé enquanto “antropóloga midiática da periferia”⁷⁷. Vamos desenvolver a análise dessa personagem paradoxal a partir dos termos específicos que nos dizem bastante sobre a atuação da mesma. Não entraremos no mérito de suas práticas sociais fora dos bastidores do programa, pois o que nos interessa são

⁷⁴ Uma das expressões utilizadas pela apresentadora que faz referência à mediação, temática do segundo capítulo desta dissertação.

⁷⁵ Lembrando que Regina Casé é considerada madrinha informal dos garis cariocas. Ver mais: “Símbolo da cidade, gari vira celebridade carioca”, disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/simbolo-da-cidade-gari-vira-celebridade-carioca-8942147> Acesso em: 10 de fevereiro de 2015.

⁷⁶ Uma das imagens recorrentes do programa mostra um espaço no canto superior do estúdio, no estilo camarote, onde ficam os garis vestidos com o uniforme laranja da Companhia Municipal de Limpeza Urbana (COMLURB) do Rio de Janeiro.

⁷⁷ Tal termo foi sugerido pelo professor Maurício de Bragança na banca de qualificação desta pesquisa, a quem agradecemos pela contribuição.

as representações construídas em torno do mesmo que contribuem para a configuração do *Esquenta!*.

Pensamos o termo “antropóloga midiática” para a performance de Regina Casé enquanto “expedicionária das mídias”, uma artista múltipla que faz um “trabalho de campo midiático”, atuando como “cartógrafa da alteridade”. Tal análise do outro diz respeito à representação que percebemos da apresentadora como possível “tradutora e intérprete” da diferença, que faz a mediação entre o universo da televisão e os territórios nos quais busca os elementos para os programas, majoritariamente composto por espaços estigmatizados tais como favelas, periferias, subúrbios e comunidades tanto do Rio de Janeiro (que compõem a maioria das referências pelo fato do programa ser gravado na cidade) quanto do Brasil e do mundo (nos programas *Brasil Legal* e *Central da Periferia*, principalmente).

Na maioria das vezes, esse contato com tais territórios é cercado de informalidade através de entrevistas que pretendem ser conversas cotidianas, com o menor distanciamento possível entre a apresentadora e o entrevistado. Essa dinâmica se aproxima inclusive do programa *Um pé de quê?*⁷⁸, também apresentado por Regina Casé no Canal Futura, que apresenta como mote a identificação de árvores, buscando a visibilidade e o conhecimento de determinadas espécies da flora. Podemos traçar um paralelo entre essa Regina “expedicionária da natureza” e essa outra performance, da Regina “expedicionária da periferia”, que se aventura na busca da riqueza cultural do Brasil através do mapeamento do outro, geralmente um outro subalternizado pelas condições socioeconômicas. Buscando essa mistura de elementos diferentes, a proposta acaba sendo ressignificar os efeitos da mistura, utilizado como moeda de negociação e chave de inclusão e exclusão social.

Para relacionar os conceitos de performance e de identidade, utilizamos as discussões sobre representação a partir de Erving Goffman, que entende tal termo como um processo de comunicação que funciona como um jogo de informações enquanto ciclo potencialmente infinito de encobrimento, descobrimento, revelações falsas e redescobertas (GOFFMAN, 2002, p. 17). Goffman utiliza o termo fachada para se referir à performance, que funciona como equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação (*ibidem*, p. 29). Tal ideia permite a comparação também com as máscaras simbólicas que os atores do teatro se utilizam para compor seus personagens, que se aproxima inclusive da vivência teatral da apresentadora presente em sua trajetória.

⁷⁸ O referido programa é dirigido pelo marido da apresentadora, Estevão Ciavatta, e é exibido no Canal Futura há mais de dez anos.

Por seu caráter ambivalente, a impressão de realidade criada por uma representação é uma coisa delicada e frágil, que pode ser quebrada por minúsculos contratempos (*ibidem*, p. 58). Sendo assim, as impressões alimentadas pelas representações cotidianas estão sujeitas à ruptura (*ibidem*, p. 66). Tais idiosincrasias dizem respeito a qualquer tipo de representação, incluindo a do programa e da apresentadora, marcadas por forte ambivalência e complexidade, como indicaremos no último capítulo.

De uma maneira geral, a performance de Regina Casé gira em torno da ideia de circularidade por diversos territórios, com rompimento de fronteiras simbólicas e trânsito livre pelas distintas classes sociais, que, através das narrativas televisivas, apresenta a diversidade cultural brasileira, mediando com uma postura carismática a relação entre o público e a televisão. O tom das entrevistas é informal e de intimidade, numa tentativa de aproximação do cotidiano delas com uma abordagem que se pretende espontânea.

Por conta de tais características, podemos aplicar a essa figura pública da apresentadora o conceito de *broker* para descrever sua performance, como aquele que rompe as barreiras e transita por diversos territórios, apresentado por Maria Laura Cavalcanti, no livro *Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile* (2006). A autora utiliza esse conceito para analisar a figura do carnavalesco das escolas de samba, como mediador das complexas relações da sociedade contemporânea e da tradição lúdica do carnaval. A figura do *broker* é descrita como flexível, representando aquele que transita entre grupos distintos e domina códigos diferenciados, destacando seu papel mediador. Analisando a trajetória de Regina Casé como apresentadora de programas, percebemos que esse conceito de *broker* é compatível com a performance enquanto artista que ela vem apresentando na televisão brasileira⁷⁹.

Baseado nessas encenações, podemos dizer que a apresentadora, ao mesmo tempo em que possui uma imagem positiva de mediação, ao promover encontros no estilo “tudo junto e misturado”, por outro lado assume uma postura que se aproxima de uma ideia de apaziguamento das diferenças e de conformação através da convivência harmônica entre classes sociais distintas, acomodando o conflito e a possibilidade de transformação das estruturas sociais.

Essa chave de negociação utilizada, da harmonização dos conflitos aliada ao grande carisma da apresentadora, acaba deixando o público com dúvidas acerca da veracidade de sua atuação como mediadora, em alguns casos. No próprio discurso da mesma, tanto no *Esquenta!*, quanto nos programas anteriores, Regina Casé ratifica a questão de ter “cara de

⁷⁹ OLIVEIRA, 2011.

pobre”, de “meio branca, meio preta, meio nordestina”, ou seja, o fato de ter um rosto comum que nunca seria de “mocinha” de novela⁸⁰.

Tais afirmações apelam para um contato mais direto com o público, afastando a ideia de uma artista intocável. Muito pelo contrário, a imagem que se busca construir é de alguém não só acessível ao povo, como parte do mesmo. Por outro lado, por estar numa classe socioeconômica privilegiada e não ser de origem periférica, muitas vezes a apresentadora é questionada sobre seu lugar de fala e sua autoridade para discutir questões de territórios estigmatizados que não fazem parte de sua realidade social, não convivendo com as dificuldades enfrentadas nesses lugares, por exemplo. Abordaremos essa questão com mais profundidade no próximo capítulo após descrever com detalhes os programas presentes na trajetória da apresentadora que ratificam tais ideias. Por ora analisaremos com mais detalhes as mudanças pelas quais o programa passou ao longo das temporadas.

1.3) *Todo Brasil cabe na festa do Esquenta!*

Analisando os episódios da atração, podemos destacar algumas semelhanças e diferenças de uma temporada para a outra, mostrando como as narrativas se reconfiguram ao longo do tempo, implicando em fases diferenciadas de um mesmo processo complexo de negociações entre os diversos interesses dos envolvidos na atração e os posicionamentos da emissora na qual está inserida. Conforme a mudança de contexto socioeconômico e cultural, além do sucesso de audiência, algumas características foram enaltecidas e outras diluídas, como veremos a seguir.

Diante do exposto, para exemplificar a diferença de como o programa foi apresentado ao público na internet, compararemos os *releases* do *Esquenta!*. Seguem as descrições da primeira (2011) e quarta (2014) temporadas nos sites do programa e da emissora, respectivamente:

Em janeiro, a temperatura começa a subir não só pelo auge do verão, mas também porque vai ao ar o *Esquenta!*. O programa dominical, comandado por Regina Casé, traz de tudo um pouco: verão, domingo, férias, preparação de carnaval e, acima de tudo, muito bom humor. Para começar o ano com o pé direito, a apresentadora vai reunir, em cada programa, uma turma variada para dançar, cantar, conversar e fazer novos amigos, como numa verdadeira festa. E como festa, para dar certo, precisa ter boa música, boa comida e gente interessante. O público pode esperar uma festa real, onde todos os convidados se divertem para valer. Os 13 episódios do *Esquenta!* contam com a participação fixa de duas feras da música brasileira. Arlindo Cruz e Leandro Sapucahy não só animam a festa, como também acompanham os

⁸⁰ “Tenho essa cara de pobre, meio branca, meio preta, meio nordestina. Eu não ia fazer a mocinha da novela”. In: CHAVES, Sarah Nery Siqueira. *Tenho cara de pobre: Regina Casé e a periferia na TV*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

convidados e improvisam com as atrações musicais. Um quadro de humor também é fixo no roteiro, garantindo que a apresentadora receba sempre comediantes em performances quase improvisadas, ao vivo, no palco. Além disso, cada programa tem a participação de um convidado encarregado de preparar um prato de domingo. A direção de núcleo da atração é de Guel Arraes e a direção do programa é do quarteto formado por Estevão Ciavatta, Leonardo Netto, Monica Almeida e Mário Meirelles. Já o roteiro é finalizado por Alberto Renault e Hermano Vianna.⁸¹ (2011, grifos nossos)

Em ano de Copa do Mundo e Eleições Presidenciais, o Esquenta! volta à grade a partir do dia 13 de abril e abre o verbo sobre educação, saúde, segurança, inclusão social e tecnologia. No quadro inédito ‘O que queremos para o Brasil’, personalidades da vida social, política e artística do país apontam os desejos do brasileiro para o futuro da nação. No palco, os apresentadores do programa ‘Navegador’, da Globonews, e os colaboradores de conteúdo Alê Youssef, Ronaldo Lemos e José Marcelo Zacchi ajudam a debater cada tema. Por acreditar que a inovação tecnológica é fundamental para o desenvolvimento do Brasil, o programa também promove, ao longo do ano, uma campanha pioneira que estimula o ensino de programação de computador para crianças e adolescentes. Outro quadro novo, o ‘Visita Musical’, garante a tradicional mistura de gêneros, ritmos, culturas e classes, promovendo o encontro entre personalidades de diferentes estilos musicais em suas cidades e no palco do Esquenta!. Novidade no elenco fixo do programa, o redator e comediante Luís Lobianco comanda quadros de humor. Tudo isso embalado por um novo cenário, cheio de tecnologia, que muda a cada domingo, dando cara nova ao programa toda semana. Todo o Brasil cabe na festa do Esquenta!. O programa, uma criação de Regina Casé e Hermano Vianna, tem direção de núcleo de Guel Arraes, direção geral de Monica Almeida, direção de Daniela Gleiser e redação final de Paula Miller e Gustavo Nogueira.⁸² (2014, grifos nossos)

A partir das duas citações apresentadas acima e os trechos mais importantes sublinhados, podemos explorar as diferenças de enfoque que as duas chamadas trazem. Mesmo permanecendo a ideia de festa e de humor, que são termos presentes nas duas apresentações, há uma mudança de enfoque nas palavras-chave, que se reflete nas exibições da atração.

Podemos perceber também que nos dois textos o elemento mais enfatizado é a “festa”, em especial na apresentação de 2011, como observamos nos seguintes trechos: “verdadeira festa. E como festa, para dar certo, precisa ter boa música, boa comida e gente interessante. O público pode esperar uma festa real” e “Todo o Brasil cabe na festa do Esquenta!” (ver os grifos nos parágrafos acima).

Mesmo afirmando que “todo Brasil cabe na festa do Esquenta!”, a ideia de diversão, presente no trecho “dançar, cantar, conversar e fazer novos amigos”, geralmente associada ao simples entretenimento, é claramente diluída na segunda descrição do programa, referente à

⁸¹ Descrição oficial retirado do site do programa: <http://esquenta.globo.com/platb/programa/> Acesso em: 10 junho 2011.

⁸² “vem_ái: descubra tudo o que estreia na programação da Globo em 2014”. Descrição retirada do site: http://redeglobo.globo.com/vem-ai/noticia/2014/03/vem_ai-descubra-tudo-o-que-estrela-na-programacao-da-globo-em-2014.html Acesso em 29 de abril de 2014

temporada de 2014. Ao se propor “abrir o verbo sobre educação, saúde, segurança, inclusão social e tecnologia”, percebemos um foco mais engajado da nova temporada.

O quadro novo “O que queremos para o Brasil” é um exemplo dessa nova abordagem, ao “induzir” um debate sobre o futuro do país, conforme indica o seguinte trecho: “personalidades da vida social, política e artística do país apontam os desejos do brasileiro para o futuro da nação”. Podemos perceber então a ênfase na palavra “festa” na primeira descrição de 2011 e em contraposição um ar de “vamos falar sério, precisamos chamar especialistas para falar e debater”, na de 2014. Apesar de ter sido anunciado no primeiro episódio da quarta temporada, tal quadro não teve destaque ao longo de 2014.

Além disso, destacamos como a “mistura”, enquanto uma das principais características do programa, já se torna um valor tradicional com o passar das temporadas, elemento cada vez mais ratificado no discurso do programa, através do lema “tudo junto e misturado”. Dessa forma, em 2014, a dimensão do encontro é reforçada pelo novo quadro “Visita Musical”, que, segundo a descrição, “garante a tradicional mistura de gêneros, ritmos, culturas e classes, promovendo o encontro entre personalidades de diferentes estilos musicais em suas cidades e no palco do Esquentar!”. Essa nova atração ratifica o discurso de mediação presente na atração, reforçando a ideia de “misturar” elementos culturais diferentes, promover “encontro” e “construir pontes” entre os mesmos, além de evocar uma “celebração da diversidade” e conseqüentemente a valorização do multiculturalismo e do hibridismo cultural. Tal como o quadro anterior, “Visita Musical” não ocorreu com muita frequência ao longo da temporada.

Percebemos ainda um elemento presente na primeira descrição, mas que também continua fazendo parte da dinâmica do programa na atual temporada: é a questão do improvisado, ponto importante relacionado a duas referências fundamentais, que são a figura do Chacrinha e o movimento do tropicalismo na configuração da atração, que exploraremos no próximo capítulo. Outra característica que está marcada apenas no release de 2011 é o prato de domingo, relacionado ao momento “culinária” que era fixo anteriormente. Apesar de não figurar mais como quadro específico, tal elemento, mesmo esporádico, continua sendo relevante para esta análise pois diz respeito tanto à questão familiar de almoço coletivo quanto à realidade de parte do público-alvo de donas de casa da classe C.

Observamos também que, em seu início em 2011, o *Esquentar!* tinha como mote uma grande festa com muito samba e carnaval, afinal tinha sido encomendada para ser um especial durante o verão, mais um elemento marcante nas características iniciais do programa. Ao longo dos anos, até se tornar fixo na grade de programação, foi se tornando temático a cada domingo, passando pelos mais variados temas, como: Páscoa (perto da data comemorativa),

Família (ao iniciar a nova temporada de 2014), Dia do trabalho (1º. de maio), Festa Junina (no mês de junho), Dorival Caymmi (comemoração do centenário de nascimento), Primavera (durante a estação), Sítio do Picapau Amarelo (Dia das Crianças), Consciência Negra (perto da do dia 20 de novembro), Praia (durante o verão), União dos Povos (por conta da realização da Jornada Mundial da Juventude em 2013), Dia dos Pais (segundo domingo de agosto), Dia das Mães (segundo domingo de maio), Inverno (durante a estação), Rodeio (perto da realização da Festa do Peão em Barretos), Budismo (antes da estreia da novela das 18h *Joia Rara*, exibida entre 2013 e 2014, que abordou o tema), Centenário de Vinícius de Moraes (perto da data comemorativa), Cidades (referente às manifestações nas ruas em junho de 2013), Natal, Ano Novo e Carnaval (como último programa da terceira temporada no final de 2013) etc.

Além desses assuntos ligados a acontecimentos específicos, durante a exibição em 2013 outros temas estiveram presentes, que foram: pipa, capoeira, festa cigana, clássico, escola, esporte, México, sustentabilidade, Bahia. Em 2014, diversos temas também foram apresentados, tais como: tecnologia (com o elenco da novela das 19h, *Geração Brasil*), barroco, leitura, Havaí, humor, cozinha, universo, Peru, Anos 20, Grécia, cabelo, rua, Anos 80, sertanejo etc. Lembrando que esses temas somente se repetem em algumas datas comemorativas e são fundamentais para a lógica da atração, pois servem para balizar várias discussões levantadas no programa e orientam o roteiro e as gravações, assim como são orientados por eles.

Comparando a primeira temporada à última que está no ar atualmente, podemos destacar outra diferença, como, por exemplo, a inserção de propagandas, através de um *marketing* participativo, sempre havendo o anúncio do produto a ser vendido pela apresentadora e o diálogo com pessoas (do público ou da plateia) que vieram contar seus relatos.

As marcas da temporada 2013 foram as seguintes: *Pampers* (fraldas), *Downy* (amaciante de roupas), *Mississippi* (sandálias femininas), *Caixa Econômica Federal* (cartão Minha Casa Melhor; Melhor Crédito; Financiamento Estudantil; Poupança Caixa), *Ariel* (Power Pods - sabão em cápsulas para lavagem de roupas), *Garnier Nutrisse* (tintura de cabelo), *Dakota* (sandálias femininas), *Schin* (refrigerantes e promoção Família Unida, Diversão Garantida), *Kolosh* (tênis), *Instituto Embelleze* (cursos profissionalizantes), *Raid* (inseticida) etc.

Em 2014, além da continuidade das propagandas da *Caixa Econômica Federal* e *Raid*, surgiram novas marcas: *Wella* (tintura de cabelo *Soft Color* e *Koleston*), *LG* (produtos

eletroeletrônicos e promoção Sua Arena LG), *Yoki* (produtos alimentares, especialmente de festa junina), *Ypê* (produtos de limpeza e promoção Família Ypê Esquenta sua vida), *Niely* (tintura de cabelo *Cor & Ton*), *Vivo 4G* (serviço de internet da empresa telefônica).

O *marketing* também esteve presente na propaganda de produtos da própria emissora de televisão: campanha Criança Esperança (doações financeiras por telefone ou internet, além de um leilão com itens doados por famosos da “família *Esquenta!*”) e produtos do próprio programa, vendidos pela Globo Marcas na internet (chinelo, toalha, boné, mochila, caneca, banqueta térmica, todos com a logomarca *Esquenta!*).

É importante ressaltar que a publicidade trabalha muito com a questão de público-alvo, já que tem por objetivo vender produtos e atrair a atenção dos consumidores. Destacamos que a escolha dessas marcas e produtos não é aleatória, sendo muito bem pensada e analisada de acordo com o contexto do programa e as pessoas a quem eles querem se dirigir. Vale destacar também, como já sinalizamos, que a apresentadora é garota-propaganda da *Caixa Econômica Federal*.⁸³

No final da temporada de 2013, um novo elemento de *marketing* surgiu e foi sendo consolidado no início da temporada de 2014: a marca de camisetas *Alô Regina*, parceria com a grife *Reserva*, do empresário Luciano Huck. Segundo o site, *Alô Regina* “traz toda a animação, a festa e a força de sua trajetória sempre ligada na novidade que vem das periferias. *Alô Regina* abre espaço para o humor, os estilos, as vontades, anseios, gostos e sonhos que por tanto tempo ficaram invisíveis”⁸⁴. Geralmente, algum convidado ou o vencedor do quadro “Calourão” ganha uma das camisetas, que são vendidas pela internet, através do site oficial da grife. A divulgação da marca é feita no programa e nas redes sociais.

Um dos destaques da marca foi no programa em homenagem ao dançarino Douglas Rafael da Silva Pereira, conhecido como DG, “brutalmente assassinado com um tiro pelas costas”⁸⁵ no dia 22 de abril de 2014 e encontrado⁸⁶ em uma creche localizada na comunidade Pavão-Pavãozinho, em Copacabana, Zona Sul do Rio de Janeiro, com a venda de uma

⁸³ Segundo a agência que criou a publicidade de uma campanha com a mesma, em 2007, ela foi escolhida “pela sua popularidade, por ser porta-voz dos menos favorecidos e ter uma imagem descontraída”. No período da campanha, houve aumento de 10% no número de aberturas de contas, que muitos clientes procuravam como a “conta da Regina”, revelando um reconhecimento da figura de Regina Casé. Retirado do link: <http://www.marketingbest.com.br/marketing-best/caixa-economica-federal-caixa-facil/> Acesso em 02 de maio de 2014.

⁸⁴ Retirado do site: <http://usehuck.vtexcommerce.com.br/aloregina/sobre> Acesso em 14 de maio de 2014.

⁸⁵ Frase presente no discurso de abertura do programa exibido no dia 27 de abril de 2014, proferido por Regina Casé.

⁸⁶ “Mãe pretende denunciar morte de dançarino DG à Anistia Internacional”. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/mae-pretende-denunciar-morte-de-dancarino-dg-anistia-internacional-12280457> Acesso em 02 de julho de 2014.

camiseta com a estampa “Paz, onde tu estás?” com o símbolo de paz e amor feito com a mão. Segundo a apresentadora, todo o lucro da venda será revertido para as creches Solar Meninos de Luz e Lar de Pierina, local onde o corpo do dançarino foi encontrado. Esta edição do programa, extremamente polêmica e complexa, será objeto de análise pormenorizada no terceiro capítulo desta dissertação.

Como podemos observar, diversas mudanças ocorridas no programa ao longo das temporadas, tanto de temáticas quanto de publicidade, dizem respeito ao papel do programa dentro da Rede Globo, principalmente relacionada à questão da ascensão da classe C no contexto atual, já argumentado na introdução enquanto um tipo de território específico dentro da grade de programação da emissora, a ser analisado no segundo capítulo.

Após a reflexão sobre os pontos destacados na Introdução e neste primeiro capítulo, acreditamos ter apresentado a configuração narrativa do *Esquenta!* como a mimese II que se propõe a mediar a relação entre as prefigurações e as refigurações. Assim, podemos afirmar que o programa *Esquenta!* se configura como uma tentativa de promoção da diversidade cultural através do encontro das diferenças, que supostamente agrega as potencialidades dos indivíduos invisibilizados e afasta os preconceitos. Os envolvidos na atração, apesar de aparentemente não terem uma posição política autodeclarada e explícita, transmitem através de suas produções audiovisuais uma visão positiva do país, com um caráter afirmativo ao mostrar o que é legal no Brasil e nas suas periferias, favelas, subúrbios e comunidades.

No entanto, entendemos que tal postura acaba optando por não mostrar e discutir os conflitos existentes no âmbito cultural, que são constitutivos do mesmo. Como os conflitos são apresentados? O que emerge como conflito nesse contexto? Há uma pasteurização do conflito? Essas questões serão abordadas no terceiro capítulo desta dissertação, quando abordaremos as refigurações dessas estratégias narrativas e exploraremos a mimese III.

Antes, porém, retornaremos às matrizes que fornecem os elementos de prefiguração a essa narrativa. No próximo capítulo, destinado a pensar a mimese I, estarão presentes os programas televisivos realizados por Regina Casé, Hermano Vianna e Guel Arraes anteriormente, bem como as trajetórias profissionais dos mesmos, que serviram de referências para a configuração do *Esquenta!*. Analisaremos também as matrizes culturais carnavalizadas, tais como o humor, o riso, a festa, a mistura, o carnaval, a antropofagia cultural e o tropicalismo, bem como os programas de auditório, em especial os do Chacrinha, recorrentemente citados como elementos constituintes da identidade do programa. Completando as prefigurações, destacaremos a mudança na grade da programação da Rede Globo, com um aumento significativo das representações dos segmentos populares - a

chamada “classe C”, possibilitada pelo contexto socioeconômico e cultural contemporâneo a ser analisado, por entendermos que o *Esquentá!* ocupa um lugar estratégico na proposta da emissora de criar espaços de representação e consumo desses sujeitos, em uma nova territorialização, como apontamos na Introdução.

Capítulo 2 – Processos de construção do “Tudo junto e misturado”: as prefigurações da narrativa ou “o presente das coisas passadas”

Vimos no primeiro capítulo como a configuração (entendida como mimese II na teoria da narrativa) do programa *Esquenta!* constrói sua identidade enquanto programa dominical de auditório através de diversas representações culturais acerca das manifestações populares e periféricas, aliadas à ideia de festa e celebração das diferenças. Seguindo a proposta estrutural que apresentamos na Introdução, entendemos que, como toda narrativa, a configuração do programa pressupõe elementos que o prefiguram e são fundamentais para determinar suas escolhas em termos de formatos, conteúdos e projetos.

Seguindo a inspiração metodológica de Paul Ricoeur e a interpretação da mimese I como processo de construção da memória (enquanto passado vivido e narrado na analogia com a teoria de Gilberto Velho explicitada no primeiro capítulo), neste capítulo apresentaremos as discussões acerca das prefigurações que possibilitaram a configuração do *Esquenta!*. Assim, estamos nos guiando pelo pressuposto de que esse é um objeto complexo, que implica também em refigurações, como demonstraremos no capítulo final desta dissertação.

Vê-se qual é, na sua riqueza, o sentido de *mimese* I: imitar ou representar a ação é, primeiro, pré-compreender o que ocorre com o agir humano: com sua semântica, com sua simbólica, com sua temporalidade. É sobre essa pré-compreensão, comum ao poeta e a seu leitor, que se ergue a tessitura da intriga e, com ela, a mimética textual e literária. (RICOEUR, 1994, p. 101)

Elegemos, como foco, alguns dos eixos de prefiguração que consideramos essenciais para a construção discursiva do programa, que são: a) o contexto globalizado e multicultural da contemporaneidade; b) o processo da chamada “ascensão da classe C” e a ênfase dada ao mesmo na recente programação da Rede Globo; c) a questão da mediação exercida pelos atores principais e o papel de suas trajetórias nesse processo; d) além de algumas matrizes culturais fundamentais na configuração do *Esquenta!* e de outros programas televisivos, especialmente os de formato de auditório, visando imbricar as mimeses I e II em suas tessituras.

Na primeira parte do capítulo **(2.1 - Conjuntura sociocultural da contemporaneidade)**, como análise de contexto sociocultural e suas características gerais, destacamos a mudança na grade de programação da Rede Globo, com o aumento significativo de representações dos segmentos populares, comumente denominados “classe C”. Esse elemento diz respeito a alguns eixos de análise presentes na dissertação: a reterritorialização de espaços estigmatizados e a questão do território na trajetória da Regina Casé, enquanto

“antropóloga midiática” e “cartógrafa da alteridade”, como já adiantamos no capítulo 1.

Na segunda parte (**2.2 - Mediações e trajetórias “legais”**), no eixo teórico da mediação cultural, o recorte escolhido enfoca os programas anteriores realizados por Regina Casé, Hermano Vianna e Guel Arraes, acompanhado das trajetórias profissionais dos mesmos, norteadas pelos seguintes questionamentos: como se dá a mediação nestas trajetórias tanto nas narrativas televisivas a serem apresentadas quanto no *Esquenta!* propriamente dito? Em relação às similaridades e a uma certa continuidade percebida nos programas: quais diferenças externas e como essas diferenças dialogam com contextos socioculturais e políticos? Vamos partir das trajetórias dos sujeitos em questão e dos programas criados, dirigidos e apresentados pelos mesmos, para analisar o objeto desta pesquisa.

Na terceira parte (**2.3 - Matrizes culturais carnavalizadas**), analisamos também as fontes marcantes de inspiração, tais como o humor, o riso, a festa, a mistura, o carnaval, o tropicalismo e a antropofagia cultural. Tais elementos serão discutidos enquanto referências fundamentais para o enquadramento do conteúdo apresentado.

Dessa forma, todas as discussões são orientadas pela noção de cultura como mediadora dos processos sociais. De acordo com Gilberto Velho e Karina Kuschnir, a mediação será vista como ação social permanente, que nem sempre é possível ou será bem-sucedida, cabendo ao pesquisador procurar identificar situações e contextos mais ou menos propícios à atividade mediadora (VELHO e KUSCHNIR, 2001, p. 9-10).

O estudo de trajetórias individuais torna-se assim estratégico para nossas finalidades. Estamos em um território interdisciplinar onde as biografias são relevantes e potencialmente reveladoras em termos antropológicos. As decisões e escolhas individuais dão-se em um campo de possibilidades sociocultural, entremeado de relações de poder. Existe política no cotidiano com crises, alianças, conflitos e rompimentos. Num contínuo processo de negociação da realidade, escolhas são feitas, tendo como referência sistemas simbólicos, crenças e valores, em torno de interesses e objetivos materiais e imateriais dos mais variados tipos. (*idem*)

Dessa forma, utilizando como eixo central o conceito de mediação, neste capítulo abordaremos as trajetórias profissionais, aspectos pessoais e algumas narrativas audiovisuais de Regina Casé, Hermano Vianna e Guel Arraes, elementos que contribuem para a configuração do *Esquenta!*, assim como as matrizes culturais carnavalizadas a serem explicitadas. Começamos com o eixo temático do contexto contemporâneo, situando este fenômeno midiático na conjuntura da sociedade atual.

2.1. Conjuntura sociocultural da contemporaneidade

Começando este mapeamento das prefigurações que sustentam o programa *Esquenta!*,

a partir de nossa leitura, e retomando o fim do capítulo anterior com as transformações pelas quais a atração passou ao longo das temporadas, vamos situar o cenário contemporâneo passando por aspectos culturais, sociais, econômicos e políticos características da presente sociedade.

Para entender o contexto em que o *Esquentar!* está sendo gerado e discutir suas principais características, nos inspiramos em Douglas Kellner e suas contribuições para os estudos culturais. Ao fazer uma análise crítica de objetos midiáticos específicos levando em consideração o contexto no qual eles estavam inseridos, o autor ampliou a perspectiva de investigação, caracterizando uma crítica diagnóstica contextual.

Assim, esta análise se inspira no modelo empregado na obra *A cultura da mídia*, pois esse recorte contextual ajuda a entender, por exemplo, por que o *Esquentar!* foi criado neste momento histórico, e não há uma década, por exemplo, e é comandado por uma apresentadora exatamente com o perfil de Regina Casé, e não outro. Segundo o autor,

Os estudos culturais delineiam o modo como as produções culturais articulam ideologias, valores e representações de sexo, raça e classe na sociedade, e o modo como esses fenômenos se inter-relacionam. Portanto, situar os textos culturais em seu contexto social implica traçar as articulações pelas quais as sociedades produzem cultura e o modo como a cultura, por sua vez, conforma a sociedade por meio de sua influência sobre indivíduos e grupos. (KELLNER, 2001, p. 39)

Para tanto, vamos destacar alguns elementos que constituem e que configuram o contexto do qual estamos falando. Em *A cultura do controle – Crime e ordem social na sociedade contemporânea*, David Garland explica as características mais marcantes da modernidade tardia, traçando um panorama global das mudanças ocorridas no século XX, em especial no final do século e início do XXI:

As grandes transformações que varreram a sociedade na segunda metade do século XX foram, de uma só vez, econômicas, sociais, culturais e políticas. Até onde é possível, elas podem ser resumidas no seguinte: (i) a dinâmica da produção capitalista e das trocas mercantis e os correspondentes avanços em tecnologia, transportes e comunicações; (ii) a reestruturação da família e do lar; (iii) mudanças na ecologia social das cidades e dos subúrbios; (iv) a ascensão dos mass media eletrônicos; e (v) a democratização da vida social e cultural. (GARLAND, 2008, p. 185)

Dentre as características gerais dessas transformações, destacamos a consolidação da cultura do consumo na sociedade contemporânea. Ao longo dos anos, foi sendo construída uma cultura voltada para essa mercantilização excessiva de objetos e também de sujeitos, que valoriza mais os consumidores do que os indivíduos, temática bastante explorada por Zygmunt Bauman, e que possibilita reflexões importantes para entendermos a mudança de paradigma das representações de classe C, que discutiremos adiante.

Os encontros dos potenciais consumidores com os potenciais objetos de consumo tendem a se tornar as principais unidades na rede peculiar de interações humanas conhecida, de maneira abreviada, como “sociedade de consumidores”. Ou melhor, o ambiente existencial que se tornou conhecido como “sociedade de consumidores” se distingue por uma reconstrução das relações humanas a partir do padrão, e à semelhança, das relações entre os consumidores e os objetos de consumo. Esse feito notável foi alcançado mediante a anexação e colonização, pelos mercados de consumo, do espaço que se estende entre os indivíduos – esse espaço em que se estabelecem as ligações que conectam os seres humanos e se erguem as cercas que os separam⁸⁷. (BAUMAN, 2008, p. 19)

Para além de uma distinção temporal ou histórica, vivemos em um estado de múltiplas perspectivas que modificou significativamente as relações e trocas existentes no mundo de hoje. Podemos destacar algumas delas:⁸⁸ diluição das fronteiras; desenvolvimento de uma cultura de consumo; fragmentação e crise das identidades, narrativas e percepções; descentramento do sujeito; acentuação do sincretismo; desenvolvimento dos meios de comunicação de massa; o domínio da globalização; o avanço da tecnologia; o surgimento da internet; a consolidação, expansão e nova crise do capitalismo; o encurtamento das distâncias; a rapidez na troca de informações e ideias; alteração das noções de tempo e de espaço; enfim, “tudo ao mesmo tempo agora”, como dizem alguns contemporâneos sobre esse estado sempre alerta e saturado.

Vale ressaltar que, apesar de algumas dessas características serem novas, muitas delas foram somente adensadas, pois já existiam na chamada modernidade em seus primórdios; portanto elas só foram aprofundadas e ampliadas ao longo do processo⁸⁹. Todas essas características são fundamentais para se entender o contexto diversificado que enfatiza a cultura e suas práticas sociais como território de mediação, como nos mostra Ulf Hannerz ao discorrer sobre a relação entre os fluxos, as fronteiras e os híbridos imbricados nessas relações.

Na medida em que são enredadas nessas diversificadas correntes de cultura presentes em seus habitats, as pessoas, como seres culturais, provavelmente estão sendo moldadas, e modelam a si mesmas, por peculiaridades de sua biografia, gosto e cultivo de talentos. As identidades atribuídas ao grupo não precisam mais ser todopoderosas. Os fluxos culturais através das distâncias estão se tornando também cada vez mais polimorfos. (...) À medida que a cultura se move por entre correntes mais específicas, como o fluxo migratório, o fluxo de mercadorias e o fluxo da mídia, ou combinações entre estes, introduz toda uma gama de modalidades perceptivas e

⁸⁷ Destacamos esse trecho pra enfatizar a ambiguidade do consumo, que ao mesmo tempo em que parece aproximar determinadas classes sociais, continua erguendo muros que reforçam a distinção entre as mesmas.

⁸⁸ OLIVEIRA, Ohana B. *Esquenta!* - Mediação Cultural: tudo junto e misturado. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção Cultural) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

⁸⁹ Tais características apresentadas fazem parte das discussões teóricas de alguns autores pesquisados, tais como Zygmunt Bauman (*O mal-estar da pós-modernidade*), Stuart Hall (*A identidade cultural na pós-modernidade*) e Mike Featherstone (*Cultura de consumo e pós-modernismo*), dentre outros.

comunicativas que provavelmente diferem muito na maneira de fixar seus próprios limites; ou seja, em suas distribuições descontínuas entre pessoas e pelas relações. (HANNERZ, 1997, p. 18)

Sendo assim, o contexto social, político e cultural brasileiro é de extrema importância para situar o objeto de pesquisa no espaço-tempo. Na área política, por exemplo, é preciso destacar os dois mandatos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no período entre 2003 e 2010, e a continuidade do governo com a atual presidente Dilma Rousseff⁹⁰, desde 2011. Um ex-operário de origem popular e uma mulher ocupando o cargo de maior representatividade do país é bastante significativo para acentuar esse momento de valorização das “classes populares”.

Precisamos destacar alguns programas sociais de redistribuição de renda (Bolsa Família⁹¹, Fome Zero) e incentivo à educação (ProUni⁹² e EJA - Educação de Jovens e Adultos), além da implementação de cotas raciais e sociais nas universidades⁹³. De maneira geral, pelo viés do consumo, houve uma ascensão econômica da “classe C”, e conseqüentemente uma ampliação de alguns acessos antes limitados⁹⁴: viagens nacionais e internacionais, aumento do fluxo de pessoas nas rodoviárias e aeroportos, acesso à internet, entrada em universidades públicas e privadas etc.

Existem várias definições para essa categoria, que tem sido bastante discutida atualmente e que merece destaque nesta pesquisa: a chamada “classe C”. Diversos pesquisadores de variados campos de estudo (economia, política, cultura, antropologia, sociologia, história etc.) têm trazido essa temática para o debate, cada qual com um termo

⁹⁰ No programa *Esquenta!* exibido em 09 de dezembro de 2012, Regina Casé entrevistou a presidente Dilma Rousseff. A apresentadora diz que o *Esquenta!* é um programa popular, uma festa para a qual todo mundo se sente convidado: “Muita gente dizia que esse programa da Regina só tem preto. Eu fui olhar na plateia e não tinha nem cinquenta por cento. É que nos outros programas só tem branco, então quando tem cinquenta por cento, dá a impressão que é o todo”. A presidente fala da importância da política afirmativa de cotas raciais pela questão da desigualdade histórica no país. Disponível em: <http://globo.com/rede-globo/esquenta/v/xo-preconceito-presidente-dilma-fala-sobre-a-questao-racial-no-brasil/2285191/> Acesso em 31 de outubro de 2014.

⁹¹ “Instituído no ano de 2004, reformulado e fundido em um só programa de transferência de renda, prevê famílias que se encontram em estado de pobreza e também as que estão em um nível baixíssimo de pobreza”. Retirado do site: <http://www.infoescola.com/mandatos-presidenciais-do-brasil/governo-lula/> Acesso em 12 de junho de 2014.

⁹² “Instituído também durante o ano de 2004, o Programa Universidade para Todos tem como meta possibilitar a admissão de jovens – com baixa renda - no ensino superior, por meio de bolsas de estudo integrais ou parciais”. Retirado do site: <http://www.infoescola.com/mandatos-presidenciais-do-brasil/governo-lula/> Acesso em 12 de junho de 2014.

⁹³ Sabemos que são programas polêmicos e não pretendemos discuti-los aqui por não ser o fórum adequado, mas os mesmos são importantes de serem elencados porque estão associados a políticas relacionadas à chamada classe C, dialogando dessa forma com as discussões da dissertação.

⁹⁴ É preciso destacar a visão de outros pesquisadores sobre o assunto, como, por exemplo, Ruy Braga, que enxerga a classe C pelo viés do precariado. Segundo o autor, os integrantes dessa categoria são sujeitos, que, por um lado, conseguem alguns benefícios (geralmente relacionados a bens materiais de consumo), mas, por outro, vivem em condições precárias de emprego e de vida (falta de saneamento básico, por exemplo). Ver mais: *A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista*. São Paulo: Boitempo, 2012.

específico: “nova classe média”, “nova classe trabalhadora”, “nova classe emergente”, “precariados”, entre outros.

Para outras esferas do conhecimento, o poder aquisitivo dos mais pobres e o aumento da renda dos estratos populares podem ter sido novidade, tanto que foram e têm sido exaustivamente explorados pela imprensa. Porém, essa tendência já havia sido sentida por antropólogos e vinha sendo pesquisada há algum tempo – principalmente por aqueles que se inserem na teoria do consumo, e têm o consumo como fenômeno de ordem sociocultural, econômica e simbólica, que implica interação, fruição, troca, distinção entre bens e indivíduos e/ou grupos (YACCOUB, 2011, p. 214).

Sabemos que tais termos foram inventados, assim como a própria noção de “classe C”, por isso apresentamos a definição econômica comumente utilizada, que abrange pessoas com renda *per capita* entre R\$ 320 e R\$ 1.120.⁹⁵ Esse foco especial a essa categoria se deu por vários motivos, dentre eles, pela mobilidade social que modificou a composição da sociedade brasileira em termos de classes econômicas, com mais da metade da população brasileira (54%), composta por aproximadamente 108 milhões de pessoas, integrante da nova classe média.

Ressaltamos inclusive que a antiga divisão de classes, apresentada em gráfico no formato de pirâmide, pela primeira vez se modificou e se aproximou do formato de losango, devido a esse aumento significativo da população de classe média. Segundo Ricardo Loureiro, presidente da *Serasa Experian*⁹⁶, “se esse contingente de pessoas formasse um país, ocuparia o décimo oitavo lugar no *ranking* das vinte nações com maior consumo do mundo”.

Podemos destacar algumas características analisadas nesse contexto socioeconômico da “classe C”⁹⁷: aumento da renda familiar, redução da desigualdade em termos econômicos, crescimento do emprego formal (com multiplicação de carteiras de trabalho assinadas), aumento do nível de escolaridade, ampliação do potencial de consumo, acréscimo nas vendas de carros novos, crescimento do fluxo no tráfego aéreo, aumento de cartões de crédito, aumento na venda de computadores etc.

Analisando essa dinâmica, podemos afirmar que definir “classes” é muito mais que definir renda, pois devemos tratar de *status* social sempre de forma relacional; para definirmos ou classificarmos as identidades de grupos ou estratos sociais, precisamos muito

⁹⁵ “Classe média brasileira representa 54% da população”. Disponível em: <http://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2014-02/classe-media-brasileira-representa-54-da-populacao> Acesso em 26 de julho de 2014.

⁹⁶ “Classe C dá mais atenção a marcas e qualidade do produto, diz estudo”. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2014/02/1413856-classe-c-da-mais-atencao-a-marcas-e-qualidade-do-produto-diz-estudo.shtml> Acesso em 26 de julho de 2014.

⁹⁷ *A Nova Classe Média: O Lado Brilhante dos Pobres* / Marcelo Córtes Neri (Coord.). Rio de Janeiro: FGV/CPS, 2010.

mais do que renda ou tipo (ou intensidade) de consumo (YACCOUB, 2011, p. 208). Concomitante a esse processo, observamos também como o aspecto sociocultural, através das manifestações de distinção de gosto e juízo de valor, foi fundamental para uma certa ridicularização da classe em ascensão.

Dessa forma, é importante salientar a recorrente utilização de um termo pejorativo em relação à ascensão da “classe C”, a *orkutização*⁹⁸, discutida no texto “A *orkutização* do cotidiano brasileiro”⁹⁹, de Hermano Vianna, José Marcelo Zacchi, Alê Youssef e Ronaldo Lemos. Segundo esses intelectuais e colaboradores da equipe do *Esquenta!*, a *orkutização* do próprio *Orkut* pode servir de metáfora para um fenômeno mais geral:

ao mesmo tempo, o Brasil também se orkutizou, com pessoas das classes baixas ocupando espaços ou tendo comportamentos que antes pareciam reservados às elites – dos aeroportos aos shopping centers, das universidades ao horário nobre, do imaginário publicitário à agenda pública. Sim, tudo refletia o momento único de redução da pobreza e da desigualdade vivenciado pelo país nesse período. Isso possibilitou muitas novidades em várias áreas da vida social. Diante da invasão das redes sociais, muita gente nem sabia, por exemplo, que fatias crescentes das classes baixas brasileiras já tinham acesso a computadores, celulares e internet. Mais importante: é ainda desconcertante para muitos constatar que os invasores de espaços “alheios” – que não foram criados para esse público “alvo” – não aparecem ali apenas como consumidores acanhados, mas como produtores orgulhosos de bens materiais ou imateriais e dos circuitos/mercados para consumi-los e produzi-los¹⁰⁰.

Os autores destacam ainda que nesse Brasil *orkutizado* “não será viável que políticas públicas e estratégias de mercado formulem qualquer projeto sem levar em consideração públicos que não se contentam mais com apenas recepção ou consumo passivos das ideias que chegam de fora, ou de cima”¹⁰¹. Diante das considerações, é importante destacar o fato de que “isto significa que a nova classe média brasileira não só inclui o eleitor mediano tido como aquele que decide o segundo turno de uma eleição, mas que ela poderia sozinha decidir um pleito eleitoral” (NERI, 2010, p. 14).

A força renovadora da “nova classe média” brasileira vai, assim, muito além da sua emergência econômica. Revela desde o primeiro momento seu vigor simbólico, criador. Afirma sua origem e trajetória, atualizando as faces do Brasil interna e externamente. E antecipa, pelas vias da cultura e da comunicação, seu protagonismo

⁹⁸ A *orkutização*, derivada da palavra *Orkut*, é um termo pejorativo inicialmente utilizado na internet, de modo geral, para designar a popularização de determinadas redes sociais por conta do amplo acesso de usuários das classes populares. Ao longo dos anos, tal neologismo foi apropriado para outras áreas, mas com o mesmo sentido negativo. Ver ENNE, Ana Lucia. “O uso dos termos favelização, orkutização e outros similares nas disputas por consumo e identidades na cultura da Internet”. Artigo apresentado no COMUNICON. São Paulo, ESPM, 2012.

⁹⁹ Presente na publicação *Vozes da classe média: É ouvindo a população que se constroem políticas públicas adequadas*. Edição: MARCO ZERO. Brasília, 20 de setembro de 2012. Governo Federal. Presidência da República. Secretaria de Assuntos Estratégicos.

¹⁰⁰ *Idem*.

¹⁰¹ *Idem*.

político na grande narrativa dos destinos do país¹⁰².

A partir deste cenário, podemos observar também que houve um aumento significativo na quantidade de representações de determinados personagens nas produções televisivas brasileiras relacionadas à essa ascensão socioeconômica da “classe C”¹⁰³. Como exemplos de programas de televisão, podemos destacar os mais recentes, exibidos na Rede Globo: as novelas *Avenida Brasil*¹⁰⁴, *Cheias de Charme*¹⁰⁵, *Salve Jorge*¹⁰⁶ e *Geração Brasil*¹⁰⁷; as séries *A diarista*¹⁰⁸, *Suburbia*¹⁰⁹, *Pé na Cova*¹¹⁰ e *Vai que cola*¹¹¹, esta última exibida no canal pago Multishow. Na Rede Record também foram criadas representações semelhantes, como, por exemplo, a série *A Lei e o Crime*¹¹² e a novela *Vidas Opostas*¹¹³. É preciso ressaltar, entretanto, que muitas representações que aparecem nesses programas reforçam estereótipos e caricaturas das classes populares, contribuindo para a continuidade dos estigmas e

¹⁰² *Idem*.

¹⁰³ Camila Oliveira Pesce fez um mapeamento dessas produções em sua monografia, intitulada *Suburbia: Produções Populares e Percepção Televisiva*, no curso de graduação de Estudos de Mídia da Universidade Federal Fluminense. PESCE (2014).

¹⁰⁴ Exibida no horário das 21h em 2012, a novela de João Emanuel Carneiro trazia como núcleo principal o bairro fictício Divino, localizado no subúrbio do Rio de Janeiro, inspirado no bairro de Madureira. Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/avenida-brasil.htm> Acesso em 23 de julho de 2014.

¹⁰⁵ Exibida no horário das 19h em 2012, a novela de Felipe Miguez e Isabel de Oliveira tinha como núcleo principal a vida de três empregadas domésticas: Maria da Penha (Taís Araújo), Maria do Rosário (Leandra Leal) e Maria Aparecida (Isabelle Drummond). Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/cheias-de-charme.htm> Acesso em 23 de julho de 2014.

¹⁰⁶ Exibida no horário das 21h entre 2012 e 2013, a novela de Glória Perez teve como um de seus núcleos centrais o Complexo do Alemão, conjunto de favelas localizado no Rio de Janeiro. Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/salve-jorge/salve-jorge-trama-principal.htm> Acesso em 23 de julho de 2014.

¹⁰⁷ Exibida no horário das 19h em 2014, a novela de Felipe Miguez e Isabel de Oliveira tem um dos seus núcleos principais no bairro fictício Gambiarra, localizado na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Fonte: <http://gshow.globo.com/novelas/geracao-brasil/index.html> Acesso em 23 de julho de 2014.

¹⁰⁸ Seriado de comédia exibido entre 2004 e 2007 no qual a personagem principal, interpretada pela atriz Cláudia Rodrigues, era empregada doméstica. Era exibido às terças-feiras às 22h30. Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/humor/a-diarista/formato.htm> Acesso em 23 de julho de 2014.

¹⁰⁹ Exibida em 2012, a série retratava uma família da Zona Norte do Rio de Janeiro, em meados dos anos 1990. Era exibido às quintas-feiras às 23h30. Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/seriados/suburbia/trama-principal.htm> Acesso em 23 de julho de 2014.

¹¹⁰ Exibido às quintas-feiras a partir das 22h30 desde 2013, o seriado se passa no Irajá, subúrbio do Rio de Janeiro. Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/seriados/pe-na-cova/pe-na-cova-trama-principal.htm> Acesso em 23 de julho de 2014.

¹¹¹ Exibida desde 2013, a série se passa em uma pensão no Méier, subúrbio do Rio de Janeiro. Fonte: <http://multishow.globo.com/programas/vai-que-cola/> Acesso em 23 de julho de 2014.

¹¹² Série de Marcílio Moraes exibida em 2009 com uma trama que envolvia tráfico de drogas e favelas do Rio de Janeiro. Fonte: <http://rederecord.r7.com/2013/09/18/nao-perca-serie-a-lei-e-o-crime-volta-a-programacao-da-record-no-dia-30-de-setembro/> Acesso em 23 de julho de 2014.

¹¹³ Novela de Marcílio Moraes exibida entre 2006 e 2007 que abordava questões relacionadas ao tráfico de drogas e favelas do Rio de Janeiro. Fonte: <http://entretenimento.r7.com/vidas-opostas/> Acesso em 23 de julho de 2014.

preconceitos¹¹⁴.

Podemos afirmar que esse aumento considerável de representações das classes populares está atrelado, dentre outros fatores, à lógica mercadológica voltada para o poder de compra dessa classe “emergente” e conseqüentemente o aumento dos potenciais consumidores, focando a publicidade e a venda de produtos para o público-alvo da “nova classe média”.

O novo comportamento do consumo impactou diretamente na economia como um todo. O Plano Real nos anos 1990 possibilitou o ingresso de milhares de consumidores ao patamar do reconhecimento pelas grandes empresas de consumidores e clientes. A inflação diminuiu, a moeda se estabilizou e novos modos de fazer negócio foram possíveis, os parcelamentos ganharam corpo, levando determinadas lojas a virarem fenômenos de venda¹¹⁵.

Dessa forma, podemos perceber duas abordagens diferentes relacionadas ao que seria essa “nova classe média” e de que forma ela estaria representada no meio televisivo: o de territorialidade, voltada para a representação dos subúrbios, periferias, favelas e comunidades (principalmente do Rio de Janeiro); e o de consumo, voltado para o perfil de potenciais consumidores e seu cada vez maior poder de compra e de acesso ao crédito¹¹⁶.

Em relação à nova territorialidade construída, nos interessa perceber como esse discurso já se encontra ao longo da trajetória de Regina Casé, através dos programas “legais” apresentados no decorrer de sua carreira na televisão. Além do contato próximo com a rua¹¹⁷, muitos espaços estigmatizados como as favelas, periferias e comunidades especialmente do Rio de Janeiro, são reterritorializados ao serem exibidas outras características, nesse caso positivas, de lugares associados a tragédias e criminalidades.

Tal abordagem dá preferência em mostrar de forma otimista outro aspecto da realidade

¹¹⁴ Não discutiremos essas questões acerca desses programas e novelas específicos, mas podemos afirmar que alguns desses conflitos de representação estão presentes no *Esquenta!* e serão abordados ao longo deste capítulo e do próximo.

¹¹⁵ YACCOUB, Hilaine. A chamada “nova classe média”. Cultura material, inclusão e distinção social. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 17, n. 36, p. 197-231, jul./dez. 2011.

¹¹⁶ Lembrando que “ser de uma classe e pertencer a ela está muito além da posse de determinados bens de consumo”. In: YACCOUB, *idem*.

¹¹⁷ No programa exibido em 5 de outubro de 2014 com a temática da rua, a apresentadora abriu a edição falando que “o *Esquenta!* se alimenta das ruas. A gente tá ligado em tudo que acontece nas ruas desse país. A rua é lugar de arte, arte à céu aberto, música, cultura, cultura que a rua inventou, a gente trouxe pra cá pro *Esquenta!*” (grifos nossos). Ao final da exibição, deixou a seguinte mensagem: “Aqui a gente tenta fazer uma festa tão boa quanto as festas de rua. Quando comecei o *Esquenta!*, a gente vinha de um trabalho de 30 anos, *Brasil Legal, Programa Legal, Central da Periferia, Minha periferia*. Quando eu vim pro estúdio, eu falei que não ia dar certo, que ia durar pouco, mas vocês são tão legais e mandam tantas coisas que tão acontecendo pelo Brasil afora que aqui virou uma praça, virou um lugar de encontro, de todas essas coisas legais que tão acontecendo Brasil afora. Eu queria agradecer e dizer que eu nunca pensei que isso iria virar uma rua e virou, e fico muito feliz que todo mundo se sinta à vontade no *Esquenta!*, todo mundo é bem-vindo. Gostaria que as festas de rua pudessem acontecer conciliando lazer e respeito, respeito ao direito das pessoas em volta também” (grifos nossos).

das pessoas que vivem no meio da desigualdade social e sobrevivem a condições precárias no cotidiano¹¹⁸. Um dos caminhos utilizados para enaltecer tais territórios é o cultural, ao valorizar as manifestações artísticas produzidas por esses sujeitos, que são muito variadas e relacionadas a diferentes expressões. Amplamente conhecidas, temos como exemplo a música e a dança da cultura popular, associadas ao funk, ao hip hop, ao samba e ao pagode e também influenciadas pelo forró e sertanejo.

Pensando esse âmbito cultural brasileiro recente que ampliou as discussões acerca do tema, é preciso destacar a gestão do cantor e compositor Gilberto Gil no Ministério da Cultura, entre os anos de 2003 e 2008. Marcado pelos programas Mais Cultura¹¹⁹ e Cultura Viva¹²⁰, a gestão de Gil trouxe diversas mudanças no posicionamento em relação à cultura do país, principalmente na valorização das produções culturais populares e de uma maior proximidade com a população, bastante presente em seu discurso de posse: “quero o Ministério presente em todos os cantos e recantos de nosso País. Quero que esta aqui seja a casa de todos os que pensam e fazem o Brasil. Que seja, realmente, a casa da cultura brasileira”¹²¹.

Importante ressaltar que Hermano Vianna, um dos criadores do *Esquenta!*, é amigo de Gilberto Gil e foi assessor de sua gestão no Ministério da Cultura¹²². Para entender melhor essas diretrizes, podemos ver a própria discussão sobre o conceito de cultura na fala de Gilberto Gil, que foi incorporada pelos programas culturais durante seu período de trabalho

¹¹⁸ No programa exibido em 24 de novembro de 2013 com o tema Bahia, o então Secretário de Assuntos Estratégicos do Brasil, o economista Marcelo Neri, participou da conversa sobre um novo indicador, o FIB (Felicidade Interna Bruta), uma analogia ao PIB (Produto Interno Bruto). Segundo o pesquisador, “é um conceito que surgiu no Butão na Ásia. E junto com as Nações Unidas gerou-se uma medida que envolve o uso do tempo, da saúde, educação, como você vive, a qualidade de vida em um sentido mais completo. A produção, quanto você ganha, é uma parte da vida, mas o objetivo da vida mesmo é você ser feliz”. Marcelo ainda conta que de acordo com uma pesquisa, o brasileiro é “relativamente feliz” ficando em 18º dentre 160 países. “O brasileiro é pouco sensível a dinheiro, não tem nenhum país mais insensível a dinheiro do que o Brasil. O brasileiro é feliz porque é feliz”, exaltou Neri. Disponível em: <http://gshow.globo.com/programas/esquenta/O-Programa/noticia/2013/11/economista-explica-o-que-e-felicidade-interna-bruta-e-diz-se-o-brasileiro-e-feliz.html> Acesso em 10 de fevereiro de 2015.

¹¹⁹ “O programa Mais Cultura criou os Pontos de Cultura – centros produtores e difusores de cultura – e ampliou o conceito de política pública, compondo uma rede articulada e, a partir de convênios assinados com os governos estaduais e municipais, potencializando a ampliação dessa rede em todo o país”. Retirado do site: <http://www2.cultura.gov.br/site/2011/03/15/26-anos-do-minic/> Acesso em 13 de junho de 2014.

¹²⁰ “Esse Programa surgiu para fortalecer o protagonismo cultural na sociedade brasileira, valorizando as iniciativas culturais de grupos e comunidades, ampliando o acesso aos meios de produção, circulação e fruição de bens e serviços culturais, tendo como base os Pontos e Pontões de Cultura”. Retirado do site: <http://www2.cultura.gov.br/culturaviva/cultura-viva/> Acesso em 13 de junho de 2014.

¹²¹ “Leia a íntegra do discurso de posse de Gilberto Gil”. Retirado do site: <http://www1.folha.uol.com.br/foha/brasil/ult96u44344.shtml> Acesso em 13 de junho de 2014.

¹²² Informação retirada da dissertação de mestrado intitulada “Com quantos gigabytes se faz uma jangada, um barco que veleje”: o Ministério da Cultura, na gestão Gilberto Gil, diante do cenário das redes e tecnologias digitais, apresentado por Eliane Sarmento Costa em 2011 na FGV. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/8437/CPDOC2010ElianeSarmentoCosta.pdf?> Acesso em 07 de julho de 2014.

como ministro e que reflete até hoje em algumas políticas culturais implementadas no Brasil:

Cultura, como alguém já disse, não é apenas "uma espécie de ignorância que distingue os estudiosos". Nem somente o que se produz no âmbito das formas canonizadas pelos códigos ocidentais, com as suas hierarquias suspeitas. (...) Cultura como tudo aquilo que, no uso de qualquer coisa, se manifesta para além do mero valor de uso. Cultura como aquilo que, em cada objeto que produzimos, transcende o meramente técnico. (...) Cultura como o sentido de nossos atos, a soma de nossos gestos, o senso de nossos jeitos¹²³.

Ao contexto de ascensão e valorização, em termos de políticas públicas e práticas de consumo, da chamada “classe C” no Brasil, soma-se o contexto histórico mundial contemporâneo, marcado por vetores globais e multiculturais, que, segundo Velho, envolvem o processo de urbanização, o desenvolvimento das grandes regiões metropolitanas e das megalópoles, os meios de transporte e comunicação, os avanços tecnológicos, produzindo uma transformação inédita na história da humanidade quanto a alterações de padrões de sociabilidade e interação, costumes e rotinas.

Mas vale sublinhar que as diferentes sociedades e culturas interpretaram e lidaram de modo singular com essas mudanças, impedindo que se pense em um processo efetivamente uniforme. Embora existam semelhanças, as diferenças são cruciais para perceber os significados e definições de realidade em cada situação. Isso é importante para não cairmos em esquemas evolucionistas apressados e empobrecedores. (VELHO, 1994, p. 67)

Adotamos o termo sociedades complexas para nos referirmos à sociedade na qual vivemos, que foi analisada por Gilberto Velho. Segundo o autor, uma das suas principais características é a coexistência de diferentes estilos de vida e visões de mundo. Essa coexistência de diferentes mundos constitui a sua própria dinâmica (*ibidem*, p. 27).

Outro termo pertinente à pesquisa discutido por Velho é o de “campo de possibilidades”, que envolve a relação entre as alternativas construídas via processo sócio-histórico e o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura (*ibidem*, p. 28). Para analisar o contexto contemporâneo em que vivemos, utilizamos sua definição, que apresenta diversos elementos nos permitem refletir sobre a complexidade das sociedades moderno-contemporâneas, constituídas e caracterizadas por um intenso processo de interação entre grupos e segmentos diferenciados.

A própria natureza da complexidade moderna está indissolúvelmente associada ao mercado internacional cada vez mais onipresente, a uma permanente troca cultural através de migrações, viagens, encontros internacionais de todo o tipo, além do fenômeno da cultura e comunicação de massas. As fronteiras entre os Estados-Nações são cruzadas de todos os modos por relações econômicas, de poder e

¹²³ Trecho do discurso de posse de Gilberto Gil como Ministro da Cultura. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u44344.shtml> Acesso em 13 de junho de 2014.

culturais em quaisquer níveis. (...) Inegavelmente existe tensão e conflito entre níveis coexistentes, reforçando mais uma característica da complexidade. (*ibidem*, p. 38-39)

Tal definição serve de base para as discussões relacionadas ao contexto multicultural das sociedades contemporâneas, pois sabemos que nenhuma delas é “simples ou homogênea. Mesmo nas de menor escala, encontra-se alguma diferenciação (...). Pode-se dizer que a própria possibilidade de vida social reside na interação das diferenças, com a conhecida problemática antropológica da troca e da reciprocidade” (*ibidem*, p. 44).

Nenhum de nós pode construir o mundo das significações e sentidos a partir do nada: cada um ingressa num mundo “pré-fabricado”, em que certas coisas são importantes e outras não o são; em que as conveniências estabelecidas trazem certas coisas para a luz e deixam outras na sombra (BAUMAN, 1998, p. 17). Como afirma Velho, nas sociedades complexas modernas essas características assumem outras proporções e significados (VELHO, 1994, p. 44).

A multiplicação e a fragmentação de domínios, associadas a variáveis econômicas, políticas, sociológicas e simbólicas, constituem um mundo de indivíduos cuja identidade é colocada permanentemente em xeque e sujeita a alterações drásticas. O trânsito intenso e frequente entre domínios diferenciados implica adaptações constantes dos atores, produtores de e produzidos por escalas de valores e ideologias individualistas constitutivas da vida moderna. Essa situação, como já percebia Simmel no início do século, é particularmente aguda nas metrópoles. Mas o desenvolvimento da comunicação de massas e dos processos globalizadores expande e generaliza essa problemática. (*ibidem*, p. 44-45)

Entendendo a dinâmica contextual contemporânea como sendo atravessada por diversas variáveis que influenciam diretamente a produção de conteúdos midiáticos, discutiremos como a mediação cultural está inter-relacionada com tais produções, sendo chave fundamental para entender a lógica do *Esquenta!*.

2.2 - Mediações e trajetórias “legais”

Partindo da premissa de que a cultura é um lugar de disputas, conflitos, resistência e negociações, podemos afirmar que a produção das manifestações culturais se relaciona com o mundo em que se insere e é influenciada por diversos processos sociais, gerando ambiguidades, contradições, embates, rupturas; propiciando múltiplos discursos. A noção de cultura valoriza a rede de significados, a construção social da realidade, a identificação do arbitrário e a percepção das diferenças de visão de mundo e estilo de vida (VELHO, 1994, p. 89).

Isso tem sido fundamental para buscar não só as diferenças entre sociedades mas,

cada vez mais, nos nossos termos, a heterogeneidade interna de sociedades complexas e contemporâneas como a brasileira. Essa reflexão, de natureza antropológica, tem servido de base para a sustentação contra a tentativa de impor modelos únicos e homogeneizadores de condutas e atitudes. Tem se constituído também em instrumento precioso na defesa de um pluralismo sociocultural que valoriza diversas alternativas e, sobretudo, a liberdade existencial dos indivíduos que transitam entre diferentes domínios e mundos de significado. (*idem*)

Sendo assim, as mediações são elementos fundamentais para lidarmos com os aspectos culturais da sociedade contemporânea e entendermos a dinâmica que envolve a atuação de Regina Casé, Hermano Vianna e Guel Arraes no *Esquenta!*, por isso tal temática será o eixo teórico que nos levará às trajetórias dos mesmos.

Sobre o papel do mediador e a dinâmica que envolve sua atuação, utilizamos a definição de Karina Kuschnir em seu texto “Trajetória, projeto e mediação na política”¹²⁴, no qual analisa determinada figura política e sua trajetória marcada por processos de mediação. A autora destaca o estabelecimento de pontes por parte do mediador entre os mundos pelos quais circula, criando “espaço de convergência, estabelecendo pontes e conexões entre pessoas, instituições e saberes oriundos de diversos universos culturais” (KUSCHNIR, 2001, p. 160).

Segundo Kuschnir, a interferência do mediador vai além de um mero intermediário, pois sua atuação é mais ampla, não apenas transportando informações de um lado para o outro. A interferência do mediador é criativa, gerando novos valores e condutas (*ibidem*, p. 158). É legítimo questionar qual seria a motivação desses mediadores, ao promoverem entendimento, comunicação, aproximação e trocas culturais entre diferentes grupos, na tentativa de reduzir distâncias culturais, questões recorrentes no discurso de Regina Casé no *Esquenta!*, quando a apresentadora enaltece o espaço do programa como promotor da igualdade social e construtor de pontes que promovem encontros.

Kuschnir afirma que “o mediador usufrui uma inserção social privilegiada. Seu papel é estratégico, na medida em que suas decisões podem interferir e influenciar a vida e o prestígio daqueles que estão em seu campo de ação, seus contemporâneos” (*ibidem*, p. 159). Dessa forma, podemos perceber a utilização de estratégias visando determinados fins e projetos de vida/ideológicos, considerando a atuação do mediador como aquele que estabelece pontes e comunicação entre os universos pelos quais transita.

Em sociedades com predomínio de ideologias individualistas, onde os atores têm possibilidade de exercer escolhas, a ação do mediador deve ser entendida como um projeto, mais ou menos consciente. Embora restrito às possibilidades do quadro

¹²⁴ In: *Mediação, cultura e política*. Organizadores Gilberto Velho e Karina Kuschnir. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

social e histórico em que está situado, o projeto põe em evidência a capacidade dos indivíduos de planejar seu futuro e, com isso, contribuir para dar sentido à sua experiência fragmentada (Velho, 1981). É a partir desse projeto, ou 'plano de vida', que o mediador organiza seus interesses e estrutura seu estoque de conhecimento para interagir com os outros (Schutz, 1979)". (*idem*)

Uma das ideias sobre mediação que nos interessa está presente no livro *O mistério do samba*, que através da narrativa escrita ratifica o interesse de Hermano Vianna por esse tema. Um dos motes é analisar os mediadores culturais e os espaços sociais onde essas mediações são implementadas. O autor afirma que a heterogeneidade cultural é uma das principais características das sociedades complexas, o “produto nunca acabado da interação e negociação da realidade efetivadas por grupos e mesmo indivíduos cujos interesses são, em princípio, potencialmente divergentes” (VELHO, 1980, p. 17 *apud* VIANNA, 1995, p. 41).

Essa multiplicidade de visões de mundo, estilos de vida, políticas e práticas sociais contrastantes e discursos contraditórios é uma característica incontornável da complexidade social. Através da mediação, fronteiras são cruzadas e mesmo flexibilizadas, transformando padrões tradicionais de relacionamento (VELHO e KUSCHNIR, 2001, p. 24). Tais características dialogam com a ideia de metamorfose desenvolvida por Velho e também com as trajetórias dos profissionais envolvidos no *Esquentar!*, a serem descritas a seguir.

A possibilidade de lidar com vários códigos e viver diferentes papéis sociais, num processo de metamorfose, dá a indivíduos específicos a condição de mediadores quando implementam de modo sistemático essas práticas. O maior e o menor sucesso de seus desempenhos lhes dará os limites e o âmbito de sua atuação como mediadores. (*ibidem*, p. 25)

Dessa forma podemos destacar uma das atuações do mediador no sentido de colocar em contato mundos culturais bem diversos ou, pelo menos, de transitar por vários mundos, deixando suas marcas em cada um deles (VIANNA, 1995, p. 155). Segundo Vianna, a mediação, quando é homogeneizadora, não tem capacidade para destruir integralmente a multiplicidade (talvez essa nunca seja a intenção dos mediadores)¹²⁵ (*ibidem*, p. 156).

A mediação cultural é um “papel desempenhado por indivíduos que são intérpretes e transitam entre diferentes segmentos e domínios sociais. De certa forma, é o oposto sociológico do homem marginal esmagado entre dois sistemas culturais” (VELHO, 1994, p. 81). Ainda segundo Velho, esses mediadores se tornam especialistas na interação entre

¹²⁵ Nesse ponto, discordamos dessa afirmação do Hermano Vianna, pois consideramos que se há qualquer indício de homogeneização, não há mediação e sim um dirigismo que se aproxima de um ideal iluminista de levar cultura para quem não tem ou mostrar que determinada cultura é melhor que outra, com um viés de análise qualitativa, transformando um processo de troca cultural em via de mão única. Ainda nessa discussão, nos interessa entender que essa suposta mediação homogeneizadora, além de equalizar as diferenças e reduzir a multiplicidade, acaba revelando a intenção de determinados mediadores vinculada a uma noção de projeto, a ser discutida no terceiro capítulo via Gilberto Velho.

diferentes estilos de vida e visões de mundo. Mesmo pertencendo, na origem ou não, a um grupo social com capital simbólico específico, desenvolvem o talento e a capacidade de intermediarem mundos diferentes (*idem*).

Seu sucesso profissional e pessoal depende de seu desempenho como intermediários. Em uma sociedade complexa e heterogênea, papéis como esses, nem sempre explícitos e conscientes, fazem parte da própria lógica do processo interativo. O potencial de metamorfose permite, em geral, aos indivíduos transitarem entre diferentes domínios e situações, sem maiores danos ou custos psicológicos-sociais (...). Dentro desse repertório, portanto, desenvolvem-se papéis e desempenhos mais especializados, sem que isso signifique uma exclusão dos outros indivíduos. (...) As diferenças, claramente existentes, se devem a especificidades de trajetória, origem, poder, prestígio, associadas à natureza da estrutura social. (*ibidem*, p. 82).

É preciso atentar para o fato de que existem redes de relações sociais e fluxos de informações que permitem esses contatos e diálogos que não apagam, mas são paralelos à desigualdade econômica e da distribuição de poder (VELHO e KUSCHNIR, 2001, p. 25). Esse inclusive é um dos pontos mais complexos e ambivalentes no que diz respeito à análise do programa *Esquenta!* e do papel que ele desempenha na televisão brasileira dentro da lógica hegemônica da emissora no qual está inserida, o que será discutido no próximo capítulo.

Como afirma Kellner, consideramos que a cultura da mídia articula um conjunto complexo de mediações (KELLNER, 2001, p. 138) e que a televisão e outras formas da cultura da mídia desempenham papel fundamental na reestruturação da identidade contemporânea e na conformação de pensamentos e comportamentos (*ibidem*, p. 304).

É preciso ressaltar também que os sujeitos envolvidos nessas mediações ocupam posições¹²⁶ “extremamente específicas, contraditórias, frágeis e sujeitas à rápida reconstrução e transformação” (*ibidem*, p. 307). Tais afirmações dialogam muito com o *Esquenta!* e com os sujeitos envolvidos em sua realização, que muitas vezes deixam “escapar” suas ambiguidades e complexidades. Maria Laura Cavalcanti, ao discorrer sobre o carnaval e a figura do carnavalesco, utiliza a expressão de Volvelle (1987, p. 214 apud CAVALCANTI, p. 54) para falar sobre os mediadores “que na dialética entre cultura erudita e cultura popular transitam entre meios culturais distintos, ocupando inevitavelmente posições ambíguas”.

Para aprofundar essas questões utilizamos as teorias de Kellner, que propõe uma abordagem multicultural crítica que implica a análise das relações de dominação e opressão, do modo de funcionamento dos estereótipos, da resistência por parte de grupos estigmatizados a representações dominantes e da luta desses grupos pela sua própria representação contra

¹²⁶ Em uma nota de página, Kellner explica a utilização da expressão “posições de sujeito”, que serve para descrever identidades, papéis, aparências ou imagens fixados pelos modelos ou pelos discursos da mídia.

representações dominantes e distorcidas, no sentido de produzir representações mais positivas (*ibidem*, p. 126).

A teoria social e o estudo cultural críticos que ataquem a opressão e lutem por igualdade social são necessariamente multiculturais e procuram estar atentos às diferenças, à diversidade cultural e à alteridade. Utilizamos o termo “multicultural” aqui como um conceito geral para as diversas intervenções em estudos culturais que insistam na importância de examinar minuciosamente representações de classe, sexo, sexualidade, etnia, subalternidade e outros fenômenos muitas vezes postos de lado ou ignorados em abordagens anteriores. (...) O termo “multicultural” aqui, portanto, funciona como uma rubrica geral para todas as tentativas de resistir à estereotipia, às distorções e à estigmatização por parte da cultura dominante. O multiculturalismo crítico também trabalha para abrir os estudos culturais à análise das relações de força e dominação na sociedade e aos modos como estas são dissimuladas e/ou legitimadas nas representações ideológicas dominantes. (*idem*)

Ainda sobre essa temática, Kellner questiona como a valorização das diferenças pode promover uma política de identidade de acordo com interesses específicos e desiguais, na medida em que servem para os meios hegemônicos manterem seu *status quo*. Segundo o teórico, tal política da diferença ou da identidade ajuda nas estratégias de “dividir para conquistar” que em última análise servem aos interesses do poder vigente (*ibidem*, p. 61).

A diferença vende. O capitalismo deve estar constantemente multiplicando mercados, estilos, novidades e produtos para continuar absorvendo os consumidores para as suas práticas e estilos de vida. A mera valorização da “diferença” como marca de contestação pode simplesmente ajudar a vender novos estilos e produtos se a diferença em questão e seus efeitos não forem suficientemente aquilutados. Também pode promover uma forma de política de identidade em que cada grupo afirme sua própria especificidade e limite essa política a seus próprios interesses, deixando de ver assim as forças comuns de opressão (*idem*).

Das teorias críticas de Jesús Martín-Barbero sobre “a cada dia mais complexa trama de mediações que a relação comunicação/cultura/política articula” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 12), destacamos a “emergência de uma razão comunicacional, cujos dispositivos – a fragmentação que desloca e descentra, o fluxo que globaliza e comprime, a conexão que desmaterializa e hibridiza – agenciam as mudanças do mercado da sociedade” (*ibidem*, p. 13). Ao falar sobre os meios de comunicação e as mediações que eles proporcionam, o autor demonstra que estamos vivendo “a reconfiguração das mediações em que se constituem os novos modos de interpelação dos sujeitos e de representação dos vínculos que dão coesão à sociedade” (*ibidem*, p. 14).

Mais que substituí-la, a mediação televisiva ou radiofônica passou a constituir, a fazer parte da trama dos discursos e da própria ação política. Pois essa mediação é socialmente produtiva, e o que ela produz é a densificação das dimensões rituais e teatrais da política. (...) Pois o meio não se limita mais a vincular ou a traduzir as representações existentes, nem tampouco a substituí-las, mas começou a constituir uma cena fundamental da vida pública. (*idem*)

Dessa forma, nos inspiramos na ideia de mapa noturno para aprofundar o conhecimento acerca de algumas das matrizes fundamentais que prefiguram o programa *Esquenta!*. Com esse mapa, Martín-Barbero “procurava re-situar o estudo dos meios desde a investigação das matrizes culturais, dos espaços sociais e das operações comunicacionais dos diferentes atores do processo” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.17).

Um mapa não para a fuga mas para o reconhecimento da situação desde as mediações e os sujeitos, para mudar o lugar a partir do qual se formulam as perguntas, para assumir as margens não como tema mas como enzima. Porque os tempos não estão para a síntese, e são muitas as zonas da realidade cotidiana que estão ainda por explorar, zonas em cuja exploração não podemos avançar se não apalpando, ou só com um mapa noturno”. (*ibidem*, p. 18)

Percorreremos então as trajetórias de Guel Arraes, Hermano Vianna e Regina Casé a partir da discussão sobre mediação apresentada, entendendo que as trajetórias desses atores são fundamentais para marcar o lugar que as atrações comandadas por eles ocupam na história da televisão e servem de matrizes para a configuração do objeto específico de análise desta pesquisa, apresentada no capítulo 1. “Família, trabalho, religião, lazer, opções políticas, entre outros, configuram um campo de possibilidades em que os atores individuais se movem, mais ou menos impelidos e pressionados, mas com uma gama básica de alternativas e opções” (VELHO, 1994, p. 79).

Sobre esse tema, a pesquisadora Adriana Facina, ao fazer uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues¹²⁷, utiliza o conceito de ilusão biográfica, discutido por Pierre Bourdieu, que baliza a descrição destas trajetórias. Entendemos as mesmas como construções em constante modificação e reconfiguração, portanto criações artificiais de sentido:

Essa construção, assim como a narrativa histórica, envolve uma seleção mais ou menos consciente dos eventos que devem constar no relato, de modo que ele tenha coerência e unidade. A coerência e a unidade do eu são vistas como correlatas à unidade do todo social, expressando assim a valorização do indivíduo nas sociedades ocidentais. Mas a biografia também deve ter um sentido que, assim como a coerência, seja uma construção *a posteriori* e torne possível a identificação de um projeto que norteie as trajetórias individuais. A ilusão que se produz é de que a história de vida do indivíduo aponta para um determinado sentido, e também para uma determinada significação, desenvolvendo-se linearmente em uma direção. Mas, na verdade, a relação é inversa, pois, sendo o relato biográfico uma construção, é ele que organiza a história de vida e busca dar-lhe significado (BOURDIEU *apud* FACINA, 2004, p. 29).

Na impossibilidade de relatar toda a biografia desses sujeitos, realizamos um recorte das trajetórias, levando em consideração que elas não são o foco da pesquisa, mas uma parte fundamental. Destacamos os pontos principais que se relacionam com esse caráter de

¹²⁷ FACINA, Adriana. *Santos e canalhas: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

mediação presente em diversos momentos das carreiras profissionais e pessoais de cada um deles, fazendo referência aos elementos que se aproximam da configuração do objeto desta dissertação. Estão presentes também algumas informações sobre o contexto histórico e artístico, pois elas também são decisivas para o caráter de mediação ou para ausência do mesmo.

Guel Arraes

Miguel Arraes de Alencar Filho¹²⁸, mais conhecido como Guel Arraes, nasceu no Recife (PE) em 1953. É filho do político Miguel Arraes, que fez carreira significativa em Pernambuco, como governador do Estado. Devido ao exílio de seu pai em 1969, Guel Arraes morou na Argélia durante três anos. Com 18 anos, se mudou para a França e foi estudar na Universidade de Paris, onde teve experiências com filme etnográfico e documentário, mesclando o estudo de antropologia com cinema, influenciado diretamente pelo francês Jean Rouch, com quem trabalhou por alguns anos. Voltou ao Brasil em 1980, trabalhou com cinema e em 1981 foi contratado pela Rede Globo de Televisão. Dirigiu algumas novelas em parceria com Jorge Fernando, dentre elas *Jogo da Vida* (1981), *Guerra dos Sexos* (1983) e *Vereda Tropical* (1984).

Em 1985, dirigiu o seriado *Armação Ilimitada*¹²⁹, trazendo uma nova linguagem para a televisão brasileira, com referências a videocliques e uma ideia de juventude, ao trazer aventura, diversão e irreverência para a tela. Em 1988, foi um dos criadores do programa *TV Pirata*¹³⁰, que trouxe renovação do humor com o uso da metalinguagem e de um elenco jovem vindo do teatro, sendo uma das atrizes Regina Casé, do grupo *Asdrúbal Trouxe o Trombone*, que integrava a equipe do programa. Um dos fatores para essa inovação é o fato de ter sido criado, produzido e encenado por uma geração que cresceu vendo televisão, o que incentivou a realização de paródias sobre as telenovelas, os comerciais, as propagandas, os programas jornalísticos etc.

Na metade da década de oitenta, *Armação Ilimitada* (1985/1988) e *TV Pirata*

¹²⁸ Retirado do site: <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/guel-arraes/trajetoria.htm> Acesso em 26 de maio de 2014

¹²⁹ “Dramaturgia destinada ao público jovem. Fazia uma paródia desse mundo através dos seriados televisivos, moda e música. Misturou dramaturgia, com programa radiofônico, humor e videoclipe. Direção: Guel Arraes, com texto de Antonio Calmon, Euclides Marinho, Patrícia Travassos e Nelson Motta” (CAMINHA, 2007, p. 41).

¹³⁰ “Programa de paródia da grade de programação televisiva, desde os comerciais, as novelas, jornais e programas infantis. A televisão era o ponto de partida para o humor. Dirigido por Guel Arraes, com texto de Mauro Rasi, Luis Fernando Veríssimo, Patrícia Travassos, Pedro Cardoso, Reinaldo Bussunda, Cláudio Paiva, Cláudio Manoel, Hélio de La Peña, Beto Silva e Marcelo Madureira”. (CAMINHA, 2007, p. 41)

(1988/1990), ambos dirigidos por Guel Arraes, penetraram na grade de programação da TV Globo, então a rede de maior audiência do país. São programas que, a partir da audiência expressiva, vão formar o chamado Núcleo Guel Arraes, reconhecido como o de maior irreverência no uso da linguagem paródica e da comicidade dentro da emissora. (CAMINHA, 2007, p. 41)

Em 1991, participou da criação do *Programa Legal*¹³¹, em parceria com Regina Casé e Hermano Vianna. Em 1995, outro programa em parceria foi criado, o *Brasil Legal*¹³², integrante do núcleo de Guel Arraes. Em 1998, também em seu núcleo, foi criado o programa *Muvuca*¹³³, apresentado por Regina Casé.

Foi em função desse interesse pela experimentação de linguagens que o diretor criou um modelo de programa humorístico a partir do entrelaçamento entre documentário e ficção. Guel Arraes relata que esse processo é o resultado de uma parceria com o cineasta Jorge Furtado, iniciada em 1991, com a criação do *Programa Legal* (1991-1992) (JÚNIOR: 2001). Idealizado por Regina Casé e Hermano Vianna, o *Programa Legal* era um programa jornalístico mesclado com ficção. Surgiu a partir do quadro “Na Geral”, apresentado no *Fantástico*. Regina Casé e Luis Fernando Guimarães eram como uma espécie de âncoras do programa, em que cada episódio era pautado por uma temática diferente (Adolescente, Bahia, Programas de índio, entre outras). Para além, esses atores interrogavam o público, colocando-os em cena, ao mesmo tempo em que criavam pequenas dramatizações entre uma reportagem e outra. (*ibidem*, p. 46-47)

Um dos programas que marcou de forma significativa essa mistura entre ficção e documentário, característica importante do trabalho de Guel Arraes no quesito mediação de linguagens, foi o quadro *Retrato Falado*¹³⁴ (2000-2005), exibido no *Fantástico* (Rede Globo), estrelado por Denise Fraga e analisado na dissertação de mestrado da pesquisadora Marina Caminha, intitulada *Retrato Falado: uma fábula cômica do cotidiano*, uma das referências para essa pesquisa, principalmente em relação à trajetória profissional de Guel Arraes.

Um destaque curioso da carreira de Guel Arraes é o fato de ter dirigido duas microsséries para a televisão que posteriormente foram adaptados para o cinema, no formato de longa-metragem, pois em geral o que acontece é movimento inverso. São elas: *O Auto da Compadecida* (1999) e *Caramuru – A invenção do Brasil* (2000). Tais obras representam uma proposta de mediação marcante em seu trabalho, que transita entre o cinema e a televisão, ao

¹³¹ “Apresentado por Regina Casé e Luis Fernando Guimarães, o programa misturava jornalismo e humor. Cada episódio era baseado em uma temática diferente. Foi escrito por Hubert, Pedro Cardoso, André Waissaman e Marcelo Tas, com direção de Guel Arraes”. (CAMINHA, 2007, p. 41)

¹³² “Uma espécie de mistura entre documentário e humor, o programa apresentado por Regina Casé, como celebração do ordinário, abordava lugares, assuntos ou pessoas comuns, tornando-os excepcionais. Foi dirigido inicialmente por Sandra Kogut”. (CAMINHA, 2007, p. 42)

¹³³ “Com direção de Estevão Ciavatta, o programa reunia em uma casa no bairro carioca do Humaitá, personalidades e o sujeito comum em torno de uma mesma temática. O programa se dividia entre a casa e a rua onde Regina Casé colhia depoimentos. Foi criado pelo núcleo Guel Arraes”. (CAMINHA, 2007, p. 42)

¹³⁴ “*Retrato Falado* é uma narrativa que encena episódios que aconteceram no mundo cotidiano e que chegam à produção do quadro por meio de cartas enviadas por telespectadores. Sua dramatização se constitui por duas temporalidades diferentes: o testemunho do sujeito comum, que aparece como narrador de suas histórias, e a da performance da atriz Denise Fraga, que ilustra essas falas”. (CAMINHA, 2007, p. 14)

misturar linguagens muitas vezes tidas como separadas, a televisiva e a cinematográfica, apesar de ambas serem audiovisuais. Podemos perceber também a construção de uma certa ideia de brasilidade em seus trabalhos, principalmente no cinema, por exemplo, ao fazer adaptações de literatura brasileira com um caráter marcadamente identitário¹³⁵.

Outro sucesso no cinema foi o filme *Lisbela e o Prisioneiro* (2003), rodado inteiramente em Pernambuco, sua terra natal¹³⁶. Ao longo dos anos 2000, dirigiu outros filmes, como *Romance* (2008) e *O Bem Amado* (2010). Continua sendo diretor de núcleo da Rede Globo, responsável pelo *Esquenta!* desde seu início em 2011, além do seriado *Louco por elas* (2012-2013), *A Grande Família* (2001-2014), entre outros. Atua também como roteirista e produtor, no cinema e na televisão, geralmente com trabalhos relacionados à comédia e ao humor.

Podemos afirmar que, baseado em sua trajetória, o contato com filmes etnográficos e documentários durante a estadia na França afetou diretamente seu olhar antropológico e sua prática experimental no jogo de representação entre ficção e realidade, em grande medida expressa nos programas de seu núcleo na televisão, inclusive com destaque para algumas matrizes do *Esquenta! Programa Legal e Brasil Legal*.

Hermano Vianna

Hermano Vianna Junior nasceu em João Pessoa (PB), em 1960. Passou a infância em Brasília e a adolescência no Rio de Janeiro. Formou-se em Ciências Sociais na Universidade Federal Fluminense (UFF) com a monografia de conclusão de curso sobre a maneira como a imprensa brasileira divulgou o movimento punk. Demonstrava interesse pela imprensa e durante a faculdade escrevia matérias para revistas e jornais.

Fez pós-graduação no programa em Antropologia Social do Museu Nacional na Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS-UFRJ), com dissertação de mestrado sobre o funk (*O Baile Funk Carioca: Festas e Estilos de Vida Metropolitanos*, em 1987, posteriormente publicada no livro *O Mundo Funk Carioca*) e tese de doutorado sobre o samba (defendida em 1994, lançada como o livro *O mistério do samba*¹³⁷, em 1995), ambos

¹³⁵ “Guel Arraes e TV Globo: Tensões entre a Arte e a Indústria”. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0564-1.pdf> Acesso em 23 de maio de 2014.

¹³⁶ Guel Arraes nos 10 anos do Canal Brasil: http://www.youtube.com/watch?v=9xXNcaX_qvQ Acesso em 23 de maio de 2014.

¹³⁷ Regina Casé “doou” esse livro para a Biblioteca do *Esquenta!*, com a seguinte dedicatória: “Querido leitor, este livro é a pedra fundamental do Esquenta. Sem ele, Hermano e eu não estaríamos aqui. O que o mundo separa, a gente junta. Beijo.” Disponível em: <http://especial.esquenta.globo.com/bibliotecaesquenta17/index.html> Acesso em 31 de outubro de 2014.

orientadas pelo antropólogo Gilberto Velho¹³⁸. Através de suas pesquisas, sempre demonstrou interesse pela música, pela cultura popular, pelas festas, pela mediação e seus mediadores, pelas misturas e encontros¹³⁹.

Seu primeiro trabalho na televisão foi um documentário chamado *African Pop*, veiculado na Rede Manchete em 1988. Participou do projeto “Música do Brasil”, que gerou um programa de TV, uma caixa de discos e um livro de fotografias, com gravações de viagens pelo país, feitas em 82 cidades. Criou em parceria com Regina Casé as atrações *Programa Legal*, *Brasil Legal* e *Central da Periferia*, que proporcionou diversas viagens pelo Brasil e pelo mundo fazendo pesquisas para o conteúdo dos mesmos.

Comecei a trabalhar com televisão no final dos anos 1980. Não pensava em enveredar por esse universo. Mas aí conheci a Regina Casé, que tinha lido o *Mundo Funk Carioca* e havia gostado muito. Começamos a sair, fazendo uns programas diferentes - eu a levava para um baile funk; ela me levava para um casamento cigano. Até que surgiu a ideia de transformar aquilo em um programa de tevê, o *Programa Legal*. Depois fizemos o *Brasil Legal*, uma radicalização da ideia de retratar não o extraordinário, mas o infraordinário, como defende o escritor francês Georges Perec. Em um de seus livros, *L'infra-ordinaire*, ele fala do infraordinário como oposição ao extraordinário. Os jornais só falam daquilo que é extraordinário, do que não é o comum, do que não faz parte do cotidiano. Na Antropologia o que interessa é olhar o detalhe. Ele, sim, é revelador - talvez muito mais do que o grande acontecimento. Prefiro hoje entrevistar a Heloísa, que é a diretora de uma escola em São Cristóvão, periferia de Itapuã, na Bahia, do que o Nelson Mandela¹⁴⁰. (grifos nossos)

Em parceria com Ronaldo Lemos, José Marcelo Zacchi e Alexandre Youssef, criou o website *Overmundo* (2006), site colaborativo voltado para a cultura brasileira e a cultura produzida por brasileiros em todo o mundo, em especial as práticas, manifestações e a produção cultural que não têm a devida expressão nos meios de comunicação tradicionais¹⁴¹. Atualmente, com os mesmos parceiros, apresenta o programa *Navegador*¹⁴², veiculado no

¹³⁸ Agradecimento de Hermano Vianna após a morte de Gilberto Velho em 2012: “Se desconfio do simples, do homogêneo, e quero sempre revelar complexidade e heterogeneidade no mundo, a culpa é do Gilberto. Foi ele que treinou meu faro por mediadores, por pessoas que se alegram ao colocar estilos de vida diferentes em contato (e procuro ser uma delas em todos meus trabalhos, mesmo nesta coluna). Sua orientação me fortaleceu para encarar o desafio das cidades, das identidades nunca permanentes, das metamorfoses vibrantes da vida contemporânea, sem refúgio fácil naquilo que consideramos familiar”. (grifos nossos) Disponível em: <https://hermanovianna.wordpress.com/tag/gilberto-velho/> Acesso em 21 de novembro de 2014.

¹³⁹ No *Esquentá!*, Regina Casé já se referiu algumas vezes a Hermano Vianna como “nosso guru” e no programa exibido em 08 de setembro de 2013 com o tema Show das Poderosas, fez o seguinte comentário sobre ele: “um cara incrível, criador do *Esquentá!*, descobre coisas ótimas. Estava no início da carreira do DJ Malboro e da Gaby Amarantos. Ele tem um faro fino, descobre coisas incríveis e sabe promover encontros, botar um cara pra conhecer o outro e a partir dali vão acontecer coisas. Ele me apresentou à Gaby”.

¹⁴⁰ Retirado do site: <http://www.almanaquebrasil.com.br/personalidades-cultura/7695-hermano-vianna.html> Acesso em 23 de maio de 2014.

¹⁴¹ Retirado do site: http://www.overmundo.com.br/estaticas/tour_o_que_e.php Acesso em 26 de maio de 2014.

¹⁴² “Alê Youssef, Hermano Vianna, José Marcelo Zacchi e Ronaldo Lemos discutem o novo no ‘Navegador’.” Retirado do site: <http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/ale-youssef-hermano-vianna-jose-marcelo-zacchi-ronaldo-lemos-discutem-novo-no-navegador-10649163> Acesso em 28 de maio de 2014.

canal pago GloboNews desde 2013 e que discute a inovação em diversas áreas, tais como tecnologia, comportamento, cultura, política, educação etc. É colunista do jornal carioca *O Globo* na seção Cultura e escreve às sextas-feiras. Vale destacar que tanto o jornal quanto a emissora fazem parte das Organizações Globo, maior conglomerado de empresas do setor de mídia do Brasil¹⁴³.

Em 2012, foi consultor da novela *Cheias de Charme*, exibida no horário das 19h na Rede Globo, que teve sucesso de audiência e repercussão nas redes sociais, com destaque para o apelo musical a diversos estilos populares, como o forró, o tecnobrega, o pop e o hip hop.

Para Hermano Vianna, consultor da novela, essa convivência entre os mais diversos estilos musicais da trama é mais do que natural: “Hoje, o gosto popular brasileiro em termos de música é muito eclético. Em uma mesma festa, todas as danças se misturam. E isso acontece também com os maiores sucessos, que ganham versões diferentes em estilo funk, forró, sertanejo e por aí fora”. Tudo junto e misturado parece ser mesmo o novo lema. “A novela se inspira nessa nova realidade e traz para a TV o que o povo brasileiro está ouvindo nas ruas e na internet”, complementa Hermano¹⁴⁴.

Hermano questiona o lugar de intelectual que ocupa, incômodo demonstrado em várias entrevistas consultadas e mais claramente em um artigo publicado em sua coluna no jornal *O Globo*. Quando era chamado para participar de eventos acadêmicos, por trabalhar com televisão, geralmente era encaminhado para discussões de antropologia visual:

“Mas eu nunca fiz antropologia visual, eu faço entretenimento para a televisão”. Não considero que tenha feito um único documentário na minha vida, mas sim programas de televisão. (...) Fiz séries para a televisão com uma preocupação de ter ideias interessantes, mas também de obter audiência, ou seja, tinha que fazer algo que fosse divertido¹⁴⁵. (grifos nossos)

O “desabafo” mais explícito veio na forma escrita, na sexta-feira anterior à estreia da quarta temporada do *Esquenta!* no artigo Bateria arrebenta: “Sempre em lugares 'inteligentes' sou apresentado como antropólogo, autor de livros. Estranho: meu trabalho principal, de tantos anos, é ignorado. Então um pedido: está liberado, podem dizer que sou criador de TV muito popular. Nenhuma vergonha; é grande honra”¹⁴⁶.

Tal posicionamento já contém traços do que será abordado no terceiro capítulo desta

¹⁴³ Retirado do site: http://pt.wikipedia.org/wiki/Organiza%C3%A7%C3%B5es_Globo Acesso em 04 de junho de 2014.

¹⁴⁴ Retirado do site: <http://gshow.globo.com/novelas/cheias-de-charme/Fique-por-dentro/noticia/2012/03/musica-popularissima-brasileira-trilha-de-cheias-de-charme-promete-arrebentar.html> Acesso em 05 de junho de 2014.

¹⁴⁵ Entrevista “Usando a música para pensar, com Hermano Vianna” – Entrevista realizada em 11 de novembro de 2002, com a participação de Santuza Cambraia Naves, Frederico Oliveira Coelho, Kate Lyra, Thais Medeiros e Tatiana Bacal.

¹⁴⁶ VIANNA, Hermano. Artigo Bateria arrebenta. Publicado em 11 de abril de 2014. Jornal O Globo.

dissertação, remetendo à ideia de projeto¹⁴⁷ vinculado a um futuro almejado. Uma de suas contribuições mais recentes na televisão foi a consultoria para a novela *Geração Brasil*, exibida na Rede Globo no horário das 19h em 2014, que abordou, dentre outras questões, a interação da juventude com a tecnologia.

Regina Casé

Regina Maria Barreto Casé nasceu em 1954, no Rio de Janeiro, sendo filha do diretor de TV Geraldo Casé. A atriz e apresentadora é neta de Ademar Casé, pioneiro do rádio no Brasil. Quando adolescente, entrou para um curso de teatro com Sérgio Britto, conheceu o ator e diretor Hamilton Vaz Pereira, com quem fundou junto com amigos (Jorge Alberto Soares, Luiz Artur Peixoto e Daniel Dantas), na década de 70 e em parceria com outros atores (Luiz Fernando Guimarães, Evandro Mesquita, Patrícia Travassos, Perfeito Fortuna, Nina de Pádua), o grupo *Asdrúbal Trouxe o Trombone*, que marcou o cenário cultural carioca dos anos 70 e 80. Os fatores do sucesso dessa trupe são muitos, dentre eles a criação coletiva, a irreverência, a improvisação e um jeito despojado de fazer comédia. Com o grupo, fez diversas peças teatrais e viajou pelo país, nos seus dez anos de existência (1974-1984)¹⁴⁸.

A atriz também fez diversas participações em novelas, programas de TV e séries, além de filmes no cinema. Sua primeira participação marcante em novelas foi em *Cambalacho* (1986), na qual viveu Albertina Pimenta, a Tina Pepper, personagem de grande sucesso inspirada na cantora norte-americana Tina Turner. Já em programas de televisão, um dos mais marcantes foi a *Tv Pirata*, que trazia o lado cômico e divertido da atriz, além da influência do grupo teatral *Asdrúbal Trouxe o Trombone*, pois outros integrantes do mesmo também estavam envolvidos com a atração televisiva. Esse programa, de grande repercussão, trouxe uma transformação na linguagem humorística da televisão brasileira, ao satirizar a própria televisão. O elenco inicial contava com Cláudia Raia, Cristina Pereira, Débora Bloch, Diogo Vilela, Guilherme Karam, Louise Cardoso, Luiz Fernando Guimarães, Marco Nanini e Ney Latorraca, todos se revezando em vários personagens, sob a direção de Guel Arraes¹⁴⁹.

¹⁴⁷ Em entrevista sobre a comemoração de um ano do programa *Navegador*, Hermano Vianna declarou: “Quando eu conheci a Regina, meu futuro estava traçado para ser antropólogo e seguir carreira acadêmica. E ela é responsável por me levar para a televisão. A partir daí, fizemos uma série de programas que são crônicas da transformação da sociedade brasileira ao longo dos anos”. Ver mais: “Navegador completa um ano e recebe Regina Casé em duas edições especiais”, disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/navegador-completa-um-ano-recebe-regina-case-em-duas-edicoes-especiais-14624919#ixzz3JzMWnzug> Acesso em 24 de novembro de 2014.

¹⁴⁸ OLIVEIRA, Ohana, *op. cit.*

¹⁴⁹ Retirado do site: <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/regina-case/trajetoria.htm> Acesso em 28 de maio de 2014.

Os programas dos quais participou como apresentadora, cronologicamente, foram: *Programa Legal* (1991-1992), *Na Geral* (1994), *Brasil Legal* (1995-1998), *Muvuca* (1998-2000), *Que história é essa?* (2001-2002), *Um pé de quê?* (2001-2014), *Cidadania* (2002-2003), *Brasil Total* (2003-2005), *Cena Aberta* (2003), *Adolescentes* (2004), *Novos Velhos* (2004), *Crianças* (2005), *Mercadão de Sucessos* (2005), *Central da Periferia* (2006), *Minha Periferia é o mundo* (2006) e *Esquenta!* (2011-2015).

Vamos focar mais detalhadamente algumas atrações específicas dentro dessa lista, nas quais acentua-se o caráter de mediação da apresentadora, bem como uma certa referência à visibilidade de pessoas e espaços marginalizados, como favelas, subúrbios, periferias. São eles: *Programa Legal*, *Brasil Legal* e *Central da Periferia*, que, com formatos e conteúdos bem característicos, serviram de matrizes para o *Esquenta!*, com a proposta de “valorização” das culturas das favelas e periferias do Brasil e do mundo.

Ao lado da Regina, a ideia foi "jogar luz" sobre certos movimentos, locais, personagens, comportamentos e ritmos musicais que foram tendo destaque ao longo dos anos. Esse nosso mergulho proporcionou o surgimento de outros programas como o *Brasil Legal* e *Central da Periferia*. Considero o *Esquenta!* como o reflexo de tudo que a gente produziu antes¹⁵⁰. (grifos nossos)

Outro destaque da carreira de Regina Casé nesta mesma temática fica por conta de sua estreia como autora e diretora de televisão, ao lado do diretor Fernando Meirelles, com o episódio “Uólace e João Victor” (baseado no livro homônimo de Rosa Amanda Strausz), da série *Cidade dos Homens* (2002). Estrelado pelos atores Darlan Cunha e Douglas Silva, no papel de Laranjinha e Acerola, o seriado mostrava o cotidiano de dois meninos em uma favela carioca.

No episódio mencionado, traça-se um paralelo entre o cotidiano dos meninos pobres e o de garotos de classe média, moradores da Zona Sul do Rio de Janeiro, destacando as semelhanças e diferenças entre “o morro e o asfalto”. Durante as quatro temporadas exibidas, houve ainda outros três episódios assinados por Regina Casé¹⁵¹: “Tem que Ser Agora” (2003), “Pais e Filhos” (2004) e “As Aparências Enganam” (2005). Como destaque de sua atuação social, podemos destacar o fato da apresentadora ser, junto com Caetano Veloso, madrinha¹⁵²

¹⁵⁰ Fala de Hermano Vianna em entrevista: “Criador do ‘*Esquenta!*’ perde a timidez e vira apresentador na Globo News”. Disponível em: <http://diversao.terra.com.br/tv/criador-do-esquenta-perde-a-timidez-e-vira-apresentador-na-globo-news,315d12d4f1362410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html> Acesso em 05 de junho de 2014.

¹⁵¹ Retirado do site: <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/regina-case/trajetoria.htm> Acesso em 28 de maio de 2014.

¹⁵² “Regina Casé comemora os 20 anos do AfroReggae ao lado do idealizador”. Retirado do vídeo: <http://globo.com/rede-globo/esquenta/v/regina-case-comemora-os-20-anos-do-afroreggae-ao-lado-do-idealizador/2610413/> Acesso em 05 de junho de 2014.

do Afroreggae¹⁵³ desde 1995.

Em entrevista a Jô Soares¹⁵⁴ realizada em 2014, antes da estreia da quarta temporada do *Esquenta!*, Regina Casé falou sobre alguns pontos da sua trajetória que nos interessam. Uma das características marcantes dos outros programas, segundo ela, era a ida a diversos lugares, pois viajava muito para fazer os quadros, as matérias, as pesquisas e as entrevistas dos programas *Brasil Legal*, *Central da Periferia*, no país e no exterior. O *Esquenta!*, porém, veio como uma experiência diferente, por ser filmado em um estúdio de gravação no PROJAC e não mais nos locais antes visitados (favelas, periferias, subúrbios, florestas, interior do país etc.). Dessa forma, ele realizou um movimento contrário, ao “trazer o Brasil todo para o estúdio, que vira uma festa”. Em suas considerações, ela afirmou que antes encontrava personagens parecidos em lugares distantes. Agora, pôde trazê-los para o mesmo lugar, para “tocar uma música juntos”, e que desse jeito “ficou até mais legal”.

A apresentadora dá o exemplo do *Um pé de quê?*, programa no qual faz identificação de tipos de árvores, exibido desde 2001 no canal Futura¹⁵⁵, que foi uma criação a partir de seu interesse pessoal por botânica. Para ela, o *Esquenta!* é a mesma coisa: “Arlindo ia muito lá em casa, Leandro Sapucahy, Mumuzinho, Xandy de Pílares, todos amigos. Sempre gostei de samba. O que a gente fez foi transferir a festa na minha casa para o estúdio no PROJAC”¹⁵⁶. (grifos nossos)

Uma das mudanças significativas no programa foi destacada pela apresentadora, que é a discussão de temas importantes para a sociedade. Apesar desse enfoque já existir desde o surgimento do programa, nessa temporada de 2014 ele foi mais acentuado, por conta das eleições¹⁵⁷, por exemplo. Ela alegou que, geralmente, em uma festa é possível discutir alguns

¹⁵³ “O Grupo Cultural AfroReggae é uma organização que luta pela transformação social e, através da cultura e da arte, desperta potencialidades artísticas que elevam a autoestima de jovens das camadas populares. Tem como missão promover a inclusão e a justiça social, utilizando a arte, a cultura afro-brasileira e a educação como ferramentas para a criação de pontes que unam as diferenças e sirvam como alicerces para a sustentabilidade e o exercício da cidadania”. Retirado do site: <http://www.afroreggae.org/memoria> Acesso em 05 de junho de 2014.

¹⁵⁴ “Regina Casé conversa com Jô sobre carreira, lembranças e vida pessoal”. Disponível em: <http://globotv.globo.com/rede-globo/programa-do-jo/v/regina-case-conversa-com-jo-sobre-carreira-lembrancas-e-vida-pessoal/3276871/> Acesso em 23 de maio de 2014.

¹⁵⁵ Um dos canais integrantes da Globosat, a maior programadora de TV por assinatura da América Latina e a líder de mercado no Brasil. Disponível em: <http://canaisglobosat.globo.com/index.php/canais> Acesso em 16 de junho de 2014.

¹⁵⁶ No *Esquenta!* exibido em 01 de dezembro de 2013, a apresentadora fez o seguinte comentário: “Sempre que vou começar um trabalho novo, eu chamo quem eu acho legal, meus amigos. Me lembro de uma noite de setembro, há três anos, ligando pro Arlindo e pro Leandro. Aí veio Hermano, veio Guel, os amigos todos chegando. No começo eram amigos, hoje em dia tem um monte de gente daqui da equipe do *Esquenta!* que eu não conhecia, que eu conheci trabalhando aqui e que se tornaram grandes amigos. Então isso foi legal, quem já era amigo ficou mais e quem não era, ficou pra caramba. Se a gente tivesse que escolher uma palavra pra simbolizar o *Esquenta!*, essa palavra é amizade”.

¹⁵⁷ Não vamos entrar profundamente no mérito ideológico da emissora no qual o programa é veiculado nesse capítulo. Os embates políticos que atravessam o *Esquenta!* serão discutidos no terceiro capítulo da dissertação. É

assuntos, para além do momento de celebração. Em outras temporadas, já foram realizadas entrevistas com presidentes, candidatos à presidência e figuras públicas: Luís Inácio Lula da Silva, Dilma Rousseff, Marina Silva, Fernando Henrique Cardoso, “José Mariano Beltrame no auge da questão da segurança”, por exemplo. Segundo ela, é possível discutir grandes temas do Brasil, de diferentes lugares, no meio do samba. “Todo mundo fica quieto, prestando atenção, misturamos essas duas coisas, que é uma coisa que eu queria muito”. Esse interesse em discussões importantes para a sociedade e a escolha dessas pautas, do que será abordado ou não, estará presente no terceiro capítulo, quando discutiremos as representações dos projetos individuais e coletivos dos sujeitos em questão e seus pretendidos desdobramentos.

Na mesma entrevista acima citada, Regina Casé destacou também a complexidade da realização do programa, com gravações que duram geralmente seis horas, “o dia mais rápido foi umas quatro horas e meia, é como uma festa¹⁵⁸, que as pessoas vão se contagiando. O programa é uma loucura, parece uma escola de samba, com um enredo para fazer em uma semana” (grifos nossos). Mais uma vez, há uma remissão à questão da festa e uma associação ao carnaval quando a apresentadora se refere ao programa, e iremos abordar essas dimensões ainda neste capítulo.

Na temporada de 2014, foco maior de nossa investigação, o cenário mudou inteiro a cada programa, com a colocação de um elevador no palco para entrada de Regina Casé e de convidados musicais. Um dos destaques mais recentes de sua vida pessoal ficou por conta da adoção de seu filho Roque, que chegou no dia seguinte à gravação do término da terceira temporada do *Esquentar!*, 30 de outubro de 2013, tendo sido apresentado em rede nacional no programa de estreia da quarta temporada de 2014, com a temática da família.

Durante as férias do programa e com um filho bebê para cuidar, Regina Casé gravou o filme *Made in China*¹⁵⁹, dirigido por seu marido Estevão Ciavatta, que se passa no comércio

preciso ressaltar, porém, que de maneira geral, no quesito campanhas eleitorais, não existe uma abordagem imparcial do jornalismo veiculado na emissora, que, através de suas notícias de exaltação ou silenciamento de determinados candidatos e partidos, demonstra a defesa de seus interesses políticos.

¹⁵⁸ No programa exibido em 01 de dezembro de 2013 com o tema Ano Novo, Natal e Carnaval, a apresentadora fez o seguinte comentário: “Sabe o que eu mais gosto nesse programa? Eu já fiz muitos trabalhos, filmes, peças de teatro que eu tava feliz, que as pessoas que estavam trabalhando comigo estavam felizes, mas eu vou dizer uma coisa, eu nunca vi nada parecido com o *Esquentar!*. A televisão já me deu grandes alegrias, mas nada parecido com o *Esquentar!*. Por exemplo, o cabelo, a roupa, cada dia é de um jeito, ele se prepara pra vir aqui como se fosse pra uma festa. Eu também, eu fico com o coração batendo toda vez, todo programa que a gente faz é tipo assim, final de Copa do Mundo. Eu acho que o segredo disso é que todas as pessoas envolvidas se sentem representadas no programa”. (grifos nossos)

¹⁵⁹ “A comédia conta como a chegada dos chineses à Saara - o maior centro comercial do Rio de Janeiro - afetou o comércio antes dominado por árabes e judeus. O filme gira em torno de Francis, vendedora da Casa São Jorge, a loja de quinquilharias do árabe Seu Nazir. Ela faz de tudo para ajudar o patrão a não perder sua clientela para a concorrente Casa do Dragão, estabelecimento do chinês Chao. Ao lado da amiga e companheira de trabalho Andressa e de seu namorado malandro Carlos Eduardo, Francis vai tentar descobrir por que as mercadorias dos

popular do SAARA no Rio de Janeiro, e fala sobre a chegada dos chineses, sendo divulgado como “uma comédia pra toda família”. A atriz interpreta Francis, uma vendedora na loja de um comerciante árabe. O filme estreou em novembro de 2014 e teve co-produção da Globo Filmes.

Nesse período de férias do *Esquentá!*, gravou também o filme *Que horas ela volta?*¹⁶⁰, de Anna Muylaert. Durante um mês em São Paulo, interpretou uma empregada doméstica nordestina que saiu de sua cidade de origem para trabalhar na casa de uma família paulista. “Descobri uma coisa sobre as empregadas, é que eu conhecia muito elas na casa delas, no pagode, no baile funk, através do trabalho que há 30 anos a gente faz, em favelas. Eu não sabia só como era a empregada que serve na sala de jantar, mas eu sabia como era com as amigas dela, com a filha dela, eu tinha um repertório que nem eu mesmo suspeitava”. O filme, recentemente exibido no Festival de Cinema de Sundance (EUA), recebeu o prêmio de melhor atriz para Regina Casé e Camila Márdila, que interpretam mãe e filha no longa-metragem.

Regina Casé diz que gostaria de equilibrar o lado apresentadora com o lado atriz, mas lembra que fez durante tanto tempo o *Programa Legal*, o *Brasil Legal* e o *Central da Periferia*, que “eram tão singulares, era o nosso grupo, Guel, Hermano e os amigos todos juntos”. Foi convidada para fazer novelas (*Avenida Brasil*, grande sucesso de audiência exibido no horário das 21h em 2012, por exemplo), porém não aceitou. “O Brasil tem tantas atrizes incríveis, quem é que ia se enfiar naqueles buracos e situações todo que eu me enfiar?”.

A partir desse percurso pelas trajetórias de Regina Casé, Hermano Vianna e Guel Arraes, em sua relação direta com as temáticas e propostas do *Esquentá!*, vamos apresentar as características gerais de alguns programas anteriores feitos pelos três, que serviram de matrizes para a configuração do programa que estamos analisando. Abordaremos, então, o *Programa Legal*, *Brasil Legal* e *Central da Periferia*, tentando destacar a interação entre as trajetórias e os produtos televisivos.

chineses são mais baratas que as do Seu Nazir”. Disponível em: <http://globofilmes.globo.com/MadeInChina/> Acesso em 10 de fevereiro de 2015.

¹⁶⁰ Sinopse: “A pernambucana Val (Regina Casé) se mudou para São Paulo a fim de dar melhores condições de vida para sua filha Jéssica. Com muito receio, ela deixou a menina no interior de Pernambuco para ser babá de Fabinho, morando integralmente na casa de seus patrões. Treze anos depois, quando o menino (Michel Joelsas) vai prestar vestibular, Jéssica (Camila Márdila) lhe telefona, pedindo ajuda para ir à São Paulo fazer prova para uma faculdade. Os chefes de Val recebem a menina de braços abertos, só que quando ela deixa de seguir certo protocolo, circulando livremente, como não deveria, a situação complica e os donos da casa ameaçam expulsá-la”. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-231230/> Acesso em 10 de fevereiro de 2015.

Programa Legal (09/04/1991 a 29/12/1992)

Os antigos parceiros do grupo *Asdrúbal Trouxe o Trombone* e do programa *TV Pirata*, Regina Casé e Luiz Fernando Guimarães, comandavam uma mistura de documentário e ficção (marca do trabalho de Guel Arraes) através de entrevistas, reportagens, conversas informais e esquetes com diversos personagens anônimos. Exibido às 21h30 de terças-feiras, o programa apresentava diferentes temas e situações, como, por exemplo, turismo, esoterismo, alta sociedade, festa de São João, samba, baile de debutantes, culto ao corpo, música sertaneja e *heavy metal*¹⁶¹.

Regina Casé afirma que queria trazer, para a televisão, a rua, o contato com as pessoas. Era uma atração diferente do que havia na televisão até então, e marcou o início da parceria profissional entre Regina Casé (apresentadora), Hermano Vianna (redator) e Guel Arraes (diretor), iniciando a construção de uma pretendida representação de uma visão positiva e bem-humorada do país, consolidada ao longo dos anos e dos outros trabalhos posteriores. Quando perguntado em entrevista¹⁶² sobre seu programa preferido dentre tantos realizados, Hermano Vianna destaca o *Programa Legal*:

Nunca parei para pensar nisso. Mas acho que o *Programa Legal*, apesar de ser a primeira produção, ainda é a mais completa. Revendo alguns episódios, vejo que a linguagem dele ainda é muito inovadora e que precisa ser devidamente estudada e analisada pelos críticos e pesquisadores de televisão. Era um *mix* de humor, documentário, shows musicais e programa de auditório, mas feito na rua.

Brasil Legal (28/12/1994; 16/05/1995 a 16/12/1997; 26/04/1998)

Após um especial de final de ano da emissora com grande sucesso, foi criado o *Brasil Legal*, com viagens pelo país destacando alguns personagens de diferentes lugares por programa, focando nos anônimos e em suas histórias pessoais e profissionais, através da linguagem documental e informal. “*Brasil Legal* tinha a proposta de mostrar lugares e tipos interessantes, inusitados e, quase sempre, anônimos de diferentes regiões do país”¹⁶³. Nas falas recorrentes da apresentadora nos episódios, fica marcada a intenção de Regina Casé e sua equipe em mostrar um pouco do Brasil que fica escondido, que nem todos sabem que existem, mostrando o Brasil para os próprios brasileiros. O programa era veiculado às terças-feiras, às 21h30.

¹⁶¹ Retirado do site: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/humor/programa-legal/formato.htm> Acesso em 28 de maio de 2014.

¹⁶² Retirado do site: <http://diversao.terra.com.br/tv/criador-do-esquenta-perde-a-timidez-e-vira-apresentador-na-globo-news,315d12d4f1362410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html> Acesso em 05 de junho de 2014.

¹⁶³ Retirado do site: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/brasil-legal/formato.htm> Acesso em 28 de maio de 2014.

Através dos “personagens”, suas imagens, discursos e alegorias, é possível perceber a carnavalização das situações e a dimensão da festa muito presentes no *Brasil Legal*, ressaltando um ambiente televisivo de descontração e de informalidade. Tais características são fundamentais para a configuração do *Esquentar!* e serão discutidas adiante. Podemos perceber, também, a ideia de continuidade de um projeto, querendo “desvendar” o que é o Brasil e o que é ser brasileiro, com narrativa fragmentada ao escolher diversas histórias de diferentes lugares do país a serem apresentadas no mesmo programa e também ao utilizar o popular com finalidades ou projetos específicos, como abordaremos no terceiro capítulo.

As esquetes cômicas presentes em *TV Pirata* e *Programa Legal* continuam também em *Brasil Legal*, sempre retratando satírica e caricaturalmente o tema do episódio em questão. A narrativa do programa é fragmentada, intercalando diferentes histórias, quadros, imagens, personagens, cidades, unidos por uma mesma questão proposta pela apresentadora: “o que você tem de mais brasileiro?”. (...) A partir de seus personagens, do território percorrido, de sua edição, *Brasil Legal* parece retratar a própria fragmentação e hibridiz do país. (CHAVES, 2012, p. 47-48)

Central da Periferia (08/04/2006 a 23/12/2006)

Durante o ano de 2006, veiculado aos sábados a tarde, Regina Casé comandou um programa de variedades ao ar livre, o *Central da Periferia*, voltado para a produção cultural de algumas regiões periféricas do país. “Mensalmente, comunidades pobres ganhavam espaço e visibilidade nacional para mostrar suas próprias atrações, desconhecidas do resto do Brasil. A ideia era colocar em debate a nova relação entre as produções culturais do centro e da periferia no país”¹⁶⁴. A mesma equipe de produção do *Central da Periferia* era responsável pelo quadro *Minha Periferia*, exibido semanalmente no *Fantástico*.

Em 2007, com a série de reportagens *Minha Periferia é o Mundo*, Regina Casé voltou a apresentar um quadro no *Fantástico*, enfocando a vida e a produção cultural na periferia dos grandes centros urbanos, agora não só do Brasil, mas também em alguns lugares do mundo, como Cidade do México, Porto Príncipe, Haiti, Luanda, Angola e os subúrbios de Paris.

Além das apresentações musicais realizadas no palco, havia algumas reportagens especiais e imagens de bastidores com os convidados e projetos sociais que se destacaram naquelas localidades. Hermano Vianna destaca o contexto no qual o programa surgiu, após o aparecimento de diversos movimentos culturais lutando por representação e divulgação de suas produções:

Nos anos 1990, houve coisas muito importantes na cultura brasileira. Talvez a mais

¹⁶⁴ Retirado do site: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/central-da-periferia/formato.htm> Acesso em 28 de maio de 2014.

importante delas foi o aparecimento de grupos culturais em periferias que aliam produção cultural e luta pela cidadania - como o Afro-Reggae, de Salvador, e o Magemolé, de Olinda. Outra coisa importante foi o surgimento de uma indústria cultural periférica que produz os maiores sucessos musicais no Brasil hoje. É o caso do funk carioca, do tecno-brega, em Belém do Pará, da quebradeira e do arrocha na Bahia. Essas músicas não são lançadas pelas grandes gravadoras, não estão na televisão. O programa *Central da Periferia*, que roteirizo, é a tentativa de colocar isso no ar, de falar sobre este movimento. A tevê para nós é um instrumento de militância política.¹⁶⁵ (grifos nossos)

Diversos trechos de alguns episódios destes programas mencionados aparecem no *Esquentá!*, fazendo referência ao passado, para mostrar alguma situação inusitada já vivida com algum convidado da atração, mostrando como a apresentadora já conhecia alguns deles antes do grande sucesso de público e de estar na grande mídia. Quando a pesquisadora Sarah Nery Chaves¹⁶⁶ analisou a trajetória de Regina Casé e seus programas relacionados à periferia na televisão, ao falar do *Central da Periferia*, a autora já tinha destacado essa característica, com a exibição de imagens de arquivo dos programas do passado, para mostrar as mesmas atrações em épocas anteriores (CHAVES, 2012, p. 73).

Na análise da trajetória de Regina Casé entre 1991 e 2006 realizada por Sarah Chaves, destaca-se como característica marcante de diversos trabalhos a “rua como cenário” e “tomada de passantes como personagens” (*ibidem*, p. 44), o que já não acontece na atração mais recente. Um contraponto que pode ser feito em relação ao *Esquentá!* e às atrações descritas acima é o fato dele “perder”¹⁶⁷ a dimensão das incursões às ruas, se comparado aos outros, pelo fato de representar a diversidade dentro de um estúdio com ar-condicionado, cenário, plateia, convidados etc.

Outra questão que perpassa diversos trabalhos do trio e principalmente os três programas destacados é o fato do entrevistado aparecer como mero coadjuvante da performance, já que a mediação central geralmente é realizada pela apresentadora, seguindo à risca o roteiro das atrações. Dessa forma, podemos nos questionar se o popular de fato ganha espaço e visibilidade.

Todas essas propostas e repercussões em referência ao “povo na TV” nos indicam que, em resumo, o popular vem sendo romantizado de inúmeras maneiras por produtores de discursos ao longo dos tempos, cada qual acreditando, da sua forma,

¹⁶⁵ Retirado do site: <http://www.almanaquebrasil.com.br/personalidades-cultura/7695-hermano-vianna.html> Acesso em 23 de maio de 2014. Exploraremos mais a questão dos programas a partir de uma perspectiva política no último capítulo desta dissertação.

¹⁶⁶ A pesquisadora Sarah Nery Chaves fez sua dissertação de mestrado intitulada “*Tenho cara de pobre*”: *Regina Casé e a periferia na TV*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Escola de Comunicação da UFRJ em 2007, orientada pela professora Dra. Liv Sovik. Em 2012, a pesquisa foi publicada em livro pela Editora Multifoco. Ambas são fontes importantes de informações para o desenvolvimento desta dissertação, principalmente deste capítulo.

¹⁶⁷ O sentido aqui é de reterritorializar a rua, transformando-a em cenário.

estar contribuindo para a inserção desse rosto esquecido e dessa voz silenciada em seus respectivos meios. Resta-nos investigar se, junto a essas iniciativas, o popular efetivamente ganha espaço e voz ou se passa apenas como um personagem caricato construído pelos detentores do discurso. Como “o povo” vem sendo representado ao longo do tempo por sujeitos supostamente localizados fora dessa categoria social? A pergunta proposta por Gayatri Spivak (1988) é repetida aqui: “pode o subalterno falar”? (*ibidem*, p. 46)

Como pontos convergentes entre as narrativas apresentadas, temos em comum a presença de anônimos, o apelo do humor, o enaltecimento das brasilidades e a habilidade da apresentadora em entrevistar pessoas, dando um tom de intimidade à relação com os entrevistados. Esses quatro elementos, de certa maneira, também se encontram no *Esquenta!*, com destaque maior ou menor dependendo do tema da gravação.

Em relação à inclusão do rosto anônimo na televisão, é preciso destacar que há ênfase, declarada ou não, na presença de negros e pobres nessas atrações mencionadas. Seria essa questão de visibilidade e invisibilidade uma estratégia da emissora, de acordo com sua proposta ideológica? Essas discussões e outras ideias levantadas servirão de base para o desenvolvimento do próximo capítulo.

“Na televisão, nada se cria, tudo se copia”

Até aqui vimos como *Programa Legal*, *Brasil Legal* e *Central da Periferia* foram refigurações importantes para o *Esquenta!*. Para além dos programas anteriormente citados, desenvolvidos por Regina Casé, Hermano Vianna e Guel Arraes, percebemos também, como referência significativa e matriz cultural fundamental para a configuração da atração em análise, os programas apresentados por Abelardo Barbosa: *Discoteca do Chacrinha* (exibido às quartas-feiras, às 20h30, entre 1967-1972), *Buzina do Chacrinha* (exibido aos domingos, às 20h, entre 1967-1972) e *Cassino do Chacrinha* (exibido aos sábados, às 16h, entre 1982-1988), todos veiculados pela Rede Globo. Destacamos como elementos mais marcantes e reapropriados pelo programa as ideias de “festa” e “diversão”, relacionadas ao humor, à mistura e ao carnaval.

Chacrinha, enquanto personagem e apresentador, promovia o que Muniz Sodré (2002) classifica como estética de conciliação dos contrários¹⁶⁸, ao misturar elementos de diversas

¹⁶⁸ Segundo Daniel Maia, um dos produtores do filme “Alô, alô Terezinha”, documentário sobre Chacrinha, “seu programa era um caldeirão de culturas, sua estética incorporava tudo e promovia a conciliação dos contrários. Antes de Chacrinha, a TV era o espaço da elite bem educada. Ele trouxe o fim dos bons modos, o politicamente incorreto, a inovação circense, promovendo um debate sobre o “bom gosto” e o “brega”, e suas relações com o ideal de cultura até então apregoados. Quanto mais a TV se pasteurizava, mais Chacrinha a achincalhava”. Matéria “Chacrinha vai para o trono ou não vai?” Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/reportagem/chacrinha-vai-para-o-trono-ou-nao-vai> Acesso em 28 de outubro de 2014.

culturas em um só lugar (elementos urbanos à cultura rústico-plebéia¹⁶⁹, por exemplo), promovendo uma grande festa no palco.

Desde as épocas mais remotas da humanidade, a festa aparece como teatro simbólico das vicissitudes identitárias do grupo, portanto, como lugar de ritualização dos conflitos em torno do controle social. Nela, podem acontecer o caos das identidades socialmente estabelecidas (paródias, ritos de inversão dos papéis sociais), o descontrole das pulsões normalmente organizadas, a subversão dos conceitos e das categorias (trocadilhos, apelidos, jogos de linguagem), levando o povo a ver no espelho do imaginário a sua própria cara, com todas as distorções que a alegre radicalidade dessa experiência possa comportar. Na festa, o riso é ambivalente e coletivo. (SODRÉ, 2002, p. 107)

Uma associação possível dessa festa construída no auditório é com o circo e suas inúmeras atrações, geralmente relacionada às culturas populares e, no caso de Chacrinha, relacionada à sua origem¹⁷⁰ também. Lembrando que tanto o palco dos programas do Chacrinha quanto o *Esquentá!* possuem auditórios circulares, semelhantes ao picadeiro.

O circo seria, desse modo, uma forma de espetáculo popular, ambientada em um espaço em formato de arena (circular), refletindo uma perspectiva tridimensional do palco em relação às arquibancadas. No centro, há um mestre de cerimônias responsável pela apresentação das atrações. (CAMINHA, 2007, p. 103)

Mantendo o comparativo ao mestre de cerimônias, Chacrinha (como matriz de performance e Regina Casé como aprendiz) utilizava um figurino extravagante, com elementos excêntricos sobrepostos que contribuem para a lógica do “tudo junto e misturado”. O paletó multicolorido e repleto de brilho, as flores, o microfone, a buzina, o disco com números de telefone, a cartola com plumas e cores vibrantes, todos reunidos, enalteciam o caráter festivo da atração, e remetiam ao carnaval e às festas populares.

Destacamos também alguns bordões que ficaram famosos e fizeram parte do discurso das atrações comandadas por Chacrinha, que são: “Teresinha!”, “Vocês querem bacalhau?”, “Eu vim para confundir, não para explicar!” e “Quem não se comunica, se trumbica!”. Tais frases, repetidas constantemente, fazem parte da dinâmica dos programas de auditório de uma maneira geral. Um desses bordões, inclusive, está relacionado a uma lógica mercadológica, que é prática comum na televisão.

Chacrinha foi a primeira consequência simbólica do fenômeno que assinalaria a

¹⁶⁹ “Chacrinha, um campeão de audiência”. Disponível em:

http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/chacrinha_um_campeao_de_audiencia Acesso em 28 de outubro de 2014.

¹⁷⁰ “Há um forte traço cultural nordestino em Abelardo Barbosa, na opinião de Muniz Sodré. O professor vê no formato dos programas de Chacrinha uma reencenação de espaços públicos como o das tradicionais feiras do Nordeste: uma mistura de mercadorias, espetáculos e circo. Hoineff acrescentou que o apresentador é herdeiro de manifestações populares pernambucanas, onde um palhaço conta piadas libidinosas cercado por mulheres sensuais”. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/imprimir/12635> Acesso em 28 de outubro de 2014.

nova urbs consumidora nacional: a combinação entre supermercado e televisão. O bacalhau que o “Velho Palhaço” jogava na cara da plateia (“você querem bacalhau?” era um de seus bordões, seguido de passagem ao ato) procedia do patrocinador “Casas da Banha”, que demandava a louvação de seus gêneros alimentícios. (SODRÉ, 2002, p. 149)

Complexificando essa dinâmica entre televisão e publicidade, podemos relacionar a inserção de diversas propagandas ao longo das temporadas do *Esquenta!* com essa apropriação das brincadeiras de programa de auditório para vender produtos, fato recorrente nas últimas temporadas da atração como explicitado no primeiro capítulo.

No auditório, como na praça, reedita-se a tensão presente na fronteira entre a liberdade, senão a licenciosidade, das autônomas manifestações estéticas da massa e as regras de natureza “editorial” (os cânones da programação industrial) impostas pelo veículo eletrônico, juridicamente dependente de concessão estatal e economicamente subordinado aos imperativos do patrocínio publicitário. (*ibidem*, p. 111)

Essa ambivalência entre enaltecimento da cultura popular e de massa e a dinâmica do mercado publicitário é característica do formato de auditório e pode ser percebida tanto nos programas do Chacrinha¹⁷¹ quanto no *Esquenta!*.

Na televisão, o auditório passou a exercer a mesma função que lhe garantira o grande sucesso na rádio: recriar a espontaneidade das festas e dos espetáculos públicos – portanto, assumir uma parte da tensão presente nas manifestações simbólicas das classes economicamente subalternas no espaço urbano – e, ao mesmo tempo, manipular os conteúdos “popularescos”, pondo-os a serviço da competição comercial/publicitária pelo mercado de audiência. (*ibidem*, p. 115)

Essas questões estão permeadas pelo eixo principal da “festa”, que acaba revelando um caráter ambíguo que, ao mesmo tempo em que aproxima determinadas classes populares da representação na televisão, o faz dentro de regras mercadológicas com interesses ideológicos através da celebração, do humor, do riso e das matrizes carnavalescas, como veremos a seguir.

2.3 – Matrizes culturais carnavalizadas

Desde o início do *Esquenta!*, o mote da atração era ser uma festa, uma celebração, um lugar para festejar a vida através do samba, do verão e do carnaval. Em um dos programas, a

¹⁷¹ Em debate, Muniz Sodré explicou que “quando escreveu *A comunicação do grotesco*, em 1973, as verbas publicitárias das TVs, principalmente a Rede Globo, já eram maiores que as da mídia impressa. Para atrair um público ainda maior, a TV apelou para o grotesco. Foi uma estratégia de investimento no poder de compra das classes C e D, que não estavam no “bolo majoritário do consumo”. Por meio do programa do Chacrinha, o telespectador foi ensinado, por exemplo, a usar eletrodomésticos. O programa seria a expressão de uma tendência – como os programas de Sílvio Santos e Flávio Cavalcanti, entre outros – de intercâmbio entre as culturas urbana e interiorana”. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/imprimir/12635> Acesso em 28 de outubro de 2014.

apresentadora explicou que a origem do mesmo estava no livro *O mistério do samba*, de autoria de Hermano Vianna, no qual ele discute, dentre outras questões, o processo de transformação do samba de “símbolo étnico” em símbolo nacional e as relações entre cultura popular (incluindo a definição do que é popular no Brasil) e construção da identidade nacional. Esse interesse musical pelo samba aparece tanto nessa matriz do livro de Vianna quanto no discurso recorrente da apresentadora durante as exposições, que ratifica a importância desse gênero pelo seu gosto pessoal e também pela importância cultural, principalmente levando em consideração o tempo no qual foi amplamente marginalizado.

Além desse ritmo permanentemente associado a rodas de samba e a festas, também há uma matriz importante para o programa além do samba, esse outro mais associado inicialmente ao Rio de Janeiro, que é o funk. Hermano Vianna também demonstrou interesse acadêmico pelo assunto em seu livro *Mundo Funk Carioca* (publicação posterior à dissertação de mestrado *O Baile Funk Carioca: Festas e Estilos de Vida Metropolitanos*) no qual busca desenvolver uma teoria antropológica da festa adequada a heterogeneidade cultural das sociedades complexas.

Esses dois gêneros musicais estudados nas pesquisas do antropólogo são fundamentais para a criação da ambiência de festa que permeia toda a exibição do programa, que como o próprio Vianna cita, tem como principais características a superação das distâncias interindividuais; a produção de um estado de efervescência coletiva; e a transgressão de normas sociais. No divertimento em grupo, como na religião, o indivíduo deixa de existir e passa a ser dominado pelo coletivo (VIANNA, 1987, p. 16). Contribuindo para essa efervescência, podemos dizer que o samba e o funk fazem parte de trilha sonora oficial da atração.

No primeiro capítulo de sua dissertação, Hermano Vianna traça um panorama multidisciplinar acerca das festas e suas diversas explicações. Segundo o autor, existe uma oposição entre vida séria e divertimento que reaparece em todas as “teorias da festa” (*ibidem*, p. 18).

O divertimento é portanto uma rápida fuga das obrigações cotidianas, não tendo, a princípio, nenhuma utilidade. Os homens sabem que precisam da “vie sérieuse”, sem ela toda a vida coletiva seria impossível. Por isso, a festa deixa de ser inútil e passa a ter uma função: depois da cerimônia, cada indivíduo volta à vida séria com mais coragem e ardor. A festa, como o ritual religioso, reabastece a sociedade de energia. (*idem*)

Temos como principal festa associada ao *Esquentá!*, por ter dado origem ao mesmo em relação ao seu primeiro período de exibição em 2011, o carnaval. As referências são as

mais diversas, desde os convidados serem baterias de escolas de samba¹⁷² com suas rainhas e integrantes, ao cenário multicolorido, ao figurino extravagante no estilo das fantasias das alas, a referência ao samba através da roda de músicos e suas diversas apresentações musicais com artistas convidados, dentre outros. Para além dos detalhes físicos e estéticos, destacamos ainda o lado simbólico de uma espécie de catarse coletiva e diversão proporcionadas pela música e dança durante as apresentações artísticas.

Dentro da lógica do carnaval, seguindo as ideias do teórico russo Mikhail Bakhtin sobre o contexto de François Rabelais, podemos relacionar alguns elementos representados no *Esquenta!* com a ideia do cômico popular. Ao pensar o carnaval como uma cosmovisão, aquilo que é ritual vai além de uma simples comemoração, pois se torna uma visão de mundo, uma concepção de vida. Diante dessa lógica, é relevante pensar que, para além da celebração, essa festa pode funcionar como estratégia também, de representação de uma realidade.

O carnaval ignora toda distinção entre atores e espectadores. Também ignora o palco, mesmo na sua forma embrionária. Pois o palco teria destruído o carnaval (e inversamente, a destruição do palco teria destruído o espetáculo teatral). Os espectadores não assistem ao carnaval, eles o vivem, uma vez que o carnaval pela sua própria natureza existe para todo o povo. Enquanto dura o carnaval, não se conhece outra vida senão a do carnaval. Impossível escapar a ela, pois o carnaval não tem nenhuma fronteira espacial. Durante a realização da festa, só se pode viver de acordo com suas leis, isto é, as leis da liberdade. O carnaval possui um caráter universal, é um estado peculiar do mundo: o seu renascimento e a sua renovação, dos quais participa cada indivíduo. Essa é a própria essência do carnaval, e os que participam dos festejos sentem-no intensamente. (BAKHTIN, 1987, p. 6) (grifos nossos)

Tais negociações desse processo envolveriam o embaralhamento das relações de hierarquia predominantes, ao tentar igualar os sujeitos que são diferentes eliminando a distinção existente entre eles, o que leva a uma falsa impressão de que há uma efetiva coerência entre o discurso de valorização da diversidade cultural e a prática social fora dos bastidores.

As frases grifadas acima, que descrevem os festejos carnavalescos no contexto do Renascimento e da Idade Média, fazem parte das representações que envolvem o *Esquenta!*, mas que não se aplicam ao que acontece no palco porque as relações, apesar do momento de encontro, continuam as mesmas seguindo o que já está estabelecido. Pensando na contraposição do carnaval a uma festa oficial, poderíamos dizer que continuaria sendo uma festa oficial travestida de carnaval, conforme observamos nas descrições a seguir.

¹⁷² Na época do carnaval é mais frequente a presença das escolas de samba com alguns de seus integrantes, principalmente do Rio de Janeiro e de São Paulo, como por exemplo: Vila Isabel, Salgueiro, Portela, Mangueira, Beija-Flor, Gaviões da Fiel, Leandro de Itaquera etc.

Ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus. Era a autêntica festa do tempo, a do futuro, das alternâncias e renovações. Opunha-se a toda perpetuação, a todo aperfeiçoamento e regulamentação, apontava para um futuro ainda incompleto. (*ibidem*, p. 8-9)

Se teoricamente a proposta da atração é fazer um carnaval no estúdio, podemos nos perguntar: da forma como os sujeitos estão representados, o programa não estaria seguindo a lógica das festas oficiais? Respeitando as devidas proporções, aparentemente essa abolição temporária das relações hierárquicas do carnaval e do *Esquenta!* se pretende similar, pelo menos essa parece ser a proposta diante da configuração atual que observamos. Uma das questões desta análise é se de fato no programa isso acontece efetivamente, assim como no período do carnaval retratado na obra de Bakhtin.

Uma das características mais marcantes do carnaval e da atração analisada a ser destacada é o riso e o lugar que ele ocupa nessa festa, sendo uma forma de inversão e subversão da ordem. Através da paródia e da ridicularização, tanto na dimensão coletiva quando na individual, alguns deslocamentos ocorrem nos posicionamentos dos sujeitos, nos jogos identitários, nos usos e nas práticas, sobretudo na legitimação e também desconstrução das identidades. Em relação ao *Esquenta*, é importante refletir até que ponto o riso serve para se opor ao tom sério e oficial, sem ridicularizar os sujeitos e torná-los burlescos.

O mundo infinito das formas e manifestações do riso opunha-se à cultura oficial, ao tom sério, religioso e feudal da época. Dentro da sua diversidade, essas formas e manifestações – as festas públicas carnavalescas, os ritos e cultos cômicos especiais, os bufões e tolos, gigantes, anões e monstros, palhaços de diversos estilos e categorias, a literatura paródica, vasta e multiforme, etc. - possuem uma unidade de estilo e constituem partes e parcelas da cultura cômica popular, principalmente da cultura carnavalesca, una e indivisível. (*ibidem*, p. 3-4)

Ao analisar por esse viés, é possível perceber que as representações que muitas vezes são divertidas também são contraditórias e conflituosas, entendendo tanto o riso quanto o humor como ambivalentes, assim como a dinâmica carnavalesca.

As festas carnavalescas eram inseparáveis do riso e nesses rituais se organizavam outros padrões de comportamentos influenciados pelos gestos e falas da cultura popular, gerados nas praças públicas. Esses novos padrões eliminavam a distância hierárquica entre as pessoas, criando um mundo paralelo e isento das regras e etiquetas vigentes. Por isso, esse ambiente abolia qualquer visão de um mundo imutável e fechado, criando formas de expressão ativas e dinâmicas e imprimindo uma concepção “carnavalesca do mundo”. (BAKHTIN, 1996 apud CAMINHA, 2007, p. 57)

Além de eixo importante para entender o programa, o riso e o humor fazem parte das narrativas construídas ao longo da carreira de Regina Casé, que recebe muitas críticas em

relação a essa abordagem feliz e divertida em meio a realidades de miséria: num país com tantos problemas sociais como o Brasil, como só ver alegria em um povo pobre e desprovido de seus direitos mais básicos?¹⁷³

(...) é possível identificar nos programas de Regina Casé traços marcantes do *riso carnavalesco* que, segundo Bakhtin, é um “riso festivo”, “patrimônio do povo”, no qual “o mundo inteiro parece cômico e é percebido e considerado no seu aspecto jocoso, no seu alegre relativismo”. Esse riso é ainda ambivalente: “alegre e cheio de alvoroço, mas ao mesmo tempo burlador e sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente” (CHAVES, 2007, p. 56).

Uma das questões problemáticas a ser realçada, citada por Maria Laura Cavalcanti em relação a essa festa típica e aplicada também ao riso, é que no caso brasileiro, como já assinalou Roberto Da Matta no livro *Carnavais, malandros e heróis*, baseado justamente no exame do desfile das escolas de samba cariocas, o carnaval produziria uma “harmonização das desigualdades” (CAVALCANTI, 2006, p. 77).

Tal crítica é pertinente também pensando a lógica do *Esquentá!*, que baseado no carnaval, prega a festa, celebra as diferenças, mas, ao não discutir os conflitos porque opta por mostrar “o que está dando certo e o que pode dar certo”, apazigua as desigualdades socioeconômicas durante o programa, colaborando com o discurso de manutenção da ordem estabelecida.

Analisando as representações construídas ao longo das temporadas do programa, apesar de utilizar como mote o carnaval e a festa, o *Esquentá!* não apresenta uma visão carnavalesca do mundo nos moldes do que Mikhail Bakhtin apresentou sobre a cultura popular da Idade Média e do Renascimento no contexto de François Rabelais. Segundo Bakhtin, ao invés de lugar de somente conjunção, a festa também pode ser conflito, visto o carnaval descrito pelo autor e seu potencial subversivo. Ao negar a contradição, nos perguntamos até que ponto essa dinâmica não está relacionada apenas a oficialidades.

Afirmamos isso, pois não percebemos a subversão do subalterno pelo que é oficial e estabelecido como hegemônico. Mesmo utilizando o riso como possível saída para lidar com as desigualdades, o que acaba acontecendo é a própria manutenção do estado atual das coisas, no final das contas.

A própria linguagem carnavalesca traz uma função ambivalente, pois, ao mesmo tempo em que é libertadora, também pode ridicularizar através do extravasamento via representação. Podemos observar tal afirmação ao lembrar que a presença da paródia realizada por Douglas Silva e Mumuzinho, por exemplo, que algumas vezes ridiculariza

¹⁷³ In: CHAVES, 2007.

determinada classe social (socialites e ricas) fazendo rir pelos absurdos e excessos, por vezes reforça os estereótipos de moradores de favelas e comunidades, conhecidas como “néim”, como a personagem Soraya, por exemplo, interpretada pelo Mumuzinho com os trejeitos, tipo de linguagem e figurino que corroboram para uma representação lugar-comum¹⁷⁴.

Sobre esta questão específica, relacionamos também um quadro no qual tal ambivalência aparece, que é o “Calourão”¹⁷⁵, com um concurso de calouros que “brincam” de cantar para disputar um prêmio. Apesar de muitas situações engraçadas acontecerem, o limiar entre a diversão através do humor e a ridicularização dos participantes é tênue¹⁷⁶.

Esses dois exemplos dialogam com o primeiro eixo explicitado na introdução, nos permitindo discutir o programa como lugar de mediação e conflito, corroborando para a demonstração das ambiguidades que acontecem no palco. Pelo viés celebrativo do riso e do humor, algumas representações deslizam entre a diversão pela subversão aos paradigmas estabelecidos e o reforço de estereótipos estigmatizantes.

Para tentar entender essa dinâmica, uma característica ligada à mistura e que talvez seja o elo entre todos os outros elementos acima explicitados é o da antropofagia cultural, ligada ao tropicalismo, que apresenta a ideia de devorar o que é do outro para poder incorporar os elementos e ressignificá-los. Mas percebemos que parece haver um misto de antropofagia com hibridação, que apesar de serem distintas, se complementam na dinâmica ambivalente do programa. Seguindo as definições de Nercolini, percebemos as características de cada uma:

Distinta por exemplo da antropofagia (metáfora cultural largamente utilizada no Brasil pelos modernistas e, na música, pelos tropicalistas), na hibridação o outro não é apropriado, deglutido e transformado em próprio, expurgando-se seus vestígios indesejáveis. Na hibridação o outro permanece, seus vestígios são facilmente rastreáveis, pois, como afirma Archetti (Apud García Canclini, 2002: 124), nela busca-se “converter o diferente em igual, e o igual em diferente, mas de tal maneira

¹⁷⁴ Abordamos nessa questão alguns sentidos para a palavra ridicularização: tanto o sentido positivado utilizado por Bakhtin quanto o sentido denotativo de fazer algo parecer ridículo. A discussão proposta segue os questionamentos: até que ponto tal ridicularização serve como libertação? Até que ponto ela se configura como opressora?

¹⁷⁵ No programa exibido em 08 de setembro de 2013 com o tema Show das Poderosas, durante o quadro “Calourão” Regina Casé se emocionou com os gringos dançando funk, antes disso porém era nítido o riso de ridicularização do elenco e dos convidados diante das apresentações de dança dos participantes.

¹⁷⁶ Outro caso onde isso pode ser observado é no contato da apresentadora com o público da plateia, em geral fazendo comentários sobre o visual e a roupa escolhida para ir ao programa. No programa exibido em 15 de junho de 2014, uma fã do programa chamada Jussanã, que estava na plateia vestida com roupa de crochê, foi destaque na exibição ao vivo com Regina Casé pedindo “Bateria arrebenta” para ela dançar. O riso de parte do elenco e dos convidados era ridicularizador. Jussanã reapareceu em outras exibições e a apresentadora precisou comentar que quando “a chama no palco, não é pra zoar ela, é pela alegria de ser e estar linda”. No programa exibido em 21 de dezembro de 2014 com o tema Natal, uma das convidadas a ir ao palco foi Terezinha, responsável pela confecção das roupas que pôde divulgar seu trabalho ao lado da amiga Jussanã, que também estava presente.

que o igual não é simplesmente o mesmo, e o diferente tampouco é simplesmente diferente.” Nos estudos das mesclas culturais, a hibridação “opõe-se à noção de pureza e não leva necessariamente a sínteses” (Martín-Barbero, 1993: 156). (NERCOLINI, 2005, p. 278)

Tanto a hibridação quanto a antropofagia cultural, principalmente, remetem ao Tropicalismo¹⁷⁷, movimento cultural brasileiro importante do final da década de 60.

Sincrético e inovador, aberto e incorporador, o Tropicalismo misturou rock mais bossa nova, mais samba, mais rumba, mais bolero, mais baião. Sua atuação quebrou as rígidas barreiras que permaneciam no País. Pop x folclore. Alta cultura x cultura de massas. Tradição x vanguarda. Essa ruptura estratégica aprofundou o contato com formas populares ao mesmo tempo em que assumiu atitudes experimentais para a época¹⁷⁸.

Essa referência de mistura entre elementos e categorias diferentes também se faz presente enquanto matriz para o programa, que já recebeu como convidados diversos integrantes desse movimento, tais como Gilberto Gil, Caetano Veloso, Gal Costa, Tom Zé, por exemplo. E é também elemento fundamental tanto na configuração das performances de Chacrinha quanto na de Regina Casé, como demonstramos.

Entendemos que os elementos aqui destacados – as trajetórias, os programas anteriores desenvolvidos pelos produtores, o contexto de ascensão e valorização econômica e cultural da “classe C” no Brasil e as perspectivas globais e multiculturais da contemporaneidade – se mostram fundamentais, assim como as matrizes culturais explicitadas, como fontes para a configuração da narrativa do *Esquenta!* e suas pretendidas refigurações.

Compreendendo esses mundos pré-fabricados como os elementos que prefiguram o programa *Esquenta!*, apresentamos até aqui um panorama sobre o contexto no qual o mesmo está inserido; percebendo que por demanda da Rede Globo foi necessário criar um programa como esse e devido às trajetórias profissionais de Regina Casé, Hermano Vianna e Guel Arraes, esse trio seria ideal para dar conta deste projeto, levando em consideração a performance e a mediação exercida pelos mesmos.

Para tanto, foi necessário recorrer a determinadas matrizes culturais relacionadas à performance realizada em produções anteriores para formatar o *Esquenta!*. Tais configurações estão atreladas à ideia de projeto que discutiremos a seguir, implicando em refigurações que

¹⁷⁷ “O Tropicalismo foi um movimento de ruptura que sacudiu o ambiente da música popular e da cultura brasileira entre 1967 e 1968. Seus participantes formaram um grande coletivo, cujos destaques foram os cantores-compositores Caetano Veloso e Gilberto Gil, além das participações da cantora Gal Costa e do cantor-compositor Tom Zé, da banda Mutantes, e do maestro Rogério Duprat. A cantora Nara Leão e os letristas José Carlos Capinan e Torquato Neto completaram o grupo, que teve também o artista gráfico, compositor e poeta Rogério Duarte como um de seus principais mentores intelectuais”. Disponível em: <http://tropicalia.com.br/identifisignificados/movimento#sthash.7X5TdP66.dpuf> Acesso em 17 de fevereiro de 2015.

¹⁷⁸ Disponível em: <http://tropicalia.com.br/identifisignificados/movimento> Acesso em 17 de fevereiro de 2015.

eventualmente fogem ao controle e aos efeitos pretendidos, conforme veremos.

Dessa forma, no próximo capítulo abordaremos a dimensão projetiva de toda narrativa, analisando os conflitos, embates e ambivalências percebidos no programa, assim como o viés de harmonia social e o papel de mediador pretendido pelo mesmo. Através dos silenciamentos e negociações presentes no *Esquenta!* e na repercussão de determinados episódios, pretendemos superar a bipolarização, ratificando a complexidade do objeto, discutindo as refigurações alcançadas e finalizando a tríplice mimese iniciada no primeiro capítulo.

Capítulo 3 – “Tudo junto e misturado?”: refigurações ambivalentes ou “o presente das coisas futuras”

Seguindo a metodologia da tríplice mimese de Paul Ricoeur, com a qual estruturamos nossa dissertação, apresentaremos neste capítulo a mimese III, que aborda a refiguração através das diversas leituras possíveis que encontramos nas apropriações feitas pelos espectadores do objeto de pesquisa.

A explicitação da mimese permanece até o fim subordinada à investigação da mediação entre tempo e narrativa. É somente no termo do percurso da mimese que a tese (...) recebe um conteúdo concreto: a narrativa tem seu sentido pleno quando é restituída ao tempo do agir e do padecer em mimese III. (RICOEUR, 1994, p. 110)

Vimos no primeiro capítulo, que chamamos de “Tudo junto e misturado”, como as representações foram sendo construídas através do processo histórico de produção do programa, suas características, as transformações ao longo das temporadas e a performance da apresentadora Regina Casé. Já no segundo capítulo, “Processos de construção do tudo junto e misturado”, observamos como as mediações que perpassam o programa foram fundamentadas por diversas matrizes, dentre as quais elencamos as trajetórias individuais e coletivas dos principais profissionais envolvidos, as referências culturais utilizadas e o contexto de ascensão socioeconômica da chamada “classe C”. O terceiro capítulo se guiará pela mimese III, indicando o fechamento do círculo narrativo apontando para as refigurações e as dimensões projetivas da configuração.

Generalizando para além de Aristóteles, diria que *mimese* III marca a intersecção entre o mundo do texto e o mundo do ouvinte ou do leitor. A intersecção, pois, do mundo configurado pelo poema e do mundo no qual a ação efetiva exhibe-se e exhibe sua temporalidade específica. (*idem*)

Dessa forma, neste capítulo abordaremos a dimensão das refigurações do *Esquenta!*, a partir das configurações que narramos no primeiro capítulo e das prefigurações que apontamos no segundo capítulo, permeadas pelos conflitos, embates, silenciamentos e negociações que envolvem as exhibições e repercussões do programa. Aliada a tais conceitos, voltaremos à ideia de projeto, discutida por Gilberto Velho, como possibilidade para o entendimento da lógica do programa.

Discutiremos no primeiro momento quais os efeitos pretendidos pelo programa, que podem ser considerados bem sucedidos de certa maneira, tais como: a reterritorialização de espaços estigmatizados; a harmonia social difundida pela atração através do discurso “tudo junto e misturado” e o papel mediador do mesmo na grade de programação da emissora,

ambos trazendo questões acerca de novas territorialidades. No segundo momento, veremos algumas apropriações conflituosas e suas múltiplas leituras, com a análise de dois casos polêmicos de repercussão em relação ao programa, um relacionado à representação negra na televisão brasileira e outro em uma exibição especial em homenagem ao dançarino Douglas Rafael Pereira da Silva, assassinado em abril de 2014.

Lembramos que as discussões apresentadas nesta dissertação estão permanentemente atravessadas pela ideia de ambivalência, tal como Mikhail Bakhtin nos apresenta em relação ao riso carnavalesco, demonstrando a multiplicidade de sentidos que os signos possuem. Retomando de forma mais abrangente o que já foi falado no segundo capítulo sobre humor e riso ambivalente, recuperamos o conceito de ambivalência via Bakhtin para ratificar que o signo têm várias valências e funciona como arena onde se desenvolve a luta de classes, ajudando a fugir de conclusões dicotômicas (CHAVES, 2007, p. 77).

Segundo Bakhtin, o signo é “vivo e móvel, capaz de evoluir”. Se no cenário das novas enunciações sobre o signo “periferia” temos diferentes origens e valores discursivos, estamos diante de uma esfera *polifônica* de enunciações, ou seja, de uma “multiplicidade de vozes” em disputa, que não deveriam ser estancadas em apenas dois pólos classificatórios limitadores. Elas opõem-se como *contraponto*: são “vozes diferentes cantando diversamente o mesmo tema” e fazem parte de relações *dialógicas* mais amplas como “todas as relações e manifestações da vida humana”. As representações contemporâneas da “periferia” estão em diálogo umas com as outras e devem apontar em conjunto para visões mais complexificadas da luta social e não para objetos fixos. (*idem*)

Pensando nesses múltiplos significados e no que eles representam, começamos a discussão sobre a forma como determinados espaços carregados de preconceito são ressignificados através das representações construídas não só no *Esquenta!*, como também ao longo da trajetória televisiva de Regina Casé.

3.1 – Os efeitos pretendidos e as formas de apropriação

3.1.1) Reterritorialização: ressignificando espaços estigmatizados

*“Como é que essa gente tão boa
É vista como marginal
Eu acho que a sociedade
Tá enxergando mal”
Arlindo Cruz*

Baseado nos programas exibidos até 2014, podemos observar uma questão recorrente no discurso da atração, ao positivar bairros periféricos, favelas, comunidades e subúrbios, principalmente do Rio de Janeiro, associados geralmente à violência e à pobreza, tentando

mostrar o que os moradores desses lugares têm de “legal”. Através dos diálogos e das apresentações artísticas, organizadas pelo roteiro de gravação, são criadas novas representações acerca desses espaços estigmatizados, e muitas vezes invisibilizados anteriormente, associados à criminalidade, marginalização e lugar de carência, como, por exemplo, as localidades de Bangu, Complexo do Alemão, Campo Grande, Realengo, Cidade de Deus, Rocinha, Vidigal, Santa Marta, Complexo da Maré, Madureira, entre outros, citados positivamente em várias edições do programa.

Em geral, as pessoas vindas desses locais estão presentes na plateia via caravanas para assistir à gravação e também há alguns convidados originários desses territórios. Com a participação de tais indivíduos em brincadeiras e conversas sobre suas vivências, afirma-se uma visibilidade positiva das periferias, dissociando da temática da violência e aproximando da celebração, festa e alegria, representadas como características particulares dos brasileiros enquanto identidade nacional.

Tal característica, também presente nos programas anteriormente explicitados no segundo capítulo (*Programa Legal, Brasil Legal e Central da Periferia*), reforça a ideia de “antropóloga midiática da periferia” apresentada no primeiro capítulo (enquanto agente de novas representações e performances acerca de tais lugares), que dá visibilidade midiática afirmativa a territórios carregados de estigmas e preconceitos. Essa abordagem antropológica, através das manifestações da produção cultural local e suas mais variadas expressões artísticas, além de mostrar seus moradores “legais”, acaba ressignificando esses lugares, enaltecendo a potência criativa dos residentes nesses espaços e destacando a importância desses territórios para a cidade¹⁷⁹.

Assim, os bairros e regiões periféricas da cidade do Rio de Janeiro citados são geralmente exaltados e comemorados pela apresentadora, que pede palmas à plateia e manda beijos para os moradores dos respectivos lugares. Essa reterritorialização¹⁸⁰ indica uma

¹⁷⁹ No programa exibido em 25 de agosto de 2013 com o tema rodeio, a apresentadora, ao chamar o grupo Melanina Carioca, destacou que o mesmo possui integrantes do Vidigal, pertencentes ao grupo de teatro Nós do Morro. No programa exibido em 20 de outubro de 2013 com o tema esporte, um dos convidados é Rene Silva, presidente da Voz das Comunidades e morador do Complexo do Alemão, que doa o livro que lançou, *A voz do Alemão*, para a Biblioteca do *Esquenta!*.

¹⁸⁰ Outra forma de ressignificar esses territórios se dá através das músicas apresentadas pela roda de samba, como, por exemplo, *Meu nome é favela*, de Arlindo Cruz: “Suburbano nato, com muito orgulho/Mostro no sorriso, nosso clima de subúrbio/Eu gosto de fritada e jogar uma pelada/Domingo de sol/E fazer churrasquinho com a linha esticada/No poste passando cerol/Cantar partido alto, no morro/No asfalto sem discriminação/Meu nome é favela/É do povo do gueto a minha raiz/Becos e vielas/Eu encanto e canto uma história feliz/De humildade verdadeira/Gente simples de primeira/salve ela meu nome qual é?”. Música completa disponível em: <http://www.vagalume.com.br/arlindo-cruz/meu-nome-e-favela.html#ixzz3TOPbrndW> Acesso em 04 de março de 2015. Outras canções nesse sentido são *Meu Lugar* e *Favela*, também compostas por Arlindo Cruz, músicas recorrentes ao longo das temporadas, podendo considerá-las como parte da trilha sonora oficial.

tentativa de descolar os estigmas associados a tais lugares, pois através de uma aproximação com esse público das classes populares dialoga com o discurso de combate à desigualdade social presente na trajetória de Regina Casé e contribui bastante para a propagação de uma harmonia social divulgada pelo *Esquenta!*, sobre a qual falaremos a seguir.

3.1.2) “À procura da harmonia perfeita”

Através dos lemas “tudo junto e misturado” e “o que o mundo separa, o *Esquenta!* junta”, já vistos no primeiro capítulo, podemos perceber como o programa introduz uma ideia de harmonia social ao celebrar as diferenças e valorizar a diversidade cultural de diferentes classes distintas. Entretanto, para isso acontecer o conflito, que é constitutivo dessas relações sociais, acaba sendo apagado em representações simplificadoras devido a essa pasteurização, deixando-o praticamente ausente no palco da atração, levando em consideração o que é exibido aos domingos.

Tal discurso de convivência harmônica de classes socioeconômicas distintas tem causado cada vez mais polêmica e repercussão. Muitas críticas em relação a isso se referem ao fato da apresentadora ter uma prática social, fora dos bastidores, de uma classe socioeconômica alta do Rio de Janeiro, ao residir na Zona Sul da cidade e “ostentar” viagens internacionais em suas redes sociais e, ao mesmo tempo, discutir questões relacionadas a favelas, comunidades, periferias e subúrbios. Não pretendemos entrar nesse mérito, o que nos interessa é a resposta da mesma em forma de desabafo na primeira edição do programa em 2015¹⁸¹:

“As pessoas falam assim: a Regina fala de favela, fortalece a favela, ela mora na Zona Sul’. Se bem que quem mora no Vidigal, mora na Zona Sul. Se uma pessoa que mora na Zona Sul não pode fortalecer, respeitar e admirar alguém que mora na favela. É como pra eu não ser homofóbica, eu tenho que ser gay. Pra não ser antissemita e ir contra ela porque ela é judia, eu tenho que ser judia. Vamos pensar um pouco sobre isso, é ou não é? Todo mundo quer que não tenha vala negra, todo mundo quer ter educação, quer segurança (...), esse lado é claro que todo mundo quer, ninguém acha bom isso. Uma coisa é respeitar e admirar a cultura que é produzida lá, e a dignidade e o respeito que as pessoas conseguem ter apesar de uma vida indigna, onde a sociedade não tem respeito por ela. Isso pra mim é um ponto de amor, respeito e admiração, e é o que o *Esquenta!* faz e vai continuar fazendo, é isso.”¹⁸²

Após essa fala, o colaborador Ronaldo Lemos afirma que o *Esquenta!* é sobre a mistura e que isso que é importante, cruzar as barreiras, misturar as pessoas, estabelecer

¹⁸¹ Apesar da pesquisa utilizar a análise dos programas veiculados em 2013 e 2014, dando ênfase a esse período por conta da delimitação do tempo do mestrado, eventualmente estarão presentes momentos relevantes veiculados antes ou depois desse recorte temporal inicialmente definido.

¹⁸² Programa exibido no dia 04 de janeiro de 2015.

pontes e diálogos: “Quem vive com esse discurso de exclusão, de cada um no seu quadrado está vivendo em outro lugar, não é o Brasil de hoje”. A apresentadora então finaliza seu discurso:

“O que eu quero pro *Esquenta!*, pro Brasil e pro mundo é que seja que nem aqui, que você não consiga encontrar nem na mesa do restaurante duas pessoas iguais e da mesma cor, o que a gente tem que fazer de melhor na vida é celebrar as diferenças, festejar as diferenças”. (grifos nossos)

Outro ponto a ser destacado que corrobora com essa ideia de harmonia é reforçada pela ratificação do discurso da família *Esquenta!*¹⁸³, que, como descrevemos no primeiro capítulo, seria formada pelos membros do elenco e equipe da atração. No intuito de se aproximar do público, os integrantes demonstram suas relações familiares e de afeto no programa, muitas vezes levando parte da família para a gravação, o que agrada à apresentadora, conforme já foi dito inúmeras vezes durante as exposições.

Tal estratégia se aproxima do público que está assistindo o programa, exibido em um dia e horário no qual as famílias se reúnem para almoçar juntas, colaborando para criar a sensação de um ambiente familiar e acolhedor. Entendemos nestas configurações uma dimensão projetiva, visando gerar no público receptor essas percepções e fazendo com que ele não só se sinta participante dessa grande festa harmônica e familiar, bem como ele encare o *Esquenta!*, seu elenco e convidados, mas principalmente a apresentadora Regina Casé, como mediadores e fiadores desse processo.

Levando em consideração os últimos vinte anos de programação da Rede Globo de forma breve¹⁸⁴, pelo menos nos formatos de auditório e variedades, percebemos que, atualmente, o *Esquenta!* se apresenta como um dos programas que mais busca se aproximar do público das famílias de classes populares, por representar elementos de suas manifestações artísticas e usar uma linguagem informal através da performance da apresentadora. Diante dessas características, analisaremos a seguir o espaço que o mesmo ocupa na emissora, de acordo com um possível projeto político-ideológico.

3.1.3) O mundo separa e o *Esquenta!* media

Ao trazer conteúdos relacionados à cultura popular e das periferias do Brasil, o

¹⁸³ “Família *Esquenta!* faz balanço emocionante de trajetória do programa”. Disponível em: <http://globoTV.globo.com/t/programa/v/familia-esquenta-faz-balanco-emocionante-de-trajetoria-do-programa/3843813/> Acesso em 24 de janeiro de 2014.

¹⁸⁴ Para aprofundar essa questão seria necessária uma cartografia da programação da Rede Globo, conforme sugestão da banca de qualificação de tema a ser investigado em pesquisas posteriores.

programa também recebe muitas críticas desqualificadoras¹⁸⁵ que o acusam de banalizar o gosto, a partir de critérios elitistas de distinção (as críticas atacam especialmente a concepção de cultura popular que enaltece gêneros como o samba e funk, de maneira geral). Como não há outros programas parecidos na grade da emissora, com estilo semelhante, ele acaba sendo o único no horário nobre da televisão (levando em conta a audiência alcançada no horário de almoço aos domingos) a trazer discussões acerca da cultura das periferias e mostrar seus variados artistas, com novidades e tendências, enaltecendo sua diversidade cultural.

Essa performance de mediação está ligada, dentre outros fatores, ao formato do programa (de auditório), e também ao lugar que o mesmo ocupa, de autoridade para falar e colocar em pauta discussões da sociedade contemporânea. Ao se aproximar dos telespectadores de diversos lugares do Brasil, temas importantes são abordados em determinados momentos da atração, com histórias¹⁸⁶ e relatos de projetos sociais¹⁸⁷, momentos de superação¹⁸⁸, combate ao racismo e preconceito, questões ligadas às lutas do movimento LGBTs, dentre outros, fazendo a mediação desses conteúdos relevantes de uma maneira informal¹⁸⁹.

Esse projeto de mediação já vem sendo realizado em outros programas integrantes do Núcleo Guel Arraes¹⁹⁰ citados acima. Apesar de desde seu início seguir uma linha de

¹⁸⁵ Essa desqualificação de gosto vem em grande parte de uma elite que diminui determinadas manifestações culturais como forma de deslegitimar tais movimentos e expressões, configurando critérios de distinção conforme vemos nas discussões de Pierre Bourdieu (2007).

¹⁸⁶ No programa exibido em 06 de outubro de 2013 com o tema escola, Regina Casé terminou o programa com a seguinte mensagem: “Ser professor, mestre, eu acho que é uma das profissões mais lindas do mundo e tá pertinho, logo logo, dia 15/10 é dia do professor, aí então nesse dia, não só nesse dia, todo dia você tem que beijar, abraçar, fazer silêncio pro seu professor e principalmente agradecer. Todo mundo aqui é professora, eu sempre digo que o samba cura, eu digo também que o samba ensina sobre a vida da gente, sobre a nossa cultura, ensina história, ensina pra gente o que é o Brasil e esse samba do Silas de Oliveira foi composto em 1964 pro Império Serrano, é um exemplo disso. Uma aula de história, de política, de geografia do Brasil, Aquarela Brasileira”.

¹⁸⁷ No programa exibido em 03 de agosto de 2014 com o tema humor, a apresentadora comentou que a “televisão serve pra prestar serviço, não é pra dar esmola”.

¹⁸⁸ No programa exibido em 24 de agosto de 2014 com o tema universo, foi exibida a história de Cícero Batista, que achou um livro no lixo e teve sua vida modificada a partir de então. Tal entrevista com imagens da vida dele e de sua mãe exibidas na atração foram bastante similares às exibidas em uma propaganda da campanha eleitoral de Dilma Rouseff na televisão no segundo semestre de 2014. Matéria “Programas de Dilma e de Regina Casé contam a mesma história de vida”. Disponível em: <http://f5.folha.uol.com.br/televisao/2014/08/1506890-programas-de-dilma-e-de-regina-case-contam-a-mesma-historia-de-vida.shtml> Acesso em 29 de agosto de 2014. Cícero doou o primeiro livro encontrado no lixo para a Biblioteca do *Esquenta!*.

¹⁸⁹ No programa exibido em 13 de abril de 2014 com o tema família, houve dois exemplos nesse sentido: uma conversa sobre os novos arranjos familiares e sobre a importância da doação de órgãos com a presença de uma família que teve um caso raro de doença nos rins.

¹⁹⁰ “No anos 70, a Rede Globo redefiniu sua grade a fim de se diferenciar das demais emissoras de TV. Defendendo o discurso da qualidade na televisão brasileira, criou o Padrão Globo de Qualidade, que moldou as estratégias da emissora por muitas décadas. Nesse sentido, reuniu esforços para a consecução dos seus objetivos. Uma das estratégias adotadas consistiu na criação do que Ivana Fachine (2008) chamou de “TV de grupo”, que deu origem ao Núcleo Guel Arraes, em 1991. Essa formação propiciou um espaço de experimentação audiovisual dentro da emissora”. IN: LEIRIA, Juliana da Silva. “Bateria arreventa, todo mundo comenta”: as

experimentação audiovisual, não podemos deixar de comentar que o mesmo é vinculado ao Padrão Globo de Qualidade e também está relacionado a um projeto estético-político, tanto individual quanto coletivo dos envolvidos na atração. Entendemos que a concepção de projeto envolve elementos como a performance, as explorações, o desempenho e as opções, ancoradas a avaliações e definições da realidade (VELHO, 1994, p. 28),

O conceito de projeto aqui presente segue a proposta de Gilberto Velho, que o define não como um fenômeno interno e subjetivo, mas como formulado “dentro de um campo de possibilidades, circunscrito histórica e culturalmente, tanto em termos da própria noção de indivíduo como dos temas, prioridades e paradigmas culturais existentes” (VELHO, 1987, p. 27).

Em qualquer cultura há um repertório limitado de preocupações e problemas centrais ou dominantes. Há uma linguagem, um código através dos quais os projetos podem ser verbalizados com maior ou menor potencial de comunicação. Portanto, insistindo, o projeto é algo que pode ser comunicado. A própria condição de sua existência é a possibilidade de comunicação. Não é, nem pode ser fenômeno puramente subjetivo (*idem*, grifos nossos).

Tais ideias projetivas podem ser observadas como uma virada ideológica, dentro do processo histórico que foi gerado a partir da criação do “padrão Globo de qualidade”, para um projeto político de tentativa de aproximação direta com as “questões do povo”. Através do lema “Globo e você: tudo a ver”, implementado nos últimos anos na emissora, percebemos essa busca pela intimidade com o espectador e o movimento de ir para as ruas, levando a televisão para fora do estúdio. Com um apelo às questões do popular e do periférico, ainda não tão discutidas na televisão, utiliza-se de uma linguagem experimental do Núcleo Guel Arraes para realizar esse deslocamento territorial e simbólico. Essa dinâmica construída pode ser confirmada desde *Programa Legal*, passando por *Brasil Legal*, posteriormente *Central da Periferia*, dentre outros programas, chegando ao produto atual.

No *Esquenta!*, porém, o movimento é aparentemente contrário, por ser realizado em um estúdio de gravação, com todas as limitações que esse tipo de espaço impõe. Logo, se os programas anteriores do Núcleo saíram do estúdio para a rua, agora na atração mais recente inverte-se essa corrente, mas ao mesmo tempo se mantém a proposta de diálogo com o popular¹⁹¹, pois se apresentam os elementos da rua¹⁹² dentro de um estúdio, gerando um

relações entre a casa e a rua no programa *Esquenta!*. Trabalho de conclusão do Curso de Comunicação Social: Relações Públicas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2014.

¹⁹¹ O programa exibido em 16 de novembro de 2014 é um dos mais sintomáticos acerca do tema, pois tinha como mote a feira. O cenário tinha várias barracas bastante coloridas na representação comum das feiras de rua. Os convidados e o elenco se alimentavam nas barraquinhas com as comidas típicas, como caldo de cana e pastel. A apresentadora comentou que adora feira: “sou praticamente uma feirante”.

deslocamento que problematiza as representações construídas em torno do que é urbano¹⁹³.

Como já vimos anteriormente, o contexto contemporâneo é fundamental para essa estruturação do programa e do projeto político envolvido, tanto no âmbito individual quanto coletivo, pois entendemos que a racionalidade de um projeto é delimitada por determinadas experiências culturais. Sua maior ou menor eficácia está, basicamente, circunscrita a determinado quadro sócio-histórico. Enquanto conjunto de ideias, projetos estão sempre referidos a outros projetos e condutas localizáveis no tempo e no espaço (*ibidem*, p. 28).

Em uma sociedade complexa moderna os mapas de orientação para a vida social são particularmente ambíguos, tortuosos e contraditórios. A construção da identidade e a elaboração de projetos individuais são feitas dentro de um contexto em que diferentes 'mundos' ou esferas da vida social se interpenetram, se misturam e muitas vezes entram em conflito. (*ibidem*, p. 33)

Para corroborar com as noções de projeto explicitadas até agora, observamos a consciência do caráter político e do posicionamento ideológico que norteia as escolhas do programa, quando, durante o programa *Navegador*¹⁹⁴ exibido no canal pago Globonews¹⁹⁵, em comemoração a um ano de exibição do mesmo, com a presença de Regina Casé como convidada especial, diversos pontos foram tematizados. Vamos destacar as falas e os apontamentos que dizem respeito ao que estamos desenvolvendo neste capítulo, entendendo a noção de projeto como “conduta organizada para atingir finalidades específicas” e que está diretamente relacionada às noções de memória e identidade já discutidas anteriormente.

¹⁹² O programa exibido em 05 de outubro de 2014 teve como temática a rua, com cenário e figurino com faixas e cartazes similares aos das ruas, lojas e supermercados.

¹⁹³ No programa exibido em 27 de outubro de 2013 o tema foi cidades (com referência às manifestações nas ruas ocorridas em junho de 2013), comparando suas dinâmicas de encontro, troca e mistura com as que são celebradas e festejadas no palco da atração. No início da exibição a apresentadora comentou: “As ruas são lugar de manifestação pra protestar contra o que a gente acha que tá errado, pra ir atrás de nossos direitos. O *Esquentá!* quer que as cidades sejam o espaço pra todo mundo”. Como mensagem final, Regina Casé expressou a vontade de “que as ruas e praças de todo o Brasil possam ser lugar de encontro, transformação e alegria”.

¹⁹⁴ Exibido em 24 de novembro de 2014. “Com muita descontração, a conversa é pontuada pelo interesse em inovação e comportamento. Regina, que apresenta o programa ‘Esquentá’ na Globo, lembra de como os dois programas têm tanto em comum. “Falamos de novas descobertas, de antropologia, do desenvolvimento humano. Cada um a sua maneira, mas no fundo, falamos sobre as mesmas coisas”, compara. A apresentadora ressalta ainda a longa amizade com Hermano Vianna, que além de ser um dos idealizadores do ‘Esquentá’, trabalhou com Regina nos programas ‘Central da Periferia’ (2006) e ‘Programa Legal’ (1991 e 1992). Hermano lembra que foi Regina quem o levou para a TV. “Eu era um acadêmico, estava terminando minha tese de doutorado quando a Regina me levou para a televisão. Ela me tirou da academia e me levou para o grande público”, conta o roteirista e antropólogo. O programa traz também vídeos de Regina Casé na época do grupo teatral ‘Asdrúbal Trouxe o Trombone’, da década de 70, quando a atriz já se mostrava à frente do seu tempo. Daí, o papo parte para os dias atuais, quando todos discutem se o mundo hoje está mais “careta”. Atualmente em Harvard, mas não ausente do programa, José Marcelo Zacchi participa da comemoração por vídeo e dá as boas-vindas a Regina, carinhosamente chamada de “madrinha” pelo quarteto”. Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2014/11/navegador-comemora-um-ano-de-programa-com-regina-case.html> Acesso em: 01 de dezembro de 2014.

¹⁹⁵ Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-news/navegador/videos/t/trechos-do-navegador/v/navegador-celebrando-um-ano-no-ar-programa-recebe-regina-case/3787649/> Acesso em: 01 de dezembro de 2014.

(...) se a memória permite uma visão retrospectiva mais ou menos organizada de uma trajetória e biografia, o projeto é a antecipação no futuro dessas trajetória e biografia, na medida em que busca, através do estabelecimento de objetivos e fins, a organização dos meios através dos quais esses poderão ser atingidos. A consistência do projeto depende, fundamentalmente, da memória que fornece os indicadores básicos de um passado que produziu as circunstâncias do presente, sem a consciência das quais seria impossível ter ou elaborar projetos. (VELHO, 1994, p. 101)

Hermano Vianna começa sua fala dizendo não haver melhor pessoa para comemorar com o grupo do programa que Regina Casé, pelo fato dela ser responsável pelo percurso dele da antropologia para a televisão. Além disso, de certa maneira existe um canal de comunicação entre o *Esquenta!* e o *Navegador*, através da mediação da apresentadora. Além de agradecer, a artista relembra que tudo surgiu por conta de uma “faísca” do encontro com Hermano Vianna, através do *Programa Legal*, *Brasil Legal*, *Central da Periferia* até hoje, partindo de um grupo que já vinha com Guel Arraes e com os envolvidos no *TV Pirata*.

A apresentadora brinca dizendo que vão dizer que ela roubou Hermano da academia e trouxe para televisão. Hermano conta que Regina o ajudou para a preparação da defesa de doutorado, “ensaiando” o texto e tentando dar um tom teatral, comprovando a amizade e parceria de muitos anos. Regina então comenta: “Hermano manda muito bem aqui, fico até com inveja porque no *Esquenta!* ele não vai”. Mesmo sendo um dos criadores do programa, Hermano nunca apareceu oficialmente no *Esquenta!*, como convidado ou parte da equipe, apesar de acompanhar as gravações nos bastidores.

Ronaldo Lemos então afirma: “a TV, em certa medida, é uma extensão da prática acadêmica do Hermano. Academia e TV tem tudo a ver”. Regina complementa: “eu acho que tem tudo a ver e num país como o Brasil a gente tentar separar a academia da televisão e hoje em dia da internet etc. é um absurdo total”. Hermano continua, agora para Regina: “eu me lembro do dia que eu disse que você era intelectual e você disse não, mas era essa ideia de que intelectual está na academia, que as outras atividades culturais não são atividades de intelectuais, talvez o termo seja muito carregado, mas eu acho que você é uma das grandes pensadoras do Brasil, de pensar o Brasil contemporâneo, as transformações recentes da cultura brasileira, você esteve no meio disso, fortalecendo mesmo as coisas que a gente acha bacana no Brasil” (grifos nossos).

Regina então brinca: “eu sou a musa da contracultura. É esquisito que as pessoas não vejam o trabalho que vocês fazem no *Esquenta!*, que a gente faz no *Esquenta!* como uma contracultura contemporânea”. Hermano continua: “e até separar o *Navegador* do *Esquenta!*, quando os temas correm de um lado pro outro”. Ronaldo ratifica: “os mesmos temas que a

gente fala aqui para o *Navegador*, que é um programa para o cabo, a gente fala pro *Esquenta!* e para milhões de brasileiros” (grifos nossos).

Hermano completa a frase com informações importantes para nossa análise: “na hora do almoço, no domingo, num programa de auditório” (grifos nossos). Alê e Ronaldo assim concluem a fala: “isso é muito radical, muito transgressor”. Regina então agradece o Hermano por ter trazido os navegadores para o *Esquenta!* e para a vida dela.

Devido ao tempo de entrevista com a convidada especial, o programa foi dividido em duas exposições, a segunda veiculada no dia 01 de dezembro de 2014. “O Brasil não para de nos surpreender”, diz Hermano. Sobre a postura de Regina em relação às coisas nas quais acredita, ela comenta: “não é um espírito Poliana (em referência à personagem que vê o lado bom de tudo), também tem coisas horríveis. (...) Fica chato achar que é legal, parece que é governista. (...) A gente vem numa linha afirmativa há anos, ao mostrar um quadro positivo” (grifos nossos). Segundo Velho, “nem tudo nos projetos é político, mas, quando são capazes de aglutinar grupos de interesses, há que procurar entender sua riqueza simbólica e seu potencial de transformação”. (VELHO, 1987, p. 34)

Esse último bloco do programa demonstra o que foi sendo falado ao longo desse especial de aniversário, da postura de certa maneira engajada, embora não-partidária explicitamente, de Regina Casé e Hermano Vianna, que parecem acreditar na proposta de vanguarda cultural desenvolvida por uma linha de programas comandados por eles nos últimos 30 anos na Rede Globo.

Os projetos constituem, portanto, uma dimensão da cultura, na medida em que sempre são expressão simbólica. Sendo *conscientes e potencialmente públicos*, estão diretamente ligados à organização social e aos processos de mudança social. Assim, implicando relações de poder, são sempre políticos. Sua eficácia dependerá do instrumental simbólico que puderem manipular, dos paradigmas a que estiverem associados, da capacidade de contaminação e difusão da linguagem que for utilizada, mais ou menos restrita, mais ou menos universalizante. (*idem*)

Sarah Chaves utiliza o termo “visibilidade afirmativa”¹⁹⁶ para explicar o projeto político de Regina Casé, Hermano Vianna e Guel Arraes. Tal discussão envolve o rompimento de estigmas e o afastamento de estereótipos promovido por essas narrativas televisivas, com um caráter de afirmação marcado pelo discurso. Concordamos com Velho sobre o fato do projeto não ser abstratamente racional, mas:

¹⁹⁶ “Não gosto de gueto, de dividir crianças, negros, pobres. Mas o ‘Central’ é uma questão de justiça televisiva; surgiu para mostrar um movimento de massa que era ignorado: eu achava uma loucura ir a um lugar ver milhares de pessoas cantando uma letra e dançando uma coreografia e, ao voltar para a Zona Sul, notar que ninguém conhecia aquilo”, conta Regina Casé. In: CHAVES, Sarah Nery, op. cit.

(...) resultado de uma deliberação consciente a partir das circunstâncias, do campo de possibilidade em que está inserido o sujeito. Isso implica reconhecer limitações, constrangimentos de todos os tipos, mas a própria existência de projeto é a afirmação de uma crença no indivíduo-sujeito. A identidade, por conseguinte, depende dessa relação do projeto do seu sujeito com a sociedade, em um permanente processo interativo. Sem dúvida, um sujeito pode ter mais de um projeto, mas, em princípio, existe um principal ao qual estão subordinados os outros que o têm como referência. (VELHO, 1994, p. 103-104)

A nosso ver, tal projeto, por parte da emissora, busca cumprir um papel de mediação e possui uma finalidade específica: tentativa de aproximação com as classes populares, realizada pela mídia hegemônica, através da presença de representações acerca da “classe C”, conforme discutida no segundo capítulo. Esse apaziguamento dos conflitos sociais por conta do interesse em mostrar o que pode dar certo e o que está dando certo, numa visão otimista da realidade, acaba valorizando essa ascensão da classe C e alcançando um nicho importante de mercado (vide as transformações e acréscimos de publicidade ao longo das temporadas do programa).

Do ponto de vista político (em sentido amplo, como luta pela alocação dos recursos do poder), esse projeto é peça indispensável nas estratégias de hegemonia – que contemplam o conjunto dos meios de comunicação, capitaneado pela televisão – por parte das classes dirigentes. (SODRÉ, 2002, p. 117)

O que podemos observar é que nem sempre os projetos e efeitos pretendidos seguem o esperado e alcançam o resultado calculado, o que acaba gerando conflitos e múltiplas interpretações quando a narrativa chega no mundo dos leitores e telespectadores. Essa variedade de possibilidades será abordada no próximo item, com a devida complexificação através de dois exemplos específicos, um ocorrido em 2013 e outro em 2014.

3.2 – Os conflitos e as múltiplas leituras

Concordando com Georg Simmel ao afirmar que os conflitos são relacionais e constitutivos da sociedade na qual vivemos, entendemos os mesmos como parte fundamental de análise de qualquer objeto de pesquisa, incluindo todas as críticas pertinentes que tal desafio carrega. Partimos do princípio de que a sociedade se configura através das interações entre os atores sociais, que se dão pelas relações de interdependência e contatos, não necessariamente representando convergência de opiniões, interesses e posturas.

Tais embates implicam em relações conflitivas, que proporcionam um abalo nas supostas certezas por meio da tomada de consciência individual e coletiva, podendo gerar resultados positivos, contrariando o senso comum de que conflitos são negativos *a priori*. Nos

casos abordados, encaramos o conflito como positivo pelo tipo de olhar crítico que ele proporciona e pela ampliação de determinadas problemáticas que ele aponta.

3.2.1) “Me ver pobre, preso ou morto, já é cultural”¹⁹⁷

*“Eu visto preto
Por dentro e por fora
Guerreiro
Poeta entre o tempo e a memória”
Racionais MC’s*

É importante destacar que, ao contrário das representações hegemônicas dos programas da Rede Globo de Televisão, é expressiva a presença de negros no *Esquenta!*, o que indica a necessidade de pensarmos a variável racial na análise do programa. Um exemplo disso pode ser analisado na fala de um dos comentaristas e colaboradores do programa, Alê Youssef, em um artigo publicado em uma revista¹⁹⁸, sobre a representação de negros nos meios de comunicação:

Outro dia na gravação do *Esquenta*, programa da TV Globo do qual sou colaborador e comentarista com muito orgulho, Regina Casé lembrou que muita gente acha que o *Esquenta* é visto como um programa em que os negros são protagonistas. Entretanto, ao avaliar as pessoas que estavam na gravação, era perceptível o mesmo número de brancos e de negros. Em uma das suas frases geniais, Regina cravou: “Não é que o *Esquenta* só tenha negros, é que a TV não abre espaço para os negros e, quando um programa coloca o mesmo número de brancos e negros, acham que só tem negros”. De um jeito simples e direto, a apresentadora traçou o quadro de desigualdade racial nos meios de comunicação. (grifos nossos)

Sobre a representação dos negros na televisão brasileira, fazendo um recorte recente da programação da Rede Globo, podemos afirmar que os mesmos ainda se configuram como coadjuvantes quando pensamos nas novelas, propagandas e programas de auditório, lógica também usual no cinema e na publicidade de maneira geral. Os estereótipos mais comuns giram em torno de personagens conectados à violência, à criminalidade e as profissões mais recorrentes são de cargos subalternos (empregadas domésticas, motoristas, porteiros etc.).

No livro *A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*¹⁹⁹, Joel Zito Araújo analisa como os negros são representados através de estereótipos negativos, invisibilizando sua ação positiva, supondo sua cultura como folclore e elemento de diversão para os brancos,

¹⁹⁷ Música *Negro Drama*, dos Racionais MC’s. Disponível em: <http://letras.mus.br/racionais-mcs/63398/> Acesso em 04 de março de 2015.

¹⁹⁸ Artigo “Retrato de um país doente” publicado na revista *Trip*. Disponível em: <http://revistatrip.uol.com.br/revista/231/colunas/retrato-de-um-pais-doente.html> Acesso em 30 de abril de 2014.

¹⁹⁹ Originalmente apresentada como tese de doutorado na ECA-USP: “A negação do Brasil; identidade racial e estereótipos sobre o negro na história da telenovela brasileira”.

além da associação comum do negro como pobre e favelado recorrente no jornalismo, por exemplo.

Na história das nossas mídias audiovisuais, o desejo de branqueamento da nação, ideário que já estava consolidado desde o século XIX, acabou por se tornar um peso imagético, uma meta racial que nunca provocou rebeldias. Ao contrário, tornou-se convenção e naturalizou-se como estética audiovisual de todas as mídias, incluindo-se aí especialmente a TV, o cinema e a publicidade²⁰⁰.

Em contraposição a essa “branquitude” que ainda funciona como padrão estético audiovisual²⁰¹ brasileiro, é perceptível a abordagem e representação negra no *Esquenta!* de duas formas diferenciadas: tanto pela quantidade numérica durante as gravações, que não é comum em outros programas de televisão da mesma emissora, quanto pelo tipo de atividade que exercem no palco, se apresentando artisticamente e marcando uma presença não-subalterna.

Seguindo essa perspectiva, uma das indagações que norteia as discussões acerca desse tema é: podemos afirmar que existe o surgimento de outros paradigmas ao apresentar o “rosto subalterno” (“preto”, “pobre”, “favelado”) fora dos estigmas negativos da representação?²⁰² Concomitantemente, inúmeras vezes o programa foi acusado de ser “racista”, ao representar os negros em determinados estereótipos, sempre alegres, festivos, dançarinos de samba e funk, que adoram carnaval e vivem felizes nas favelas e periferias do país, contribuindo para a ideia de conformação desse “rosto subalterno”.

Levando em consideração o histórico recente de novelas da TV Globo²⁰³ e os noticiários jornalísticos da mesma emissora, podemos afirmar que o *Esquenta!* traz um outro tipo de representação negra na televisão brasileira, ao mostrar o “preto, pobre e favelado” de forma não-subalterna, diferentemente das aparições ligadas a reportagens de criminalidade ou violência (vide as matérias recorrentes no verão de 2014 sobre arrastões nas praias do Rio de Janeiro, por exemplo) e papéis de empregados ou subordinados nas novelas e séries exibidas. Além disso, o programa traz discussões relacionadas ao racismo para o palco em exibições

²⁰⁰ “Negro, publicidade e o ideal de branqueamento da sociedade brasileira”, por Carlos Augusto de Miranda Martins. Disponível em: http://www3.usp.br/rumores/artigos2.asp?cod_atual=142 Acesso em: 10 de fevereiro de 2015.

²⁰¹ “A força de um desejo – a persistência da branquitude como padrão estético audiovisual”. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/69/07-joelzito.pdf> Acesso em 20 de fevereiro de 2015.

²⁰² A matéria “A periferia na televisão brasileira, entre a festa e a violência” discute essa questão de invisibilidade dos negros e mestiços pela ótica das arquibancadas dos estádios durante a Copa do Mundo 2014 e cita o *Esquenta!* como outro tipo de visibilidade para os mesmos, vinculada à festa e dissociada da violência. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2014/07/05/sociedad/1404573921_467409.html Acesso em 20 de fevereiro de 2015.

²⁰³ Tal fato inclusive gera piadas nas redes sociais, como, por exemplo: “Globo é criticada por ausência de personagens negros (sic) em 'Amor à Vida'. 'É que tá todo mundo no núcleo Esquenta', respondeu a emissora.” (via Kibe Loco).

específicas (Dia da Consciência Negra²⁰⁴, por exemplo) ou quando convidados²⁰⁵ relatam histórias e dão depoimentos de situações de preconceito vivenciadas.

Porém, uma das discussões mais polêmicas acerca da atração diz respeito à questão racial, que será analisada aqui tomando como ponto de partida um texto publicado em um site que gerou grande repercussão, tendo sido compartilhado e discutido por muitos usuários das redes sociais²⁰⁶. Ao questionar se o *Esquenta!* é o programa mais racista da televisão brasileira, o texto gerou respostas múltiplas²⁰⁷. Assim, podemos observar a divisão dos telespectadores conforme a leitura dos comentários na matéria, que ajuda a pensar em diversas questões acerca das representações construídas e apresentadas todos os domingos. Seguem alguns trechos da publicação:

O *Esquenta* é o programa mais conservador da televisão brasileira. É uma versão barulhenta e colorida de velhos costumes. Num primeiro olhar, parece uma grande festa na periferia, na qual as gírias, danças e modas de regiões com IDH baixo e criminalidade alta são irradiadas para todo o país pela tevê.

Vemos meninos contorcendo as articulações em performances de passinho, meninas com minissaia e microvocabulário, rapazes negros com cabelos louros e óculos espelhados de cores berrantes rodando o salão felizes e eufóricos. A festa mistura samba, funk, estilo de vida despreocupado e despudorado, concurso de beleza, humor, artistas de novela, enfim, para usar um termo bem periférico, “tudo junto e misturado”.

Essas características, apenas, não me incomodam. Não sou quadrado, respeito e até admiro algumas formas de cultura vindas do gueto e abuso do direito de desligar a TV. O que me irrita, e muito, e faz com que chame o programa de conservador e escravocrata é a cor de pele predominante nessa festa maluca.

Certamente o *Esquenta* é o programa com o maior percentual de negros da TV aberta. Enquanto as novelas, seriados e telejornais são predominantemente caucasianos, quem manda ali são os negros e pardos. (grifos nossos)

²⁰⁴ O programa exibido em 17 de novembro de 2013 teve como temática o Dia da Consciência Negra. No início da exibição a apresentadora afirma: “A gente sabe que tem muita coisa pra mudar, pra melhorar, mas tem muita coisa pra celebrar”. Com diversos convidados negros, a conversa gira em torno dessa temática, falando sobre a política de igualdade racial, a falta de ícones negros para as crianças etc., que teve a seguinte mensagem final: “Hoje a gente tá aqui pra celebrar, mas ainda tem muita coisa pra conquistar. Metade dos adolescentes brasileiros que morrem são vítimas da violência. Um terço dessas vítimas de homicídio no Brasil em 2011 eram jovens e negros. Dezoito mil mortos jovens e negros. Eu torço pra que chegue logo urgente o momento que a gente só comemore alegrias no Dia da Consciência Negra. Que esse dia seja uma grande festa, como diz o título do samba campeão da Vila Isabel, Quizomba”.

²⁰⁵ No programa exibido em 01 de dezembro de 2013, Regina Casé destacou a presença do grupo Ilê Aiyê, primeiro bloco afro do Brasil que valoriza e expande a cultura afro-brasileira, afirmando: “Todos os programas que eu fiz, *Programa Legal*, *Brasil Legal*, *Central da Periferia*, *Muvuca*, *Minha periferia*, tem que ter o Ilê Ayê, porque é uma coisa muito importante na minha vida, acho ele muito importante na história do Brasil e que deu a sorte de passar por ela na mesma época, tenho que aproveitar ao máximo”.

²⁰⁶ “O ‘*Esquenta*’, de Regina Casé, é o programa mais racista da TV?”, publicado em 10 de junho de 2013 por Marcos Sacramento. Disponível em: <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/o-esquenta-de-regina-case-e-o-programa-mais-racista-da-tv/> Acesso em 15 de junho de 2013.

²⁰⁷ Aproveitamos para ressaltar que as fontes que estamos utilizando não são fruto de um estudo de recepção com o público do programa de forma geral, mas uma coleta de comentários e artigos nas redes sociais, principalmente durante 2013 e 2014, período no qual a pesquisa se desenvolveu. Sendo assim, indicamos um recorte de classe nesta polifonia, pois não temos como aferir se também se dá de forma semelhante nos demais segmentos que assistem o programa, mas não estão na internet de forma tão expressiva.

Não entraremos no mérito do julgamento estético preconceituoso realizado pelo autor²⁰⁸ do artigo (ressaltados nos grifos acima), com exemplos ruins e tão estereotipados quanto os que pretende criticar, mas pensaremos junto no que diz respeito à representação negra que mantém alguns estereótipos e caricaturas, como o gosto pelo samba, funk, carnaval e festa (também associados aos brasileiros, de maneira geral).

Destacamos o questionamento do autor sobre a representação festiva, alegre e divertida em detrimento da dura realidade das favelas e periferias, analisando o seguinte: até que ponto ver o lado “legal” desses territórios não contribui para manutenção da ordem já estabelecida que equaliza os conflitos e embates? Segundo Marcos Sacramento,

O programa reforça o estereótipo dos negros brasileiros como indivíduos suburbanos, subempregados, mas ainda assim felizes, sempre com um sorriso no rosto, esquecendo-se das mazelas cotidianas por meio da dança, do remelexo, das rimas pobres do funk, do mau gosto de penteados e cortes de cabelo extravagantes. Sou negro e não sei sambar, não pinto meu cabelo de louro, não uso cordões, não ando gingando nem falo em dialeto. Não sou exceção, felizmente. Sei que há muitos caras e moças como eu. Muitos são políglotas, outros gostam de música clássica, vários gostam mais de livros do que de pessoas, outros reclamam do calor do Brasil, certamente há os que são introspectivos e de poucas palavras, e há os que nem sentem falta do feijão quando viajam para o exterior. (grifos nossos)

De acordo com Sacramento, o programa, mesmo não tendo como proposta ser sobre a cultura negra, ajuda a reforçar um estereótipo e manter a ordem já estabelecida através da representação negra de forma festiva, que ao invés “de rapazes elegantes, mostra dançarinos com cabelos bizarros. As moças, sempre de shorts minúsculos e prosódias vulgares, nunca serviriam de modelo para capas da *Marie Claire* ou da *Claudia*”.

O jornalista continua empregando exemplos carregados de representações do que seria digno de ser valorizado e incentivado (falar alemão, tentar entender os grafites de Banksy, trabalhar no Itamaraty etc.), ou seja, reforçando padrões elitistas sem valorizar a diversidade cultural das periferias e as respectivas idiosincrasias. Para finalizar a publicação, o autor enfatiza: “como um coronel oligarca e cínico, o programa dá uma recado para a garotada negra e parda da periferia: ‘É isso, dancem, cantem, divirtam-se. Mas não saiam do seu lugar’.” (grifos nossos). Diante dessas afirmações polêmicas, o público internauta, leitor do site, deixou os mais variados posicionamentos, com muitas concordâncias e discordâncias.

Podemos resumir os comentários negativos e as críticas mais incisivas, além de recorrentes, que estão baseados nas seguintes ideias: o programa seria uma farsa, com um discurso permeado pela hipocrisia que “culturaliza” a miséria ao difundir a ideia de que ser

²⁰⁸ A descrição do autor no site é a seguinte: “Marcos Sacramento, capixaba de Vitória, é jornalista. Goleiro mediano no tempo da faculdade, só piorou desde então. Orgulha-se de não saber bater pandeiro nem palmas para programas de TV ruins”.

pobre é legal, “glamurizando” a favela e falhando ao mostrar uma cultura da periferia que na realidade é muito maior e muito mais miscigenada. A atração, ao fazer de tudo pela audiência, seria apelativa se propondo a representar as favelas “pacificadas”, promovendo generalização e reforçando os estereótipos ao destacar o que é caricato, revelando uma homogeneidade pasteurizada e globalizada.

Ao não apresentar os conflitos sociais o programa estaria celebrando uma falsa felicidade e união social; com o negro sendo representado sob uma única cor, a do estereótipo, não respeitando a diversidade e servindo à manutenção do *status quo*. Muitos internautas corroboram com a ideia do *Esquenta!* ser apenas um dos tentáculos da engrenagem de um conglomerado midiático que detém a maioria das concessões públicas de transmissão de TV, dessa forma Regina Casé e o programa não seriam exceções ao olhar oligárquico e governista da Rede Globo, submetidas ao posicionamento ideológico da empresa.

Alguns afirmam que talvez seja somente um programa ruim mesmo, que não acrescenta nada, se configurando apenas como tentativa de agradar as classes C e D. Além daqueles que ironizam o título do programa (*Requentá* ou *Esfria*), podemos observar nos seguintes trechos comentários que reforçam as críticas até aqui apresentadas:

“Caricato e estereotipado como tudo na TV brasileira. Assumir a complexidade e diversidade humana dá preguiça. Mais fácil é juntar tudo em dois pacotes: periferia e não-periferia”.

“Na tentativa de se fazer um programa ludo junto e misturado,” o que temos na verdade é uma balbúrdia, uma babel de informações que faz muitos convidados ficarem deslocados, como quem fica no vácuo por não conseguir entender as propostas”.

“Esquenta: o programa mais salafrário, mentiroso, cínico, hipócrita e traiçoeiro da televisão brasileira, que se resume no seguinte: sejam todos felizes... em suas respectivas classes sociais”.

“Regina Casé: integrante da elite direitista conservadora paternalista machista que ganha rios de dinheiro alisando e bajulando os pobres. Rede Globo: partido político clandestino que não faz outra coisa a não ser mentir para o povo brasileiro”.

“(...) é muito fácil levantar a bandeira do negro, quando nunca foi vitimizado por ser preto, é fácil defender o homossexual quando nunca foi privado de exteriorizar um carinho em público, é muito gostoso defender a favela quando se mora na zona Sul Carioca”.

Evidentemente nem todos os comentários foram favoráveis à opinião do autor e devido à repercussão e a quantidade de curtidas e comentários positivos para uma resposta específica, o próprio site²⁰⁹ publicou três dias depois o texto da internauta Mariana Dias²¹⁰,

²⁰⁹ “O artigo de Marcos Sacramento sobre o programa de Regina Casé, publicado no Diário, levantou um rico e exaustivo debate. Há dias ele é comentado intensamente na internet. MARIANA DIAS deixou suas impressões a respeito da chamada “cultura da periferia” na caixa de comentários. Nós as reproduzimos abaixo”. Publicação

que apresentou um contraponto ao que vinha sendo discutido até então. Seguem alguns trechos do mesmo:

Como alguém pode criticar um programa de ser racista e conservador enquanto fala com desprezo da cultura popular brasileira? Os meninos pintam o cabelo de amarelo e fazem a dança do passinho, mas poderiam estar pintando de preto e quebrando tudo ao som do rock'n'roll. Certamente os meninos que moram em condomínio se enquadram no segundo grupo. E pode ter certeza de que isso não se dá porque um padrão cultural é melhor do que o outro. Porque, cá para nós, a gente sabe que isso não existe. O que existe é a glamourização de um em detrimento do outro. E é realmente admirável como, após ser exposta à cultura popular filtrada e legitimada pela mídia, a juventude burguesa se joga no funk.

Sobre as moças de short curto e cabelo nas pernas... aff. Seria uma conversa tão grande, né? A começar pelo machismo que exala de toda essa crítica, passando mais uma vez pela definição do que é chique (e da importância de se ser chique) e chegando ao ápice: as capas da Marie Claire e da Claudia. Gente, que absurdo! (grifos nossos)

Em apoio à publicação de Mariana Dias com estímulo ao debate, observamos diversas mensagens, que podemos resumir com os seguintes argumentos: o programa valorizaria determinados aspectos culturais da periferia, mostrando a cultura criada por negros brasileiros que representam grande parte da população do país, historicamente oprimida. Ao mostrá-los na televisão de forma explícita e com sua potência criativa e artística contrariariam a lógica das novelas, capas de revistas e filmes, que muitas vezes parecem ignorar esse perfil, então a atração estaria indo contra a escassez de negros no restante da programação da televisão brasileira, na contramão do que é predominante.

Alguns alegam que espaços como o *Esquentá!* são fundamentais para que os paradigmas e preconceitos defendidos no texto sejam diminuídos ao máximo, valorizando o samba e o funk enquanto manifestações artísticas. Sendo um programa urbano, temático e *pop*, alguns o defendem por também receber como convidados magistrados, professores e representantes de ONGs negros para discutir assuntos sérios, não apenas dançar ou cantar conforme é afirmado no texto.

Apresentando um “padrão negro de qualidade”, com exaltação de alegria, do colorido, do *lek lek lek*²¹¹, a atração estimularia uma política de negociação de espaços para representações diferentes das já estigmatizadas e carregadas de sentidos pejorativos. Seguem alguns trechos de comentários que ressaltam o caráter positivo do programa:

“A polêmica do *Esquentá!* e a cultura da periferia”. Disponível em: <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/a-polemica-do-esquentata-e-a-cultura-da-periferia/> Acesso em: 14 de junho de 2013.

²¹⁰ A internauta se apresenta da seguinte forma no comentário: “passo longe de ser uma telespectadora da Globo e mais longe ainda de ser uma defensora da emissora. Como diria uma amiga, ‘odeio/detesta’.”

²¹¹ Essa expressão se refere ao refrão da música Passinho do Volante, de MC Federado e os Leleks, grande sucesso do funk carioca em 2012: *Aaaaaaaah lelek lek lek lek lek lek lek lek lek lek/Girando girando girando para o lado/Girando girando girando pro outro/No passinho do volante/Quero ver o baile todo*. Disponível em: <http://letras.mus.br/mc-federado/passinho-do-volante/> Acesso 03 de março de 2015.

*“Sacramento assiste um programa diferente, não pode ser o mesmo que eu assisto”.
 “O Esquenta é uma tentativa antropofágica de engolir o Brasil e deglutir a cultura que sempre foi suprimida do direito de expressão”.
 “O Esquenta permite visibilidade a quem sempre viveu a margem da sociedade” e demonstra um avanço em relação ao restante da programação”.
 “(...) o fato de o Esquenta ser de predominância negra não indica de forma alguma um racismo invertido. Tão pouco querendo induzir os moradores de periferias a seguirem aquilo como modelo. Há também conceituações intelectuais, estímulo à leitura, e outras manifestações dignas (como todas são) de qualquer público”.*

Ao apresentar tamanhas divergências de posicionamentos, percebemos o quanto a recepção deste programa é complexa, em que o público receptor por vezes critica e por vezes apoia o que foi configurado, em apropriações permeadas constantemente pela ambivalência. Dessa forma, percebemos como o projeto de mediação escorrega de tal maneira que às vezes é inclusive recusado pelo público, como vimos nesses casos analisados. Não pretendemos aqui fazer julgamentos nem nos posicionar contra ou a favor das polêmicas, mas sim mostrar a polifonia que envolve tanto as representações construídas quanto as reações do mundo do leitor/telespectador.

Por fim, gostaríamos de lembrar, também, que, para além da quantidade significativa de negros, é importante observar que a representação é diferente das novelas de época, por exemplo, onde há muitos negros na tela, porém em condições de escravos, como classe inferior, ocupando posições subalternas. Mesmo não sendo os protagonistas, existe um lugar de fala diferente assim como o tipo de visibilidade para o elenco negro que participa do programa, vide os músicos da roda de samba, principalmente e também os convidados. Assim, Mano Brown, líder dos Racionais MCs, grupo que possui um enorme capital simbólico no que se refere à questão racial, afirmou em 2014, durante uma entrevista para a edição de aniversário da revista “CULT”, a respeito do programa, apesar de nunca ter aceitado o convite para participar do mesmo, devido a seu posicionamento em relação à emissora²¹²:

“Revolução de 2014 é o quê? É Regina Casé, tá ligado? Melhor programa [“Esquenta!”] da televisão brasileira hoje, querendo ou não. O movimento negro vai vomitar quando ler isso. É uma pessoa que vem lutando, vem disputando, vem acompanhando e chega um momento que faz um grande programa de TV, morou? Do jeito que as pessoas são, fazendo o que elas são, vivendo o que elas são. Não tenho vergonha de ninguém ali, tenho orgulho. Eu me vejo em todos eles ali”.
 (grifos nossos)

Interessante observar, na declaração de Mano Brown, a sua percepção acerca do dissenso acerca dessa temática (“o movimento negro vai vomitar quando ler isso”), mas a

²¹² “Eu questiono porque não basta ser”. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2014/07/eu-questiono-porque-nao-basta-ser/> Acesso em: 24 de agosto de 2014.

defesa que ele faz no que se refere a se sentir representado, enquanto negro e sujeito da periferia, na configuração do programa: “Eu me vejo em todos eles ali”. Corroborando com essa afirmação, na edição do programa em 19 de outubro de 2014, Eliane Dias (militante do movimento negro em São Paulo e mulher de Mano Brown), agradece a Regina Casé pelo trabalho que ela desenvolve e diz que se vê representada no *Esquenta!*.

Além desses embates já explicitados, podemos afirmar que o programa tem recepções variadas, que são refiguradas no mundo do leitor. A atração incomoda uma parcela de pessoas mais tradicionais, que hierarquiza a cultura e vê a cultura popular como apresentada no *Esquenta!* como inferior, então entendem que a valorização do funk, por exemplo, seria uma depreciação cultural na televisão aberta²¹³. Já os mais radicais criticam o programa por acharem que o que é mostrado sobre cultura popular é alienado, não estando ali os verdadeiros representantes das camadas populares²¹⁴.

Outros o defendem por acreditar que a diversidade está sendo exibida no palco²¹⁵; já alguns acreditam que sob esse álibi o que acontece é apenas sensacionalismo e reprodução da dominação vigente²¹⁶. Há ainda os que celebram o programa por ver o potencial transformador da festa e da cultura; em contraposição alguns o criticam por reduzir tudo à festa e à harmonia, evitando os conflitos e as denúncias²¹⁷. Enquanto alguns se sentem

²¹³ Como exemplo temos um trecho retirado do texto “Programa Esquenta! quer atacar conceito de família tradicional”, do colunista da Veja Rodrigo Constantino: “E viva o “poliamor”, ao som do funk da periferia, porque num mundo em que Valesca Popozuda já virou uma importante filósofa contemporânea, realmente vale tudo!”. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/cultura/programa-esquenta-quer-atacar-conceito-de-familia-tradicional/> Acesso em 12 de abril de 2014.

²¹⁴ “A Rede Globo utiliza essa programação para procurar domesticar a cultura popular, reforçando preconceitos, clichês e, antes de tudo, a despolitizando, posto que fatalmente as questões econômicas, como as ligadas às causas da pobreza de nossa população, nunca serão focadas, razão pela qual a cultura popular aparece e aparecerá como alegre, alienada, sensual, “criativa”, mas nunca insubmissa, consciente e coletivamente convocada a mudar seu destino de humilhada, despojada, roubada, submetida, excluída”. Matéria “A exploração da cultura popular brasileira”. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_exploracao_da_cultura_popular_brasileira Acesso em 03 de março de 2015.

²¹⁵ Segundo crítica de Patrícia Kogut sobre a primeira temporada, “o programa é um microcosmos da centrífuga cultural brasileira. O freguês mais mal-humorado pode até dizer que esta mistura, idílica, não existe. Mas não é verdade: se ela se materializa no palco da apresentadora, isso significa, no mínimo, que não se trata de uma utopia. (...) O “Esquenta” não é um programa de auditório tradicional, embora possua muitas de suas características: plateia, grito, confusão. Mas a lógica na ordem dos fatores — no caso, das atrações — faz a diferença no produto. Não há empilhamento. A bagunça é boa, e, embora não pareça, organizada”. Crítica “Esquenta” é a cara do Brasil. Disponível em: <http://kogut.oglobo.globo.com/noticias-da-tv/critica/noticia/2011/12/critica-esquenta-a-cara-do-brasil-422403.html> Acesso em 03 de março de 2015.

²¹⁶ Uma das principais edições destacadas nesse sentido é a homenagem ao dançarino DG: “Não impressiona a forma como a Globo e Regina Casé exploraram a dor de Maria. No calor da revolta da sociedade, Maria foi levada ao programa de Regina Casé, na louca e cruel cavalgada pela audiência”. Publicação “Mostra fotos do filho para ela chorar”. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/mostra-fotos-filho-para-ela-chorar/#axzz3TQBkCpId> Acesso em 25 de novembro de 2015.

²¹⁷ A antropóloga Adriana Facina, a que nos referimos anteriormente, já se pronunciou no *Facebook* acerca destas questões: “Ao invés de lugar de junção, a festa pode ser conflito. É isso que diz Bakhtin sobre o carnaval e daí seu potencial subversivo. A festa cordial, que nega a contradição e o conflito é outra coisa. A meu

representados no programa, outros o acusam de não representar a periferia²¹⁸.

3.2.2) “Quantos DGs tem que morrer pro nosso povo ser feliz?”

*“Era só mais um Silva que a estrela não brilha
Ele era funkeiro
Mas era pai de família”
MC Bob Rum*

Para entender e complexificar os conflitos que podem ocorrer no momento da refiguração, analisaremos a repercussão na mídia do programa em homenagem ao dançarino Douglas Rafael Pereira da Silva, exibido no dia 27 de abril de 2014²¹⁹. Através das matérias publicadas em sites e de publicações nas redes sociais, veremos como o mundo da recepção do leitor escapa ao controle da mensagem exibida na tela da televisão.

Por isso, tais métodos de crítica da ideologia incentivam o crítico a interessar-se tanto pelo modo como a ideologia falha quanto pelo modo como ela tem sucesso, pelo modo como os textos ideológicos constituem lugares de tensões e dissonâncias mesmo quando parecem harmoniosos e ideologicamente bem-sucedidos. (KELLNER, 2001, p. 149-150)

A referida edição pode ser considerada a mais polêmica de todas as edições, tanto pelo tema especial quanto pela forma como foi ao ar. Naquele domingo, a temática foi a “despedida” a um dos dançarinos do elenco, Douglas Rafael da Silva Pereira, conhecido como DG e “brutalmente assassinado com um tiro pelas costas”²²⁰ no dia 22 de abril de 2014 na favela Pavão-Pavãozinho. Tal edição exemplifica bastante a ambivalência que a atração traz à tona, sendo ratificada pela repercussão na internet com diversas matérias acerca do assunto e com as publicações nas redes sociais.

Antes da exibição do programa, os criadores do *Esquenta!* já tinham se pronunciado de alguma forma: Regina Casé com uma nota divulgada²²¹ na internet e Hermano Vianna com

ver, esta é parceira da violência, e em geral está relacionada a oficialidades”. Importante ressaltar que em outras falas a pesquisadora lembrou o caráter ambíguo e contraditório do programa, destacando a importância de se discuti-lo criticamente.

²¹⁸ O programa exibido em 17 de novembro de 2013 com o tema consciência negra serve para ilustrar de alguma maneira essa dicotomia, ao ter como um dos convidados Edi Rock, integrante do grupo Racionais MC's. Regina Casé tece diversos elogios e agradece sua presença no palco, dizendo que ele “fala dos negros e das periferias do Brasil, através da música pra dar voz a quem não tem e criar pontes. Sou muito fã desse cara, apesar dele não me dar mole”. Antes de cantar a música Negro Drama com Péricles, Edi Rock diz que é uma “honra estar nesse dia representando uma família, todo um continente, todo um sofrimento, que hoje deveremos deixar os lamentos e sim, a vitória virá”.

²¹⁹ Esse programa especificamente foi gravado poucos dias antes de ser exibido, por ter sido elaborado após a notícia da morte de DG, seu velório e enterro.

²²⁰ Trecho retirado da fala de abertura do programa proferido pela apresentadora.

²²¹ “Eu estou arrasada e toda a família Esquenta está devastada com essa notícia terrível. Uma tristeza imensa me provoca a morte do DG, um garoto alegre, esforçado, com vontade imensa de crescer. O que dizer num momento desses? Lamentar claro essa violência toda que só produz tragédias assim. Que só leva insegurança às populações mais

a publicação de um artigo²²² em sua coluna no Jornal O Globo, ambos lamentando o ocorrido e demonstrando tristeza diante da tragédia.

Com cenário e figurinos na cor branca em alusão à paz, por mais de uma hora o elenco da “família *Esquenta!*” e os convidados relembrou momentos compartilhados com o dançarino DG e discutiram a morte do mesmo como uma tragédia social, com um discurso dito e não-dito pela apresentadora e pelos convidados.

Por um lado, o programa foi acusado de sensacionalista, apelativo, que “faz tudo pela audiência”. Outros criticaram a abordagem da morte de um dos membros de sua equipe de uma forma despolitizada, pela “falta de apontamento dos culpados pelas mortes de jovens nos territórios populares do Rio de Janeiro”, sem citar que “as suspeitas de que DG foi morto por policiais e que essa morte era somente uma entre tantas outras no Estado”²²³.

Essa polêmica envolveu também o fato de ter sido exibido, no início de 2013, uma edição do programa²²⁴ com a presença do então Secretário de Segurança Pública do Rio de Janeiro, José Mariano Beltrame, na qual alguns policiais das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP) estavam presentes para dançar com as debutantes de comunidades que foram “beneficiadas” com essas ocupações, representando uma “harmonia” entre polícia e moradores²²⁵. Destacamos aqui a publicação de MC Leonardo sobre o que ocorreu na gravação deste programa, no qual estava presente como convidado²²⁶:

pobres do país. Agora, é impossível saber exatamente o que houve. Mas é preciso que a Polícia esclareça essa morte, ouvindo todos, buscando a verdade. A verdade, seja ela qual for, não porá fim à tristeza. Mas é o único consolo”. Matéria: “Regina Casé lamenta morte de dançarino do programa *Esquenta!*”. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/04/regina-case-lamenta-morte-de-dancarino-do-programa-esquenta.html> Acesso em 18 de fevereiro de 2015.

²²² “O que estamos fazendo? Não me agradam discursos apenas indignados, quero propostas para que tragédias como a de DG não aconteçam nunca mais”. Disponível em: <https://hermanovianna.wordpress.com/2014/04/> Acesso em 18 de fevereiro de 2015.

²²³ “Homenagem do *Esquenta!* ao DG gera debate na internet”. Disponível em: <http://www.brasil247.com/pt/247/favela247/138136/Homenagem-do-Esquenta-ao-DG-gera-debate-na-Internet.htm> Acesso em 30 de abril de 2014.

²²⁴ “*Esquenta!* faz homenagem ao Rio de Janeiro no dia da padroeira da cidade”. Disponível em: <http://gshow.globo.com/programas/esquenta/O-Programa/noticia/2013/01/esquenta-faz-homenagem-ao-rio-de-janeiro-no-dia-da-padroeira-da-cidade.html> Acesso em 04 de maio de 2014.

²²⁵ Segundo a matéria no site, nesse programa a plateia do *Esquenta!* recebeu caravanas de algumas das 28 comunidades “pacificadas”: Vila Cruzeiro, Santa Marta, Morro dos Macacos, Complexo do Alemão e Parque das Missões. Disponível em: <http://gshow.globo.com/programas/esquenta/O-Programa/noticia/2013/01/esquenta-faz-homenagem-ao-rio-de-janeiro-no-dia-da-padroeira-da-cidade.html> Acesso em: 04 de maio de 2014.

²²⁶ Ao responder o comentário de um internauta na publicação de seu texto no *Facebook*, MC Leonardo atentou para uma questão interessante sobre a utilização da palavra território fazendo referência à favela, que mostra outra perspectiva em relação ao uso desse termo: “(...) prefiro chamar a favela de lugar e não de território, deixo isso para os militares que não tem identificação alguma com os espaços das favelas. Tendo que ocupar os espaços por ele não representativos, passam a chamar de território, que é como os militares chamam qualquer lugar que eles tem que ocupar”.

Sobre o Esquenta e a morte de DG. Ou a cordialidade nossa de cada dia²²⁷.

UPP no Esquenta - o que não foi ao AR.

Em Dezembro de 2012, fui convidado a participar do programa Esquenta, apresentado pela Regina Casé, na Rede Globo de Televisão. Aceitei na hora, pois além de o convite ser para participar da entrevista ao secretário de segurança pública do Rio de Janeiro, José Mariano Beltrame, o programa teria na plateia somente jovens moradores de favelas ditas “pacificadas”.

Lá fui eu e meu parceiro Mc Junior, sentamos naquele sofá e esperamos a hora de falar com o secretário sobre uma resolução que os policiais estavam usando para proibir eventos nas favelas, em especial os Bailes Funk. Fiz a pergunta e ele falou que a resolução estava realmente precisando de mudanças e disse que iria fazer o possível para mudar o que nela estava. Bem, a resolução 013 a qual me referia, levou mais de um ano para ser revogada e entrou no seu lugar a resolução 014, que mais uma vez foi feita sem que houvesse a participação da sociedade civil organizada, fato que levou o avanço a ser quase que insignificativo.

Assim que o Secretário terminou de me responder, a Regina fez uma pergunta (que acabou não indo para o AR) para Rene Silva, o garoto que ficou conhecido como “O Blogueiro do Alemão”: - Rene, de 1 a 10, qual é a nota que você dá pra segurança pública hoje dentro do Complexo do Alemão?

Respondeu ele: - 5. Regina então emendou: - E antes da pacificação, qual nota você daria? A resposta dele foi no ato: - Antes da pacificação não tem como dar nota, pois não havia segurança pública lá no Complexo.

Diante da resposta do rapaz, Regina então teve a ideia de pedir a todos aqueles que estivessem satisfeitos com a Unidade de Polícia Pacificadora que levantassem a mão (vale lembrar que o que relato aqui não foi ao Ar). O resultado foi chocante. Apenas um morador levantou a mão e ela levou o microfone para ele dizer porque aprovava a UPP. Ele disse que era morador da Rocinha e que agora estava desfrutando do silêncio que estava pairando na sua comunidade.

Sobre as mãos que não levantaram, a Regina mesmo se encarregou de explicar o ocorrido e falou assim: - Eles estão com medo de dizer que aprovam a UPP e assim sofrer alguma represália do tráfico não é, secretário? Ele então respondeu: - Exatamente, Regina. Bom, o programa foi ao ar no dia 20 de Janeiro de 2013. Além do secretário, estavam presentes alguns oficiais da PM, comandantes dessas unidades nas favelas. Fiquei desapontado especialmente por dois fatos. Primeiro, mais uma vez os moradores insatisfeitos com essa política de pacificação não foram ouvidos, ficando claro que somente os satisfeitos com as UPP's tem voz. O outro fato foi o da resposta do Rene não ter ir ao ar. Fiquei muito triste, pois se tivessem ouvido alguns insatisfeitos, que eram a quase a totalidade daquela plateia favelada, talvez entendêssemos a morte do Douglas Rafael da Silva, o DG, dançarino do programa Esquenta. Um ano e quatro meses depois desse episódio, a sociedade quer saber porque mataram DG, pergunta essa que nós, moradores de favelas, estamos tentando responder há muito tempo.

O ocorrido deixa claro o posicionamento da emissora quanto ao apoio a esse tipo de política do governo do Estado, o que acabou causando conflitos na recepção do programa especial na mesma atração, quando parte do público se indignou porque não se procurou, juntamente com o luto e a tristeza demonstrados pela apresentadora ao questionar a violência sofrida pelos jovens, negros e pobres do país, também se questionar quem seriam os responsáveis por esse extermínio. Utilizamos como exemplo essa situação para analisar então os detalhes desta edição especial e polêmica em homenagem ao DG.

²²⁷ Publicado na edição 206 da revista Caros Amigos em maio de 2014. Disponível em: <http://www.carosamigos.com.br/index.php/component/content/article/238-revista/edicao-206/4119-upp-no-esquenta-o-que-nao-foi-ao-ar> Acesso em 18 de fevereiro de 2015.

Iniciamos com o texto de abertura do programa, que começou com a plateia cantando “Vem que vem que vem com tudo”, um dos bordões da atração que anunciava a chegada do Bonde da Madrugada do qual DG era integrante:

Era um programa que era só pra ser uma festa. Um programa de domingo para almoçarmos juntos, cantando, dançando, só alegria. Só que a maioria dos artistas, dançarinos, sambistas que participam do programa, vivem ou vem das periferias das cidades brasileiras. E como a realidade nesses lugares é violenta e injusta, temas como a violência e a injustiça foram, sem planejamento, se impondo. E esses assuntos vieram e foram se misturando com os sambas, funks, pagodes e o programa foi crescendo e se transformando e, mesmo assim, a alegria resistiu e se manteve cada vez mais viva. Eu não escolhi fazer um programa jornalístico, muito menos um programa policiaisco, mas, mesmo em um programa como o Esquenta, que é uma festa, a realidade foi me empurrando para tratar de um tema terrível como esse que a gente tá vivendo. Hoje, infelizmente, não vamos colocar no ar o programa lindo que já estava pronto, porque um dos nossos dançarinos, talvez o mais alegre, o mais querido pelas crianças, foi brutalmente assassinado com um tiro pelas costas. A gente saiu do enterro sem condições de pensar em nada, mas tendo que pensar em tudo. Como a gente ia fazer, num programa tão alegre, e viver junto com vocês essa dor? E como é que a gente ia fazer pra parar tudo e tomar consciência do tamanho da barbárie. A gente conseguiu tá aqui e eu acho que a gente conseguiu parar, frear a nossa dor ou então ir com ela junto. Parar e tomar consciência pra que alguma coisa mude. Pra o que aconteceu com o DG e também pra que tragédias como essa não continuem acontecendo com milhares de jovens de todas as periferias que vivem em todas as cidades do Brasil. Porque a maior violência que tem é a impotência. Parece que tem tanta coisa para fazer, que é tão grande, que não dá pra fazer nada. Essa impotência é uma violência contra a gente. Temos que dar um jeito de quebrar esse sentimento de impotência. O apelido dele era DG. O nome dele era Douglas Rafael da Silva Pereira. Só mais um Silva²²⁸. (grifos nossos)

Nesse discurso inicial destacamos algumas afirmações que dizem respeito à lógica do programa já explicitada nos capítulos anteriores e que nos ajudam a entender a complexa dinâmica que envolveu essa edição especial. De acordo com a apresentadora, a festa e a alegria como mote inicial do programa desde a primeira temporada acabaram se misturando com a realidade dos convidados e integrantes da “família *Esquenta!*” que são ou vem das periferias, passando por temas como esses, tratados como tragédias que acontecem com milhares de jovens desses territórios espalhados por todo o Brasil.

A única referência mais explícita à violência praticada contra o jovem pode ser encontrada na expressão “brutalmente assassinado com um tiro pelas costas”. No discurso da apresentadora, é possível perceber como a realidade e sua complexidade embaralham o projeto do programa de construir uma sociedade baseada na harmonia e na festa. O evento “morte de DG” é uma tragédia social e um problema para o projeto ideológico do programa, obrigando os seus produtores a reconfigurarem a narrativa, porém de forma estratégica, para

228 Fala de abertura do programa exibido no dia 27 de abril de 2014, dito por Regina Casé. Após essa fala, ela pergunta para plateia quem tem Silva como sobrenome e diversas pessoas levantam a mão. MC Bob Rum canta o Rap do Silva: “Era só mais um Silva que a estrela não brilha/ Ele era funkeiro/ Mas era pai de família”. Disponível em <http://letras.mus.br/bob-rum/92019/>. Acesso em 24 de janeiro de 2015.

que a função de mediação do *Esquenta!* e suas representações de paz social, convivência na harmonia e celebração da diversidade não sejam desafiadas.

Os convidados e a plateia em geral estavam visivelmente emocionados, com muitas pessoas chorando e confortando umas às outras no palco. Com a mãe de DG Maria de Fátima Silva presente, Regina Casé dá um abraço por toda a “família *Esquenta!*” e pede para a criança Leticia (conhecida por seu abraço apertado) oferecer esse carinho à Maria de Fátima. Em seguida, é exibido um vídeo no telão com uma mensagem que DG gravou para a mãe no programa, a qual seria exibida no Dia das Mães. A conversa com Maria de Fátima segue com a mesma falando sobre a infância do filho e fotos de quando ele era criança são exibidas também.

Diversas imagens e vídeos de DG dançando com o Bonde da Madrugada ao som de “Vem que vem que vem com tudo” em outros domingos são exibidos, além da mãe, da irmã e de uma professora de jazz falarem da relação dele com a dança desde criança. O Bonde da Madrugada em poucos dias fez uma música²²⁹ em homenagem ao integrante, que contém um questionamento marcante e sintomático da sociedade contemporânea: “Quantos DGs tem que morrer pro nosso povo ser feliz?”.

Alguns convidados que estavam presentes são referências do universo da dança, como Ana Botafogo e Carlinhos de Jesus, já que um dos focos dessa edição foi dado a essa forma de expressão, devido a sua importância na vida do jovem dançarino, relatada como fonte de força transformadora e de superação. Após uma conversa sobre esses aspectos, os dois renomados artistas da dança desceram a rampa ao som de funk com o Bonde da Madrugada como forma de homenagem a DG.

Todos os convidados falaram alguma coisa relacionada ao tema do programa, de acordo com suas experiências e lembranças do DG ou de sua dança contagiante. Fernanda Torres falou do aniversário de Regina Casé e do batizado do filho da apresentadora, Roque, destacando a alegria de ver todos juntos dançando nessas comemorações promovidas por ela. Enquanto isso, imagens e vídeos da festa foram exibidos no telão. Sobre o ocorrido, a artista comentou que o mesmo é uma “mazela social eterna”. Leandra Leal falou sobre os dados e as estatísticas dos jovens que morrem todos os dias e Zé Marcelo Zacchi²³⁰ comentou que essa é

²²⁹ “DG, DG, nós vamos dançar pra você/Vem no passinho, joga um beijo pro ar/Com nosso DG no céu, até os anjos vão dançar/Na pista ou no morro, por onde você passou/Tu tratava todo mundo com atenção e com amor/Levava alegria, pra geral com carinho/Com um sorriso no rosto, ensinava o passinho/Agora é nossa vez, de te eternizar/Vâmo dançar o passinho jogando um beijo pro ar/Vem no passinho, joga um beijo pro ar/Quantos DGs tem que morrer pro nosso povo ser feliz?”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xBzITUJ88hs> Acesso em 27 de abril de 2014.

²³⁰ Lembrando que José Marcelo Zacchi, colaborador e integrante do elenco do *Esquenta!*, foi coordenador do

uma tragédia da sociedade atual.

Um dos destaques ficou por conta da exibição de vídeos em formato de depoimentos como mensagem de apoio de parte do elenco de apresentadores da Rede Globo, como Serginho Groisman, Luciano Huck, Jô Soares, Faustão, Pedro Bial, Fátima Bernardes. O discurso de todos em geral passou pelo lamento da juventude morta, pela necessidade da construção de pontes para que as pessoas tenham os mesmo direitos e por uma possível saída para esse problema via educação. Lembrando que tais figuras públicas não estão associadas às lutas de movimentos sociais pela juventude negra da favela e lamentaram a morte de um jovem que trabalhava na mesma emissora que eles.

Entretanto, ressaltamos especificamente a fala de Jô Soares ao lembrar como a “realidade superou a ficção”, ao comentar que DG gravou um curta-metragem no qual interpretava ele próprio, jogando futebol na praia e andando pelas ruas da comunidade Pavão-Pavãozinho, que é assassinado pela polícia militar do Rio de Janeiro no final da história²³¹. *Made in Brazil*²³², com duração de 6 minutos e 50 segundos, foi estrelado por DG e dirigido por Wanderson Chan, e exibido em flashes no telão no palco da atração, mas sem mostrar a cena final na qual DG leva um tiro na cabeça, nem deixar claro que foram policiais os responsáveis pelo tiro. O diretor conta que apesar de ter tido uma ideia inicial para o filme, DG acabou colaborando bastante para o resultado final devido a sua relação de convívio com os moradores do local das gravações.

Durante o programa, a apresentadora ratificava a sensação de falta de um integrante do elenco e o sentimento de vazio pela perda de tanta alegria, que era presente para além das gravações, pois DG também participava da vida intensa nos bastidores, comprovada pelos vídeos de momentos do dançarino com os colegas de trabalho. Os assistentes de palco estavam bastante comovidos e relataram que DG tinha criado recentemente um grupo no *Whatsapp*²³³ chamado “Elenco Fabuloso do Esquentá”, para manter todos unidos enquanto grupo.

As apresentações musicais intercalavam os momentos de conversa conforme a estrutura do programa, com músicas relacionadas à situação vivida no palco: *Todo menino é*

projeto UPP Social em 2011. Disponível em: <https://riodeencontros.wordpress.com/tag/jose-marcelo-zacchi/> Acesso em: 24 de janeiro de 2015.

²³¹ “Dançarino morto em favela encenou própria execução em curta-metragem”. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/04/dancarino-morto-em-favela-encenou-propria-execucao-em-curta-assista.html> Acesso em 27 de abril de 2014.

²³² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=erWFcpWLW0g> Acesso em 27 de abril de 2014.

²³³ *WhatsApp Messenger* é um aplicativo de mensagens multiplataforma que permite trocar mensagens pelo celular sem pagar por SMS. Disponível em: http://www.whatsapp.com/?l=pt_br Acesso em: 18 de fevereiro de 2015.

um rei cantada por Leandro Sapucahy, *A paz* cantada por Preta Gil, *Tá escrito*, cantada por Xandy de Pilares. Neste sentido, houve a construção, em todo o programa, de uma performance de luto e emoção. Assim como nos outros programas mais recentes foi colocada na tela uma hashtag vinculada ao tema do domingo em homenagem ao dançarino, dizendo que a vida é sagrada (#avidaesagrada).

Pessoas do convívio de DG também estavam presentes na gravação e deram seus depoimentos, como o barbeiro Key do Cantagalo, onde ele cortava o cabelo, além de uma bailarina que conhecia o dançarino e comentou do desejo do mesmo em fazer balé. Andrea, manicure do Morro do Cantagalo que apresentou o Bonde da Madrugada para Regina Casé, também foi ao palco falar de suas lembranças de DG. Nesse momento a apresentadora comentou quantos sonhos foram interrompidos com a morte desse e de outros jovens.

Outra ideia reforçada na atração apareceu nessa edição especial com o discurso da apresentadora destacando o quanto o auditório funcionava como ponto de encontro no qual pessoas de mundos distintos aprendem coisas diferentes, citando, por exemplo, a atriz Carolina Dieckman, que estava presente, dançando passinho com o Bonde da Madrugada em um vídeo de um programa anterior exibido no telão.

O Bonde do Passinho dançou e cantou no palco, reforçando a ideia de que as favelas e periferias não são vazios culturais e possuem muitos talentos artísticos. Nesse momento houve uma conversa sobre o projeto social “Dançando para não dançar”²³⁴, que atua no Rio de Janeiro.

Durante as falas dos convidados, alguns dados preocupantes foram discutidos, como, por exemplo, as estatísticas de assassinatos que aumentam significativamente quando a análise se aproxima das favelas e periferias. A pesquisadora Silvia Ramos apresentou dados alarmantes sobre a morte de jovens no Brasil²³⁵.

O dançarino Carlinhos de Jesus relatou o que aconteceu com seu filho em 2011, morto por policiais na ativa e alguns já aposentados, que foram presos. Essa é a única referência feita diretamente à polícia militar do Rio de Janeiro no discurso dos presentes, porém a fala é finalizada com o próprio Carlinhos de Jesus dizendo que acredita nas instituições.

Aliada à discussão de violência contra a juventude de favelas e periferias está a

²³⁴ “Criado em 1995, o projeto Dançando para não Dançar atende cerca de 480 crianças, de treze comunidades da cidade do Rio de Janeiro (Cantagalo, Pavão-Pavãozinho, Rocinha, Mangueira, Chapéu-Mangueira, Babilônia, Macacos, Tuíuti, Jacarezinho, Salgueiro, Dona Marta, Oswaldo Cruz e Borel)”. Disponível em: http://www.dancandoparanaodancar.org.br/root_br/index.htm Acesso em: 24 de janeiro de 2015.

²³⁵ A pesquisadora Silvia Ramos é cientista social e coordenadora do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Candido Mendes (RJ). Ver mais em: <http://www.unicef.org/brazil/pt/BoletimCESeCNo13MeninosdoRio.pdf> Acesso em: 18 de fevereiro de 2015.

questão racial, imbricada nesse processo de extermínio de jovens e discutida entre os presentes na gravação. Fernando Luna, representante da revista *Trip*²³⁶, falou do racismo no Brasil: “é perigoso ser jovem, preto e pobre”. O representante lembrou também de Claudia Silva Ferreira, do DG, do Edilson Silva dos Santos, todos vítimas da violência policial no Rio de Janeiro. Um dos pontos mais graves de toda essa situação é que há mais de 20 anos esses dados continuam os mesmos e a apresentadora destacou: “Enquanto você vê o *Esquentá!*, 9 pessoas são assassinadas”.

Após diversos casos parecidos no Rio de Janeiro, o jovem Rene Silva, do Jornal *Voz da Comunidade* do Complexo do Alemão, iniciou uma campanha na internet com a hashtag #EUNAOMERECOSERASSASSINADO. Diversos convidados carregavam cartazes com essa hashtag dando visibilidade à campanha nas redes sociais através do compartilhamento em seus perfis pessoais.

Outro tipo de campanha também marcou presença nesta edição, que foi a venda de uma camiseta com o símbolo da paz da marca *Alô Regina*, modelo utilizado por DG nas fotos de divulgação da mesma. De acordo com a apresentadora, a renda seria revertida para as creches Solar Meninos de Luz e Lar de Pierina, onde DG foi encontrado morto.

No momento final, a ex-mulher de DG falou como ele era enquanto pai e comentou a relação de afeto com a filha. A apresentadora afirmou que “no *Esquentá!*, a gente acredita na força de todas as religiões” e a cantora gospel Bruna Carla cantou os hinos *Restitui* e *Sou humano*, acompanhado pelos presentes que cantaram com emoção. Regina Casé lembrou que “toda vida, de quem quer que seja, é sagrada”.

Como mensagem final, a apresentadora disse ter sido difícil fazer o programa naquele dia, que foi uma lição, pois isso representa um drama vivido em todas as periferias do Brasil. Regina Casé diz que pensou em desanimar, porque não fazia sentido pregar a festa como transformadora. Mas após ver a força e união de todos, afirmou que “o *Esquentá!* não vai desistir”. O encerramento ficou por conta do *Rap da Felicidade*, de Cidinho e Doca: “*Eu só quero é ser feliz/Andar tranquilamente/Na favela onde eu nasci/É.../E poder me orgulhar/E ter a consciência /Que o pobre tem seu lugar*”²³⁷.

O programa, que alcançou recorde de audiência segundo o IBOPE²³⁸, acabou

²³⁶A referida revista tinha lançado no mesmo mês (abril de 2014) uma edição especial sobre racismo no Brasil. Disponível em: <http://revistatrip.uol.com.br/revista/231/especial/existe-racismo-no-brasil/page-1.html> Acesso em 25 de janeiro de 2015.

²³⁷Letra disponível em: <http://www.vagalume.com.br/mcs-cidinho-e-doca/rap-da-felicidade.html> Acesso em 24 de janeiro de 2015.

²³⁸“Após homenagem a DG no *Esquentá!*, Regina Casé bate recorde de audiência”. Disponível em: <http://www.purepeople.com.br/noticia/apos-homenagem-a-dg-no-esquentá-regina-case-bate-recorde-de->

exercendo, para muitos, uma violência simbólica ao não mencionar as suspeitas do envolvimento da polícia na morte do DG. A suspeita dos responsáveis pela morte de DG em relação à Polícia Militar do Rio de Janeiro se confirmou com o laudo divulgado no dia 14 de janeiro de 2015. O silenciamento em relação a esse desdobramento continuou, pois não houve pronunciamento oficial ou comentário nas redes sociais por parte da equipe do programa sobre tal questão, não gerando nenhuma repercussão perto do que o caso propriamente dito teve.

Após essa análise pormenorizada deste episódio polêmico, podemos afirmar que o tema foi tratado como uma tragédia brasileira sem falar quem são os responsáveis pelas mortes de tantos jovens, negros e favelados. Entretanto, não é novidade que o programa está inserido na lógica hegemônica da emissora, que atende interesses do Estado e de grandes empresas financiadoras via publicidade e propaganda com seus anúncios.

Um dos motivos para consideramos essa exibição específica polêmica²³⁹ se deve ao fato do mesmo ter gerado muita repercussão na internet e nas redes sociais de um modo geral, com o compartilhamento de variadas notícias, textos e comentários: alguns a favor do programa, por que se emocionaram e gostaram muito do que foi exibido; e outros que criticaram tanto pelo conteúdo quanto pelo formato da homenagem. Destacaremos alguns comentários diversos para exemplificar tais discussões, como a de José Miguel Wisnik:

Acompanhei com muita emoção o programa de domingo passado, dedicado à memória do garoto DG e a tudo que está implicado na sua morte. Em nenhum momento deixou de estar claro que essa morte fala pela morte de muitos, sem deixar de ser única como toda vida é única e é sagrada, que o número galopante de assassinatos no Brasil tem que ser analisado no ranking mundial da violência como o espelho que revela e nos revela, e que o passo crucial está em impedir que esses dados gravitem na ordem viciosa da pura repetição. (...) a inteireza dos testemunhos tem uma força irredutível, transformadora, e foi isso que eu vi nos integrantes do “Esquenta!”, nos familiares de Douglas, em sua mãe inacreditável.²⁴⁰ (grifos nossos)

Em contraposição aos que se comoveram com o que foi exibido no palco e acharam importante a abordagem de tema tão delicado e complexo no programa de televisão, muitas pessoas se incomodaram com o tom de fatalidade, desgraça e acaso, conforme vemos na publicação a seguir:

[audiencia_a19608/1#lt_source=external_manual](#) Acesso em: 24 de janeiro de 2015.

²³⁹ “Homenagem do *Esquenta!* ao DG gera debate na internet”. Disponível em: <http://www.brasil247.com/pt/247/favela247/138136/Homenagem-do-Esquenta-ao-DG-gera-debate-na-Internet.htm> Acesso em 29 de abril de 2014.

²⁴⁰ Parte da publicação de José Miguel Wisnik em sua coluna no jornal O Globo do dia 03 de maio de 2014. Texto completo disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/esquenta-12366376> Acesso em: 05 de maio de 2014.

Se por um lado é importante que um programa de audiência nacional mostre que nem tudo são flores nas favelas “pacificadas”, por outro chega a ser nocivo que responsabilidades sejam jogadas para debaixo do tapete. DG foi assassinado com um tiro, afogou em seu próprio sangue e foi “desovado” nos fundos de uma creche. A perícia inicial apontou uma queda, fato desmentido imediatamente por fotos do corpo do rapaz e por testemunhos que afirmaram que ele teria sido morto por polícias da UPP (Unidade de Polícia Pacificadora) do local.

Caberia a um programa de TV ao menos apontar possíveis culpados e exigir respostas do Estado. E entender que as UPPs são, em si, a ponta de lança no extermínio da população pobre das favelas. A morte de DG não foi uma fatalidade, mas é reflexo da “pacificação” que nada mais é que impor a paz das armas à favela para garantir a tranquilidade do asfalto. Direta ou indiretamente, a morte de DG é de responsabilidade do Estado. Para problemas concretos (jovens negros sendo executados), o programa oferece respostas subjetivas, como amor, conscientização... Apenas um show midiático. (...)

As pessoas acham normal que o programa faça apologia das UPPs (o programa chegou a levar policiais da UPP para desfilar com debutantes das favelas “pacificadas”), mas se escandalizam quando são dados nomes aos bois. Um luto que esconde os responsáveis pelo assassinato de DG acaba se transformando em puro sensacionalismo e dramaturgia em busca de Ibope²⁴¹.

Parte de algumas críticas, bastante assustadoras²⁴² e retrato de uma sociedade que tem muito a discutir ainda, se refere a um possível envolvimento de DG com traficantes, que serviu de justificativa para criticar a exibição da homenagem. Uma das publicações mais sintomáticas nesse sentido foi a da parlamentar Cidinha Campos da qual destacamos alguns trechos²⁴³:

Uma hora e meia de irresponsabilidade: foi o que se viu no programa da Regina Casé na tarde do último domingo. A polícia ainda não disse o que aconteceu no Pavão-Pavãozinho, mas a vítima, o dançarino DG, já foi canonizada como um misto de Rudolf Nureyev e São Francisco de Assis.

Eu lamento a morte desse rapaz, assim como lamento a morte de Edilson dos Santos, o jovem com deficiência mental morto na mesma operação, e todos os PMs assassinados por bandidos nas UPPs e fora delas. Para esses, não se dedicou um programa na TV nem se produziu uma torrente de lágrimas em cadeia nacional.

DG era lindo, alegre, pontual, como disse Regina Casé. Mas o que fazia ele pulando de um prédio para o outro em plena madrugada? A polícia afirma que ele estava com o bandido maior da área, o tal de Pitbull, foragido da cadeia, que naquela noite promovia um churrasco na comunidade, quando o tiroteio começou.

É fato que o dançarino gostava de companhias pouco recomendáveis. No seu Facebook, postou que era “amigo eterno do Cachorrão” (traficante morto na mesma comunidade em janeiro) e chegou a dizer que os moradores iriam descer o morro “cheios de ódio na veia e bico na mão” para vingar a morte do facinora.

²⁴¹ “O programa de luto pela morte de DG” por Raphael Tsavkko Garcia, publicado no dia 29 de abril de 2014. Texto completo disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed796_o_programa_de_luto_pela_morte_de_dg Acesso em 30 de abril de 2014.

²⁴² “Traficantes assistiram ao “Esquenta” comendo pipoca?” por Felipe Moura Brasil, blog ligado à revista Veja. Texto completo disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/2014/04/27/traficantes-assistiram-ao-esquenta-comendo-pipoca/> Acesso em: 29 de abril de 2014.

²⁴³ “Cidinha Campos escreve artigo com duras críticas a Regina Casé e à Globo, gerando polêmica”. Texto completo disponível em: <http://www.politicanarede.com/2014/05/cidinha-campos-escreve-artigo-com-duras.html> Acesso em 05 de maio de 2014.

Para além dessas reações extremas, houve também algumas falas e manifestações de opiniões de pontos de vista mais relativizadores, entendendo que a dinâmica que envolve o programa é extremamente complexa, como podemos observar nos seguintes trechos²⁴⁴:

Não é por acaso, então, que Douglas Silva, o DG, um dos jovens negros assassinados numa favela do Rio de Janeiro nessa semana, fosse um dançarino de destaque do Esquenta, e não do Fantástico, Domingão do Faustão, do programa do Luciano Huck, Fátima Bernardes, Ana Maria Braga ou Serginho Groisman.

Obviamente, nesses outros programas também devem trabalhar jovens pobres e negros de favelas do Rio de Janeiro. Porém, muito provavelmente, não na mesma proporção do Esquenta, e o mais importante: não tanto diante das câmeras, e muito menos em posições de destaque e como porta-vozes da estética produzida pelos segmentos da periferia, como no programa de Regina Casé. Estética essa que não é homogênea, claro, e que é seletivamente recortada nas suas representações admitidas e priorizadas no “Esquenta!”. (...)

Dada a função que cumpre e sua composição social de classe (no palco e na audiência), o Esquenta não tinha como não se dedicar, hoje, à morte de seu dançarino Douglas DG, não tinha como não contextualizá-la como mais um episódio brutal da violência contra a juventude pobre e negra das periferias do Rio de Janeiro e do Brasil...

Devemos comemorar, pois, que se tenha falado nesses assuntos, ainda que de modo passageiro e superficial, no programa de Regina Casé de hoje. Trata-se de um furo do bloqueio midiático sobre a discussão desses temas, conquistado pelas lutas dos movimentos negros, das periferias, de cultura, populares.

Porém, basta olhar com um pouco mais atenção para a edição de hoje do Esquenta para se perceber os limites e o caráter contraditório da “abertura” em que ele consiste.

Praticamente não se falou da violência policial sistemática dirigida contra a população pobre e negra das favelas. Não se tocou no fato de que o Estado é um dos grandes instrumentos desse ciclo de criminalização da pobreza e da juventude negra.

Podemos afirmar que nesse quesito esta edição polêmica, com nenhuma referência direta aos policiais e a ocupação realizadas pelas UPPs, continuou colaborando, de certa forma, para o apagamento e silenciamento do que acontece nas favelas e periferias e de quem são os verdadeiros responsáveis por tanta barbárie disfarçada de política de segurança, pelo menos no caso do Rio de Janeiro.

Tais discussões nos remetem a importância da relação entre memória, esquecimento e silenciamento trazida por Michael Pollak, que configuram elementos relevantes acerca das lutas e disputas no campo simbólico. Levando em consideração que a memória é seletiva e nem tudo fica gravado e registrado, concordamos com Pollak ao afirmar que a mesma é um fenômeno construído social e individualmente, conseqüentemente um valor disputado em conflitos sociais. Utilizando o conceito de trabalho de enquadramento da memória, o autor

²⁴⁴ “Regina Casé, a Globo e a suposta denúncia da violência policial”. Texto completo disponível em: <http://www.viomundo.com.br/voce-escreve/regina-case-a-globo-e-o-consumitariado.html> Acesso em 29 de abril de 2014.

ressalta que há um preço a ser pago, em termos de investimento e de risco, na hora da mudança e da rearrumação da memória²⁴⁵.

Ao pensar a memória do programa em homenagem ao DG como oficial, por estar em um veículo autorizado de fala, e a memória de Maria de Fátima, mãe de DG, como subterrânea, por representar uma voz que foi abafada pela mídia dominante, compreendemos que

Embora na maioria das vezes esteja ligada a fenômenos de dominação, a clivagem entre memória oficial e dominante e memórias subterrâneas, assim como a significação do silêncio sobre o passado, não remete forçosamente à oposição entre Estado dominador e sociedade civil. Encontramos com mais frequência esse problema nas relações entre grupos minoritários e sociedade englobante²⁴⁶.

Voltando a refletir sobre o discurso pronunciado e os inúmeros silenciamentos deixados de fora da atração – os “não-ditos”, observamos que existem nas lembranças apresentadas zonas de sombra. Sendo assim, as fronteiras desses silêncios com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em permanente deslocamento.

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor. Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. Conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto²⁴⁷.

“Para poder relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa antes de mais nada encontrar uma escuta”²⁴⁸. Como forma de preservar a memória do filho e evitar o esquecimento desse caso, a voz de Maria de Fátima, mãe do DG, se fez presente e reacendeu as discussões acerca do episódio polêmico, durante uma fala no evento SERNEGRA - III Semana de Reflexões sobre Negritude, Gênero e Raça²⁴⁹. Maria de Fátima, ao responder a uma pergunta da plateia²⁵⁰, afirmou que durante a gravação do programa especial só foi autorizada a responder

²⁴⁵ In: Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

²⁴⁶ In: Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

²⁴⁷ *Idem*.

²⁴⁸ *Idem*.

²⁴⁹ Vídeo completo da mesa de debates disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u9Ha0uNGG1o>. Acesso em 21 de novembro de 2014.

²⁵⁰ Essas foram as colocações feitas pela plateia: “Fazendo essa ponte com a ligação das comunicações, de como a gente tem se comunicado ultimamente e de como foram importantes as formas de comunicações alternativas. (...) Como que ficou o posicionamento midiático em cima da morte do DG? (...) Quando o DG foi assassinado, eu gosto de falar claramente porque as pessoas gostam de camuflar isso (falam ele foi desaparecido), isso explodiu em mídia justamente porque ele estava numa grande emissora. Eu queria saber qual foi a continuidade disso dentro da emissora ou fora dela, dentro da mídia e como que isso tem ajudado a senhora nesse processo quase solitário (só não é solitário porque você tem ajuda da sua comunidade como a senhora já explicou, da sua filha e dos seus parentes etc). Como tem sido essa caminhada dentro da mídia pela morte do DG, porque na

o que fosse perguntado e que não poderia fazer nenhuma referência à polícia. Segue a resposta transcrita na íntegra:

Bom, eu vou até responder em pé com muito prazer que você tocou no assunto e eu venho trazer pra vocês. A mídia usou todo o tempo a imagem do meu filho, 72 horas da morte dele, do enterro, houve um convite, praticamente me arrancaram da minha casa me levando pra TV e limitaram o que eu devia falar, a senhora Regina Casé e a produtora do programa Tato Longo. Ela disse pra mim que eu só deveria responder o que eles me perguntassem. A minha família veio do interior chamado Santa Lúcia, são pessoas de vida comum como nós, eu tenho um professor que é de Educação Física. Então eles mandaram uma van pra lá, trouxeram 2 grávidas, uma era minha filha e a outra era minha sobrinha, trouxeram na van 17h30 até o PROJAC, que é distante, encurralaram a gente num cômodo de 3 x 3, colocaram um cocho com feno, que é aquela comida horrorosa, com criança trancaram a porta até a hora do início do programa. O único local que a gente podia circular era o salão de beleza, que foram me oferecer unha e cabelo. Como eu, 72 horas vocês viram a minha cara, eu tava 80 horas sem dormir, eu lá queria saber de fazer unha e cabelo? Eu queria uma solução imediata para que se esclarecesse a morte do meu filho. Dali uma hora leva a gente pro salão, que foi gravada aquela confusão toda numa quinta-feira, numa sexta-feira, meu filho enterrou na quarta. Resumindo: só era pra responder o que me fosse perguntado, eu acho que eu não deveria ter dito que meu filho não era morador da comunidade e sim a filha dele. Ele viveu 24 anos num prédio de classe média entre a Barão de Ipanema e a Constante, mas ele vivia muito lá, a moça que cuidava dele, minha amiga, que eu nem digo que foi babá porque eu não tinha dinheiro pra isso, me ajudava quando eu tava de plantão à noite, ela levava. O Douglas viveu na comunidade que à noite ela pegava com autonomia minha e levava pro Cantagalo. O Douglas cresceu com aquela meninada, o Bonde da Madrugada aprendeu a dançar lá em casa, eu que dei a primeira roupa e a Regina Casé é uma farsa, ela é uma artista, ela é uma mentirosa, mentirosa. E outra coisa, eu vou postar pra vocês, pra vocês divulgarem em rede que isso já está na linha do tempo do meu filho. Uma faxineira de lá, eu não sei quem, uma funcionária revoltada porque ela me deixou no palco quando terminou o programa e eu fui retirada pelo Diego Dias, falou pra mim: volta pro camarim que ela vai falar com a senhora. Eu com minha neta dormindo, oito da noite, a minha família foi expulsa da praça de alimentação, porque tava todo mundo com fome e comendo com o próprio dinheiro, foram botados pra fora para entrar nas vans e eu fiquei esperando ela, como estou esperando até hoje. Resumindo: alguém jogou na minha bolsa uma agenda do programa escrita à mão no qual dizia: “não pode falar que foi a polícia”, escrita pela senhora Tato Longo, “não pode falar que foi a polícia”, “solta as fotos sensacionalistas pra mãe chorar”, eu posso provar que eu vou botar pra vocês, bota o email, “não pode falar que foi a polícia”, é pra falar pobre se matando, deixa a mãe do DG e o Carlinho de Jesus falar da polícia, mais ninguém. Aí embaixo “solta as fotos sensacionalistas”, eu posso provar que é real isso. Em nenhum momento, vocês que assistiram o programa, vocês viram ela falar de violência, contra a polícia, em nenhum momento e toda vez que eu mencionava falar, eu era cortada, meu altofalante era cortado. Então a Regina Casé é uma farsa, e ainda tem uma outra página que eu vou botar pra vocês, que meu advogado pediu essa agenda, nunca mais quis me devolver, mas antes de entregar pra ela, que eu não sou tola, eu tirei xerox dela e espalhei. Aí a segunda página tá escrito: “nunca foi minha vontade fazer programa pra pobre nem periferia, a minha vontade era de fazer vanguarda mas o Boninho não deixou”, tá gente, a cara daquela cretina. (grifos nossos)

Lembrando que durante a repercussão do caso de seu filho nos noticiários, Maria de Fátima sempre foi firme e alegava que seu filho tinha sido torturado e que o local do crime

época foi uma explosão de emoção, fotos das pessoas chorando na TV etc, eu gostaria de saber qual foi a continuidade disso”.

tinha sido modificado, além de ter demonstrado interesse em denunciar o ocorrido para a Anistia Internacional²⁵¹. Tal vídeo com o desabafo da mãe de DG circulou amplamente pela internet e teve muitas visualizações, retornando à polêmica do programa, com destaque para a publicação na página Mães de Maio²⁵² no *Facebook*, com a seguinte mensagem de apoio:

Há muito tempo tínhamos ouvido o relato de Dona Maria de Fátima, mãe do dançarino DG do programa "Esquenta", sobre como a apresentadora e estrela global Regina Casé, a "Rainha da Periferia" do canal, havia tratado Dona Maria e sua família logo depois do assassinato de DG por policiais da UPP Cantagalo. Não havíamos o tornado público em respeito à família.

Desta vez é a própria Dona Maria de Fátima que relata publicamente, em alto e bom som, a maneira como ela e sua família foram tratadas depois do assassinato, inclusive durante as gravações do suposto "programa Esquenta em homenagem ao DG".

A voz de Dona Maria de Fátima precisa ser ampliada, multiplicada, e a verdade sobre como estas figuras da indústria cultural global tratam verdadeiramente a população, sobre a qual eles ganham dinheiro, precisa vir à tona para o máximo possível de pessoas.

Como escrevemos recentemente: "O "subúrbio" negro estigmatizado por Miguel Falabella, assim como a "periferia" negra estereotipada por Regina Casé, ou a "favela" negra "visitada e ajudada" pelo "benfeitor" Luciano Huck, todos da Rede Globo, representam mais inclusão ou mais violência (simbólica) contra os subúrbios, periferias e favelas negras reais?". (grifos nossos)

Tais declarações, evidentemente, colocam em questão o capital social do programa e da apresentadora enquanto mediadores, e geram também reconfigurações conflituosas. Assim, após a repercussão nas redes sociais, foi feita uma publicação na página oficial de Regina Casé no *Facebook*, na qual a apresentadora comenta a fala de Maria de Fátima através da seguinte mensagem²⁵³:

Pensei muito se deveria voltar a esse assunto ou não. Mas é que nos últimos dias fiquei triste e perplexa acompanhando a repercussão gerada pelas palavras e acusações, muitas delas cruéis e injustas, de dona Maria de Fátima, mãe do DG.

No caso da morte do DG, fizemos tudo o que achávamos correto e digno. Quando fizemos um programa de despedida, foi de coração, recebemos todos os convidados desse dia com o mesmo cuidado de sempre. Talvez a única diferença tenha sido que a gente deu ainda mais atenção para dona Maria de Fátima e sua família. Estávamos unidos no mesmo sentimento, pois a dor dela é a dor de muitas mães que convivem com a violência.

A minha história sempre foi de luta contra o preconceito, a desigualdade e as injustiças sociais, mas ela sempre foi também de respeito à transparência e à verdade. Por isso precisava dar essa satisfação a tanta gente (fãs, amigos e familiares) que tem estado ao meu lado o tempo todo.

²⁵¹ "Mãe pretende denunciar morte de dançarino DG à Anistia Internacional". Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/mae-pretende-denunciar-morte-de-dancarino-dg-anistia-internacional-12280457> Acesso em 26 de abril de 2014.

²⁵² Texto completo publicado em 21 de novembro de 2014, disponível em: <https://pt-br.facebook.com/maes.demaio/photos/a.174007019401673.38528.173936532742055/547288355406869/> Acesso em 27 de novembro de 2014.

²⁵³ "Regina Casé diz que acusações de mãe de dançarino morto são cruéis". Disponível em: <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/regina-case-diz-que-acusacoes-de-mae-de-dancarino-morto-sao-cruéis-5657> Acesso em 24 de janeiro de 2015.

Obrigada por todo carinho. Este apoio tem me incentivado muito. Não vamos desanimar, mesmo quando for preciso lidar com situações tão difíceis como esta. (grifos nossos)

Diante deste comunicado oficial, percebemos o quanto as acusações proferidas por Maria de Fátima, além de terem sido sentidas pessoalmente pela apresentadora, afetaram diretamente seu principal capital, ligado ao trecho grifado acima. Esse capital simbólico relacionado à performance de mediadora foi colocado em questão de forma incisiva, corroborando inclusive as inúmeras críticas que Regina Casé recebe sobre sua prática social nos bastidores da atração, por exemplo.

Diversos artistas/amigos da apresentadora publicaram mensagens de apoio e em defesa de Regina Casé em seus perfis pessoais nas redes sociais, mas destacamos alguns trechos de uma matéria publicada²⁵⁴ poucos dias depois da disponibilização do vídeo de Maria de Fátima na internet:

Em todas as vezes que participei do Esquenta, vi celebridades, cantores, artistas dividindo camarins e maquiagem com os bailarinos das comunidades, as crianças entrando e saindo, os músicos afinando suas baterias pelos corredores. E ninguém comia feno, não. Ontem, pelo menos, comemos todos os caldinhos deliciosos preparados pelo cozinheiro da comunidade de Tucuruvi. A produção, sempre atenciosa, zelava para que todo mundo, do elenco artístico à plateia, estivesse o mais confortável possível. Senti no ar a tristeza daquela equipe de ver seu trabalho desmerecido. Mas também sua garra em seguir adiante e fazer um show alegre e divertido como todos os outros.

Lembrei imediatamente o programa que homenageava DG, as pessoas vestindo branco para pedir paz, sem culpar a polícia ou quem quer que fosse (até porque as investigações estavam começando), apenas clamando por aquilo por que todos nós, brasileiros, ansiamos: o fim da violência. Plateia, músicos, artistas convidados, todos estavam consternados não apenas pela morte do jovem DG, mas pela guerra que o nosso país enfrenta todos os dias e que precisamos vencer. (...)

Entendo a dor de uma mãe, sou solidário a seu desespero. Ela tem mesmo que colocar a boca no trombone para entender o que aconteceu com seu filho. Mas penso que dona Maria de Fátima está jogando sua revolta na pessoa e no lugar errados. Nessa guerra contra a violência temos todos que estar do mesmo lado, o da Justiça. E a Justiça no nosso Brasil passa obrigatoriamente pelo fim da segregação e do preconceito social e racial, infelizmente ainda pujante por aqui. Uma bandeira que o Esquenta, há quatro anos, vem brilhantemente levantando. (grifos nossos)

Ao analisar as notícias e comentários gerados por mais essa polêmica, percebemos as inúmeras disputas discursivas em torno dessa temática, envolvendo tanto as pessoas que concordaram quanto as que discordaram da apresentadora. Todos esses embates nos permitem mostrar a ambivalência presente nessas controvérsias/contradições, gerando não só consensos mas também muitos dissensos, e reconfigurando, neste momento de apropriações, outras leituras e narrativas, prosseguindo com a espiral proposta por Paul Ricoeur.

²⁵⁴ “Algumas palavras sobre o Esquenta” por Bruno Astuto, colunista da revista Época. Texto completo disponível em: <http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/bruno-astuto/noticia/2014/11/algumas-palavras-sobre-o-besquentab.html> Acesso em 26 de novembro de 2014.

Evidenciando a polifonia em torno do acontecimento, a Rede Globo também emitiu uma nota sobre o ocorrido²⁵⁵: “A emissora entende a dor de dona Maria de Fátima, mas as afirmações não têm fundamento. Ela teve, e tem, todo o apoio da Globo e a solidariedade de Regina Casé e sua equipe”. Todas essas falas geraram, no período em que foram proferidas, enorme repercussão, mas posteriormente o assunto foi sendo paulatinamente abandonado.²⁵⁶ Em nenhuma das edições do programa posteriores analisadas foi feita alguma menção ao caso de DG e o andamento das investigações, que, no entanto, voltaram a ser pauta jornalística em 2015²⁵⁷.

Diante da descrição detalhada deste episódio polêmico, podemos apontar algumas críticas pertinentes: como é possível “defender” polícia na favela, através da colaboração do discurso da pacificação via UPPs e se lamentar por essas mortes (a do DG e de tantos outros milhares de jovens) como se ambas não tivessem relação? Essa é uma das grandes contradições da edição, por já ter apresentado um discurso que “celebra” a polícia e, nesse caso emblemático, denuncia genericamente uma violência abstrata. Em resposta ao artigo de Hermano Vianna, uma publicação²⁵⁸ questionou a postura do programa, conforme podemos ver nos trechos seguintes:

A "Família Esquenta" por meio de seu sociólogo da diversidade, forma pseudo-intelectualizada de coroar a "mistura" defendida com princípio do programa "Esquenta" e apresentada de forma simbólica como solução social harmoniosa para o Brasil, contribui para perpetuar a ideia de miscigenação subordinada. Ocorre que a tal "mistura" (batismo contemporâneo da miscigenação) até hoje não conseguiu provar sua efetividade para os pretos, tampouco diminuiu os privilégios dos brancos. E essa é a centralidade do tema. É disso que falamos.

²⁵⁵ “Globo diz que acusações de mãe de dançarino assassinado não tem fundamento”. Disponível em: <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/11/24/globo-diz-que-acusacoes-de-mae-de-dancarino-assassinado-nao-tem-fundamento.htm> Acesso em 24 de janeiro de 2015.

²⁵⁶ Até o fechamento desta pesquisa, não houve mais repercussão no programa envolvendo o caso. A última matéria publicada que foi consultada diz respeito ao laudo mais recente divulgado: “O tiro que matou dançarino deixou uma marca de entrada, na base das costas, e outra de saída, no ombro. A roupa, entretanto, permaneceu misteriosamente intacta: segundo laudo de local de crime, obtido pelo EXTRA, a “inspeção dos trajes da vítima revelou que a camisa encontrava-se vestida do avesso e não havia perfurações”. Matéria “Laudo afirma que bala que matou dançarino DG não perfurou a camisa. Autoridades veem fraude processual”. Disponível em: <http://extra.globo.com/casos-de-policia/laudo-afirma-que-bala-que-matou-dancarino-dg-nao-perfurou-camisa-autoridades-veem-fraude-processual-15466531.html#ixzz3TGRbm2j7> Acesso em 01 de março de 2015.

²⁵⁷ “O disparo que matou Douglas causou diversas fraturas na articulação do ombro. Por isso, ele não teria condições de, sozinho, vestir a camisa com a qual foi encontrado. Pelo laudo, podemos dizer que ele morreu com o tórax desnudo e foi vestido depois. Além disso, com essas fraturas no ombro, ele jamais conseguiria pular tantos obstáculos para chegar até a creche — avaliou o perito Leví Inimá de Miranda, que analisou o laudo”. Matéria “Caso DG: Camisa de dançarino morto no Pavão-Pavãozinho não tinha marca de tiro”. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/caso-dg-camisa-de-dancarino-morto-no-pavao-pavaozinho-nao-tinha-marca-de-tiro-15475049#ixzz3TGSjgFTn> Acesso em: 02 de março de 2015.

²⁵⁸ “Resposta ligeira (rápida e insuficiente) à pergunta de Hermano Vianna: o que estamos fazendo (frente à morte de DG e outros jovens)?” por Cidinha da Silva. Texto completo disponível em: <http://arquivo.geledes.org.br/em-debate/cidinha-da-silva/24419-reposta-ligeira-rapida-e-insuficiente-a-pergunta-de-hermano-vianna-o-que-estamos-fazendo-frente-a-morte-de-dg-e-outros-jovens-por-cidinha-da-silva> Acesso em 28 de abril de 2014.

Acredito, Hermano, nas intenções boas e sinceras da "Família Esquenta", mas o que vocês fazem (e talvez só consigam fazer mesmo isso) dentro dos limites de uma rede de tevê extremamente reacionária e comprometida com o establishment, com a manutenção de privilégios para os que sempre mandaram e sempre detiveram poderio econômico e político, não altera a questão de fundo, não mexe com ela. E que questão é essa? O racismo estrutural que justifica a perda da vida de jovens negros como se eles fossem pulgas, ratos ou baratas. O racismo institucional que executa esse pressuposto por meio da polícia, o braço armado do Estado. (grifos nossos)

É possível também questionar: será que pelo espaço que o *Esquenta!* ocupa na programação da Rede Globo e a visibilidade que alcança, a edição do programa foi além do que poderia ou o fez na medida permitida para o formato? Sabemos que por trás do programa também existem pessoas que se posicionam contra as tantas injustiças da sociedade ocupando variados espaços de militância política fora da emissora. Em artigo já mencionado²⁵⁹, José Miguel Wisnik comentou outra edição do programa:

No domingo de Páscoa, derrubado diante da televisão, eu assistia ao “Esquenta!”. Me refiro ao “Esquenta!” de dois domingos atrás, quando ainda não tinha acontecido a tragédia da vez — outra vez. Achei que o programa, em sua nova fase, estava mais depurado, livre de certo tom pitoresco, o que potencializava suas qualidades, seus sambas lindos, a vitalidade juvenil, a festa inteligente e a clara intenção de pôr em cena, com naturalidade, um mosaico racial compatível com o do Brasil e representativo da presença negra, rarefeita nos meios de massa, nas academias, no cenário político, nos ambientes “culturais”, embora proliferante nas prisões. Parafusava comigo mesmo sobre o pensamento subjacente ao programa, sobre as referências que Regina Casé fazia ao “Esquenta!” como uma família e sobre o apelo que ela fazia ao público como a uma família que se agrega ao “Esquenta!” num grande encontro dominical. Sentia que o programa, além de exalar entretenimento por todos os poros, é movido pelo desejo de agir como um agregador cultural que responde com música, dança, conhecimento, humor e sentimento órfico (no sentido oswaldiano, de catalisador aberto da religiosidade de massa) às ameaças da desagregação social que nos ronda.

Como superar então um sistema de relações de poder tão desigual, opressor e manipulador para incluir questões importantes e denúncias em um espaço em que isso em geral não acontece? Tal dilema se configura pela dificuldade em passar uma mensagem contrária ao que o posicionamento ideológico da empresa de comunicação estabelece como regra, tentando abrir de alguma forma um espaço para acabar com a indiferença, o silenciamento e a convivência da mídia hegemônica sobre o assunto.

Ressaltamos alguns comentários nesse sentido nas redes sociais²⁶⁰, como, por

²⁵⁹ ‘Esquenta’ por José Miguel Wisnik, publicado em sua coluna no Jornal O Globo no dia 03 de maio de 2014. Texto completo disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/esquenta-12366376> Acesso em: 05 de maio de 2014.

²⁶⁰ “Homenagem do Esquenta ao DG gera debate na internet”. Disponível em: <http://www.brasil247.com/pt/247/favela247/138136/Homenagem-do-Esquenta-ao-DG-gera-debate-na-Internet.htm> Acesso em 29 de abril de 2014.

exemplo, de Celso Athayde²⁶¹, fundador da Central Única das Favelas (CUFA): “tô vendo esse debate sobre o DG, sobre o Esquenta, sobre UPP etc. Tão importante quanto tudo isso, é abrir espaços para a favela falar” (grifos nossos). José Junior²⁶², líder do Afroreggae, também se pronunciou: “Linda a abertura do Esquenta! Emocionante!”. Atila Roque²⁶³, diretor executivo da Anistia Internacional Brasil, teceu elogios: “Parabéns José Marcelo Zacchi e Silvia Ramos. O Esquenta de hoje em homenagem ao Douglas foi emocionante e um grande convite a quebra desse pacto perverso de indiferença a respeito da mortandade cotidiana dos jovens, especialmente os jovens negros e pobres, moradores das favelas e periferias de nossas cidades” (grifos nossos).

Talvez fosse o caso de pensarmos esses limites frágeis como possibilidade de negociação, sustentando com críticas e diálogo quem está buscando meios para avançar, envolvendo assim conflitos e evitando a cordialidade e a tendência a anular o dissonante, porque “a cordialidade rende muito para quem a abraça e é perversa para quem é anulado pela evitação de conflitos que ela gera”²⁶⁴.

Podemos perceber a ambivalência também quanto ao programa citado pelo MC Leonardo, porque se configurou como uma edição em que, de certa maneira, se exaltou a política de pacificação no Rio de Janeiro (UPPs) com a entrevista do Secretário de Segurança Pública José Mariano Beltrame. Ainda sim, um dos momentos significativos foi quando o próprio MC Leonardo, funkeiro da Rocinha, questionou diretamente o então secretário sobre a resolução 013²⁶⁵, que não obteve repercussão na mídia hegemônica na época e estava sendo discutida no palco do programa.

Perante as discussões apresentadas, afirmamos que nos importam os embates, a polifonia, a complexidade deste objeto de pesquisa e as múltiplas apropriações que mostram a falência de qualquer projeto que se enxerga como único e verdadeiro. Dessa forma, reconhecemos que, mais importante do que resolver esses variados dilemas, é mostrar nesta dissertação a existência dos mesmos, o caráter ambíguo da representação, que mesmo quando busca fechar determinado sentido, acaba se revelando no momento da recepção, em uma dinâmica múltipla, complexa, confusa, paradoxal e contraditória, embaralhando

²⁶¹ Disponível em: https://www.facebook.com/celso.athayde.167/posts/225938480934602?stream_ref=10 Acesso em 28 de abril de 2014.

²⁶² Disponível em: https://www.facebook.com/JJAfroReggae/posts/609417295793213?stream_ref=10 Acesso em 28 de abril de 2014.

²⁶³ Disponível em: https://www.facebook.com/atila.roque/posts/10201664480510427?stream_ref=10 Acesso em 28 de abril de 2014.

²⁶⁴ Frase de Adriana Facina, professora de antropologia, historiadora e pesquisadora da área, que se pronunciou no *Facebook* sobre o caso polêmico.

²⁶⁵ Resolução que impedia a realização de bailes funk nas favelas do Rio de Janeiro, revogada em 2013.

permanentemente possíveis certezas.

Mesmo com todas as contradições, podemos afirmar que esta edição do *Esquenta!* demonstra o quanto ele é importante na televisão brasileira. Apesar de formatar seu conteúdo baseado nos interesses da emissora, ao mesmo tempo o programa ocupa um lugar simbólico ligado a uma enorme demanda por visibilidade e representação, discutida no tópico anterior.

Nesse contexto, é preciso lembrar que um programa com tantas contradições e falhas acaba sendo percebido como praticamente o único que dá alguma visibilidade para sujeitos e setores alijados de representação na grande mídia. Esse embate mostra como o programa traz questões importantes sobre representação, produção de sentidos e demanda por visibilidade, a serem cada vez mais complexificadas e discutidas no meio acadêmico e na sociedade contemporânea, para se pensar a televisão aberta brasileira hoje.

Diante do exposto ao longo deste capítulo, buscamos demonstrar, através das análises acima, o quanto este objeto de pesquisa problemático e escorregadio se encontra em meio a disputas por representação e significação muito complexas, com impossibilidade de chegar a uma verdade acerca desse objeto. Mesmo porque, após nossa análise sobre representação e seu caráter ficcional, podemos concluir que qualquer pretensão à verdade plena e absoluta diante deste fenômeno midiático é uma ilusão.

Considerações finais

Geralmente depois de apresentar algum artigo sobre o *Esquenta!* e as questões que ele evoca, em encontros e congressos pelo Brasil, é perceptível como ainda é recorrente a distinção de gosto no meio acadêmico. Acontece com frequência de, antes mesmo de fazer algum apontamento ou pergunta sobre o objeto de estudo, as pessoas se manifestarem dizendo que não gostam do programa ou da Regina Casé, quando não dizem que não veem a atração ou não assistem televisão mesmo (ou deixam a TV ligada sem prestar atenção, ou que outra pessoa está vendo TV e acaba vendo sem querer).

É interessante notar que a postura com outros objetos de pesquisa, que não sejam da cultura popular e massiva ligadas à comunicação e à televisão, costuma ser diferente. Assim, tais percepções acabam revelando o preconceito e o desconhecimento de tantas pessoas do meio acadêmico sobre o fazer ciência.

Mas talvez esse seja o preço que devemos pagar por nos atrevermos a romper com uma razão dualista e afirmar o entrecruzamento no massivo de lógicas distintas, a presença aí não só dos requisitos do mercado, mas também de uma matriz cultural e de um *sensorium* que enoja as elites enquanto constitui um “lugar” de interpelação e reconhecimento das classes populares. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 30)

Complexificar, portanto, foi a palavra-chave, por entender que assim se produz ciência sem distinção de gosto ou preconceitos. Sabemos que somos passíveis de ser atravessados por eles, mas nossa busca é por tentar superá-los. Ao longo da pesquisa, através da metodologia da tríplice mimese de Paul Ricoeur, observamos como os momentos classificados como distintos, de prefiguração, configuração e refiguração, estão imbricados e inter-relacionados, o que procuramos mostrar através da estrutura apresentada nos três capítulos desenvolvidos, com a qual tentamos dar conta da complexificação que este objeto implica.

Ao fazer a analogia de tal teoria da narrativa com o entrelaçamento entre os conceitos de memória, identidade e projeto discutidos por Gilberto Velho, buscamos ampliar o campo de entendimento de ambas as referências teóricas. Apresentamos não necessariamente na ordem tradicionalmente estabelecida, aproveitando a possibilidade proporcionada pela ficção de inverter os tempos cronológicos.

Finalmente, a retomada da história narrada, governada como totalidade pelo seu modo de acabar, constitui uma alternativa à representação do tempo como se escoando do passado em direção ao futuro, segundo a metáfora bem conhecida da “flecha do tempo”. É como se a recapitulação invertesse a ordem dita “natural” do tempo. Lendo o fim no começo e o começo no fim, aprendemos também a ler o próprio tempo às avessas, como a recapitulação das condições iniciais de um curso de ação nas suas consequências terminais. (RICOEUR, 1994, p. 106)

Precisamos destacar também a relevância da metodologia da tríplice mimese de Paul Ricoeur para entender a dinâmica de um produto midiático, que também poderia ser aplicada a inúmeros objetos de pesquisa, compreendendo a ampla análise que tal método proporciona. Ao expandir a visão crítica para além dos tempos convencionais através das teorias de Santo Agostinho (na cronologia do presente, do passado e do futuro), Ricoeur complexifica a explicação sobre o tempo e a tessitura da narrativa/intriga e nos ajuda no caminho dessa possível conclusão.

Seguir uma história é avançar no meio de contingências e de peripécias sob a conduta de uma espera que encontra sua realização na *conclusão*. Essa conclusão não é logicamente implicada por algumas premissas anteriores. Ela dá à história um “ponto final”, o qual, por sua vez, fornece o ponto de vista do qual a história pode ser percebida como formando um todo. Compreender a história é compreender como e por que os episódios sucessivos conduziram a essa conclusão, a qual, longe de ser previsível, deve finalmente ser aceitável, como congruente com os episódios reunidos. (*ibidem*, p. 105)

O caminho escolhido certamente não foi o mais fácil, mas foi o necessário devido ao tipo de olhar crítico que procuramos utilizar como o guia do percurso acadêmico percorrido nesses últimos dois anos. Concordando com Paul Ricoeur, que afirma que a obra só se completa no mundo do leitor no momento da refiguração, entendemos que são múltiplas as interpretações acerca do programa e as representações e mediações que ele tem construído ao longo das temporadas, inclusive as nossas.

Compreendendo as mimeses como momentos diversos e interligados da nossa dissertação pela metodologia, pudemos demonstrar através dos capítulos a perspectiva histórica e as características gerais do *Esquentar!*; a performance da apresentadora; o contexto sociocultural da contemporaneidade; as trajetórias dos principais profissionais responsáveis envolvidos; as matrizes culturais fundamentais para o programa; e os conflitos e negociações que envolvem as exibições e repercussões do programa.

No que diz respeito às territorialidades encontradas, pudemos perceber um movimento de reterritorialização com os seguintes fundamentos: a ideia do programa de ressignificar espaços estigmatizados, acompanhado do aumento significativo de representações positivas dos subúrbios, periferias, favelas e comunidades (especialmente do Rio de Janeiro) na programação da Rede Globo; a apropriação de elementos de rua/urbanos para a ambientação do formato de auditório; a atração enquanto território simbólico de mediações e conflitos; e o território como traço marcante na trajetória televisiva de Regina Casé enquanto “antropóloga midiática” e “cartógrafa da alteridade”.

Seguimos pelos eixos culturais básicos das representações, das mediações e dos conflitos por entender que tais ideias, muito mais que apenas conceitos, são fundamentais para tentar dar conta da complexidade dos produtos midiáticos contemporâneos e mostrar o quanto as ambivalências que constituem esses processos estimulam diversos questionamentos.

Dessa forma, as questões da dissertação foram sendo construídas ao longo do processo com um eixo principal: apresentar as complexidades de um objeto de pesquisa ambivalente sem cair no binarismo, levando em consideração a abordagem multidisciplinar do programa de pós-graduação para tentar dar conta de processos culturais complexos que estão em permanente construção, desconstrução e reconstrução na contemporaneidade.

Por conta disso, precisamos ressaltar também a importância da perspectiva multidisciplinar, não só para essa dissertação, mas também para o processo de construção e desenvolvimento do pensamento crítico, como possível caminho para complexificar cada vez mais as análises levando em consideração que ficar na “caixa/gaveta” de cada disciplina isolada ou área específica de pesquisa não dá mais conta de uma investigação em uma perspectiva crítica ampla. Apontamos para a necessidade de trânsito cada vez mais livre entre os saberes das mais diversas categorias, tanto as já estabelecidas e consolidadas quanto as não reconhecidas formalmente, principalmente relacionadas à internet e às novas tecnologias.

Devido ao recorte temporal, a análise não se ateve a todas as exposições desde sua primeira temporada, e sim ao conjunto de representações produzidas ao longo das quatro temporadas, especialmente a mais recente, contabilizando mais de 50 edições assistidas. Porém, podemos afirmar que as análises dos programas explicitadas aqui, assim como o formato, o conteúdo e as diversas representações construídas, fazem parte de um contexto específico da sociedade atual e tem bastante relevância devido ao sucesso da atração em termos de audiência e longevidade, o que sempre foi fator de motivação e inquietação, misto de emoções tão ambivalentes quanto o próprio objeto de pesquisa.

Uma das dúvidas frequentes foi a seguinte: como um programa que prega a festa, diante da realidade tão dura das pessoas que vivem nas favelas, comunidades, periferias, consegue alcançar tanto sucesso justamente nas camadas populares? A chave de interpretação se deu então pensando que o conteúdo veiculado dialoga com uma parcela significativa que se sente representada na televisão de alguma forma que não seja subalterna.

Um dos apontamentos desse trabalho é a de que um programa de televisão e suas inúmeras representações ambivalentes não conseguem dar conta da complexa realidade na qual estamos inseridos. Justamente por isso é fundamental estar atento para essas discussões sem reduzir aos discursos maniqueístas.

Tal questão vale para qualquer tipo de representação e, conforme Pierre Bourdieu afirma, “é preciso incluir no real a representação do real”²⁶⁶. Nesse contexto as representações e a realidade são indissociáveis, como ratifica Ludwig Wittgenstein, ao afirmar que “as representações não testemunham o mundo, mas são o mundo, são aquilo em razão do que tomamos conhecimento do mundo”.

Entendemos que a discussão sobre representação é fundamental para além do âmbito cultural, pois se apresenta como uma questão urgente na sociedade contemporânea, demandando debates sobre o tema enquanto questão de visibilidade individual e coletiva, além de material simbólico relevante para a construção de identidade dos sujeitos.

Não há como negar que o *Esquentá!* apresenta diversas tentativas de representação da cultura popular e enaltecimento da presença negra não-subalterna, mas que, por ser um produto televisivo submetido ao posicionamento ideológico da emissora que é a maior empresa de comunicação do país, segue a dinâmica de produção do veículo hegemônico no qual está inserido, deixando espaços reduzidos para as brechas.

De qualquer forma, é preciso pensar e reconhecer os meios de comunicação e as diversas mídias também como arenas de disputas por representações, por mais hegemônicas que elas possam ser. Complexificar as relações existentes nesses processos culturais é fundamental para discutir e entender a sociedade atual e seus permanentes conflitos e embates no que diz respeito à produção de subjetividade e também ao campo socioeconômico e político.

Uma das questões que perpassou permanentemente a pesquisa foi a seguinte: podemos considerar o *Esquentá!* e as discussões que ele apresenta como ruptura dentro do canal onde é veiculado? Percebemos que o programa traz questões importantes para discutirmos sobre representação, produção de sentidos e demanda por visibilidade de forma fundamental. Essas sensações contraditórias percebidas nas refigurações do mundo do espectador, tão raras em uma emissora bastante maniqueísta, nos obrigam a reconhecer a importância desse programa como objeto de reflexão.

Durante a fala do Deputado Federal Jean Wyllys na Semana de Reflexões sobre Negritude, Gênero e Raça (SERNEGRA)²⁶⁷ um dos pontos que despertou a atenção foi a possibilidade de negociação com a hegemonia e ocupação de lugares estratégicos como potencial caminho de brechas e rupturas, mesmo que limitada, como possível espaço de

²⁶⁶ In: *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

²⁶⁷ Evento ocorrido em novembro de 2014 em Brasília com uma mesa de debates onde estavam presentes, além de Jean Wyllys, Maria de Fátima, mãe do dançarino DG e a pesquisadora Juliana Farias. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u9Ha0uNGG1o> Acesso em 29 de janeiro de 2015.

disputa por representação. Estaria a equipe do *Esquentar!* nesse caminho?

Mesmo com a recepção contraditória que o programa tem, a ideia de antropofagia cultural presente no Tropicalismo que explicamos no segundo capítulo, como o “devorar” as diferenças para gerar a diversidade, pode ser reconhecida como eficaz de certa maneira porque tem funcionado enquanto proposta televisiva e dinâmica de atração. Essa seria uma possível chave de entendimento do programa ao celebrar as diferenças convivendo com a diversidade, apesar das adversidades e desigualdades construídas.

Principalmente pela trajetória acadêmica analisada, acreditamos que talvez a crença de Hermano Vianna no *Esquentar!*, enquanto pesquisador e antropólogo, seja realmente pela matriz antropofágica, que incorpora as ambiguidades, as contradições das manifestações populares e mistura tudo, tal como um dos lemas do programa “tudo junto e misturado”, para valorizar a diversidade cultural e celebrar as diferenças.

Evitamos a leitura dualista tanto ao longo dos capítulos quanto nas considerações finais desta pesquisa, porque não queremos seguir essa mesma dinâmica já estabelecida na análise recorrente de produtos midiáticos, principalmente televisivos, que já carregam julgamentos estéticos distintivos, o que contraria o entendimento amplo de valorização da cultura de massa e popular como constitutiva e indispensável da nossa sociedade. Tais dualismos, por mais que nos ajudem a entender certas lógicas, não conseguem abarcar a complexidade da realidade sem reduzir às polaridades e aos extremos.

Fugindo da visão reducionista e simplificadora, buscamos entender este fenômeno midiático, antropológico, social e intelectual tão escorregadio através da crença que temos na poder da pesquisa acadêmica: complexificar as explicações sobre o mundo e não reduzir em ângulos maniqueístas, refletindo e problematizando os temas de forma intensa e incisiva. Por isso, buscamos tematizar as configurações como projeto de narrativa visando um determinado efeito de sentido e a polifônica e contraditória esfera das recepções, nem sempre correspondendo ao pretendido e muitas vezes negando ou refazendo o configurado, gerando novas construções dentro da espiral proposta por Ricoeur.

Acreditamos também que um dos papéis desta pesquisa diz respeito à importância da aproximação cada vez mais necessária entre sociedade e academia, que na verdade fazem parte da mesma dinâmica social. O estudo de objetos midiáticos atuais, por exemplo, segue nesse sentido de, através de fenômenos televisivos contemporâneos, discutir temáticas que dialogam diretamente com o contexto sociocultural no qual estamos inseridos. A escolha de tais assuntos, mesmo ainda enfrentando certa resistência da parte mais conservadora e anacrônica da academia, vem sendo incentivada há muitas décadas através dos estudos

culturais e se mostra imprescindível nos dias de hoje. Dessa forma, as experiências de resistência em congressos em relação ao tema escolhido fortalecem esse posicionamento e a confiança de que estamos trilhando um percurso onde “nada é impossível de mudar”²⁶⁸:

“Desconfiai do mais trivial,
na aparência singelo.
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.
Suplicamos expressamente:
não aceiteis o que é de hábito como coisa natural,
pois em tempo de desordem sangrenta,
de confusão organizada,
de arbitrariedade consciente,
de humanidade desumanizada,
nada deve parecer natural
nada deve parecer impossível de mudar”

Tomando a liberdade de falar, ao final dessa conclusão e deste processo dissertativo, em primeira pessoa, destaco ainda a dificuldade pessoal para conseguir me expressar com palavras, principalmente as que são mais rebuscadas e/ou valorizadas na academia (seria uma contradição para alguém supostamente comunicativa?). Dissertar de forma extensa sobre um programa que despertou a atenção por um simples gosto e acabou se tornando um objeto de tanta reflexão, estudo e dedicação (além de um certo desespero também, por conta das demandas e pressões acadêmicas que fazem parte do processo do mestrado), proporcionou grande crescimento tanto no âmbito acadêmico quanto no pessoal.

Outro tipo de crescimento enquanto pesquisadora se deu na transformação do olhar cada vez mais crítico acerca das produções midiáticas contemporâneas, ampliando significativamente a visão de mundo acerca do objeto desta pesquisa, muitas vezes questionando o que foi analisado na monografia com o mesmo tema, entendendo que assim como o programa se modificou ao longo das temporadas, o olhar sobre ele, afetado pelo contexto acadêmico, também foi transformado consideravelmente.

Finalizamos nossa narrativa aplicando a tríplice mimese também ao olhar em relação à pesquisa e as leituras sobre o mesmo, lembrando o quanto os três tempos presentes se embaralham e são reatualizados constantemente, devido o seu caráter processual de construção.

O presente das coisas passadas (ou as prefigurações da narrativa que busco na memória) passa por algumas experiências a serem destacadas, como o fato de sempre ter assistido televisão desde criança e me encantar com aquele mundo distante. Por admirar as expressões artísticas, o primeiro passo acadêmico dado foi em direção ao curso de graduação

²⁶⁸ Poema “Nada é impossível de mudar”, de Bertold Brecht.

em Produção Cultural e a possibilidade de vivenciar os bastidores onde tudo acontecia. O período de amadurecimento profissional me fez ver um universo cultural muito mais amplo, para além das cortinas, coxias, palcos, *sets* de filmagem, salas de produção, escritórios, espaços culturais, camarins etc. Como objeto de pesquisa para monografia, escolhi o *Esquentar!* para discutir os conceitos de cultura de massa, popular e de elite, pois na época via no programa uma representação de diversidade e mediação cultural, que respeitava as diferenças como complementares.

O presente das coisas presentes (ou as configurações da narrativa que se deram prioritariamente durante o período da pós-graduação) pode ser explicado com várias metáforas que remetem a uma ressignificação do olhar e uma mudança de posição: um tropeço que te tira do eixo, óculos novos que te permitem enxergar melhor, um barulho que te perturba, enfim, estímulos e sensações que propiciam desconfiar e críticas em relação ao objeto de estudo, tudo que ele representa e todos os envolvidos na atração, configurando um pessimismo da razão/intelecto nos moldes de Antonio Gramsci.

O presente das coisas futuras (ou as refigurações da narrativa ao reler diversas vezes o que foi escrito nas páginas anteriores) representa o equilíbrio entre os extremos opostos, projetando o olhar que a pesquisa requer, ao não trabalhar de forma dualista, mas sim compreender as ambivalências e toda a complexidade que um programa como o *Esquentar!* suscita. Reconhecendo a importância de todos esses tempos construídos com embates, negociações, conflitos e mediações, a saída encontrada se deu através da conjugação do pessimismo da razão com o otimismo da vontade, seguindo com o olhar que complexifica, todos juntos e misturados.

Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, Joel Zito. *A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.
- BARBOSA, Florinda. *Quem não se comunica se trumbica: biografia de Abelardo Chacrinha Barbosa*. São Paulo: Globo, 1996.
- BARTH, Fredrik. “A Análise da Cultura nas Sociedades Complexas”. In: *O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. (org) Lask, Tomke. Rio, Contracapa, 2000.
- BASTOS, Marco Toledo de Assis. “Do sentido da mediação: às margens do pensamento de Jesús Martín-Barbero”. In: *Revista FAMECOS*. Porto Alegre. n. 35. Abril de 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- _____. *Vida para consumo – A transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.
- BRAGA, RUY. *A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- CAMINHA, Marina. *Retrato Falado: uma fábula cômica do cotidiano*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.
- CAMPOS, Andreilino. *Do quilombo à favela: a produção do “espaço criminalizado” no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 2008.
- _____. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- _____. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- CHAVES, Sarah Nery Siqueira. *Tenho cara de pobre: Regina Casé e a periferia na TV*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- _____. *Tenho cara de pobre: Regina Casé e a periferia na TV*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2012.
- ENNE, Ana Lucia. “O uso dos termos favelização, orkutização e outros similares nas disputas por consumo e identidades na cultura da Internet”. Artigo apresentado no COMUNICON. São Paulo, ESPM, 2012.
- FACINA, Adriana. *Santos e canalhas: uma análise antropológica da obra de Nelson*

- Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- GARLAND, David. *A cultura do controle – Crime e ordem social na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Revan, 2008.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 2002.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- _____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- _____. “A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo”. In: THOMPSON, Kenneth (ed.). *Media and cultural regulation*. London, Thousand Oaks, New Delhi: The Open University; SAGE Publications, 1997. (Cap. 5)
- HANNERZ, Ulf. *Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional*. In: MANA 3(1): 7-39, 1997.
- KELLNER, Douglas. *A Cultura da Mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- LEIRIA, Juliana da Silva. “*Bateria arrebenta, todo mundo comenta*”: as relações entre a casa e a rua no programa Esquenta!. Trabalho de conclusão do Curso de Comunicação Social: Relações Públicas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2014.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- _____. *Ofício de cartógrafo: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- MICELI, Sergio. *A noite da madrinha*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- NERCOLINI, Marildo. *A construção cultural pelas metáforas: A MPB e o Rock Nacional Argentino repensam as fronteiras globalizadas*. Rio de Janeiro: UFRJ/ LETRAS, 2005.
- NERI, Marcelo. *A Nova Classe Média: O Lado Brilhante dos Pobres*. Rio de Janeiro: FGV/CPS, 2010.
- OLIVEIRA, Ohana B. *Esquenta! - Mediação Cultural: tudo junto e misturado*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção Cultural) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.
- PESCE, Camila O. *Subúrbia: Produções Populares e Percepção Televisiva*. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Estudos de Mídia) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.
- POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- _____. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa* (tomo 1). Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- SANTOS, Milton [et al.] *Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial*.

3.ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SIMMEL, Georg. *O conflito como socição*. (Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury). RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 10, n. 30, pp. 568-573.

SODRÉ, Muniz. *O império do grotesco*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura - Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1987.

_____. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Karina (orgs). *Mediação, cultura e política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: Ed. UFRJ, 1995.

_____. *O baile funk carioca*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1987.

_____. “Bateria arrebenta”. Publicado em 11 de abril de 2014. Jornal *O Globo*.

YACCOUB, Hilaine. A chamada “nova classe média”. Cultura material, inclusão e distinção social. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 17, n. 36, p. 197-231, jul./dez. 2011.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

Entrevistas

Bacal, Tatiana; Coelho, Frederico Oliveira; Naves, Santuza Cambraia. Entrevista Usando a música para pensar, com Hermano Vianna – Entrevista realizada em 11 de novembro de 2002, com a participação de Santuza Cambraia Naves, Frederico Oliveira Coelho, Kate Lyra, Thais Medeiros e Tatiana Bacal. In: *MPB em discussão – Entrevistas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

Entrevista Grande Hermano: <http://revistatrip.uol.com.br/157/negras/home.htm> Acesso em 23 de maio de 2014.

Links

<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/regina-case/trajetoria.htm> Acesso em 27 de janeiro de 2015.

<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/esquentaformato.htm> Acesso em 27 de janeiro de 2015.

http://compos.com.puc-rio.br/media/gt9_carlos_%20alberto_carvalho.pdf Acesso em 04 de julho de 2014.

<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/esquentaficha-tecnica.htm> Acesso em 26 de janeiro de 2015.

<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/esquentafotos-e-videos.htm> Acesso em 26 de janeiro de 2015.

<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/esquenta-cenario.htm> Acesso em 27 de janeiro de 2015.

<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/esquenta-evolucao.htm> Acesso em 28 de janeiro de 2015.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Esquenta!> Acesso em 10 de fevereiro de 2015.

<http://revistatpm.uol.com.br/notas/a-menina-de-todas-as-cotas.html> Acesso em 10 de fevereiro de 2015.

<http://gshow.globo.com/programas/esquenta/O-Programa/noticia/2012/06/visite-o-acervo-da-biblioteca-do-esquenta.html> Acesso em 31 de outubro de 2014.

<http://youpix.virgula.uol.com.br/pessoas/quem-e-luane-dias-a-menina-por-tras-do-video-vergonhas-do-facebook/> Acesso em 03 de julho de 2014.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Hashtag> Acesso em 15 de maio de 2014.

<https://twitter.com/> Acesso em 03 de julho de 2014.

<http://blogs.estadao.com.br/link/twitter-somos-uma-rede-de-interesses-nao-uma-rede-social/> Acesso em 03 de julho de 2014.

<http://instagram.com/> Acesso em 03 de julho de 2014.

<http://globo.com/rede-globo/esquenta/v/confira-a-abertura-da-nova-temporada-do-esquenta/3284043/> Acesso em: 10 de fevereiro de 2015.

<http://f5.folha.uol.com.br/televisao/2014/04/1440099-tem-que-ser-boa-de-briga-afirma-regina-case-de-volta-com-o-esquenta.shtml> Acesso em 30 de abril de 2014.

<http://globo.com/rede-globo/esquenta/v/mumuzinho-faz-musica-e-ganha-coro-para-xo-preconceito/2340624/> Acesso em 31 de outubro de 2014.

<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/regina-case/trajetoria.htm> Acesso em 15 de julho de 2014.

<http://letras.mus.br/arlindo-cruz/1834406/> Acesso em 15 de julho de 2014.

<http://musica.com.br/artistas/gilberto-gil/m/aquele-abraco/letra.html> Acesso em 16 de maio de 2014.

<http://gshow.globo.com/programas/esquenta/regina-case/index.html> Acesso em 01 de julho de 2014.

<http://oglobo.globo.com/rio/simbolo-da-cidade-gari-vira-celebridade-carioca-8942147> Acesso em: 10 de fevereiro de 2015.

<http://esquenta.globo.com/platb/programa/> Acesso em: 10 junho 2011.

http://redeglobo.globo.com/vem-ai/noticia/2014/03/vem_ai-descubra-tudo-o-que-estrea-na-programacao-da-globo-em-2014.html Acesso em 29 de abril de 2014.

<http://www.marketingbest.com.br/marketing-best/caixa-economica-federal-caixa-facil/>

Acesso em 02 de maio de 2014.

<http://usehuck.vtexcommerce.com.br/aloregina/sobre> Acesso em 14 de maio de 2014.

<http://oglobo.globo.com/rio/mae-pretende-denunciar-morte-de-dancarino-dg-anistia-internacional-12280457> Acesso em 02 de julho de 2014.

<http://globo.com/rede-globo/esquenta/v/xo-preconceito-presidente-dilma-fala-sobre-a-questao-racial-no-brasil/2285191/> Acesso em 31 de outubro de 2014.

<http://www.infoescola.com/mandatos-presidenciais-do-brasil/governo-lula/> Acesso em 12 de junho de 2014.

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-02/classe-media-brasileira-representa-54-da-populacao> Acesso em 26 de julho de 2014.

<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2014/02/1413856-classe-c-da-mais-atencao-a-marcas-e-qualidade-do-produto-diz-estudo.shtml> Acesso em 26 de julho de 2014.

<http://www.sae.gov.br/site/wp-content/uploads/Cartilha-Vozes-Classe-Media.pdf> Acesso em: 26 de julho de 2014.

<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/avenida-brasil.htm> Acesso em 23 de julho de 2014.

<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/cheias-de-charme.htm> Acesso em 23 de julho de 2014.

<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/salve-jorge/salve-jorge-trama-principal.htm> Acesso em 23 de julho de 2014.

<http://gshow.globo.com/novelas/geracao-brasil/index.html> Acesso em 23 de julho de 2014.

<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/humor/a-diarista/formato.htm> Acesso em 23 de julho de 2014.

<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/seriados/suburbia/trama-principal.htm> Acesso em 23 de julho de 2014.

<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/seriados/pe-na-cova/pe-na-cova-trama-principal.htm> Acesso em 23 de julho de 2014.

<http://multishow.globo.com/programas/vai-que-cola/> Acesso em 23 de julho de 2014.

<http://rederecord.r7.com/2013/09/18/nao-perca-serie-a-lei-e-o-crime-volta-a-programacao-da-record-no-dia-30-de-setembro/> Acesso em 23 de julho de 2014.

<http://entretenimento.r7.com/vidas-opostas/> Acesso em 23 de julho de 2014.

<http://www2.cultura.gov.br/site/2011/03/15/26-anos-do-minc/> Acesso em 13 de junho de 2014.

<http://www2.cultura.gov.br/culturaviva/cultura-viva/> Acesso em 13 de junho de 2014.

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u44344.shtml> Acesso em 13 de junho de 2014.

<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/8437/CPDOC2010ElianeSarmientoCosta.pdf?> Acesso em 07 de julho de 2014.

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u44344.shtml> Acesso em 13 de junho de 2014.

<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/guel-arraes/trajetoria.htm> Acesso em 26 de maio de 2014

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0564-1.pdf> Acesso em 23 de maio de 2014.

http://www.youtube.com/watch?v=9xXNcaX_qvQ Acesso em 23 de maio de 2014.

<https://hermanovianna.wordpress.com/tag/gilberto-velho/> Acesso em 21 de novembro de 2014.

<http://www.almanaquebrasil.com.br/personalidades-cultura/7695-hermano-vianna.html>
Acesso em 23 de maio de 2014.

http://www.overmundo.com.br/estaticas/tour_o_que_e.php Acesso em 26 de maio de 2014.

<http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/ale-youssef-hermano-vianna-jose-marcelo-zacchi-ronaldo-lemos-discutem-novo-no-navegador-10649163> Acesso em 28 de maio de 2014.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Organiza%C3%A7%C3%B5es_Globo Acesso em 04 de junho de 2014.

<http://gshow.globo.com/novelas/cheias-de-charme/Fique-por-dentro/noticia/2012/03/musica-popularissima-brasileira-trilha-de-cheias-de-charme-promete-arrebentar.html> Acesso em 05 de junho de 2014.

<http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/navegador-completa-um-ano-recebe-regina-case-em-duas-edicoes-especiais-14624919#ixzz3JzMWnzug> Acesso em 24 de novembro de 2014.

<http://diversao.terra.com.br/tv/criador-do-esquenta-perde-a-timidez-e-vira-apresentador-na-globo-news,315d12d4f1362410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html> Acesso em 05 de junho de 2014.

<http://globoTV.globo.com/rede-globo/esquenta/v/regina-case-comemora-os-20-anos-do-afroreggae-ao-lado-do-idealizador/2610413/> Acesso em 05 de junho de 2014.

<http://www.afroreggae.org/memoria> Acesso em 05 de junho de 2014.

<http://globo.com/rede-globo/programa-do-jo/v/regina-case-conversa-com-jo-sobre-carreira-lembrancas-e-vida-pessoal/3276871/> Acesso em 23 de maio de 2014.

<http://canaisglobosat.globo.com/index.php/canais> Acesso em 16 de junho de 2014.

<http://globofilmes.globo.com/MadeInChina/> Acesso em 10 de fevereiro de 2015.

<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/humor/programa-legal/formato.htm> Acesso em 28 de maio de 2014.

<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/brasil-legal/formato.htm> Acesso em 28 de maio de 2014.

<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/central-da-periferia/formato.htm> Acesso em 28 de maio de 2014.

<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/reportagem/chacrinha-vai-para-o-trono-ou-nao-vai> Acesso em 28 de outubro de 2014.

http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/chacrinha_um_campeao_de_audiencia Acesso em 28 de outubro de 2014.

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/imprimir/12635> Acesso em 28 de outubro de 2014.

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/imprimir/12635> Acesso em 28 de outubro de 2014.

<http://tropicalia.com.br/identifisignificados/movimento#sthash.7X5TdP66.dpuf> Acesso em 17 de fevereiro de 2015.

<http://tropicalia.com.br/identifisignificados/movimento> Acesso em 17 de fevereiro de 2015.

<http://globo.com/t/programa/v/familia-esquenta-faz-balanco-emocionante-de-trajetoria-do-programa/3843813/> Acesso em 24 de janeiro de 2014.

<http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2014/11/navegador-comemora-um-ano-de-programa-com-regina-case.html> Acesso em: 01 de dezembro de 2014.

<http://g1.globo.com/globo-news/navegador/videos/t/trechos-do-navegador/v/navegador-celebrando-um-ano-no-ar-programa-recebe-regina-case/3787649/> Acesso em: 01 de dezembro de 2014.

<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/04/regina-case-lamenta-morte-de-dancarino-do-programa-esquenta.html> Acesso em 18 de fevereiro de 2015.

<https://hermanovianna.wordpress.com/2014/04/> Acesso em 18 de fevereiro de 2015.

<http://www.brasil247.com/pt/247/favela247/138136/Homenagem-do-Esquenta-ao-DG-gera-debate-na-Internet.htm> Acesso em 30 de abril de 2014.

<http://gshow.globo.com/programas/esquenta/O-Programa/noticia/2013/01/esquenta-faz->

[homenagem-ao-rio-de-janeiro-no-dia-da-padroeira-da-cidade.html](#) Acesso em: 04 de maio de 2014.

<http://www.carosamigos.com.br/index.php/component/content/article/238-revista/edicao-206/4119-upp-no-esquento-o-que-nao-foi-ao-ar> Acesso em 18 de fevereiro de 2015.

<http://letras.mus.br/bob-rum/92019/> Acesso em 24 de janeiro de 2015.

<https://www.youtube.com/watch?v=xBzITUJ88hs> Acesso em 27 de abril de 2014.

<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/04/dancarino-morto-em-favela-encenou-propria-execucao-em-curta-assista.html> Acesso em 27 de abril de 2014.

<https://www.youtube.com/watch?v=erWFcpWLW0g> Acesso em 27 de abril de 2014.

http://www.whatsapp.com/?l=pt_br Acesso em: 18 de fevereiro de 2015.

http://www.dancandoparanaodancar.org.br/root_br/index.htm Acesso em: 24 de janeiro de 2015.

<http://www.unicef.org/brazil/pt/BoletimCESeCNo13MeninosdoRio.pdf> Acesso em: 18 de fevereiro de 2015.

<http://revistatrip.uol.com.br/revista/231/especial/existe-racismo-no-brasil/page-1.html> Acesso em 25 de janeiro de 2015.

http://www.purepeople.com.br/noticia/apos-homenagem-a-dg-no-esquento-regina-case-bate-recorde-de-audiencia_a19608/1#lt_source=external_manual Acesso em: 24 de janeiro de 2015.

<https://www.youtube.com/watch?v=u9Ha0uNGG1o> Acesso em 21 de novembro de 2014.

<http://oglobo.globo.com/rio/mae-pretende-denunciar-morte-de-dancarino-dg-anistia-internacional-12280457> Acesso em 26 de abril de 2014.

<http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/regina-case-diz-que-acusacoes-de-mae-de-dancarino-morto-sao-crueis-5657> Acesso em 24 de janeiro de 2015.

<http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/11/24/globo-diz-que-acusacoes-de-mae-de-dancarino-assassinado-nao-tem-fundamento.htm> Acesso em 24 de janeiro de 2015.

<http://revistatrip.uol.com.br/revista/231/colunas/retrato-de-um-pais-doente.html> Acesso em 30 de abril de 2014.

http://brasil.elpais.com/brasil/2014/07/05/sociedad/1404573921_467409.html Acesso em 20 de fevereiro de 2015.

<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/o-esquento-de-regina-case-e-o-programa-mais-racista-da-tv/> Acesso em 15 de junho de 2013.

<http://www.vagalume.com.br/arlando-cruz/meu-nome-e-favela.html#ixzz3TOPbrndW> Acesso em 04 de março de 2015.

<http://f5.folha.uol.com.br/televisao/2014/08/1506890-programas-de-dilma-e-de-regina-case-contam-a-mesma-historia-de-vida.shtml> Acesso em 29 de agosto de 2014.

<http://www.brasil247.com/pt/247/favela247/138136/Homenagem-do-Esquentao-DG-gera-debate-na-Internet.htm> Acesso em 29 de abril de 2014.

<http://oglobo.globo.com/cultura/esquentao-12366376> Acesso em: 05 de maio de 2014.

http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed796_o_programa_de_luto_pela_morte_de_dg Acesso em 30 de abril de 2014.

<http://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/2014/04/27/traficantes-assistiram-ao-esquentao-comendo-pipoca/> Acesso em: 29 de abril de 2014.

<http://www.politicanarede.com/2014/05/cidinha-campos-escreve-artigo-com-duras.html> Acesso em 05 de maio de 2014.

<http://www.viomundo.com.br/voce-escreve/regina-case-a-globo-e-o-consumitariado.html> Acesso em 29 de abril de 2014.

<https://pt->

br.facebook.com/maes.demaio/photos/a.174007019401673.38528.173936532742055/547288355406869/ Acesso em 27 de novembro de 2014.

<http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/bruno-astuto/noticia/2014/11/algumas-palavras-sobre-o-besquentao.html> Acesso em 26 de novembro de 2014.

<http://extra.globo.com/casos-de-policia/laudo-afirma-que-bala-que-matou-dancarino-dg-nao-perfurou-camisa-autoridades-veem-fraude-processual-15466531.html#ixzz3TGRbm2j7> Acesso em 01 de março de 2015.

<http://oglobo.globo.com/rio/caso-dg-camisa-de-dancarino-morto-no-pavao-pavaozinho-nao-tinha-marca-de-tiro-15475049#ixzz3TGSjgFTn> Acesso em: 02 de março de 2015.

<http://arquivo.geledes.org.br/em-debate/cidinha-da-silva/24419-reposta-ligeira-rapida-e-insuficiente-a-pergunta-de-hermano-vianna-o-que-estamos-fazendo-frente-a-morte-de-dg-e-outros-jovens-por-cidinha-da-silva> Acesso em 28 de abril de 2014.

https://www.facebook.com/celso.athayde.167/posts/225938480934602?stream_ref=10 Acesso em 28 de abril de 2014.

https://www.facebook.com/JJAfroReggae/posts/609417295793213?stream_ref=10 Acesso em 28 de abril de 2014.

https://www.facebook.com/atila.roque/posts/10201664480510427?stream_ref=10 Acesso em 28 de abril de 2014.

<http://letras.mus.br/racionais-mcs/63398/> Acesso em 04 de março de 2015.

http://www3.usp.br/rumores/artigos2.asp?cod_atual=142 Acesso em: 10 de fevereiro de 2015.

<http://www.usp.br/revistausp/69/07-joelzito.pdf> Acesso em 20 de fevereiro de 2015.

<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/a-polemica-do-esquentar-e-a-cultura-da-periferia/>

Acesso em: 14 de junho de 2013.

<http://revistacult.uol.com.br/home/2014/07/eu-questiono-porque-nao-basta-ser/> Acesso em:

24 de agosto de 2014.

<http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/cultura/programa-esquentar-quer-atacar-conceito-de-familia-tradicional/>

http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_exploracao_da_cultura_popular_brasileira Acesso em 03 de março de 2015.

<http://kogut.oglobo.globo.com/noticias-da-tv/critica/noticia/2011/12/critica-esquentar-a-cara-do-brasil-422403.html> Acesso em 03 de março de 2015.

<http://www.geledes.org.br/mostra-fotos-filho-para-ela-chorar/#axzz3TQBkCpId> Acesso em 25 de novembro de 2014.

ANEXOS

FICHA TÉCNICA 2011

Roteiro final: Alberto Renault, Hermano Vianna

Direção: Estevão Ciavatta, Leonardo Netto, Monica Almeida e Mário Meirelles.

Direção de núcleo: Guel Arraes

Cenografia: Gringo Cardia, José Cláudio Ferreira

Cenógrafos assistentes: Mirella Maniaci, Alessandra Cirino, Ana Paula Diniz

Figurino: Claudia Kopke

Figuristas assistentes: Diana Leste, Giovani Targa, Raphael Brick

Equipe de apoio ao figurino: Flavio Freitas, Rosangela Santos, Jeferson Torres, Miriam Thome, Celso Mauricio, Jaqueline Brandão, Rejane Rodrigues, Lucilene Souza

Direção de fotografia: Cesio Lima, William Andrade

Direção de iluminação: Andre Camelo

Equipe de iluminação: Alex Fabiano, Alexei Gomes Ferreira, Anselmo de Almeida, Carlos Antônio Alcenio Matias, Carlos Eduardo V. Cerqueira, Flavio dos Santos, Gabriel Sant'Anna da Silva, Guilherme Machado, Humberto Alves, Leandro Damasceno L. da Silva, Luiz Alberto da Cunha Viana, Marcelo André Galvão Quitério, Sergio Alcenio, Uanderson dos S. Barros

Direção de Imagem: Caio Cesar Cruz

Produção de arte: Marcia Rossi

Assistência de Produção de arte: Monica Bittencourt, Karina Bernstein, Ludmila Tortelly

Equipe de apoio à Arte: Alexandre Goulart, Delmar Ribeiro, Domerinda de Oliveira, Elizio Ferreira, Fabiana Pegas, Guaracyr Lima, Jair Lopes, Jairaci Celestina, Leandro Eugênio, Luis Claudio de Souza

Produção de elenco: Malu Fontenelle

Caracterização: Fernando Torquato

Equipe de apoio à caracterização: Rogério Pontes

Coreografia: Fly

Grupo de dança: Crianças da Beija Flor

Edição: Nathara Imenes, Alexandre Saggese

Colorista: Flavio de Abreu

Sonoplastia: João Carlos Joca, Maurício Pinheiro Rezende, Guilardo Antônio Santos Fortuna, Nelson Zeitoune, Bruno Panno

Produção Musical: Ricardo Leão

Efeitos Visuais: Cristiana Queiroga

Abertura: Hans Donner, Alexandre Pit Ribeiro, Luciano Armaroli

Câmeras: Francisval Felipe, Eglin Nagem, Mauro Costa, Jackson Matheus, Norberto Aguillar, Ivan Tavares, Fabio Dolabela

Equipe de apoio a operação de câmera: Claudio Barcellos, Rogerio Cesar, Frederico Castilho, Cassio Regis da Casta Cabral, Marcio Costa da Silva

Equipe de Vídeo: Anderson de Oliveira, Willian César dos Santos, Rodrigo Gomes

Equipe de áudio: Jorge Luiz Rufino De Santana, Alexandre Cipriano, Lourival Santos Neto, Gustavo Gouveia, Marcos Viggiani, Vinicius Martins Barbosa, Luis Cláudio Nantua

Supervisor e op. de sistema: Renato Santi, Rodrigo Rodrigues Rosa, Jose Antonio F. Mendes, Raphael da Silva Mussauer, Ulisses Carneiro, Felipe Augusto, Supervisor e op. de sistema, Renato Santi, Rodrigo Rodrigues Rosa, Jose Antonio F. Mendes, Raphael da Silva Mussauer, Ulisses Carneiro, Felipe Augusto

Produtor de cenografia: Claudio Crespo

Gerente de projetos: Alexandre Gama

Supervisor de produção de cenografia: Alexandre Rubem Becker, Daniel Oliveira Eloy Moreira, Fábio Vilar Silva, José Carlos S. da Silva, José Mário Pessoa, Josemar Diolindo Farias, Júlio Cesar de Moraes Magalhães, Luiz Carlos Vieira Mendonça, Marco Aurélio de Mello, Ricardo Guido da Rocha, Roberto Francisco da Rocha

Equipe de cenotécnica: Adilson Frangilo Canto, Alexandre Goulart, Althomy dos Santos Silva, André Luis França Correa, Antonio Carlos Mapa, Antonio Manoel Crescêncio Pereira, Carlos Alberto Julião, Carlos Alexandre Santos Da Costa, Clauber de Oliveira Amaral, Darcy Barbosa da Silva Gonçalves, Delmar Ribeiro, Domerinda Luiza da Silva De Oliveira, Edson Gil de Oliveira, Edson Pinto da Silva, Elízio de Almeida Ferreira, Hamilton Barbosa da Silva, Iremar Xavier Braz, Jessé Ignácio Ramos, Jorge Henrique Nogueira da Silva, Jorge Luiz Pacheco Da Silva, Jorge Pereira, José Augusto de Souza, José Carlos Graça de Oliveira Souza, José Marcos Valverde Teixeira, Levi Corrêa de Lima, Luiz Cláudio dos Santos, Luiz Claudio Pereira da Silva, Marco Zalem De Souza Paula, Paulo Cesar de Mendonça Martins, Rafael Campos da Silva, Roberto Carlos Verçosa, Robson Leandro F. dos S. Vilas Boas, Roger Dos Santos da Costa, Rogério dos Santos Ferreira, Rogério Ferreira Francisco, Ronalt Alves de Lima Neves, Severino Ramos Ribeiro dos Santos, Sidney Lopes, Ubirajara Luiz dos Santos, Ubiratan Moisés dos Anjos, Valdir Guimarães de Farias, Valéria Santiago Trocilo

Assistentes de direção: Paula Zanettini, Joana Antonaccio, Daniela Gleiser, Rai Junior

Produção de engenharia: Ilton Caruso

Equipe de produção: Ana Villar, Adailza Alvim, Ademi Gomes, Tainan Cerqueira, Luiz Jovita, Willian Oliveira, Carla Maia, Fernanda Bomfim, Adriana Leal, Leonardo Trajano

Coordenação de produção: Luiz Carlos Mendonça

Gerência de produção: Alexandre Scalamandre

Direção de produção: Aluizio Augusto

FICHA TÉCNICA 2013

Apresentação: Regina Casé

Com: Arlindo Cruz, Leandro Sapucahy, Douglas Silva E Mumuzinho

Redação: Afonso Cappellaro, Bruno Weikersheimer, Bruno Torturra, Cristina Campos, Douglas Vieira, Jo Halack, Karen Barros, Rony, Victor Sarro

Redação final: Patrícia Andrade, Paula Miller, Gustavo Nogueira

Criação: Hermano Vianna, Regina Casé

Direção: Daniela Gleiser

Direção-geral: Monica Almeida

Núcleo: Guel Arraes

Criações: Bruna Souto, Lanna Bombom, Letícia Santos, Malu Dias, Pedrinho Da Beija Flor, Raiany Santos, Thuan Matheus, Victor Quintana

Bondinho: Alessandro Ventura, Cristian Vicente, Mc Nicholas, Paulo Henrique

Banda fixa: Bruno Gama - Percussão E Vocal, Bruno Mayor - Cavaquinho E Vocal, Dudu Dias – Baixo, Jerominho Fernandes – Violão, L.G – Vocal, Layse Sapucahy – Percussão E Vocal, Luciano Broa – Bateria, Valério Brair – Teclados, Nene Brown – Percussão, Marcelo Tigrete – Metais, Sandrinho Oliveira – Percussão

Direção de imagem: Felipe Ayala

Produção de cenografia: Claudio Crespo

Cenógrafos assistentes: Shirley Andrade, Milton Costa

Figurino: Claudia Kopke

Figuristas assistentes: Bruno Perllato, Giovani Targa, Mariana Safadi, Julia Gustin

Equipe de apoio ao figurino: Celso Maurício, Cícera Maria, Fabio França, Josenir Santos, Lucilene Souza, Rejane Rodrigues, Wagner Holanda

Direção de fotografia: Césio Lima, William Andrade

Direção de iluminação: Andre Camelo

Equipe de Iluminação: Adelino Veiga, Adriano Gomes Cardoso, Alex Fabiano Anderson Felipe, Anselmo De Almeida, Carla Do Espirito Santo, Carlos Antônio, Alcenio Matias, Carlos Eduardo V. Cerqueira, Fernando Bezerra, Flavio Dos Santos, Guilherme Machado, Humberto Alves, Leandro Damasceno I. Da silva, Luiz Alberto Da Cunha Viana, Marcelo Gabriel, Rodrigo Sanábio, Sergio Alcênio

Direção de arte: Gringo Cardia

Produção de arte assistente: Mirica Vianna, Karina Bernstein, Lily Wong

Equipe de apoio à arte: Albert Alexandre, Luana Chaves, Nelson Hani Junior, Elaine Souza

Produção de elenco: Malu Fontenelle

Coreografia: Junior Scapin

Direção musical: Mariozinho Rocha

Coordenação musical: Wagner Faria

Produção musical: Leandro Sapucahy, Ricardo Leão, Danilo Granato

Caracterização: Fernando Torquato, Rogério Pontes, Ricardo Tavares

Equipe de apoio à caracterização: Anamália Evangelista, Diego Tozzi, Monalisa Souza, Patricia Magliari, Thiago Rononi, Wesley Batista

Edição: Guga Gordilho, Alexandre Saggese, Renato Arruda De Rezende

Colorista: Marcello Pereira

Sonoplastia: Joao Carlos Joca, Maurício Pinheiro Rezende, Guilardo Antônio Santos Fortuna, Julio Hammerschlag, Samy Lima

Efeitos visuais: Fernanda Meira, Claudia Aneli

Efeitos especiais: Gilson Figueiredo

Abertura: Hans Donner, Alexandre Pit, Luciano Armaroli

Câmeras: Eglin Nagem, Fabio Dolabella, Francisval Felipe, Ivan Tavares Jackson Matheus, Mauro Costa, Norberto Aguillar

Equipe de apoio a op. de câmera: Celso Nunes, Claudio Barcellos, Edivaldo Ferreira Silva Filho, Felipe Mazza, Marcio Costa Da Silva, Wagner Alves Yuri Duarte Damiano

Equipe de vídeo: Carlos Eduardo Pinto, Rodrigo Gomes, Washington Mendes, Willian César Dos Santos, Edson Luis Gomes Portela

Equipe de áudio: Alexandre Cipriano, Anderson Santiago Monteiro, Ana Paula De Paiva,

Gustavo Gouveia, Jorge Luiz Rufino De Santana, Luis Cláudio Nantua, Marcos Viggiani

Supervisor e op. sistemas: Felipe Augusto, Jose Antonio Mendes, Patrick Fcialom, Rodrigo Rodrigues Rosa, Raphael Da Silva Mussauer

Gerente de projetos: Alexandre Gama

Supervisor de produção de cenografia: Alexandre Rubem Becker, José Carlos s. Da Silva

Produção de cenografia: Claudio Crespo

Equipe de cenotécnica: Clécios Flores De Souza, Daniel Oliveira Eloy Moreira, Domerinda Luiza Da Silva De Oliveira, Edson Lima Ribeiro, Fábio Vilar Silva, José Mário Pessoa, Josemar Diolindo Farias, Luiz André Pereira Vale, Luiz Carlos Vieira Mendonça, Linaldo Albuquerque, Marco Aurélio De Mello, Matielo Roncete Sabino, Monica Santos De Almeida, Ricardo Guido Da Rocha, Roberto Francisco Da Rocha

Pesquisa: Ana Muza, Camila Maya, Diego Dias, Emílio Domingos, Luciano Vidigal, Renato Barreiros, Petter Mc, Zilda Raggio

Assistentes de direção: Alice Lutz, Edu Peres, Iracema Marcondes, Ivo Gonçalves, Renan De Andrade

Produção de engenharia: Ilton Caruso

Equipe de produção: Adailza Alvim, Ademi Gomes, Ana Villar, Fabiana Jormão, Gabriel Poroger, Leonardo Silva, Pedro Henrique Gonçalves, Rosangela Cerqueira, Tatiana Moraes, Willian Oliveira

Coordenação de produção: Luiz Carlos Mendonça, Leonardo Trajano

Gerência de produção: Alexandre Scalamandre

Internet: Ana Bueno, Bianca Kleinpaul, Isabel Ramalho, Luisa Rody, Bruno Eduardo, Rafael Maia, Fernando Ribas, Paula Fadul, Sarah Duarte